

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
CAMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Érika Alfaro de Araújo

**MULHER E FUTEBOL: A COBERTURA E A TRANSMISSÃO DA
TELEVISÃO ABERTA BRASILEIRA DA COPA DO MUNDO 2019**

Bauru

2021

Érika Alfaro de Araújo

**MULHER E FUTEBOL: A COBERTURA E A TRANSMISSÃO DA
TELEVISÃO ABERTA BRASILEIRA DA COPA DO MUNDO 2019**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru

2021

A663m

Araújo, Érika Alfaro de

Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019 / Érika Alfaro de Araújo. -- Bauru, 2021

287 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Mauro de Souza Ventura

1. Jornalismo esportivo. 2. Futebol feminino. 3. Gênero. 4. Esporte. 5. Copa do Mundo 2019. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ÉRIKA ALFARO DE ARAÚJO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 14 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 14:30 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a DEESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ÉRIKA ALFARO DE ARAUJO, intitulada **Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA, Orientador (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Professora Doutora ANGELA MARIA GROSSI (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, Professora Titular DENISE MARIA COGO (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.



Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

ÉRIKA ALFARO DE ARAÚJO

MULHER E FUTEBOL: A COBERTURA E A TRANSMISSÃO DA TELEVISÃO
ABERTA BRASILEIRA DA COPA DO MUNDO 2019

Área de concentração: Comunicação

Linha de pesquisa: 1 – Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais

Banca Examinadora

Prof.º Dr. Mauro de Souza Ventura
Presidente/Orientador/Unesp

Prof.ª Dra. Angela Maria Grossi
Docente/Unesp

Prof.ª Dra. Denise Maria Cogo
Docente/ESPM

Bauru, 14 de setembro de 2021.

À minha mãe, a mulher mais importante da minha vida. A todas as mulheres que lutaram e lutam para fazer do mundo um lugar mais justo para todas nós.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Magda, por sempre acreditar em mim e por estar ao meu lado em cada fase da minha vida. Ao meu pai, Carlos, por fornecer toda a estrutura necessária para a minha formação e por colocá-la sempre em primeiro lugar.

Ao meu irmão, Renan, por compartilhar comigo sua paixão pelo futebol e pelo nosso time do coração. À minha cunhada, Agda, pela torcida e parceria de sempre.

Ao meu noivo, André, pelo carinho, pela compreensão, por me apoiar, acreditar em mim, me dar força e ser minha paz em meio a tantas inseguranças e incertezas.

Aos meus amigos, em especial, Jéssica, Lucas, Juliana, Bia, Bruno e Paula, por me ouvirem, torcerem por mim, comemorarem minhas vitórias e me acalmarem diante das dificuldades.

Aos meus colegas e minhas colegas da pós-graduação, especialmente Beatriz, Diuan, Carolina, Marina, Monique e Núbia, por compartilharem ideias e momentos.

Ao Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, pela confiança, força, paciência, orientação, pelos conselhos e pelo apoio. Muito obrigada pela parceria e por estar ao meu lado em cada etapa da minha trajetória acadêmica.

Às membras da banca, professoras doutoras Angela Maria Grossi e Denise Maria Cogo, não só por aceitarem esse convite e contribuírem com o trabalho, mas também por serem inspirações para mulheres que almejam a carreira acadêmica.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha vida e dividiram um pouco de conhecimento comigo.

À Universidade Estadual Paulista e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) pelo espaço de aprendizado e acolhimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo amparo e confiança em meu trabalho.

Este trabalho teve início em 2019, e seguiu pelos anos de 2020 e 2021, períodos nos quais o mundo viveu uma pandemia, e o Brasil ultrapassou à marca de meio milhão de mortos. Por isso, gostaria de dedicar esta pesquisa à colega de turma Amanda Araújo, vítima do coronavírus, e a todos aqueles que perderam a vida ou uma pessoa querida pela irresponsabilidade de quem nos governa.

“A educação é o poder das mulheres”

Malala Yousafzai

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019**. 2021. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo estudar a cobertura jornalística e a transmissão da televisão aberta brasileira com relação à Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 da Fifa, realizada na França, entre 7 de junho e 7 de julho. Em um primeiro momento, a investigação teve como foco o espaço dedicado às pautas relacionadas ao tema durante o evento. Para isso, tomamos como base o programa Globo Esporte São Paulo, da Rede Globo. Quanto à metodologia, utilizamos, na etapa inicial, a análise de conteúdo para coleta e interpretação de dados com o propósito de verificar a relação entre a legitimidade e a visibilidade do futebol feminino no Brasil enquanto pauta jornalística. Assim, a pesquisa sobre a transmissão dos jogos da Rede Globo foi capaz de oferecer um panorama das estratégias de midiaticização do futebol feminino na Copa do Mundo 2019, exibida pela primeira vez no canal. Em seguida, resgatamos dados históricos sobre o surgimento da modalidade no país e sua relação com o jornalismo esportivo, buscando evidenciar e discutir, sob a luz da questão de gênero, o papel da mídia no desenvolvimento do esporte e na construção da imagem da mulher enquanto atleta. Sendo assim, os aspectos socioculturais foram levados em conta em uma investigação que engloba o jornalismo esportivo e a mulher enquanto profissional em uma área historicamente masculina, como o futebol, partindo da premissa que a sociedade e a cultura nas quais o esporte e a mídia se inserem impactam de forma significativa o desenvolvimento do esporte.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo; futebol feminino; gênero; esporte; Copa do Mundo 2019.

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019**. 2021. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

ABSTRACT

The objective of this study was to evaluate the journalistic coverage and broadcast on Brazilian open television of the FIFA Women's World Cup 2019, which took place in France between June 7 and July 7. At first, the investigation focuses on the space dedicated to topics related to the theme during the event. To that end, we used Globo Esporte São Paulo program, on Rede Globo, as a basis. Through Content Analysis, we collected and interpreted information to verify the relationship between the legitimacy and visibility of women's football in Brazil as a journalistic agenda. In addition, the research on television broadcast of the games made by Rede Globo can offer an overview of the mediatization strategies of women's football in the 2019 World Cup, shown for the first time on the channel. By rescuing historical content about the emergence of the sport in the country and its relationship with sports journalism, we seek to highlight and discuss, under the light of gender issues, the media role in the sport development and in the image construction of woman as an athlete. Thus, sociocultural aspects are considered in an investigation that includes sports journalism and women as professionals in a historically male area, such as football, based on the premise that society and culture in which sport and the media are relate significantly impact the development of the sport.

Keywords: sports journalism; gender; sport; women's football; 2019 Women's World Cup.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícias relacionadas ao futebol feminino em jornal brasileiro no ano de 1941

Figura 2 – Períodos de proibição do futebol feminino pelo mundo

Figura 3 – Manchete do Jornal A Gazeta, de 1941, repercute a prisão de Carlota Alves de Rezende

Figura 4 – "Mulheres que representaram a Seleção Brasileira de futebol no Torneio Internacional Feminino da China em 1988"

Figuras 5 e 6 – Matérias do jornal *O Globo* sobre a construção da Granja Comary (1983 e 1987, respectivamente)

Figura 7 – Comemoração da zagueira americana Brandi Chastain

Figura 8 – Foto que rodou o mundo e marcou a Copa do Mundo de 1999

Figura 9 – Trecho da matéria da Folha de S.Paulo, de 2003, sobre Milene Domingues

Figura 10 – Jogadoras brasileiras fazem apelo por apoio ao futebol feminino

Figura 11 – Postagem da jogadora Sydney Leroux Dwyer no Twitter em 2013 exibindo o resultado do teste do gramado artificial no Canadá

Figura 12 – Publicação da australiana Sam Kerr exibindo o meião com sangue por conta das lesões causadas pelo gramado artificial

Figura 13 – Publicação da alemã Nadine Angerer, no Twitter, que divulgou a queimadura ocasionada pela grama sintética dos campos da Copa do Mundo da Fifa

Figura 14 – Trecho de comercial do Grupo Boticário

Figura 15 – Trecho do comercial do Grupo Boticário

Figura 16 – Anúncio da Fifa no Twitter da marca de venda de ingressos a 50 dias do início da Copa do Mundo

Figura 17 – Imagem publicada no perfil "Go Equal", no Twitter, campanha divulgada e defendida por Marta na Copa do Mundo de 2019

Figura 18 – Processo de jogadoras americanas contra a *US Soccer* repercutiu entre torcedores e torcedoras durante a Copa do Mundo 2019

Figura 19 – Capa do *The New York Times* noticiando a vitória do pugilista Gene Tunney

Figura 20 – Matéria do jornal O Dia na década de 1940

Figura 21 – Imagem exibida em exposição no Museu do Futebol de frases em jornais sobre a prática do futebol por mulheres

Figura 22 – Matéria do jornal O Globo que trazia o futebol de areia praticado por mulheres

Figura 23 – Matéria do Jornal do Brasil na segunda metade da década de 1970

Figura 24 – Seção “Fala, leitor!”, da revista Placar, convidou o público a responder: “Você é a favor do futebol feminino?” e “Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?”.

Figura 25 – Charge de Agner no *Jornal dos Sports* em 1983

Figura 26 – Charge de Agner no *Jornal dos Sports* em 1983

Figura 27 – Primeira página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983

Figura 28 – Segunda página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983

Figura 29 – Terceira página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983

Figura 30 – Matéria da revista Placar sobre o amadorismo do futebol feminino no Brasil e a eliminação na Copa do Mundo de 1995

Figura 31 – Capa da edição de agosto de 1995 da revista Placar

Figura 32 – Matéria de capa da Placar em 1995

Figura 33 – Foto publicada pela revista Placar em 1995

Figura 34 – Capa da revista placar em setembro de 1996

Figura 35 – Matéria de capa da revista Placar em 1996

Figura 36 – Conteúdos publicados pela revista placar em setembro de 1996

Figura 37 – Capa da revista Placar em março de 1997

Figura 38 – Reportagem do GloboEsporte.com de julho de 2011

Figura 39 – Captura da declaração de Pelé em 2007

Figura 40 – Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino nos Estados Unidos

Figura 41 – Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino no Brasil

Figura 42 – Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino na Argentina

Figura 43 – Foto utilizada para ilustrar matéria da Folha de S. Paulo sobre as condições do futebol feminino no Sport Recife

Figura 44 – Jogo do São José na Libertadores de 2015 na Colômbia

Figura 45 – Reportagem sobre jogo da Copa do Mundo Feminina que traz Cristiano Ronaldo como gancho para falar sobre Cristiane

Figura 46 – Imagem da reportagem sobre a derrota chilena na Copa do Mundo

Figura 47 – Sequência do quadro “Soy loco por ti América”

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de análise

Tabela 2 – Tempos de exibição

Tabela 3 – Média de tempo das edições do Globo Esporte com relação às datas de jogo do Brasil na Copa do Mundo

Tabela 4 – Jogo 1

Tabela 5 – Jogo 2

Tabela 6 – Jogo 3

Tabela 7 – Jogo 4

Tabela 8 – Categorias organizadas para análise qualitativa da transmissão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2019

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representação do tempo dedicado aos conteúdos sobre futebol feminino com relação ao total de cada edição analisada do GE

Gráfico 2 – O total de tempo ocupado pelos conteúdos sobre futebol feminino com relação ao tempo total das edições no período da Copa do Mundo de 2019

Gráfico 3 – Quantidade de reportagens que trataram de assuntos ligados à seleção brasileira e foram protagonizadas por seleções de outros países

Gráfico 4 – Representação do tempo total das reportagens cujas pautas abordaram elementos da Copa do Mundo e das pautas que focaram em outros aspectos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	24
3 FUTEBOL DE MULHERES: ORIGENS, OBSTÁCULOS E HISTÓRIAS.....	27
3.1 Futebol feminino no Brasil.....	31
4 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO: DO INÍCIO AOS DIAS ATUAIS.....	51
4.1 Copa do Mundo de 2019: por que foi tão marcante?.....	79
4.2 A experiência americana.....	92
5 JORNALISMO ESPORTIVO: RELAÇÕES ENTRE ESPORTE E MÍDIA.....	98
5.1 Jornalismo esportivo no Brasil: do surgimento no impresso ao sucesso no rádio.....	102
5.2 A televisão entra em cena.....	110
6 FUTEBOL: O FENÔMENO MIDIÁTICO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	120
6.1 Imprensa esportiva e a cobertura do futebol feminino.....	131
6.2 Futebol feminino brasileiro na atualidade.....	160
7 GÊNERO NO FUTEBOL FEMININO: CATEGORIA DE ANÁLISE NO ESTUDO SOBRE MULHERES NO ESPORTE E NA REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA.....	173
8 OBJETO: GLOBO ESPORTE SÃO PAULO.....	183
8.1 Construção do <i>corpus</i>	185
8.2 Edições analisadas.....	186
9 GLOBO ESPORTE SÃO PAULO: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	236
9.1 Aspectos quantitativos.....	236
9.2 Aspectos qualitativos.....	246
9.2.1 Regra masculina na cobertura.....	246
9.2.2 Dualidade e questões residuais.....	248
9.2.3 Gêneros, formatos jornalísticos, critérios de noticiabilidade e valores-notícia.....	254
10 JOGOS DO BRASIL: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	258
10.1 Aspectos destacados para análise qualitativa.....	264
10.1.1 Referência ou comparação do futebol feminino com o masculino.....	264

10.1.2 Menção à maternidade da jogadora Tamires nos quatro jogos.....	265
10.1.3 Referência à beleza feminina na partida de abertura.....	266
10.1.4 Demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores.....	266
10.1.5 Validação da presença da comentarista Ana Thaís pelos colegas homens.....	267
10.1.6 Cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil e a demarcação da importância da competição por parte de narradores e comentaristas...	268
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	269
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	278

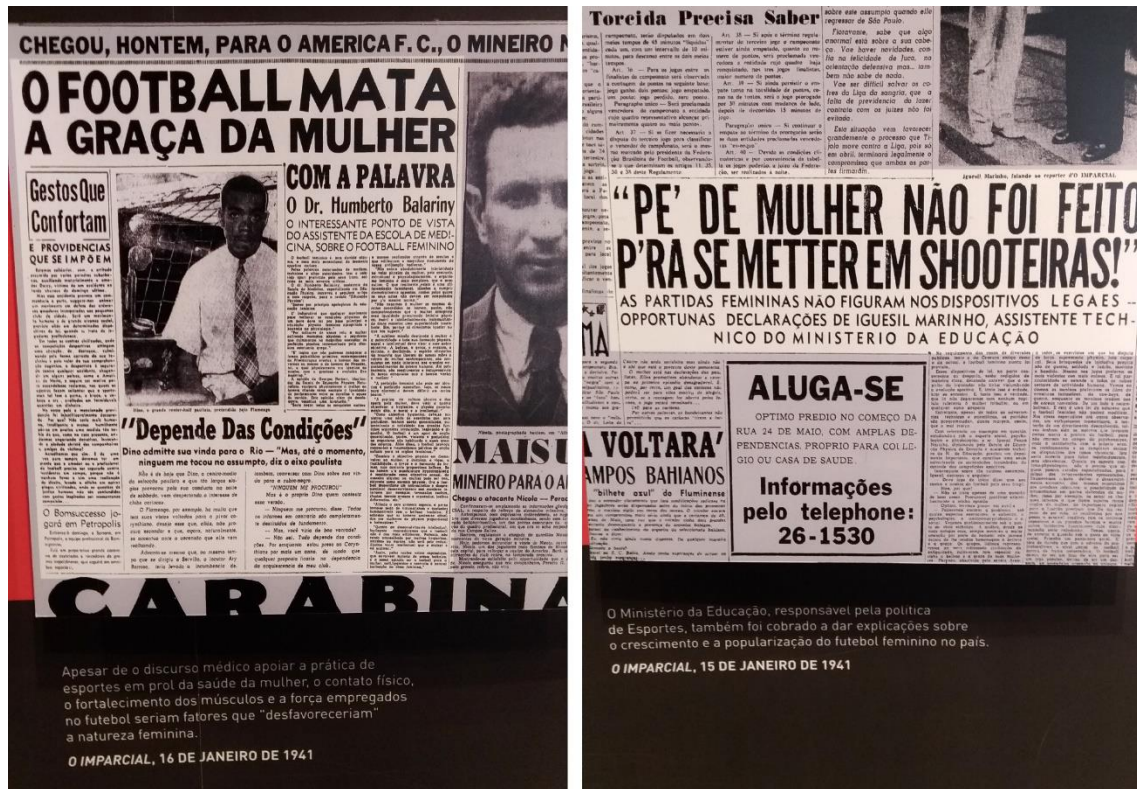
1 Introdução

A trajetória da luta feminina pela conquista de espaços nos mais diversos setores da sociedade não é um fenômeno recente, uma vez que o advento do feminismo tem raízes no século XVIII. Ao redor do mundo, cada qual em seu contexto histórico, cultural, político, educacional e econômico, muitas mulheres enfrentaram adversidades na busca pela igualdade de direitos entre os gêneros. E assim aconteceu com o esporte, uma vez que essa relação teve início em um passado de total privação: nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, elas sequer podiam assistir às competições.

Em 1896, na Era Moderna, os eventos olímpicos reuniram apenas participantes que representavam o gênero masculino. De acordo com Gomes (2004, p. 19), as Olimpíadas colaboraram de forma decisiva para que a disputa esportiva fosse considerada um ato viril por excelência. “Elas não podiam competir ou participar em atividades físicas similares porque se pensava que a mulher era muito delicada e frágil, tendo que se restringir à vida doméstica e levar um estilo de vida passivo” (MIRAGAYA, 2002, p. 4). Os discursos sociais reforçavam as limitações impostas e reproduziam a noção de que a competição esportiva seria perigosa pelo risco de “masculinizar” a mulher – ou seja, a imagem masculina foi atribuída ao esporte de tal forma que a inserção da mulher nesse universo expressava a “adoção” de características ditas “próprias do homem” e a perda daquilo que era considerado “feminino”, em uma espécie de processo de descaracterização física, comportamental e/ou identitária.

Segundo Miragaya (2002, p. 1), crenças tradicionais sempre prescreveram que o cansaço físico e a competição eram contrários à natureza da mulher. Discursos médicos sem fundamentos científicos também reforçavam tal noção de que o esporte oferecia riscos ao corpo feminino – e eram replicados por setores da imprensa. Ainda segundo a autora, (Miragaya, 2002, p. 7), tudo isso foi baseado na tradição e relacionado à sabedoria medicinal pobre e limitada da época. Uma estrutura física frágil e a vulnerabilidade do corpo eram pontos levantados. A estudiosa pondera (Miragaya, 2002, p. 8-9) que, sem atestado de que tal fragilidade fosse verdadeira, essa crença marcou a presença das mulheres em diversas Olimpíadas, uma vez que a inserção delas em esportes, como os coletivos, nos quais o contato físico é uma realidade, era repleta de restrições. “Nos que envolviam força, eram excluídas. A mulher ainda era o ser que procriava, biologicamente diferente do homem e sujeita a prescrições dos médicos, todos, claro, do sexo masculino” (MIRAGAYA, 2002, p. 8-9).

Figura 1 – Notícias relacionadas ao futebol feminino em jornal brasileiro no ano de 1941



Fonte: Acervo pessoal da autora. Imagem capturada na exposição no Museu do Futebol *CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol* (2019).

Em decorrência dessas questões pré-estabelecidas social e culturalmente, as performances femininas, quando não eram negadas, eram diminuídas e subjugadas. Além disso, existia um papel social delegado e, simbolicamente, associado ao feminino: acreditava-se que o lugar da mulher era dentro de casa, tomando conta da residência e dos filhos (MIRAGAYA, 2002, p.1)¹. Como efeito de tais pensamentos naturalizados e

¹ Vale ressaltar que essa visão é válida em uma análise que não propõe um recorte de raça. Isso porque, quando voltamos o olhar à mulher negra, é necessário retomar as relações de gênero durante o período de escravidão no Brasil e no mundo. Filósofa e professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, Angela Davis, em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, propõe uma nova abordagem a respeito da mulher negra no contexto escravocrata. Isso porque a autora considera que existia uma “crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos”. Sendo assim, para ela, “as mulheres negras eram praticamente anomalias” a julgar por esses critérios. Isso porque, tendo em vista que o sistema escravocrata definia o povo negro como propriedade e força de trabalho, a mulher não era excluída dessa equação. Segundo a pensadora, existe um estereótipo nos levantamentos históricos que reconstroem o período da escravidão: aquele que coloca a escrava apenas como trabalhadora doméstica (cozinheira, arrumadeira, que cuidava das crianças). No entanto, a escrava era vista pelos proprietários como uma trabalhadora que deveria gerar lucro. De acordo com Davis (2016), tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura: “embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa de escravas realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente

reforçados por discursos provindos de diversas esferas, os quais ainda se podem verificar na contemporaneidade, foi necessário um longo processo histórico e diversas transformações culturais e sociais para que as mulheres pudessem conquistar legitimidade como atletas – busca que, em alguns esportes, estende-se até os dias atuais.

Nesse contexto, o surgimento de diversas modalidades acompanhou tal ideia que atrelou as práticas esportivas aos sujeitos masculinos. Como caso ilustrativo, temos o futebol. No Brasil, as mulheres já foram proibidas por lei de jogarem futebol. Durante o período conhecido historicamente como Estado Novo (1937-1945), no qual o país esteve sob o comando de Getúlio Vargas, uma regulamentação do esporte foi feita. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”, conforme o decreto de lei 3.199, de 14 de abril de 1941. Tal regulamentação marcou de forma significativa o desenvolvimento da relação entre mulheres e futebol no país.

O decreto lei do governo Vargas foi revogado em 1979 e deixou às mulheres uma herança de negação ao cenário futebolístico – a este, podemos incluir a ideia de mulheres praticando esportes, competindo, realizando atividades profissionais e fora do ambiente doméstico. Isso porque a imposição, aliada a um histórico de concepções, discursos e estruturas simbólicas que afastavam a figura feminina da prática esportiva, constituiu uma conjuntura de afastamento dessas atividades e dificuldade de participação posterior. Temos como exemplo dessa transição (de permissão até a real participação em uma área/atividade) a inserção feminina na vida política: mesmo que as Constituições de 1824 (imperial) e 1981 (republicana) não proibissem o exercício do voto pelas mulheres, foi só no século XX, mais precisamente em 1932, que o voto feminino foi assegurado. Essa medida foi um passo para o início da desconstrução da imagem da mulher, a qual se atribuía apenas funções subalternas, domésticas e maternas, sempre subordinada ou submissa aos homens com os quais se relacionava, fosse o pai ou o marido. Ou seja, apesar de datas como a consolidação do direito ao voto – ou a revogação da proibição esportiva – serem simbólicas e significativas, elas marcam um momento a partir do qual as mulheres puderam passar a se engajar em determinada causa. Afirma-se isso pelo fato de que, embora o direito fosse garantido, houve um processo histórico, econômico, social

trabalhadoras agrícolas” (DAVIS, 2016, p. 22). Com isso, é notável que as relações das mulheres brancas e das mulheres negras com o trabalho – e, conseqüentemente, com relação aos seus papéis sociais – podem ser consideradas historicamente distintas.

e educacional de legitimação necessário para que as mulheres se sentissem cidadãs capazes de exercer esse direito e partes atuantes e legítimas da política nacional. A mesma linha de raciocínio se encaixa para as mulheres como praticantes de um esporte e, especificamente, como jogadoras profissionais. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2003, p.77) elabora que vivências repletas de privações podem afetar a participação feminina em determinados contextos:

Segundo a lei universal de ajustamento das esperanças às oportunidades, das aspirações às possibilidades, a experiência prolongada e invisivelmente mutilada de um mundo sexuado de cima a baixo tende a fazer desaparecer, desencorajando-a, a própria inclinação a realizar atos que não são esperados das mulheres — mesmo sem estes lhes serem recusados. (BOURDIEU, 2003, p. 77)

Desta forma, é possível interpretar que essa vivência sexuada do mundo pode afetar as inclinações e a visualização de possibilidades na trajetória de uma mulher, de quem não é esperada – ou legitimada – determinada decisão, mesmo que a mesma não seja proibida.

Para entendermos a forma como o universo dos esportes, e especificamente do futebol, é indicativo dessa divisão sexuada, temos, até os dias atuais, a divisão entre futebol e futebol feminino. Segundo Januário, Veloso e Cardoso (2016, p. 170), a própria designação de futebol feminino se torna excludente ao determinar a necessidade de especificar apenas quando o desporto é praticado por mulheres, isso porque o significado universal do termo tem relação direta com o masculino. Além disso, a modalidade, em si, é a mesma – em regras, códigos e objetivos –, mas as expressões feminino e masculino acabam qualificando o significado do discurso, abarcando determinados valores culturais, como a feminilidade. Alguns autores, como Kessler (2016, p. 21), Souza Júnior e Reis (2015, p.59), indicam a preferência pelo uso de “futebol de mulheres”, “futebol praticado por mulheres” ou similares por entenderem que “o futebol é um fenômeno universal, não cabendo sua qualificação como masculino, feminino, infantil, idoso, deficiente ou qualquer outra nomenclatura que faça menção ao público alvo” (SOUZA JÚNIOR E REIS, 2015, p.59).

Conforme Moura (2003, p. 76), há a necessidade de abordar a relação de gênero, preocupando-nos em (re)definir a condição e o lugar da mulher na vida social e esportiva. Sendo esse espaço exclusivo de afirmação da masculinidade, o futebol aparece como uma reserva particular deste (MOURA, 2003, p. 76).

Por este motivo e por todo cenário sociocultural descrito, a presente análise buscará investigar a visibilidade e a legitimidade do futebol feminino no Brasil, analisando a

cobertura e a transmissão da televisão aberta realizada da Copa do Mundo de 2019, um dos maiores eventos futebolísticos do mundo – organizado pela Federação Internacional de Futebol (Fifa). Para isso, um programa jornalístico da televisão aberta foi selecionado, o Globo Esporte São Paulo, da Rede Globo, que está no ar desde 1978. Tendo em vista a importância da cobertura de esportes para a televisão, já que o tema tradicionalmente apresenta grande audiência, a emissora escolhida possui uma longa tradição na rede aberta no que diz respeito ao esporte e ao futebol. Por isso, o programa selecionado também adquiriu grande relevância e notoriedade, haja vista o tempo que se mantém na grade de programação.

Além disso, as transmissões dos jogos do Brasil pela mesma emissora também são objetos deste estudo, o que possibilita que se estabeleça uma discussão acerca desse produto pioneiro. Isso porque a Rede Globo, pela primeira vez na história, transmitiu ao vivo os jogos da seleção brasileira, assim como a partida da final da Copa do Mundo Feminina. Por esta razão, buscaremos verificar de que forma as atrações apresentaram a pauta Copa do Mundo e futebol feminino nesse período tão significativo para o esporte, que aconteceu entre 7 de junho e 7 de julho, em que França sediou a competição.

Nesse sentido, buscaremos entender como a relação entre jornalismo esportivo e futebol está diretamente ligada ao desenvolvimento de ambos no Brasil, tendo em vista que a ascensão dessa área do jornalismo acompanhou a popularização da modalidade no país. Segundo Bahia (2009), o esporte bretão trouxe um componente emocional que se transformou na maior paixão popular do país. No entanto, é o viés masculino que prevalece nessa trajetória benéfica para os dois lados (jornalismo esportivo e futebol), uma vez que o crescimento do futebol trouxe o interesse do público para o conteúdo produzido sobre o tema, e a visibilidade gerada pela mídia foi essencial em diversos aspectos para a consolidação da modalidade no país.

Afirma-se essa relação porque, a princípio, o crescimento econômico se faz relevante, uma vez que os clubes ou as seleções presentes nas pautas da mídia são capazes de se articular de maneira mais significativa com patrocinadores e estabelecer parcerias com investidores. Além disso, existe o fato de que os direitos de transmissão televisiva aumentam as receitas das equipes. Assim, o crescimento monetário permite que a estrutura oferecida aos e às atletas seja superior em um mercado que segue as lógicas capitalistas. “O dinheiro injetado pela televisão no sistema esportivo, por patrocinadores, foi fator decisivo para o incremento do profissionalismo no esporte” (BETTI, 1998, p.35).

O estímulo do relacionamento com a torcida é outro fator a ser levado em conta. Quando o público está em constante contato com notícias, comentários, análises e transmissões, cria-se maior identificação entre o time (clube ou seleção nacional) e o torcedor ou consumidor de conteúdo. Esse ponto também é relevante economicamente: quanto mais popular uma equipe, maior o interesse em oferecer patrocínio, mais produtos, como camisas, serão consumidos e mais pessoas nos estádios (para apoiar o time, compor o espetáculo e pagar pelos ingressos).

O papel sociocultural, da mesma forma, apresenta-se evidente. A visibilidade não atrai somente as marcas que se interessam pela exposição: ao mesmo tempo, a noção reproduzida pela mídia do esporte contribui para o fortalecimento da interligação das imagens simbólicas do futebol e do gênero colocado em evidência. A representatividade midiática, por meio da criação de inspirações e modelos, é capaz de incentivar crianças e adolescentes a buscarem carreiras no esporte pela identificação criada entre imagens e abertura de caminhos a serem trilhados, bem como colaborar com a naturalização da associação entre ideias. Ou seja, considera-se que a mídia tenha o poder de legitimar o posicionamento feminino como atleta no futebol, invertendo a lógica vigente, em que os esportes e contextos esportivos são “lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação dos *habitus* (ou maneiras de ser), das identidades, do comportamento e dos ideais masculinos” (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 321).

Sendo assim, a presente investigação buscou identificar e discutir as dificuldades e barreiras enfrentadas por mulheres e o papel da mídia esportiva nesse contexto por meio do futebol feminino e do recorte da Copa do Mundo 2019. Isso porque esta pesquisa encontra justificativa na necessidade de evidenciar o papel do jornalismo na construção da legitimidade da imagem feminina com relação ao futebol e na consolidação do espaço das mulheres enquanto atletas. Compreender a maneira como as profissionais são incluídas nesse contexto também significa destacar os desafios e as possíveis barreiras por elas enfrentadas. Identificar os problemas, questionar suas causas e divulgar suas raízes são ações fundamentais na busca de soluções e mudanças reais.

Ao estudar a mulher nesse contexto, temos um reflexo do lugar ocupado socialmente por figuras femininas e dos efeitos de uma trajetória histórica de busca por equidade, além de um retrato das funções desempenhadas pelo jornalismo em questões sociais e culturais. Assim, buscamos esclarecer esses aspectos no que concerne à relação entre a mulher e o âmbito futebolístico.

O mundo esportivo – assim como muitos outros – sempre foi considerado parte do “universo masculino”, por isso o predomínio dos homens sempre foi a regra. “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2003, p. 18), isto é, a dominação masculina foi naturalizada. No entanto, com o surgimento dos movimentos feministas e o aumento das pautas das mulheres na reivindicação de espaços, a conquista de direitos básicos se tornou evidente, o que abriu caminho para questionamentos do lugar feminino em diversos setores da sociedade. Assim, as pesquisas que buscam evidenciar essa trajetória em consonância com o jornalismo destacam o poder de transformação da mídia, evidenciam avanços da luta feminina e denunciam possíveis barreiras e injustiças impostas às mulheres.

Quando se trata de investigações que envolvam mulheres, esporte e gênero é possível considerar este quadro de pesquisas como algo recente. O campo de estudo aparece de maneira receptiva a quem observa a prática esportiva como uma construção histórica e social. Nele, podemos considerar a constante dicotomia entre masculino e feminino: enquanto os homens são historicamente responsáveis pela dominação no esporte, as mulheres são a camada marginalizada que busca combater preconceitos e fortalecer sua identidade. (FIRMINO, 2014, p. 43)

O estudo de gênero, sua relação com o esporte e o jornalismo esportivo, assim como o campo da comunicação como um todo, encontra-se em constante renovação e, a cada período de tempo, uma nova página dessa história é escrita. Assim, a justificativa e o objetivo da presente análise fundamentam-se na avaliação desse novo capítulo, dado o recorte da televisão aberta brasileira e do evento mundial, assim como a análise de um novo momento de aproximação da mídia com o tema. Além disso, a relevância da averiguação das atitudes de resistência e progresso das mulheres como atletas possui um caráter de investigação social considerável para a história da trajetória de luta e de empoderamento feminino.

Sendo assim, após a introdução e a apresentação da metodologia, o capítulo 3 apresenta um resgate histórico do futebol de mulheres, seguido pelo contexto específico de cada uma das Copas do Mundo no capítulo 4. No quinto capítulo, buscamos as relações entre esporte e mídia desde a origem do jornalismo esportivo para, no sexto, entendermos o futebol enquanto um fenômeno midiático e a perspectiva de gênero presente neste cenário. No sétimo capítulo, fundamentamos o gênero enquanto uma categoria analítica neste estudo. Já nos capítulos 8 e 9, trouxemos o *corpus* e as análises do Globo Esporte São Paulo, nosso primeiro objeto. No capítulo 10, o segundo objeto, as transmissões dos jogos, foi analisado, para chegarmos às considerações finais no capítulo 11.

2 Métodos e técnicas

Em termos gerais, o objetivo da presente dissertação foi estudar a forma como o jornalismo esportivo da televisão aberta brasileira abordou o futebol feminino enquanto pauta, tanto em um programa quanto nas transmissões dos jogos, tendo em vista o recorte de gênero proposto neste estudo voltado para o esporte praticado por mulheres. Nesse sentido, visamos entender de que maneira o jornalismo construiu as relações de gênero no contexto da cobertura esportiva.

Com o propósito de entender e discutir aspectos relacionados à visibilidade jornalística do futebol de mulheres durante o período da Copa do Mundo da Fifa em 2019, o programa Globo Esporte São Paulo foi selecionado como objeto. A atração se estabeleceu na Rede Globo, uma emissora com tradição na cobertura esportiva (conforme apontado no capítulo 4), e está no ar há mais de quatro décadas.

Na segunda etapa de análise e discussão, apresentamos o âmbito da transmissão esportiva, tendo como objetos todos os jogos do Brasil no campeonato mundial que foram ao ar na Rede Globo. A emissora, pela primeira vez na história, exibiu em rede aberta a Copa do Mundo de mulheres organizada pela Fifa. Com isso, a análise será focada em questões relacionadas à transmissão, como narração, reportagem e comentários.

Dessa forma, temos uma investigação centrada na mensagem, tanto a presente no programa quanto nas transmissões, em um estudo que se estabelece a partir dos procedimentos da Análise de Conteúdo, cujo principal referencial é Laurence Bardin (2011). Além disso, temos uma análise interpretativa que recorre ao conceito de representação informado nos estudos de gênero.

A coleta de dados do programa selecionado ocorreu durante o intervalo de um mês em que a Copa do Mundo aconteceu, ou seja, o período entre 7 de junho a 7 de julho, e foi realizada a partir do produto jornalístico apresentado ao público, ou seja, os programas que foram ao ar nas datas selecionadas, em um total de 25 edições. As informações levantadas foram categorizadas, organizadas e analisadas, quantitativa e qualitativamente, o que indica o processo da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples

técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias (MORAES, 1999, p.1).

De acordo com Bardin (2011, p. 37), a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Para a autora, não se trata apenas de um instrumento, mas de um leque de apetrechos. Dessa forma, o aporte metodológico se caracteriza, segundo a autora, por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. Mediante os critérios desse instrumento metodológico, o qual apresenta particularidades e oferece possibilidades ao analista, é possível realizar abordagens quantitativas e qualitativas com relação aos componentes da mensagem transmitida pelos programas, os quais permitem inferências críticas, além de interpretações. Dessa forma, teremos resultados que vão além de uma leitura convencional porque os mesmos atingiriam um novo aspecto de significação de da mensagem.

No que diz respeito à transmissão televisiva, o *corpus* é formado pelos jogos da seleção brasileira exibidos pela Rede Globo durante o período da Copa do Mundo, mais especificamente nos dias 9, 13, 18 e 23 de junho (as três primeiras partidas se referem à primeira etapa da competição, a fase de grupos, e o confronto do dia 23 se trata do último do time, nas oitavas de final, quando foi eliminado diante da França). Desenvolvemos a Análise de Conteúdo, com aporte metodológico em Bardin (2011), aplicada a cada uma das quatro partidas do Brasil na competição com o propósito de executar as etapas da descrição analítica do objeto, a categorização das informações, a inferência e interpretação do conteúdo.

Nesse processo, foram elaboradas categorias com o intuito de organizar as informações coletadas:

Tabela 1 – Categorias de análise

Categoria elaborada	Objetivo ou descrição
Fase da competição e data	Para marcar o avanço dos jogos, identificá-los no decorrer do tempo e considerar o dia da semana e horário em que foi colocado no ar.
Confronto	Explicitar a Seleção adversária e o placar com o objetivo de oferecer contexto à partida selecionada.
Formação da equipe na cobertura	Profissionais ligados à função jornalística envolvidos diretamente na transmissão.

Conteúdos destacados	Destaque a fatos e falas observados durante a transmissão e marcados para a análise.
-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A partir das informações sobre as partidas e a transmissão da Globo, é possível elaborar uma análise qualitativa com a finalidade de interpretar os conteúdos destacados. Essa análise interpretativa se apoia na questão da representação do futebol feminino, das atletas mulheres e da construção de gênero realizada pelo conteúdo.

Com isso, é importante ressaltar que este estudo centrado na mensagem é precedido por uma abordagem histórico-contextual para que seja possível resgatar as origens do futebol feminino no mundo e no Brasil, conhecer a história da Copa do Mundo de mulheres, entender a inserção do jornalismo esportivo nessa linha do tempo e investigar o fenômeno que relaciona o futebol com a mídia, além de conhecer as especificidades futebol feminino brasileiro em sua relação com a imprensa esportiva.

Em suma, o percurso seguido teve início com a fundamentação teórica e a construção de um contexto histórico que relacionou futebol, gênero e jornalismo esportivo. Em um momento posterior, passou para o levantamento de dados e a descrição analítica do objeto para subsidiar a análise sobre a cobertura jornalística do Globo Esporte. Por fim, chegamos às informações selecionadas e a análise qualitativa das transmissões dos jogos da seleção brasileira de futebol feminino.

3 Futebol de mulheres: origens, obstáculos e histórias

Embora o futebol não seja originário da Inglaterra, a modalidade como é praticada no mundo contemporâneo – organizada, regrada e institucionalizada – se desenvolveu no território britânico no final do século XIX e início do século XX, conforme apontam Elias e Dunning (1985, p. 187). Os primórdios da prática do futebol, na verdade, não são descritos com exatidão, tendo em vista a antiguidade de sua formulação. Murray (2000, p. 20) observa que, em sociedades pré-industriais, era comum um jogo da “ralé”, de aldeia contra aldeia, sem regras escritas, como parte de um ritual de fertilidade ou de marcação das estações do ano. O autor explicita que “jogos de chutar mais sofisticados” eram praticados em sociedades como a da China Antiga, de outras porções da Ásia e da América pré-colombiana. “O futebol era, sobretudo, um jogo popular, e originalmente referia-se a qualquer bola chutada com o pé. Porém, nunca foi um jogo exclusivamente do povo” (MURRAY, 2000, p. 20). O autor continua contando que, entre os aficionados por futebol, havia clérigos anônimos e outros dignatários locais, além de homens tão famosos quanto os reis de Escócia, Inglaterra e França.

Com o processo de industrialização ocorrido na Inglaterra, ou seja, a passagem de uma sociedade agrária para industrial, capitalista e urbana, parte de um sistema liberal, as fábricas, com suas luzes artificiais, tornaram-se lugares nos quais era possível administrar o prazer lúdico e exercer o controle civilizatório sobre o tempo livre. Esse cenário fez parte da regulamentação do esporte – realizada pelas classes altas, as regras do futebol foram elaboradas por ex-alunos de internatos particulares ingleses, de acordo com Murray (2000, p. 23) – ou esportivização do futebol, quando o jogo deixa de ser uma atividade lúdica difusa para incorporar valores marcantes da Inglaterra do século XIX (SANTOS, 2014). Além de manter um nível elevado de tensão que constitui um jogo equilibrado, competitivo, imprevisível e baseado no mérito, um dos objetivos dessa regulamentação era garantir um risco baixo de danos físicos aos praticantes da atividade – que exerciam outras funções em suas vidas, como trabalhar nas fábricas. Dessa forma, é possível afirmar que a prática do futebol integrou os passatempos dos ingleses de variadas classes sociais.

Segundo Souza Júnior e Reis (2015, p. 1), “tanto em sua fase elitizada como em seu período mais popular, tudo indica que o futebol se manteve como uma prática majoritariamente masculina”. De acordo com a formulação de Damo (2016, p. 7), valores proeminentes da burguesia na época da modernidade tardia, “como o estímulo à competição, o culto ao mérito e o respeito às regras foram disseminados durante a fase de

diáspora esportiva e encontram-se consolidados nos esportes contemporâneos, em particular naqueles destinados ao espetáculo”, como é o caso do futebol.

Santos (2014, p. 3-4) explica que a Inglaterra vivia o auge de sua influência com o na condição de potência mundial – seu império se estendia de forma veloz, segundo o autor, com a Revolução Técnico-Científica, o desenvolvimento de suas forças produtivas e a industrialização –, com isso, à medida que seu poderio capitalista e suas influências políticas e econômicas avançaram, os britânicos levaram para o redor do globo práticas culturais como o desporto.

É justamente a partir desse ponto, em que essas atividades inglesas se espalharam, popularizaram e passaram a ser chamadas de esporte moderno, que podemos começar a entender a relação das mulheres com o futebol. Conforme articulam Dunmore e Murray (2014, p. 239), a história do futebol de mulheres é tão longa quanto a dos homens, com registros de “chinesas da Dinastia Han (cerca de 200 a.C. a 200 d.C.) retratadas em desenhos e pinturas jogando com uma bola”. No entanto, os autores pontuam que “devido a uma mistura de apatia e opressão, o jogo feminino foi ultrapassado pelo masculino quando o futebol, como se conhece hoje, realmente começou durante o final do século XIX e início do XX”.

Os autores explicam que o futebol masculino se organizou e, em 1863, surgiu a Associação de Futebol. “O clima predominante da Grã-Bretanha vitoriana considerava o futebol qualquer coisa, menos um passatempo feminino” (DUNMORE E MURRAY, 2014, p. 240). Para Souza Júnior e Reis (2015, p. 2), alguns valores foram vinculados ao futebol, que representava uma elite britânica com “fibra moral para governar o país”. Sendo assim, os autores explicitam que, com uma visão marcada pelo patriarcado, “essa elite governante não incluiria as mulheres que, desse modo, deveriam ser alijadas dessa esfera política, restringindo-se ao espaço privado que as configuraria como as ‘não cidadãs’ [...]” (SOUZA JÚNIOR E REIS, 2015, p.2). Os discursos médicos foram alguns dos recursos mais utilizados para afastar a associação das figuras femininas ao futebol – uma das ideias sugeridas à época era que o esporte poderia tornar a mulher incapaz de gerar filhos.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as mulheres passaram a ocupar posições no mercado de trabalho por conta da falta de mão-de-obra gerada pelo conflito global. De acordo com o panorama delineado por Miragaya (2002, p. 6), ao começarem a trabalhar fora de casa e a ingressar no mercado de trabalho em maior número por causa da demanda, as mulheres estavam assumindo novos papéis dentro da sociedade. Para a

autora, à medida que elas começavam a participar mais da economia de seus países, queriam ser ouvidas como cidadãs, assim, muitas organizações de mulheres foram fundadas na luta pela cidadania. “Pouco a pouco as mulheres foram saindo da passividade e submissão para a atividade e a iniciativa. Mudanças na área do esporte feminino também começaram a ocorrer no final do século 19 e início do século 20” (MIRAGAYA, 2002, p. 6). Sendo assim, no contexto em que passaram a ocupar postos nas fábricas, ambiente em que o futebol se fazia presente, também tiveram contato com a modalidade. Vale ressaltar que esse período também realça algumas contradições e desigualdades relacionadas à questão de gênero, tendo em vista que, embora as mulheres tenham passado a integrar o quadro da força de trabalho, não é apenas a emancipação feminina e um novo papel social que essa passagem representa: as mulheres eram marginalizadas, tinham remuneração inferior e condições precárias para exercerem suas funções profissionais.

Com isso, é válido pontuar que a inserção das mulheres no cenário envolvendo o futebol e o esporte moderno não provém de um movimento histórico, social ou cultural em que a conquista de direitos e oportunidades abriu precedentes para que novos espaços fossem ocupados, mas sim de um contexto de crise e guerra em que foi necessário atender a uma demanda majoritariamente econômica. Sendo assim, essa movimentação pela transformação social se deu com o enfrentamento de diversas barreiras impostas pelas estruturas patriarcais pelo direito de jogar futebol.

Nesse contexto, conforme apontam Dunmore e Murray (2014, p. 240), “o primeiro jogo competitivo para ‘damas’ foi realizado em *Crouch End*, no norte de Londres”, em março de 1895. O relato dos autores conta que, na verdade, o evento foi “mais político do que esportivo”: a sufragista Nettie Honeyball fundou seu *British Ladies Football Club* (Clube de Futebol das Senhoras Britânicas) ‘com a determinação fixa de provar para o mundo que as mulheres não são as criaturas ornamentais e inúteis que os homens têm retratado’” (DUNMORE E MURRAY, 2014, p. 240). Tanto Tom Dunmore e Scott Murray (2014, p. 240) quanto Bill Murray (2000, p. 71) apontam que o confronto reuniu de oito a 10 mil pessoas. “Definitivamente existiam oportunidades para o futebol feminino crescer e prosperar e, durante a Primeira Guerra Mundial, sua popularidade era altíssima na Grã-Bretanha” (DUNMORE E MURRAY, 2014, p. 240).

Dessa forma, foi nesse panorama que surgiram as *Dick, Kerr Ladies*, no ano de 1917. A Dick, Kerr era uma empresa de engenharia que fabricava armamentos e, na época, de acordo com Dunmore e Murray (2014, p. 240), um funcionário da fábrica

estimulou a formação do time feminino quando viu, em um horário de almoço, as mulheres chutando uma bola através de uma janela aberta. Esse mesmo funcionário, Alfred Frankland, organizou um evento beneficente da equipe contra outro time feminino de uma fundição, e um valor significativo foi levantado para o hospital local por meio dos 10 mil torcedores que compareceram para assistir à peleja.

Murray (2000, p. 69) pontua que, com o fim das hostilidades da Primeira Grande Guerra, o futebol foi “um alívio para os pesadelos que ainda viviam e para a miséria que os cercava”. Com isso, o número de jogadores e de espectadores das partidas aumentou. O autor ressalta que esse entusiasmo continuou a envolver as mulheres, que, ao ocuparem postos anteriormente masculinos em fábricas, “passaram a praticar atividades de lazer tradicionalmente masculinas”. Conforme elabora Murray (2000, p. 70-71), se, antes, a presença feminina em jogos era estimulada como uma forma de conferir “dignidade à ocasião” e “para diminuir a rudeza do comportamento masculino”, alguns anos depois da guerra, principalmente jovens inglesas e francesas atraíam multidões em suas partidas de futebol.

Em 1919, no ano seguinte ao fim da guerra, a liga masculina foi reiniciada, conforme explicitam Dunmore e Murray (2014, p. 241). Mesmo assim, o futebol feminino ainda tinha seu espaço, e as *Dick, Kerr Ladies* continuavam populares. Murray (2000, p. 71) conta que, em 1920, 53 mil torcedores prestigiaram o confronto contra *St. Helen's Ladies*, no *Everton's Goodison Park*, e, em excursões da equipe por locais como França e América do Norte, disputas contra times masculinos atraíram multidões entusiásticas. O autor segue explicando que, nos Estados Unidos, a figura de Alfreda Inglehart se destacou por sua atuação em prol do futebol norte-americano e, na França, os primeiros clubes esportivos femininos surgiram em 1910, e os primeiros times durante a guerra.

Dunmore e Murray (2014, p. 241) contam que países como Holanda e Alemanha também tiveram seus momentos de popularidade no futebol feminino. No entanto, os autores chamam atenção para o fato que “com a popularidade, veio o ciúme, a resistência e, finalmente, a opressão”: a Associação Holandesa de Futebol proibiu um jogo entre *Sparta Rotterdam* e um time inglês; o *Newcastle United* proibiu, em 1921, que as mulheres usassem o estádio do clube; o órgão dirigente do futebol inglês, a *Football Association* (FA), “orquestrou uma campanha de difamação” contra as *Dick, Kerr Ladies*, acusando-as de fraude em suas despesas e desvio de dinheiro de instituições de caridade, além de utilizar, novamente, discursos médicos para afirmar que o futebol seria prejudicial para a saúde feminina.

Foi no ano de 1921 que a FA aprovou o banimento do futebol feminino, proibindo os clubes de fornecerem seus estádios para a prática da modalidade por mulheres. A afirmação da instituição foi que o futebol era “inadequado para mulheres” e, “por preocupações com saúde”, não deveria ser “encorajado”. Com isso, outros países acompanharam a decisão nos anos seguintes.

Figura 2 – Períodos de proibição do futebol feminino pelo mundo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Imagem capturada na exposição no Museu do Futebol *CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol* (2019).

No entanto, é importante ressaltar que as *Dick, Kerr Ladies* – que se mantiveram até a década de 1960 – e outras mulheres ao redor do globo não se curvaram às determinações de seus países até as revogações da década de 1970. No entanto, sem nenhum apoio ou estrutura, as partidas eram disputadas de forma circunstancial e sem competitividade ou formalidade. Dessa forma, foi após a retiradas das proibições que a modalidade voltou a se organizar. Conforme Dunmore e Murray (2014, p. 243), em 1975, o primeiro campeonato asiático foi realizado; em 1984, a Europa seguiu o exemplo, realizando seus primeiros torneios. Contando com a Fifa na década de 1980, houve o posterior lançamento da Copa do Mundo em 1991.

3.1 Futebol feminino no Brasil

Podemos observar, por meio de investigações históricas, que a aproximação das mulheres com o futebol no Brasil se deu de forma imprecisa, e os próprios registros das

pioneiras no assunto não são totalmente esclarecedores e precisos. Bonfim (2019, p. 11) pontua que conhecemos muito pouco sobre a presença feminina nos acontecimentos históricos do futebol e quase nada sobre a iniciação das brasileiras nesse esporte. De acordo com a autora, a ausência de narrativas sobre a presença e a participação de mulheres nas mesmas fontes de imprensa que conformaram o campo esportivo masculino cria a tendência do tratamento do homem como sujeito universal – o que acompanha a ideia apontada sobre a denominação universal do futebol enquanto masculino, e o futebol feminino com a necessidade de especificação/qualificação –, ratificando a história do futebol no Brasil como exclusivamente deles.

Rial (2013, p. 116) elabora que, quando o futebol chegou ao Brasil proveniente da Inglaterra, em meados do século XIX, não excluiu completamente a presença feminina: as mulheres, inicialmente, estavam à margem como “torcedoras”. Segundo a autora, de fato, as jovens senhoritas frequentavam o clube carioca Fluminense e, provavelmente, outras equipes no sul do Brasil, já que foi relatada a presença feminina em Santa Catarina, nas reuniões esportivas do Annita Garibaldi Club no início do século XX. De acordo com as informações compiladas pela autora, as mulheres compareciam em festas do clube e “estavam ali para tornar o local mais atraente, não para aprender a praticar um novo esporte ou a acompanhar os recordes e a história do clube”. Rial (2013, p. 117) acrescenta que enquanto os trabalhadores (incluindo pretos e pardos) estavam, gradualmente, ocupando lugares nas equipes anteriormente reservadas para aristocratas, as mulheres também desempenhavam o papel de torcedoras para se tornarem jogadoras.

Cunha (2016, p. 233) articula que pesquisadores apontam para o ano de 1913 como marco da primeira partida de futebol feminino no Brasil, a qual foi realizada em São Paulo: segundo o levantamento, Cantareira e Tremembé, dois times da Zona Norte da cidade, formaram a “primeira partida futebol entre moçoilas uniformizadas de que se tem notícia”. A fonte de tal informação é a revista Brasil Almanaque de Cultura Popular. No entanto, a autora aponta que releituras posteriores indicaram que o jogo não estava inserido em um cenário de competição esportiva, mas possuía caráter beneficente, já que foi realizado em prol da construção de um hospital para crianças pobres pela Cruz Vermelha (CUNHA, 2016, p. 234). Além disso, a verificação de periódicos da época, como o Correio Paulistano, o Diário Popular e O Commercio de São Paulo, conforme elabora e interpreta Moura (2003, p. 8-10), aponta para um erro nesse dado histórico, tendo em vista que o evento beneficente envolveu o jogo entre senhoritas versus rapazes do Sport Club Americano.

O referido embate entre Cantareira e Tremembé seria noticiado pelo jornal A Gazeta – também em caráter festivo – apenas oito anos depois. “No Brasil, temos como data da primeira partida de futebol feminino o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembenses e Cantareirenses” (MOURA, 2003, p. 8). Conforme o levantamento realizado por Cunha (2016, p. 233-235), notícias sobre mulheres jogando futebol apareciam em alguns jornais entre 1913 e 1940 – alguns anúncios de recrutamento diziam, inclusive, que elas poderiam se apresentar para a prática “com o consentimento de seus maiores”.

Conforme o panorama histórico construído por Bonfim (2019), entre a década de 1920 e 1930, o futebol de mulheres percorreu caminhos particulares quando comparado ao dos homens, tendo em vista que se transformou em espetáculo circense ao mesmo tempo em que era visto em festas esportivas. A pesquisadora sinaliza o envolvimento dos esportes com os picadeiros nas primeiras décadas do século XX e investiga o envolvimento desse ambiente com o “football feminino”:

Através dos jornais da década de 1920 e 1930, conseguimos acompanhar locais de itinerância do Circo Irmãos Queirolo e outras trupes que passaram a apresentar o ‘Football Feminino’ entre as atrações de suas programações. Assim como a maioria das performances circenses, houve trocas, apropriações e reinvenções da maioria dos atos encenados na época – atributos comuns da elaboração dos espetáculos entre esses grupos de artistas. Em outras palavras, o futebol feminino – assim como outras atrações relacionadas ao futebol – foram repetidamente encontrados em diferentes companhias de circos do Brasil (BONFIM, 2019, p. 84)

Bonfim (2019) segue com um levantamento da relação do futebol feminino no Brasil com os circos e teatros revista, avançando para o um momento em que as atrizes se exibiram em um festival artístico esportivo em São Januário, campo do Vasco da Gama, revelando uma relação entre os clubes de futebol e a prática circense daquele período.

Rial (2013, p. 117-118) elabora que o futebol praticado por mulheres, no Brasil, foi contemporâneo ao masculino, tendo a Primeira Guerra Mundial como ponto importante por conta da presença das mulheres em postos de trabalho em fábricas. No entanto, ressalta que a ascensão do futebol feminino não aconteceu em terras tupiniquins como no continente europeu, levando um tempo para que as equipes fossem formadas.

Com isso, são datadas do início da década de 1940 as notícias e evidências da formação de times femininos pelo país. Ao mesmo tempo em que essa tendência repercutiu positivamente em alguns jornais e contou com apoiadores, despertou a

insatisfação de muitos outros. Moura (2003, p. 32-34) elucida o posicionamento do Jornal O Imparcial, no qual “as reportagens foram incentivadoras no começo, mas, com o passar do tempo, passou para o discurso combativo”. O pesquisador observa que, ao noticiar um torneio de futebol feminino que aconteceu no dia primeiro de maio de 1940, ficou “patente a preocupação do jornalista em mostrar que o futebol feminino veio para ficar”. Moura ressalta a ausência dos argumentos médicos, os quais discutiriam questões relacionada à prática do futebol por mulheres meses após o referido torneio noticiado. “Outro dado a ser percebido é a ausência, no discurso jornalístico desta época, de qualquer jargão preconceituoso ou mesmo limitador [...] O articulista utilizava adjetivos como ‘dinâmica’, ‘notável rapidez’ e ‘técnica’” (MOURA, 2003, p. 34). Sendo assim, Cunha (2016) descreve que as opiniões sobre a prática de futebol por mulheres eram divididas, e reclamações formais chegaram até o gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Franzini (2005, p. 319) traz como exemplo a carta de “um certo José Fuzeira”, que tinha como destinatário Getúlio Vargas, e vinha “solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil”:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe ... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos, de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol com um grupo de cegos a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da ‘nobre arte’, cuja nobreza consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue (In: FRANZINI, 2005, p. 319-20)²

Segundo Franzini (2005, p. 320), essas preocupações de um cidadão comum, que frisava em sua correspondência não dispor das “credenciais de qualquer autoridade

² Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 25.04.1940. Arquivo Gustavo Capanema — CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g — Filme 42 — mf. 0117.

educacional ou científica”, fizeram soar o alarme. O autor pontua que da Presidência da República, a carta foi encaminhada à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde; depois, foi repassada à sua Subdivisão de Medicina Especializada, setor no qual “recebeu não só o parecer favorável da ‘voz da ciência’ como todo o seu apoio na cruzada contra as mulheres futebolistas”.

Conforme elabora Bonfim (2019, p. 15), a centralização política da década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, atuou na modernização do país e foi marcada pelo papel do Estado, cada vez mais ativo, na tentativa de redefinir a categorização dos sistemas de gêneros, determinando o que era adequado para homens e mulheres, meninos e meninas. Segundo a autora, “currículos educacionais, oportunidades de empregos, responsabilidades familiares, comportamento sexual e traços de caráter não passaram incólumes desses enquadramentos”. Com isso, as mulheres que jogavam futebol eram vistas como figuras transgressoras, que desviavam os padrões e valores morais estipulados para um indivíduo do sexo feminino naquela época. A pesquisadora também pontua que “no mesmo período de diminuição das incidências de fontes de futebol entre mulheres nos circos foi formalizado o Decreto-Lei nº 3.199, outorgado por Vargas, em 1941”, reforçando como a determinação varguista foi significativa para a relação das mulheres com o futebol no Brasil – o citado Decreto-Lei, de 14 de abril de 1941, dizia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Posteriormente à proibição de 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND) redefiniu as regulamentações para entidades esportivas: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”, conforme a deliberação número 7 de 1965. Assim como aconteceu na Europa – a exemplo da citada atitude da FA –, alguns dos argumentos para tais decisões foram pautados na saúde da mulher, especialmente à sua capacidade reprodutiva. Sobre tal questão, Franzini (2005) desenvolve:

Além do machismo e do moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres faziam de seu próprio corpo, daí derivando-se o tema da maternidade. Nos anos 30 e 40, a associação entre o autoritarismo político e ideais da eugenia fazia do

corpo uma questão de Estado e o colocava na ordem do dia (FRANZINI, 2005, p. 321)

Cunha (2016, p. 237) reforça que a “Medicina Eugênista”, aquela “preocupada com a melhoria da raça”, dominou a Educação Física e, com ela, procurava definir quais tipos de exercícios e movimentos eram permitidos às mulheres, tomando como base a “cientificidade” para evitar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores.

Nesse período de proibição do futebol e de outros esportes, como as lutas, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde também se encarregou de apontar quais atividades seriam aceitáveis, entre as quais estava a permissão de tênis, voleibol, críquete, natação, ciclismo, desde que com moderação. Assim, esse cenário contemplava o amadorismo, afastava a competitividade e a ideia de uma mulher se desenvolver enquanto atleta, menos ainda como profissional no esporte. “Todos eles [eram] esportes amadores, característicos da elite, que, quando muito, atingiam a classe média, passando ao largo das grandes massas e dos subúrbios onde as jovens corriam atrás da bola” (FRANZINI, 2005, p. 322).

Assim como aconteceu em domínios europeus, embora o decreto nacional impedisse a prática regular de determinados esportes, a decisão não foi unânime, não contou com o apoio de todos os representantes da imprensa nacional e não foi acatada pela totalidade de mulheres inseridas nesse contexto. O *Jornal dos Sports*, veículo carioca, foi um dos que não reproduziu os discursos contrários à causa, tornando-se, segundo Moura (2003, p. 42), “uma espécie de ‘paladino’ pela defesa do futebol feminino”, sendo, inclusive, o responsável pela publicação de respostas à carta de José Fuzeira. Uma delas foi a entrevista com “Adygram” Pereira, capitã e presidente do S.C. Brasileira:

DEFENDEM-SE AS PRATICANTES DO FOOTBALL FEMININO
Só criticam a prática do violento sport bretão aqueles que na vida jamais entraram numa praça de educação física, declara a presidente do S. Club Brasileiro. Recebemos ontem, a visita da jogadora Adygram, que exerce as funções de presidente do quadro de football feminino do S. C. Brasileiro. Veio dizer-nos algo sobre uma carta endereçada a um popular vespertino pelo Senhor José Fuzeira, nome desconhecido nos aporta. Em resumo disse-nos a já popular jogadora do S. C. Brasileiro: Li com atenção a carta dirigida pelo Senhor José Fuzeira a um vespertino de nossa cidade. A princípio tomei o caso a sério. Refletindo, perguntei a mim mesma: quem será esse senhor José Fuzeira? Verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no esporte, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir o assunto. Procurou celebrar-se nos meios esportivos apenas com uma carta dirigida ao mais alto magistrado do país. Há homens cujas ocupações lhe dão tempo até para tratarem de assuntos femininos. Mas, todas as vezes que

o fazem, procuram celebrar-se, dando o nome, residência e até o telefone. O Senhor José Fuzeira deveria assistir à prática de futebol feminino, para verificar quão salutar é esse esporte e os benefícios que o mesmo presta às suas praticantes. É verdade que o futebol, como outros esportes, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação física e que só fazem ginástica pelo rádio, receosos de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou. O Senhor Fuzeira qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá gripar as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães... O Senhor Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro de futebol feminino e apontar, publicamente, quais as desvantagens de sua prática nos moldes em que vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Senhor Fuzeira deve preocupar-se com os guris que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil. (JORNAL DOS SPORTS, 1940, p. 6)

O futebol feminino era colocado como uma ameaça à masculinidade e às funções sociais femininas, e as mulheres que discordavam de tais premissas eram alvos de críticas e suspeitas, as quais eram estampadas nos jornais. Em 1941, a equipe do Primavera A. C. planejava uma excursão pela América Latina, mas foram impedidas pela polícia. De acordo com o cenário delineado por Bonfim (2019, p. 172-74), Carlota Alves de Resende, a diretora do clube, foi acusada de explorar financeiramente as mulheres do time e, no texto do jornal O Imparcial, foi chamada de “proxeneta”, que seria “mediadora da prostituição das jogadoras da equipe feminina”.

Figura 3 – Manchete do Jornal A Gazeta, de 1941, repercute a prisão de Carlota Alves de Rezende



Fonte: A Gazeta, São Paulo, p. 5, 16 jan. 1941. In: Bonfim, 2019, p. 174.

A diretora do Primavera negou todas as acusações, o que, segundo Bonfim (2019, p. 175), pode ser observado no jornal Diário de Notícias, mas boa parte da imprensa da época aprovou a forma como a polícia lidou com a situação. Com isso, a casa de Carlota, que funcionava como uma espécie de sede social do clube, foi visitada por jornalistas, que classificaram o local como “antro de perdição” de uma “promiscuidade chocante”. E, antes mesmo da proibição oficial, a autora pontua, por meio de um levantamento realizado nos jornais da época, que o delegado Lineu Cotta “sugeriu esforços amplos a fim de controlar o licenciamento das casas de diversão e desporto, incluindo nos contratos das agremiações uma cláusula que mencionasse o impedimento do futebol feminino”. Dessa forma, o futebol praticado por mulheres “passou a ser fiscalizado pela Divisão de Theatro e Censura, mais conhecido com Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), [...] que

na época, serviu como instrumento de censura e propaganda do governo” (BONFIM, 2019, p. 178).

Com a proibição oficial e reforçada em 1965, as atitudes de mulheres que discordavam do cenário traçado por uma atuação conjunta entre mídia, Estado e sociedade faziam parte de um movimento de resistência. “As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções normativas, morais e sociais, aderiram à sua prática” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 77). As autoras destacam essas experiências por meio da figura de Léa Campos, que se tornou árbitra de futebol quando realizou um curso de oito meses na escola da Federação Mineira de Futebol. Além de atuar como juíza, Léa também praticava o esporte, motivos pelos quais era constantemente conduzida por policiais à delegacia (o DOPS).

Elsey e Nadel (2019, p. 130), em uma obra publicada pela Universidade do Texas, constroem um cenário em que “esportistas brasileiras desafiam a proibição” ao contarem a história do futebol feminino na América Latina. Tratando dessa prática na década de 1970 no Brasil, apontam como exemplo o Clube Atlético Indiano – cujo nome é inspirado em Gandhi e no movimento de independência da Índia –, localizado em São Paulo. De acordo com os autores, as mulheres que frequentavam o clube praticavam futebol desde seu surgimento, em 1930, ignorando a determinação do CND. Inicialmente, os jogos do time feminino eram para caridade, mas, na década de 1970, as mais de 50 jogadoras “se reorganizaram em um clube funcional”. Elsey e Nadel (2019, p. 130) continuam contando que uma matéria de jornal da época sobre o assunto afirmou que as mulheres jogavam com força e vigor, “embora suas unhas compridas pudessem causar ferimentos graves”. Dessa forma, os pesquisadores interpretam que o artigo tentou normalizar as jogadoras, colocando-as em categorias aceitáveis. “O fato de terem crescido as unhas sugeria feminilidade (e heterossexualidade), assim como relatos de que a equipe tinha uma sólida base de torcedores, principalmente entre namorados, maridos e filhos” (ELSEY E NADEL, 2019, p. 130).

Com isso, os autores destacam que a líder do time, chamada de Zuka, era irmã de José Maria Marin, um político conservador e defensor do regime militar – entre 2012 e 2015, tornou-se presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e, posteriormente, foi banido do esporte pela Fifa e condenado em acusações de corrupção. O levantamento descreve que, para Zuka, a ideia que o futebol afetava a sexualidade feminina não fazia sentido, era absurda. Diante desse cenário, Elsey e Nadel questionam por que o regime militar ignoraria a organização do futebol feminino em alguns casos e

perseguiria em outros? A resposta dos autores é que, no caso do CA Indiano, as conexões pessoais de Zuka podem ter amenizado os temores do governo respeito do potencial desmoralizante do esporte, reduzindo as chances de repressão. “Além disso, entrevistas com as jogadoras seguiram cuidadosamente a linha de normas femininas aceitas. E, sem oposição combinada, o futebol feminino prosperou em um estado de indiferença” (ELSEY E NADEL, 2019, p. 130).

No entanto, os autores também destacam que nem todos os esforços para organizar o futebol feminino ocorreram dessa forma. Naquele mesmo período, Elsey e Nadel (2019, p. 131) indicam um artigo no jornal carioca *Correio da Manhã* sobre o que eles alegavam se tratar das “únicas mulheres jogando futebol”. De acordo com a matéria analisada pelos autores, um grupo organizou, no Aterro do Flamengo, quatro equipes de futsal – modalidade que não era considerada tão ameaçadora quanto o próprio futebol –, tendo que enfrentar uma grande oposição. A descrição dos pesquisadores continua contando que as jogadoras alegavam que “o mundo estava contra elas”, observando que suas mães eram as maiores opositoras ao interesse pelo esporte, isso porque se preocupavam com o fato de suas filhas serem prejudicadas ou “masculinizadas”, o que as jogadoras achavam uma bobagem. “Talvez o Aterro do Flamengo, o maior parque público do Rio, tenha sido público demais para as mulheres passarem despercebidas” (ELSEY E NADEL, 2019, p. 132).

Fora dos campos de futebol, temos como caso ilustrativo de resistência “Lea Linhares, judoca gaúcha com grande projeção da mídia da época, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul, [que] não teve seu título reconhecido porque era mulher” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 79). No judô, também há destaque para o nome de Soraia André, que participou das Olimpíadas de 1988 quando o esporte ainda possuía o status de exibição na competição.

Com isso, embora seja possível buscar diversos exemplos de mulheres que não se curvaram diante da tentativa de banimento do futebol feminino e da presença delas em outras modalidades, os decretos oficiais foram significativos na história da relação feminina com os esportes no Brasil. Bonfim (2019, p. 184) seleciona declarações de Carlota Rezende, que foi alvo da criminalização do futebol de mulheres, observando “o esforço da principal mentora do esporte bretão feminino carioca em constituir, naquele momento, uma nova narrativa de distanciamento entre a relação dela com o futebol”.

Para a autora, essa mudança de perspectiva reforçou uma perigosa naturalização nas décadas seguintes, que colocou o futebol, o esporte mais popular do Brasil, como algo antagônico às experiências e gostos das mulheres brasileiras.

Dona Carlota teria chegado à conclusão de que o mundo é muito ingrato e que não há merecimento para quem procura melhorá-lo... Isso é o que se deduz da sua declaração que fez a uma pessoa com a qual conversou na polícia central. A essa pessoa a 'leader' revelou o seu desejo de nunca mais se interessar pelo football. Nem mesmo pelo masculino (O JORNAL, 1941, p. 7, In; Bonfim, 2019, p. 184).

Foi apenas no final da década de 1970, mais precisamente em 1979 – algumas fontes também falam nos anos de 1980 e 1981 –, que o banimento do futebol feminino (e de outras modalidades) foi revogado, após um período em que, enquanto os clubes investiam e expandiam o futebol masculino, as mulheres lutavam pelo direito de praticarem o esporte. Elsey e Nadel (2019, p. 133) destacam que uma das características mais notáveis da efervescência do futebol feminino na década de 1980 foi sua estreita relação com o “dinâmico movimento feminista no Brasil”³. De acordo com os autores, as feministas brasileiras moveram “esforços notáveis para assumir a bandeira do esporte feminino” porque “identificaram sua exclusão do esporte nacional como uma parte importante de sua opressão”.

É possível realizar uma leitura histórica e social a respeito da colocação sobre o movimento feminista e a representatividade esportiva no que diz respeito aos avanços sociais reivindicados pelo feminismo. Isso porque a atuação e a inserção de mulheres em espaços considerados masculinos, como o campo esportivo e futebolístico, necessita – e necessitou no decorrer da história – de ações que visam a superação de barreiras impostas em decorrência da construção que se faz dos gêneros em diversas sociedades. Isto é, a divisão sexuada do mundo pretende designar papéis sociais para o feminino e o masculino, em uma visão binária, o que se reflete e resulta em ideias culturais a respeito de direitos e deveres em ambos os casos. Partindo do pressuposto colocado por Flávia Biroli (2017, p. 11), o patriarcado pode ser definido como um complexo heterogêneo, mas estruturado, “de padrões que implicam em desvantagens para as mulheres e permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas”, sendo “ativado, de forma concreta, nas instituições e nas relações cotidianas”.

³ A observação dos autores sobre a relação do esporte e com o feminismo brasileiro é uma das leituras capazes sobre esse cenário, que tem como possível perspectiva o fato de que discussões como democracia, violência, direitos trabalhistas, sexuais e reprodutivos eram mais presentes nas pautas do movimento feminista no Brasil.

Dessa forma, a divisão sexual do mundo é responsável pelo desenvolvimento e a manutenção de sociedades patriarcais, cujos papéis sociais de mulheres implicam em desvantagens e desigualdades, contexto a partir do qual florescem os movimentos feministas: tendo em vista o reconhecimento dessas desvantagens, as mulheres buscam, lutam e reivindicam a igualdade de direitos entre os gêneros.

Com isso, é importante ressaltar que a história do futebol feminino no Brasil é representativa no que tange a trajetória de lutas de mulheres. Basta pensar que um esporte que começou a ser praticado pelas mulheres no país na década de 1920 precisou superar diversos obstáculos para ser permitido e “recomeçar” seu desenvolvimento apenas na década de 1980. Enquanto a Seleção Brasileira masculina era tricampeã mundial (1958, 1962, 1970), conquistava seu espaço na cultura popular, construía a imagem de craques e ídolos de gerações, além de uma pauta midiática importante, as mulheres se encontravam à margem, buscando a oportunidade de praticar o futebol.

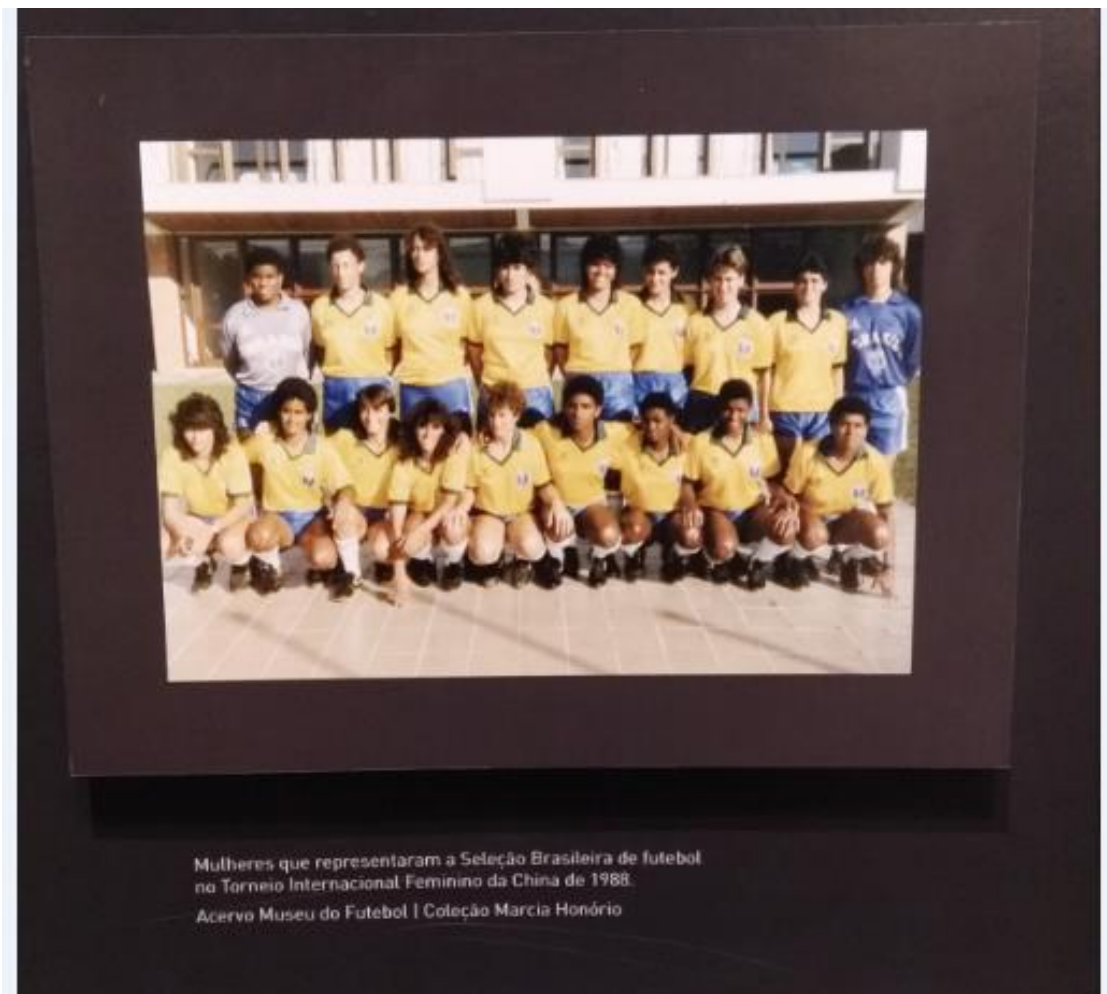
A partir do fim do banimento, o futebol feminino retomou sua trajetória após anos de clandestinidade e resistência. De acordo com Cunha (2016, p. 237), em 1981, foi criada a primeira liga de futebol feminino no Rio de Janeiro e, na mesma cidade, nasceu o Radar Futebol Clube, um dos grandes times brasileiros em que o esporte era praticado por mulheres, conquistando numerosos títulos nacionais (venceu todas as edições da Taça Brasil de Futebol Feminino) e internacionais. De acordo com Pisani e Almeida (2015, p. 3) a equipe carioca surgiu naquele ano como forma de pressionar a Confederação Brasileira de Futebol a regulamentar o esporte. As pesquisadoras ainda pontuam que, “na memória das futebolistas da época ainda paira a sensação de luta que aqueles anos representaram. Inicialmente como uma luta pela regulamentação do Futebol Feminino, mas que depois ganhou ares de luta por uma carreira de futebolista no país” (PISANI E ALMEIDA, 2015, p.3). A regulamentação do futebol de mulheres no Brasil, pelo Conselho Nacional de Desportos, aconteceu em 1983, com a deliberação CND nº 01/83:

Art. 1º - o futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional. Art. 2º - Só poderão participar de competições, campeonatos, torneios, ou partidas, ainda que como simples exibição, com ingresso pago, as associações desportivas filiadas às ligas ou federações. Art. 3º - é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo, até que a mesma seja regulamentada por lei. Art. 4º - As partidas de futebol feminino serão disputadas de acordo com as leis do jogo promulgadas pelo ‘International Foot-Ball Association Board’, observadas as exceções a seguir enumeradas: a- o campo de jogo, de forma retangular, não deverá exceder de 110 x 75

metros, recomendando-se, porém, a utilização de campos de 90 x 64 metros; b- a bola a ser utilizada, de número 4 (quatro), deverá ter, no máximo, 66 cm e, no mínimo, 62 cm de circunferência, devendo o seu peso oscilar entre 340 e 390 gramas; c- cada partida deverá ter a duração de 70 (setenta) minutos, divididos em dois tempos de 35 (trinta e cinco) minutos, separados por intervalos que não poderão ser inferiores a 15 (quinze), nem a 20 (vinte) minutos. [...] SALA DAS SESSÕES, 25 de março de 1983) CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA – Presidente do CND. (In: MAGALHÃES, 2008)

Outro marco importante da década de 1980 foi o surgimento, isto é, a primeira convocação da Seleção Brasileira de Futebol Feminino no ano de 1988. E foi a partir daí que uma história voltada a competições futebolísticas foi construída. Com pouca atuação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a base do time que disputaria uma “edição experimental” da Copa do Mundo organizada pela Fifa era o Radar FC, com alguns casos pontuais de jogadoras de fora – por exemplo, a baiana Sissi, que, mais tarde, tornaria-se uma das maiores jogadoras da história do país na modalidade. Naquele ano, o time se reuniu para o torneio da Fifa e teve como destino a China. Relatos de jogadoras da época contam que a equipe praticamente se conheceu no voo – apesar de as atletas do Radar já jogarem juntas. E, na ocasião, elas não tinham nem um uniforme feito para o grupo feminino: as camisas e calções eram do time masculino, por isso, as jogadoras tiveram que dobrá-los e atuar com as vestimentas largas, no tamanho errado.

Figura 4 - "Mulheres que representaram a Seleção Brasileira de futebol no Torneio Internacional Feminino da China em 1988"



Fonte: Acervo Museu do Futebol | Coleção Marcia Honório. Imagem capturada pela autora na exposição *CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol* (2019) realizada no Museu do Futebol.

Com a década de 1990, outro evento marcante para o futebol feminino se tornou realidade. Isso porque, se os Jogos Olímpicos, conforme descrito anteriormente, foram determinantes para afirmação da masculinidade associada aos esportes desde sua origem até o seu ressurgimento Era Moderna, em 1896, foi apenas em 1996, exatamente um século depois da primeira edição moderna em Atenas, na Grécia, que o futebol feminino estreou na competição. Naquele ano, o evento foi realizado em Atlanta, nos Estados Unidos. Em sua primeira participação, a equipe de Sissi, Formiga, Pretinha e companhia⁴ disputou a medalha de bronze, contra a Noruega, mas acabou ficando com a quarta colocação. Em Sidney, em 2000, uma nova derrota na disputa pelo bronze, contra a Alemanha, rendeu à seleção o quarto lugar.

⁴ A escalação da equipe para o jogo contra a Noruega foi: Meg, Marisa, Suzy, Fanta e Elane; Márcia Taffarel (Kátia Cilene), Formiga, Sissi (Nenê) e Sonia (Michael Jackson); Pretinha e Roseli.

Em uma competição continental, os Jogos Pan-Americanos, o Brasil colocou seu nome no mapa do futebol feminino mundial ao conquistar o título. Em 2003, sem muitos holofotes, chegou ao lugar mais alto do pódio, com a medalha de ouro, ao vencer a seleção canadense por 2 a 1.

Nas Olimpíadas de 2004, a seleção contava com o que ficou conhecido como a “geração Marta”, jogadora que estreou no time nacional um ano antes como promessa e, em 2018, foi eleita pela sexta vez a melhor jogadora do mundo pela Fifa, um ícone do futebol feminino mundial. Em uma reportagem⁵ exibida pelo programa da Globo, o Esporte Espetacular, no ano de 2019, destacou-se que os olhos da mídia em Atenas estavam voltados para a jogadora Milena Domingues, que era esposa de Ronaldo Nazário, um dos protagonistas da equipe masculina na conquista do quinto mundial em 2002, demonstrando como as pautas da imprensa trataram de estabelecer uma ligação e um critério de noticiabilidade masculino ao time feminino. Outro ponto que chama atenção na reportagem de Carol Barcellos é a desigualdade estabelecida pelas entidades responsáveis pelo futebol brasileiro naquela oportunidade, com a diferenciação da estrutura das equipes feminina e masculina oferecida na Granja Comary, local de concentração e de treinamentos da seleção brasileira. O técnico do time na época, Renê Simões, e as jogadoras Formiga e Milena contaram à reportagem que o primeiro dia de treinamento da preparação olímpica era na academia. Por isso, as atletas foram com o preparador físico fazer musculação, mas, chegando no lugar, a porta estava fechada, e o treinador quis saber qual era o motivo. A resposta foi que a aquele espaço era só para o time principal. Renê Simões conta, então, que exigiu que a porta fosse aberta, porque aquela era a seleção principal feminina do Brasil.

Assim, na competição de 2004, a equipe nacional chegou à final olímpica contra os Estados Unidos. Com a derrota por 2 a 1, o resultado foi uma medalha de prata e o primeiro pódio da história do futebol feminino. Naquela oportunidade, o discurso da mídia, do treinador e das atletas dizia que as brasileiras dominaram a partida, mas acabaram tomando o gol das americanas e perdendo o sonhado ouro. Uma reportagem⁶ veiculada pela Globo na época, que contou a história do jogo decisivo, questionou o futuro das atletas que garantiram um título histórico para a seleção, revelando um cenário

⁵ Reportagem: “Líder do time que trouxe os melhores resultados para o Brasil, Marta conta histórias de uma vida linda”. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7662027/>>. Acesso em 8 de março de 2020.

⁶ “2004 - Atenas: prata futebol feminino”. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5118366/>>. Acesso em 9 de março de 2020.

que se discute até os dias de hoje: a forma como a atenção é voltada para a seleção feminina em grandes eventos, como os Jogos Olímpicos, e não se mantém depois, com o esquecimento e a falta de estrutura para a profissionalização da modalidade. No material produzido pela Globo, é exibida a cena em que as jogadoras, em meio a comemoração pela medalha de prata, jogam para cima o técnico Renê Simões. Com isso, a fala do repórter em *off* na cena foi: “na prática, todas ali é que estão sendo jogadas para o alto. A maioria está desempregada. A bola agora está com os clubes, federação, CBF. Como levar essa medalha para o dia a dia de tantas brasileiras?”

Os Jogos Pan-americanos de 2007 tiveram o Brasil como sede e, segundo contam as jogadoras à reportagem de Carol Barcellos⁷, havia o medo que, durante a competição, a torcida não comparecesse ao estádio para assistir aos jogos das mulheres. A jogadora Formiga ressaltou que ouvia muito da imprensa que o futebol feminino era a modalidade que menos gerava procura de ingresso, que “jamais ia ter condições de lotar um estádio”. Mas não foi o que aconteceu na final contra as americanas, no Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. O palco da decisão contou com mais de 67 mil pessoas nas arquibancadas, público que pôde assistir uma goleada de 5 a 0 diante dos Estados Unidos, placar que rendeu ao time a medalha de ouro, o resultado de maior destaque da seleção brasileira até então. Na entrevista de Marta à reportagem⁸, a jogadora revela que sentiu que foi naquele momento que o povo brasileiro conheceu a seleção feminina de futebol.

Isto é, após 40 anos de proibição, de gerações de meninas e mulheres que não conseguiram se dedicar ao futebol por falta de apoio e estrutura, após a passagem para o século XXI e diante de uma nação considerada o “país do futebol” pela conquista de cinco títulos mundiais e a revelação de jogadores considerados craques na categoria masculina, apenas em 2007 Marta, que havia sido eleita a melhor jogadora do mundo pela segunda vez naquele ano, pôde falar que o Brasil foi apresentado a sua seleção feminina de futebol. Tal realidade é capaz de revelar a forma como o futebol, enquanto modalidade esportiva, além de fenômeno midiático, cultural e social, desenvolveu-se no país centrado nas desigualdades de gênero, destacadas pelo fator temporal, tendo em vista que a seleção masculina, e o futebol masculino como um todo – o que inclui clubes e federação –, fazia-se presente no dia a dia dos brasileiros e passou por um processo de inserção na realidade nacional no século XX. De acordo com Mühlen e Goellner (2012, p. 167), o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador:

⁷ Idem item 4.

⁸ Idem item 4 e 6.

Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem que se fazem presentes nos discursos médicos, familiares, religiosos, pedagógicos, jurídicos e, ainda, naqueles que circulam em diferentes outros meios de comunicação (MÜHLEN E GOELLNER, 2012, p. 167)

Uma reportagem⁹ veiculada pelo GloboEsporte.com em 2007 a respeito do título do Pan nos dá evidências de que, desde aquele período, o discurso das jogadoras envolvia o pedido por apoio ao futebol feminino em território nacional. Em entrevista, Marta declarou:

“Já vivi momentos emocionantes na minha vida. Com a medalha de prata na Olimpíada, com a premiação da Fifa de melhor jogadora do Mundo. Mas a final aqui no Maracanã foi um dia muito especial para mim (neste momento Marta começa a chorar). Não podemos deixar o futebol feminino assim, nesta situação. Há muitas mulheres ótimas no Brasil. Elas merecem todo o apoio do mundo. Espero que o futebol feminino melhore, que as jogadoras não passem mais por problemas daqui para frente”.

A matéria segue com a explicação que as jogadoras “estão cansadas de escutar apenas promessas” e que o Ministro dos Esportes, Orlando Silva, “prometeu se esforçar para organizar uma liga nacional de futebol feminino”, revelando a incipiência da modalidade praticada por mulheres no país, tendo em vista que não existia ao menos uma liga organizada que oferecesse a oportunidade para que atletas profissionais fossem formadas e jogadoras consagradas (no exterior) pudessem atuar em seu país.

Na mesma ocasião, após a conquista da medalha de ouro, a jogadora Formiga, que atuava nos EUA, também aproveitou para denunciar a realidade das mulheres brasileiras que jogavam futebol: “Ganhamos o resto do resto da sobra. Gostaria de jogar no Brasil, mas aqui não dá para sobreviver do futebol feminino”. Ao mesmo tempo, Kátia Cilene, que era contratada de um clube francês, declarou¹⁰: “Não queremos muito. Só um pouco. Espero que os empresários, os clubes, os políticos... que todos olhem para a gente com mais carinho. O futebol feminino mostrou no Pan que pode ser lucrativo e chamar a atenção do público”. E, mesmo em um contexto de comemoração pelo ouro, a goleira Andréia se mostrou sem esperança:

⁹ "RIO 2007: Consagração do futebol feminino". Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL79560-3873,00.html>>. Acesso em 9 de março de 2020.

¹⁰ Os trechos das entrevistas de Marta, Formiga, Kátia Cilene e Andréia foram destacados da reportagem citada no item 8.

“É sempre assim. Quando o futebol feminino vai bem em uma competição, surgem as mesmas reclamações e, do outro lado, vem as promessas. Foi assim quando conquistamos o ouro no último Pan em Santo Domingo, quando ganhamos a medalha de prata na Olimpíada de Atenas. E vai ser agora. Mas nada muda. Não acredito mais”.

Em 2008, nas Olimpíadas de Pequim, Marta, Formiga e Cristiane eram símbolos da geração em busca da medalha de ouro olímpica. Depois dos resultados destacados nas edições anteriores e nos torneios continentais, as atletas brasileiras chegaram à China entre as favoritas, mas a história se repetiu: ao encarar a seleção americana na final, ficaram com a medalha de prata. Novamente, o discurso foi de que o resultado não refletiu com justiça a dinâmica da peleja. Isso porque o Brasil atacou o jogo todo, sem sucesso nas finalizações, levou a partida para a prorrogação e acabou tomando o gol. Ao mesmo tempo, em um cenário sociocultural em que o esporte é um espetáculo pautado pela competitividade, a noção reproduzida da repetição da derrota em uma final foi marcante para o time que buscava afirmação perante o público, os pares e a imprensa. Dessa forma, a campanha que levou a equipe ao segundo lugar, ao pódio com uma medalha de prata, é lembrada pela perda do ouro e pela falta de um primeiro lugar olímpico. Com isso, a “geração Marta” acabou tachada pela ausência de um título em escala mundial, e uma imagem afastada das “glórias” da vitória é carregada pela seleção feminina.

Em 2011, a equipe que representou o Brasil conquistou mais uma medalha de prata, dessa vez contra o Canadá, em uma partida final em que ganhava de 1 a 0, mas tomou o gol, levou o jogo para prorrogação e perdeu na disputa de pênaltis. No ano seguinte, nas Olimpíadas de Londres, capital da Inglaterra, a seleção brasileira teve sua pior campanha na competição: não chegou à semifinal e caiu nas quartas diante do Japão. Já em 2015, no Pan de Toronto, no Canadá, as mulheres que representaram o Brasil venceram as colombianas por 4 a 0 na partida final, conquistando a medalha de ouro do torneio continental pela terceira vez em cinco edições.

As Olimpíadas de 2016 foram disputadas em solo brasileiro, o que significou uma pressão a mais para as atletas que defenderam a seleção nacional: o simbolismo de vencer “em casa”, diante de sua própria torcida, é grande no futebol.

Nesse torneio, um fenômeno que Costa (2019) chama de “Guerra dos Sexos” pôde ser observado. Isso porque houve uma tendência de comparação do futebol masculino com o futebol feminino e, mais especificamente, de Marta com Neymar – o atleta destaque de cada um dos grupos. O time feminino começou a competição vencendo a China por 3 a 0. Na segunda partida, aplicou uma goleada de 5 a 1 contra a Suécia.

Enquanto isso, a estreia do masculino havia sido com um empate por 0 a 0 diante da África do Sul. Mas foi na partida seguinte, contra o Iraque, em que o jogo se encaminhava para o desfecho e mais um 0 a 0, que a maior parte da torcida presente no estádio Mané Garrincha, em Brasília, gritou em coro o nome de Marta. “Se por um lado ter seu nome acionado pode ser compreendido como uma forma de elogio à Marta, por outro também podemos tomar essa atitude como um tipo de provocação a Neymar ao se insinuar que uma mulher deveria estar em seu lugar” (COSTA, 2019, p. 6).

Com um 0 a 0 contra a África do Sul fechando a fase de grupos, a seleção brasileira feminina se classificou para as semifinais ao derrotar a Austrália nos pênaltis. No entanto, caiu diante da Suécia e perdeu para o Canadá por 2 a 1 na disputa pela medalha de bronze. Para Costa (2019, p. 9), que analisou a construção da imagem de Marta feita pelos jornais O Globo e Folha de São Paulo, “o fim da possibilidade de uma conquista do ouro olímpico é visto não somente como uma derrota esportiva, mas como um resultado que pode desestimular o incentivo ao futebol feminino, tanto por parte da CBF quanto dos torcedores”.

No ano de 2019, o futebol brasileiro não participou dos Jogos Pan-americanos. No caso feminino, por conta da regra da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) de que a seleção campeã da Copa América 2018 se classificaria para a Copa do Mundo de 2019, na França, e conquistaria uma vaga nas Olimpíadas seguintes de Tóquio. Com isso, Argentina, Colômbia e Paraguai foram habilitadas para a disputa do Pan por terminarem a competição do terceiro ao quinto lugar. Já o Brasil, campeão, ficou com a classificação para os outros dois campeonatos. O título de 2018 fez com que a seleção brasileira se tornasse heptacampeã da Copa América, torneio em que é soberana: dos oito disputados desde 1991 (1991, 1995, 1998, 2003, 2006, 2010, 2014, 2018) o Brasil venceu sete.

É possível observar que a história do futebol feminino no Brasil nasceu de um momento mundial em que mulheres se aproximaram de espaços considerados masculinos, mas que, justamente por essa construção que valida a masculinidade nos esportes, estratégias baseadas em discursos patriarcais e reforçadas por estruturas de poder, como as leis, fizeram com que décadas dessa trajetória fossem marcadas pela luta em busca do direito de participação e da oportunidade da prática do futebol. Dessa forma, o debate atual, diante do momento pós reinserção, construção de uma seleção nacional e disputa de campeonatos continentais e mundiais, seria pelo desenvolvimento de uma liga nacional que possibilitasse às brasileiras uma estrutura profissional no país. Por esse

ponto também passa a discussão acerca de performances voltadas a resultados em competições como Copa do Mundo e Olimpíadas, tendo em vista que o primeiro lugar do pódio se revela como um espaço de reafirmação da identidade brasileira em sua relação com o esporte e, especialmente, o futebol. Conforme elaboram Grant and Stothart (2000, p. 268, tradução nossa), o ideal de esporte para todos vai lutar para sobreviver em um sistema que reflete e celebra um *ethos* profissional em que a vitória é a característica dominante.

4 Copa do Mundo de Futebol Feminino: do início aos dias atuais

Após a onda mundial de proibição do futebol de mulheres, foi necessária a revogação das legislações que possibilitaram tais decisões para que o esporte pudesse se desenvolver de fato. Isso porque as imposições proibitivas não significaram o fim da prática, mas uma continuidade que representou uma atitude de resistência, de reivindicação pela oportunidade de jogar futebol, a qual não viabilizou, por exemplo, um processo de profissionalização. Entre o final da década de 1970 e o início da de 1980, diversos países derrubaram suas determinações, o que, segundo Dunmore e Murray (2014, p. 243), não foi uma decisão “totalmente altruísta”, tendo em vista que “as associações estavam preocupadas porque não tinham controle sobre o futebol feminino agora que ele estava se tornando popular”. Dessa forma, os autores pontuam que campeonatos locais foram organizados na Ásia e na Europa entre 1975 e 1984.

Nesse contexto, a Federação Internacional de Futebol entrou em cena, e o ano de 1991 ficou marcado na história pela realização da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino oficial. No entanto, uma série de questões precisa ser levantada ao analisarmos esse cenário. Primeiramente, embora a oficialização tenha ocorrido nesta data, diversos campeonatos independentes da entidade máxima do futebol foram organizados e, de certa forma, mostraram ao mundo a existência e a resistência do futebol feminino.

Em 1970, a competição que foi considerada a primeira Copa do Mundo não oficial de futebol feminino teve a Itália como sede. Kieran Theivam e Jeff Kassouf, no livro *The Making of the Women's World Cup: Defining stories from a sport's coming of age* (A realização da Copa do Mundo Feminina: definindo histórias a partir da maioridade de um esporte, em tradução livre), publicado em 2019, pontuam que, nesse torneio, que contou com a participação de seleções europeias e apenas o México de fora do continente, a Dinamarca derrotou as anfitriãs na final diante de aproximadamente quarenta mil torcedores em Torino. No ano seguinte, o campeonato não autorizado foi recebido pelo México – o país havia sido palco do tricampeonato mundial do Brasil em 1970. Apenas seis seleções participaram da competição: Argentina, Dinamarca, Inglaterra, França, Itália e México, que foram divididas em dois grupos, jogando na Cidade do México e em Guadalajara. Theivam e Kassouf (2019) afirmam que ingressos baratos e uma rica cultura ligada ao futebol no México geraram um interesse sem precedentes, com a estimativa de mais de cem mil torcedores presentes no Estádio Azteca para ver a Dinamarca, novamente, vencer as anfitriãs na final. De acordo com os autores, o patrocinador – e não a FIFA – poderia ter agradecido por assumir as despesas e viabilizar o evento.

Na década seguinte, novos torneios independentes da federação seguiram reunindo seleções de maneira não oficial e ficaram conhecidos como “Mundialitos”. Dunmore e Murray (2014, p. 243) pontuam que cinco edições foram realizadas entre 1982 e 1988 na Itália e no Japão; em 1987, foi em Taiwan e contou apenas com equipes convidadas.

Theivam e Kassouf (2019) narraram um episódio marcante em seu livro, contando que, em 1986, a norueguesa Ellen Wille compareceu ao 45º Congresso da FIFA na Cidade do México para reivindicar mudanças com relação ao futebol feminino; isso porque a entidade máxima do futebol “não estava fazendo o suficiente pelo o jogo” das mulheres, e “Wille precisava convencer um grupo de mais de cem homens disso”. Em sua apresentação no evento, a norueguesa chamou atenção para o fato de que nenhum dos documentos do Congresso sequer mencionava o futebol feminino, e “já era hora” das mulheres terem sua própria Copa do Mundo e participarem do Torneio Olímpico de Futebol. Ainda de acordo Theivam e Kassouf (2019), o presidente da entidade, João Havelange, concordou com sua colocação e, em 1988, um evento teste batizado de Feminino da FIFA para Convidadas (*FIFA Women's Invitational*) foi realizado na China com 12 equipes de seis continentes, as quais disputaram o torneio que a Noruega venceu, derrotando a Suécia por 1 a 0 na final, com um gol de Linda Medalen. Para os autores, no entanto, o resultado mais importante foi o sucesso geral do torneio, que contou com apoio nas arquibancadas. Foi a partir daí que a Federação Internacional de Futebol decidiu realizar a primeira Copa feminina em 1991.

Todavia, apesar do grande passo que foi contar com o apoio, a organização e a oficialização da Fifa, existem pontos críticos a serem analisados a respeito do campeonato mundial. Até então, embora os eventos citados tenham sido pioneiros e responsáveis por mostrarem ao mundo que o futebol de mulheres queria seu espaço e estava disposto a reivindicá-lo, poucas seleções tinham condições de participar dessa iniciativa, além do fato de que muitas das jogadoras não competiam em um nível profissional. E esse cenário se refletiu também no momento em que a Fifa despertou para o futebol feminino.

Conforme analisam Theivam e Kassouf (2019), uma versão feminina da Copa do Mundo havia chegado, e as expectativas eram inexistentes. Os autores ressaltam que era quase impossível observar as adversárias, já que os jogos geralmente não eram oficiais, e a internet não era difundida como nos dias de hoje. Embora as seleções europeias tivessem oportunidades para se conhecerem, inclusive por conta da proximidade territorial, países como Estados Unidos, Brasil, Nigéria e Nova Zelândia foram os únicos representantes de

seus respectivos continentes. Para Theivam e Kassouf (2019), eles foram amplamente “largados” para desenvolver seus próprios estilos.

Outro ponto levantado pelos autores é que 1991, na prática, também foi um evento teste e sequer contou com o nome de Copa do Mundo naquela época. A empresa de confeitaria Mars Inc. (que fabrica o chocolate M&M) foi a patrocinadora do torneio oficialmente batizado como "Primeiro Campeonato Mundial da FIFA de Futebol Feminino para a Copa M&M" (*First FIFA World Championship for Women's Football for the M&Ms Cup*). Theivam e Kassouf (2019) avaliam que a falta do termo "Copa do Mundo" foi vista pelas jogadoras como um sutil indício de que a Fifa não tinha tanta certeza sobre a realização do evento, além da precaução em não tirar o prestígio da celebrada Copa do Mundo masculina ao conferir esse nome à competição feminina.

Até mesmo as regras foram adaptadas para a competição feminina o que, segundo os autores, reforçou as suspeitas das jogadoras de um olhar sexista voltado ao futebol de mulheres. A “Copa do Mundo” de 1991 durou apenas duas semanas, de 16 a 30 de novembro, e contou com 12 países. Para traçar um paralelo, o torneio masculino organizado no ano anterior foi disputado em um mês inteiro (8 de junho a 8 de julho), com o dobro de equipes participantes, ou seja, 24 países. Ao invés do padrão de 90 minutos de uma partida de futebol, as mulheres puderam jogar apenas 80, em dois tempos de 40 minutos (somente cinco a menos em cada uma das etapas). Em uma entrevista concedida a *Sports Illustrated*¹¹, uma das principais revistas esportivas dos Estados Unidos, a americana April Heinrichs, que jogou pelo seu país naquele ano, ironizou a medida: “Eles temiam que nossos ovários caíssem se jogássemos os noventa”.

Naquele primeiro campeonato, a seleção americana levantou a taça ao vencer a Noruega na final por 2 a 1. A seleção brasileira, que tinha Roseli, Adriana, Márcia Taffarel e Pretinha entre suas representantes¹², venceu a primeira partida por 1 a 0 diante do Japão, gol da zagueira Elane – primeiro gol brasileiro da história em uma Copa feminina. Mas, ao perder para Estados Unidos e Suécia, acabou ficando com o terceiro lugar do grupo que classificava duas seleções (nesse caso, foram as duas seleções diante

¹¹ “Start of something big”. Disponível em: <<https://www.si.com/longform/soccer-goals/goal4.html>>. Acesso em 3 de abril de 2020.

¹² Meg, Rosa Lima, Marisa, Elane, Marcia Silva, Fanta, Marilza, Solange, Adriana, Roseli, Cenira, Miriam, Márcia Taffarel, Nalvinha, Pretinha, Doralice, Rosangela Rocha, Maria Lúcia e Fernando Pires (técnico) defenderam a seleção brasileira naquele ano – e 16 das 18 jogadoras eram representantes do carioca Radar Esporte Clube.

das quais foi derrotada). Em entrevista ao site Dibradoras¹³, a meio-campista Márcia Taffarel contou como foi para ela e suas companheiras, naquela época, o período pré-Copa:

“Larguei o emprego que eu tinha na Fundação Bradesco para jogar o primeiro Mundial. Tivemos 10 meses de treinamento na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, no Rio de Janeiro. Folgas só aos finais de semana e nossa diária era em torno de 15 dólares. Fizemos amistosos contra times masculinos e femininos, jogamos contra o juvenil do Fluminense, do Vasco. Mas era um treinamento simples, de correr pelo complexo, jogar ali mesmo, comer a mesma comida do pessoal do Exército”.

Conforme apontado por Taffarel, na preparação para o campeonato de 1991, as mulheres da seleção brasileira contaram com a estrutura da Escola de Educação Física do Exército, na cidade do Rio de Janeiro, mesmo que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tenha fechado o convênio para construção do centro de treinamentos (CT) da Granja Comary para a seleção em 1983, com inauguração em 1987. O Centro de Treinamento Heleno Nunes foi construído em uma parceria da CBF com a Prefeitura de Teresópolis, município do interior do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com matéria de 1983 disponível no acervo digital do jornal O Globo¹⁴, o projeto previa uma área de mais de 142 mil metros quadrados com três campos de futebol, ginásio esportivo, departamento médico, sala de musculação para os atletas e espaço de concentração. O mesmo texto também afirma que Otávio de Moraes, presidente da Associação Garantia do Atleta Profissional, viajaria para o México a fim de estudar as estruturas e projetos das concentrações construídas para a Copa do Mundo de 1970.

É possível observar por meio desses registros históricos que, enquanto o futebol feminino começava a ser praticado oficialmente (ou lutava por essa oportunidade), as entidades e associações oficiais ofereciam as condições necessárias para que a seleção masculina tivesse as melhores estruturas possíveis, as quais, apesar de serem propriedade da CBF, eram negadas à seleção principal feminina. O uso das instalações era restrito aos homens.

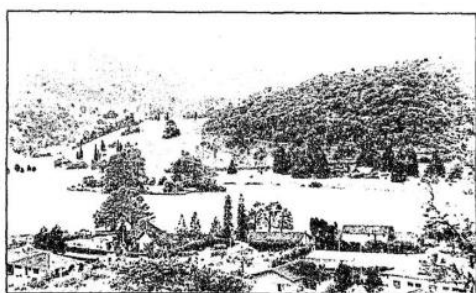
O questionamento para esse fato seria: se o CT era da confederação, por qual motivo a seleção de mulheres brasileiras não usufruiu desse espaço? Diante do cenário

¹³ “Copa do Mundo Feminina: conheça o histórico dos Mundiais”. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/07/17/copa-do-mundo-feminina-conheca-o-historico-dos-mundiais/>>. Acesso em 3 de abril de 2020.

¹⁴ “CBF define construção de vila em Teresópolis”. Disponíveis em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1987-geisel-inaugura-granja-comary-12716601>>. Acesso em 5 de abril de 2020.

sociocultural da época, os indícios apontam para decisões pautadas nas desigualdades de gênero, levando em conta os mesmos apontamentos de Theivam e Kassouf (2019) de que o torneio de 1991 também foi uma espécie de teste, repleto de demonstrações de descrença por parte da Fifa – como o próprio nome do campeonato e as mudanças das regras da modalidade. Com isso, a CBF demonstrou seguir a postura de desconfiança e disparidade adotada pela entidade internacional.

Figuras 5 e 6 - Matérias do jornal *O Globo* sobre a construção da Granja Comary (1983 e 1987, respectivamente)



Todo o verde da Granja Comari será conservado para os atletas

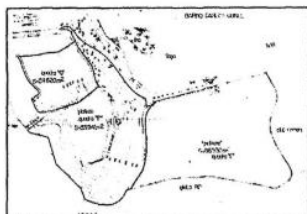
CBF define construção de vila em Teresópolis

O Presidente da CBF, Giulite Coutinho, e o Prefeito de Teresópolis, Celso Dalmaso, assinaram ontem, na CBF, o convênio para a construção de uma Vila Olímpica na Granja Comari, no prazo de 24 meses, numa área com 142.271 metros quadrados, com três campos de futebol, ginásio, departamento médico, sala de musculação e concentração.

Dentro de 18 meses, segundo compromisso assumido pela CBF, estará construída a concentração — antes disso, a entidade deverá apresentar os projetos para a construção dos campos de futebol e de três áreas de treinamento, pela qual se responsabiliza a Prefeitura de Teresópolis, Otávio de

Morais, e Luís Carlos Calomino. O grupo terá sua primeira reunião no próximo dia 26 e já ficou acertado que Otávio de Moraes viajará ao México, para estudar as concentrações construídas para a Copa de 1970, e que até hoje são muito elogiadas.

Morais, e Luís Carlos Calomino. O grupo terá sua primeira reunião no próximo dia 26 e já ficou acertado que Otávio de Moraes viajará ao México, para estudar as concentrações construídas para a Copa de 1970, e que até hoje são muito elogiadas.



No "pelouse" haverá três campos

CBF inaugura em Teresópolis a concentração da seleção brasileira

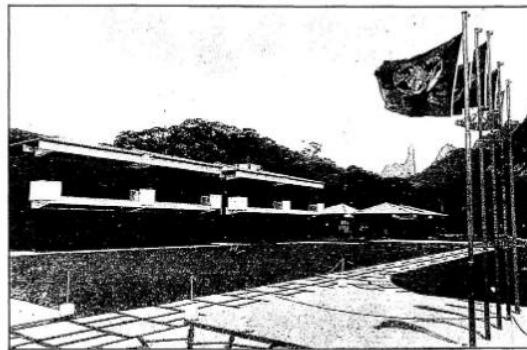
O Centro de Treinamento Heleno Nunes, a concentração que a CBF e a Prefeitura de Teresópolis construíram para as futuras seleções brasileiras, foi inaugurado ontem, com um programa de solenidades que começou com a concessão do Hino Nacional e o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Estado, da Pátria e da CBF. Depois, as autoridades e convidados se dirigiram à entrada principal do Centro de Treinamento Heleno Nunes para o desceramento das placas comemorativas da inauguração, a bênção do prédio, dada pelo padre Nivaldo Dias, e o corte simbólico da fita inaugural, que foi feito pelo ex-Presidente da República, Ernesto Geisel, e a Sra. Maria Luiza Fuentes Nunes, viúva do ex-Presidente da CBF, Heleno Nunes, o grande idealizador da obra.

Além dos anfitriões — o Presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, e toda a diretoria da entidade, além do Prefeito de Teresópolis, Celso Dalmaso, e seu secretário —, compareceram o Presidente do CND, Manoel Tubino — que representava o Presidente da República, José Sarney, e o Ministro da Educação, Jorge Bernabassen. Algumas autoridades federais e estaduais convidadas não puderam ir, o que aconteceu também com o Presidente da FIFA, João Havelange, que foi representado por seu assessor Carlos Alberto Pinheiro. O Governador do Estado se fez representar pelo Secretário Estadual de Esporte e Lazer, Professor João Alberto Barreto. Apenas 20 Presidentes de Federações foram à inauguração, e dos clubes brasileiros apenas Botafogo, Vasco, América e Flamengo estiveram presentes.

O ex-Presidente Ernesto Geisel elogiou a obra e disse que o Centro de Treinamento Heleno Nunes será importante para o futuro do futebol brasileiro e também para a cidade de Teresópolis. O ex-Presidente Geisel e torcedor do Botafogo e falou de seu clube com entusiasmo: — Acho que o Botafogo agora vai melhorar muito. O Presidente do CND, Manoel Tubino, disse que tinha aceito um convite para se reunir com os Presidentes de Federações, mas como elas deram entrada em uma ação judicial contra o CND, não há mais condições de qualquer encontro. Um incidente entre o Presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, e o Presidente da Federação Baiana, Antônio Pinho, por causa da substituição do árbitro Carlos Sérgio Rosa Martins, no jogo Bahia e Palmeiras, hoje, na Fonte Nova, teve que ser controlado pelo Vice-Presidente Nabil Abi Chedid e outros dirigentes. Otávio e Pinho quase chegaram à Vila de fato.



À frente do ex-Presidente Geisel, Otávio Pinto Guimarães aplaude o desceramento das placas comemorativas



O Centro de Treinamento Heleno Nunes, complexo que vai servir de concentração às futuras seleções brasileiras

“CBF define construção de vila em Teresópolis” e “CBF inaugura em Teresópolis a concentração da seleção brasileira”, matérias do jornal *O Globo* publicadas em 23 de dezembro de 1983 e 01 de fevereiro de 1987, respectivamente. Fonte: Acervo digital *O Globo*¹⁵.

Quatro anos depois, em 1995, o palco do campeonato mundial foi a Suécia — primeiro país a sediar mundiais de futebol feminino e masculino. Doze seleções concorreram ao título em 14 dias (5 a 18 de junho) de competição: Nigéria (única representante africana), Austrália (estreante), China, Japão, Dinamarca, Inglaterra (estreante), Alemanha, Noruega, Suécia, Canadá (estreante), Estados Unidos e Brasil (única representante sul-americana). Dessa forma, as diferenças no formato entre a

¹⁵ Disponíveis em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1987-geisel-inaugura-granja-comary-12716601>>. Acesso em 5 de abril de 2020.

disputa feminina e masculina se mantiveram com relação ao paralelo¹⁶ 1990/1991: a Copa de 1994, em que a seleção brasileira masculina conquistou o tetra, contou com 24 times em um mês de jogos (17 de junho a 17 de julho). As novidades da edição ficaram por conta do retorno das partidas com duração de 90 minutos, além dos três pontos como valor das vitórias – na anterior, valiam dois.

Naquele ano, foram três grupos com quatro equipes, e o Brasil novamente teve que enfrentar Suécia e Japão, com a Alemanha como nova adversária. O elenco que disputou o campeonato tinha algumas jogadoras conhecidas, como as meias Pretinha e Márcia Taffarel, a zagueira Elane e a goleira Meg. Ao mesmo tempo, foi a primeira Copa de nomes como Leda Maria, Tânia Maranhão, Michael Jackson e as lendárias craques Sissi e Formiga.

A estreia das comandadas de Ademar Fonseca foi com vitória: 1 a 0 diante da Suécia com o gol de Roseli. No embate seguinte, contra o Japão, uma derrota por 2 a 1, com o tento brasileiro marcado por Pretinha. No encontro com a Alemanha, a goleada sofrida – 6 a 1, sendo o gol brasileiro de Roseli – foi responsável por deixar o Brasil em último no grupo, o que significou a eliminação da competição.

Com isso, o torneio seguiu e, ao vencer a China nas semis, a Alemanha pegou a Noruega na final, que havia eliminado a seleção dos Estados Unidos, campeã do último mundial. Na partida decisiva do dia 18 de junho de 1995, as norueguesas venceram as alemãs por 2 a 0 no estádio Råsunda, em Solna, no condado de Estocolmo.

Em 1999, o mundial feminino chegou ao continente americano com os Estados Unidos sediando a terceira Copa do Mundo da Fifa. Dessa vez, foram 16 seleções: Gana, Nigéria, China, Japão, Coreia, Austrália, Dinamarca, Alemanha, Itália, Noruega, Rússia, Suíça, Canadá, México, Estados Unidos e Brasil (única seleção representante da América do Sul). O período do campeonato também foi estendido em comparação com a edição anterior – do dia 19 de junho até 10 de julho – com 32 partidas disputadas. Outro recorde batido foi a média de gols por partida: 3,84, em um total de 123.

A seleção brasileira, naquele ano, era composta pelas já conhecidas Tânia Maranhão, Elane, Kátia Cilene, Formiga, Pretinha e Sissi, além de Maravilha, Nenê, Cidinha, Suzana, Fanta, Grazielle, Raque, Marisa, Priscila, Valéria, Deva e novos nomes

¹⁶ Vale ressaltar que a ideia não é comparar o futebol masculino com o feminino, mas sim entender de que forma a Federação Internacional de Futebol (Fifa) estabeleceu parâmetros distintos para competições equivalentes de uma mesma modalidade apenas pela diferenciação de gênero dos competidores.

como Juliana Cabral, Maycon e goleira Andreia. O elenco que tinha como técnico Wilson Oliveira enfrentou, na fase de grupos, Alemanha, Itália e México.

Na partida de estreia, o Brasil goleou o México por 7 a 1, com três gols de Pretinha, três de Sissi e um de Kátia. Em seguida, mais uma vitória, dessa vez, um 2 a 0 diante da Itália, os dois tentos com assinatura de Sissi em Chicago. E, para confirmar a classificação, um 3 a 3 com a Alemanha – gols de Kátia, Sissi e Maycon. Com a vaga na próxima fase, a seleção já fazia uma campanha sem precedentes, que ainda foi coroada com o primeiro lugar no grupo e nenhuma derrota.

Nas quartas de final, a Nigéria ficou para trás em um jogo em que Cidinha, duas vezes, e Nenê garantiam o empate por 3 a 3 até a cobrança de falta histórica de Sissi na prorrogação. Com o 4 a 3, o Brasil conquistava a vaga para as semifinais. Com isso, as adversárias da vez eram as donas da casa.

No dia 4 de julho de 1999, a seleção brasileira enfrentou os Estados Unidos no *Stanford Stadium*, em São Francisco, na Califórnia, diante de mais de 73 mil pessoas, segundo registros da Fifa.¹⁷ Com 2 a 0 no placar, as americanas seguiram para a final, e o Brasil para a disputa do terceiro lugar contra mais uma campeã, a Noruega. Dessa vez, em uma decisão por pênaltis – convertidos por Cidinha, Kátia, Maycon, Nenê e Formiga –, as brasileiras garantiram a terceira colocação na Copa do Mundo. Além disso, a camisa 10, Sissi, ganhou a bola de prata da Fifa e, ao lado da chinesa Sun Wen, consagrou-se artilheira do campeonato com sete gols marcados.

Na final, com um público que ultrapassou 90 mil, segundo a Fifa¹⁸, e com cerca de 40 milhões de americanos assistindo pela televisão¹⁹, de acordo com o *The New York Times*, China e Estados Unidos ficaram no 0 a 0 e lavaram a decisão para os pênaltis. Com todas as cobranças convertidas, os Estados Unidos levantaram, pela segunda vez, em casa, o título da Copa do Mundo de Futebol. Naquela oportunidade, um gesto, que se espalhou pelo mundo por meio de uma foto, ficou imortalizado na história do campeonato. Última a cobrar o pênalti, Brandi Chastain marcou o gol que fez da sua

¹⁷ Estados Unidos x Brasil. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=4651/match=22181/index.html#nosticky>>. Acesso em 17 de abril de 2020.

¹⁸ Estados Unidos x China. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=4653/match=22183/index.html#nosticky>>. Acesso em 17 de abril de 2020.

¹⁹ *The Sports Bra Seen Round the World Has New Meaning 20 Years Later*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/07/05/sports/soccer/brandi-chastain-womens-world-cup-image.html>>. Acesso em 19 de abril de 2020.

equipe campeã do mundo. Em sua comemoração, a zagueira tirou a camisa e se jogou no gramado.

Figura 7 - Comemoração da zagueira americana Brandi Chastain



Fonte: Fifa

Figura 8 – Foto que rodou o mundo e marcou a Copa do Mundo de 1999



Fonte: Fifa

Uma mulher, jogadora de futebol, campeã do mundo, que tirou a camisa e ficou com um top esportivo em um evento com mais de 90 mil pessoas, de proporções mundiais e transmitido por meios de comunicação de massa, foi o bastante para chocar e marcar a história do esporte feminino pelo gesto de ousadia, de transgressão e espontaneidade.

Palco da decisão, o estádio *Rose Bowl*, em Pasadena, está localizado na Califórnia, estado natal da zagueira Brandi Chastain, que nasceu em San José e começou sua relação com as atividades físicas por meio do balé, mas logo, aos oito anos, passou a se dedicar ao futebol. Titular durante a Copa do Mundo, Chastain converteu o último pênalti do campeonato, aquele que garantiu ao seu time o segundo título mundial – um grande feito para uma zagueira.

Naquela época, questionamentos e críticas foram feitos. Muitas pessoas consideraram um ato desrespeitoso, e houve quem dissesse que a reação da jogadora foi motivada por um contrato com a marca do top, o que ela garantiu em diversas entrevistas que não era verdade, pois se tratou de algo que aconteceu no momento. Ao mesmo tempo, aquele acontecimento emblemático para o esporte americano foi entendido como um ato de libertação, de uma resposta para quem não acreditava que mulheres podiam ocupar um espaço relevante no futebol. Até hoje, Brandi Chastain é procurada pela imprensa para lembrar o momento. Existiram diversas tentativas – mal-sucedidas – de compra do seu top, que chegou a ser exibido no *Sports Museum of America* em Nova Iorque.

Diversas leituras podem ser feitas a partir desse fato, isso porque o corpo feminino foi consagrado como um símbolo no decorrer do tempo, desde sua ligação com um significado sagrado relacionado à reprodução até a sua exibição enquanto um ato de protesto e libertação. Quando o assunto é o esporte, a simbologia e a relação com o corpo feminino podem ser lidos de maneiras distintas no decorrer da história. De acordo Goellner (2005), no início do século XX, o fortalecimento por meio da exercitação física era visto como uma maneira de preparar as mulheres para uma boa maternidade. No entanto, a prática do futebol, considerado um esporte violento e perigoso para as mulheres, ficava de fora das atividades recomendadas para o bem-estar feminino. Temia-se, por exemplo, que esse esporte masculinizasse as mulheres, como se essa prática fosse capaz de descaracterizar o corpo feminino e viesse carregada não só com valores, mas com atributos masculinos a ponto de transmiti-los para aquelas que jogassem futebol. Conforme explicita Goellner (2005, p. 148), “os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e estas os

define”. Para a autora, essa leitura pressupõe a existência de uma essência masculina e/ou feminina considerada natural e imutável. No entanto, Goellner pontua que, a esta concepção, opõe-se a que afirma ser o gênero uma construção social e, por assim ser, admite, para cada polo da unidade binária (masculino/feminino), diferenças significativas. Com isso, a autora continua o raciocínio:

Partindo das teorizações pós-estruturalistas, esse olhar sobre os gêneros, inaugurado pela historiadora norte-americana Joan Scott, rompe significativamente com a noção de que exista um único jeito masculino ou feminino de ser. A masculinização das mulheres pelo futebol, portanto, só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada um dos dois polos contém. Representa, ainda, admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve se realizar de forma a evitar que sejam transpostos alguns limites culturalmente construídos e identificados como inerentes a cada gênero. Assim, se o futebol não pode masculinizar deve, no sentido inverso, reforçar sua feminilização. Nesse contexto, feminizar as mulheres é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso dos seus corpos. É também construir uma narrativa que ressalta a beleza, a graciosidade e a sensualidade como seus maiores atributos, reforçando, portanto, uma representação hegemônica de feminilidade (GOELLNER, 2005, p. 148).

Dessa forma, as leis mundiais que proibiram o futebol feminino basearam-se em argumentos falsamente científicos ligados ao corpo e à saúde das mulheres. Com o tempo, o ressurgimento do futebol e o desenvolvimento do esporte feminino em outras modalidades, a sexualização e o foco na beleza das mulheres em detrimento de suas qualidades esportivas se tornaram realidade. A partir desse contexto, Goellner (2005, p. 148) analisa que a espetacularização do corpo feminino é aceita e incentivada em determinados locais sociais, em especial aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade. Dessa forma, a transformação dos atributos físicos de mulheres em espetáculo é normalizada em situações em que é notável a reprodução de valores de uma feminilidade socialmente estabelecida, tais como corpos que exibem padrões de beleza, posições que demonstram submissão, delicadeza e sedução. A normalização ocorre, em especial, se a representação espetacularizada desse corpo for voltada ao público masculino, e a posição da mulher estiver ligada a um processo de objetificação. Aqui, entendemos objetificação como manifestações de inferiorização e banalização de figuras femininas por meio de imagens e retratos que colocam em primeiro plano seus atributos físicos, normalmente sexualizados, desconsiderando fatores que compõem as mulheres

enquanto indivíduos – ou seja, um retrato feminino enquanto objeto de desejo, sem opiniões, valores, senso crítico, crenças e etc.

Em oposição a essa forma de representação, Goellner (2005, p. 148) pontua que, em outros locais sociais, “como o campo de futebol ou as arenas de lutas, essa espetacularização direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos performantes”. Para a autora, esse tipo de cenário se desenvolve, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é transformada pelo exercício físico e pelo treinamento, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. A partir de tal apontamento, é possível observar a forma como a construção da identidade padronizada e estereotipada de figuras femininas se dá a partir da oposição ao masculino. E, nesse cenário, o futebol, quando praticado por mulheres, aparece como um elemento que coloca em xeque tal condição estabelecida, isso porque, com a prática do esporte, além de ocupar um espaço construído como masculino, as mulheres usam seus corpos, enquanto atletas, não para uma função socialmente estabelecida para elas (como a reprodução ou o prazer masculino), mas para o exercício esportivo, e transformam sua aparência corporal por meio da atividade, transformação que acontecia, anteriormente, apenas com corpos masculinos.

Transpondo tal linha de análise para o acontecimento protagonizado por Brandi Chastain em 1999, é possível entender que a imagem do corpo atlético feminino em uma posição de liberdade, em que a jogadora comemorou uma vitória, causou estranhamento por quebrar com padrões estabelecidos de feminilidade e por romper com os espaços sociais designados para mulheres. Ao mesmo tempo, o fato também pode ser lido como uma quebra necessária, uma demonstração de libertação e independência – um corpo que não serve aos outros – celebrada por aqueles que consideraram o gesto um símbolo do empoderamento feminino no contexto do futebol.

Quatro anos depois, em 2003, os Estados Unidos receberam novamente a competição, isso porque a China, sede originalmente selecionada, passava por uma epidemia do vírus que causava a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), situação que fez a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar um estado de alerta internacional.

Naquele ano, do dia 20 de setembro a 12 de outubro, a Copa do Mundo contou, novamente, com 16 seleções – metade do número de equipes que, no ano anterior, disputaram o torneio masculino – dos cinco continentes: Gana, Nigéria, Austrália, China,

Japão, Coréia do Sul, Coréia do Norte, França, Alemanha, Noruega, Rússia, Suécia, Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina (pela primeira vez a seleção brasileira não era a única sul-americana do campeonato).

Com Paulo Gonçalves no comando técnico da seleção, a estreia de Marta, que ficaria conhecida como a rainha do futebol brasileiro, marcou a edição. O grupo que defenderia as cores do país também contou pela primeira vez com Cristiane e Rosana ao lado de jogadoras já conhecidas como Formiga, Maycon e Kátia Cilene. Faziam parte do elenco Andreia, Simone, Juliana Cabral, Tânia Maranhão, Renata Costa, Michele, Rafaela, Kelly, Giselle, Mônica, Renata Diniz, Daniela Alves, Priscila e Milene Domingues.

Na preparação para a Copa de 2003, já na Granja Comary, em Teresópolis, no Rio de Janeiro, os holofotes estavam voltados para Milene Domingues, jogadora do clube espanhol Rayo Vallecano. Mas não era sua atuação no futebol internacional, suas capacidades técnicas ou o seu título de rainha das embaixadinhas que chamavam atenção da imprensa – Milene entrou para o Livro dos Recordes em 1997 por fazer 55.197 embaixadinhas com uma bola durante nove horas e seis minutos. Na época, a jogadora era casada com o também futebolista Ronaldo Nazário, pentacampeão pelo Brasil no ano anterior e eleito três vezes o melhor do mundo pela Fifa. Com a alcunha de “mulher de Ronaldo”, Milene era constantemente descrita por meio de seus atributos físicos e recursos financeiros, além do nítido interesse por sua vida pessoal por conta de seu marido.

Uma matéria do jornal Folha de S.Paulo²⁰, do dia 3 de setembro de 2003, descreveu a atleta como “loira, linda e rica”, narrando que Milene recebeu do elenco o apelido de “barbie” e acrescentando que “a pilhéria das colegas é só uma amostra de que, na Granja Comary, [...] Milene é praticamente uma estranha no ninho”. Além disso, o conteúdo do jornal destaca que a jogadora não havia sido convocada por seus méritos ou por sua qualidade: “O técnico do time, Paulo Gonçalves, por exemplo, nunca viu a mulher de Ronaldo jogar. Ele disse que a convocou por sugestão da direção da CBF”. Depois, uma declaração do treinador: “Na semana passada, eles me perguntaram o que eu achava da ideia [de convocá-la]. Eles acham que a presença dela aumenta a divulgação do nosso trabalho. Isso aconteceu. Hoje, vocês [jornalistas] estão todos aqui. Agora, vamos observá-la”. Após citar aspectos relacionados a sua beleza e a sua vida conjugal, a

²⁰ “Milene vira ‘barbie’ na seleção”. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0309200302.htm>>. Acesso em 22 de abril de 2020.

construção narrativa do conteúdo expõe que sua convocação foi pautada pelo interesse em sua visibilidade midiática, consequência de sua relação com o marido jogador.

A matéria segue levantando outras questões, como a situação financeira da atleta e a menção a sua maternidade:

Figura 9 – Trecho da matéria da Folha de S.Paulo, de 2003, sobre Milene Domingues

“

Ao contrário de suas companheiras, Milene não tem problemas financeiros. Quase 20 das 26 convocadas vive da ajuda de custo paga pela CBF. Quando a seleção está em atividade, a CBF paga R\$ 30 por dia para cada atleta.

"Esse é o sustento delas. Quando o dinheiro sai, todas vão correndo ao banco mandar a grana para a família", disse Gonçalves.

Para Milene, dinheiro não é problema. Ela abriu mão da ajuda de custo da CBF. Atleta do Rayo Vallecano (Espanha) e comentarista de um programa esportivo na Itália, a meia ganha cerca de US\$ 10 mil mensais. Como não bastasse, o seu marido tem um dos salários mais altos do futebol mundial -receberá cerca de US\$ 18 milhões nesta temporada.

Além de Milene, apenas outras duas jogadoras que atuam fora do país (Kátia Cilene e Daniela Alves, nos EUA) ganham bem. Kátia Cilene recebe US\$ 35 mil mensais e teve uma chuteira com seu nome lançada no mercado americano.

Mãe, Milene também não terá muito o que conversar com as suas amigas sobre Ronald, 3. Só a volante Rafa já teve filho. A mulher de Ronaldo divide o quarto com uma típica adolescente, a goleira Gisele, 19 -que tem um piercing na língua e não treinou alegando dor no dente siso que está nascendo.

Milene também ficou ontem fora do trabalho com as colegas. Enquanto o time realizava um treino tático, ela, com uma chuteira número 35 da grife do marido, corria para aprimorar o condicionamento. Terá menos de uma semana para garantir uma vaga no Mundial -e vai disputá-la com as meias Marta e Formiga, destaques da seleção.

”

Fonte: “*Milene vira ‘barbie’ na seleção*”, matéria publicada em versão digital no dia 3 de setembro de 2003 na seção de esporte do jornal paulista.

A primeira questão a ser destacada é o fato de a matéria normalizar a condição que a maioria (20 das 26, segundo o material) das convocadas se encontrava: as melhores jogadoras de futebol do Brasil recebiam uma ajuda de custo de 30 reais por dia e direcionavam o valor para suas famílias, cenário que demonstra que mesmo após três

Copas e alguns anos de desenvolvimento da modalidade, a situação de mulheres que escolhiam o futebol como profissão passava longe de ser fácil, confortável ou rentável. Como essa realidade era a regra, o salário de Milene, mais alto do que o das demais, era acrescido ao faturamento milionário de seu marido, e esse discurso colocava em cheque sua participação naquele contexto, como uma *outsider* naquele mundo de mulheres que precisavam do trabalho para viver.

Logo em seguida, a matéria faz referência a uma suposta dificuldade de Milene conversar com suas colegas de elenco sobre o filho porque apenas uma delas também era mãe. Trazer o tema maternidade em um conteúdo da seção de esportes é especialmente simbólico, tendo em vista o espaço que tal tema ocupa na relação histórica das mulheres com o esporte e o futebol. Um dos pontos mais proeminentes nas justificativas acerca da proibição do futebol feminino nas décadas anteriores era de que a prática do futebol era prejudicial ao corpo das mulheres, podendo prejudicar a capacidade reprodutiva daquelas que jogassem. Portanto, realçar a maternidade de uma atleta cuja visibilidade é relacionada ao marido e assinalar que as demais não possuem filhos retoma a simbologia por trás de ideias do passado.

O fato de ser uma das duas mães do elenco reforça o papel que o conteúdo quer atribuir à Milene, o de *outsider*. Em um material que constantemente se refere à atleta como “mulher de Ronaldo”, trazendo à tona seu casamento, seu lugar de esposa e a definindo a partir de sua relação com um homem, também recorre a uma consequente maternidade, completando a narrativa patriarcal que destaca as funções de esposa e mãe como definidoras do papel social da mulher na sociedade. Dessa forma, quando, na matéria, o assunto é o lugar de Milene como jogadora de futebol, como uma atleta profissional, essa posição é questionada com a declaração do treinador que nunca a viu jogar (colocando em dúvida sua qualificação), com a alegação de que ela seria “uma estranha no ninho” e com o destaque ao fato de que a jogadora não precisava do dinheiro oferecido às atletas convocadas.

Em outro texto datado do mesmo dia na Folha de S.Paulo²¹ (3 de setembro de 2003), o veículo fez um “pingue-pongue” com a jogadora, formato de entrevista de perguntas e respostas curtas e rápidas. Foram três questões feitas a Milene. A primeira questionou o que ela achou de receber o apelido de “barbie” das outras jogadoras. A atleta respondeu: “Querida muito ter a cintura dela [risos]. É engraçado. Quando era pequena nunca brinquei

²¹ "Gostaria de ter a cintura dela", brinca jogadora. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0309200303.htm>>. Acesso em 23 de abril de 2020.

com a boneca. Sempre arrancava a cabeça dela para jogar bola. Agora, tudo bem. No campo, não posso ser tão *barbie* assim. Senão, vou apanhar muito”. Com isso, é possível observar que Milene, embora tenha encarado com bom humor a situação, direcionou sua fala para o afastamento dessa figura feminina de suposta fragilidade representada pela boneca, mostrando sua inclinação para a atividade que estava ali para exercer: o futebol.

Em seguida, a Folha questionou se a jogadora ia receber a ajuda de custo diária de R\$ 30 da CBF às jogadoras. Milene respondeu que não queria receber nada: “Quero que esse dinheiro seja para outra necessidade do futebol feminino”. Por último, a pergunta foi se jogadora ia se encontrar com Ronaldo na Granja Comary. E a resposta de Milene foi direta: “Não penso nisso. Quando quero namorar, fico em casa. Aqui, só treino”, em mais uma tentativa de voltar o assunto ao seu lugar de jogadora naquele momento.

Diante desse cenário envolvendo a jogadora do Brasil, é válido observar que esses conteúdos foram veiculados alguns dias antes do início da Copa do Mundo, o que pode dar pistas sobre a visibilidade do campeonato no país e os aspectos priorizados como critérios de noticiabilidade quando a pauta era o futebol feminino.

Na competição, a seleção brasileira ficou no Grupo B ao lado de Noruega, França e Coreia do Sul e, diante desta última, estreou com uma vitória por 3 a 0, com dois gols de Kátia e um de Marta, o primeiro da jogadora em Copas. No embate seguinte, goleada contra a campeã do mundo Noruega: 4 a 1 com gols de Daniela, Rosana, Marta e Kátia. Por fim, para fechar a fase de grupos e garantir a classificação em primeiro lugar, um empate por 1 a 1 com a França – gol de Kátia Cilene.

Nas quartas de final, dia primeiro de outubro de 2003, com um público de mais de 25 mil pessoas²², a eliminação da seleção brasileira se deu por conta de um 2 a 1 contra a Suécia – gol de Marta. As suecas chegaram à partida da semifinal, em que derrotaram as canadenses por 2 a 1. O outro embate da chave foi entre Estados Unidos e Alemanha, e a equipe europeia venceu as donas da casa por 2 a 1.

Na final do dia 12 de outubro, a Alemanha conquistou seu primeiro título de campeã mundial ao derrotar por 2 a 1 a Suécia. O fato curioso da partida foi que a decisão se deu por meio do gol de ouro de Nia Künzer na prorrogação. Por fim, a seleção americana ainda garantiu a terceira posição ao derrotar o Canadá, e o Brasil terminou em quinto.

²² *Brasil 1x2 Suécia*. Disponível em: -
<<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=69290300/match=69290026/index.html#nosticky>>. Acesso em 1 de maio de 2020.

A quinta edição da Copa do Mundo retornou à China em 2007, em um torneio que manteve o número de 16 seleções: Gana, Nigéria, Austrália, China, Japão, Coreia do Norte, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Suécia, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, Argentina e Brasil foram as classificadas e, entre 10 e 30 de setembro daquele ano, disputaram 32 partidas. A novidade do campeonato foi que, pela primeira vez, as seleções receberiam premiações da Fifa em dinheiro.

No chaveamento da fase de grupos, a equipe brasileira caiu no D ao lado das donas casa, a China, além de Dinamarca e Nova Zelândia. Jorge Barcellos era o técnico do elenco que contava com a jogadora eleita pela Fifa a Melhor do Mundo de 2006, Marta. O prêmio foi conquistado pela brasileira quando tinha 20 anos de idade em sua terceira indicação – em 2004, ficou em terceiro lugar e, em 2005, em segundo. Na época, a alagoana de Dois Riachos jogava pelo clube sueco Umea. Junto de Marta, Andréia, Elaine, Aline, Tânia Maranhão, Renata Costa, Rosana, Daniela Alves, Formiga, Maycon, Cristiane, Mônica, Grazi, Kátia Cilene, Simone, Daiane, Pretinha, Michele, Ester e Thaís foram as convocadas para representar o país na Copa do Mundo, formando um dos grupos mais fortes que o Brasil já teve na competição.

A estreia da seleção brasileira em Wuhan, capital da província de Hubei, foi com goleada. Daniela, Cristiane, Marta duas vezes e Renata anotaram seus nomes no 5 a 0 diante da Nova Zelândia e de um público de mais de 50 mil pessoas segundo dados oficiais da Fifa²³. O embate seguinte, contra a seleção anfitriã da competição, reuniu 54 mil²⁴ pessoas no *Wuhan Sports Center Stadium*. Com dois gols de Marta e dois de Cristiane, a vitória foi por 4 a 0. E, para encerrar a primeira fase da competição com 100% de aproveitamento, Pretinha marcou o único gol do 1 a 0 contra a Dinamarca.

Nas quartas de final, o Brasil teve pela frente a Austrália. O jogo estava empatado em dois a dois – um tento anotado por Formiga e o outro por Marta – até que Cristiane marcou o seu e garantiu a vaga do Brasil à semifinal. E as adversárias da vez eram as americanas, bicampeãs do mundo. No dia 27 de setembro de 2007, no *Hangzhou Dragon Stadium*, em Hangzhou, capital da província chinesa de Zhejiang, com um público de

²³ *New Zealand* 0-5 *Brazil*. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=248549/match=56331/index.html#nosticky>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

²⁴ *Brazil* 4-0 *China* *PR*. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=248549/match=56328/index.html#nosticky>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

mais de 47 mil pessoas²⁵, as mulheres brasileiras conquistaram um placar histórico: 4 a 0 contra os Estados Unidos. Com um gol contra de Osborne, dois de Marta e um de Cristiane, em uma campanha sem precedentes, a seleção feminina garantiu a vaga para a final contra a Alemanha – primeira vez que um país sul-americano chegava a essa fase.

Outro marco que cercou a vitória por goleada contra os Estados Unidos foi a transmissão em televisão aberta no Brasil. Os direitos de transmissão de campeonatos da Fifa foram comprados pela Rede Globo, que exibiu as partidas apenas na rede por assinatura, no canal pago *SporTV*. No entanto, em um acordo, houve o repasse do direito para a Bandeirantes, que, com a narração de Luciano do Valle, exibiu a partida na rede aberta e liderou em audiência na faixa de horário – a média foi de seis pontos de audiência, com 14 e pico de 18 na final contra os Estados Unidos, segundo dados do Ibope divulgados em uma reportagem do portal Uol²⁶. O mesmo material, que reproduz os índices do Ibope, pontua que, na partida final, a Band liderou em audiência na Grande São Paulo – a Globo chegou a nove pontos – e essa marca foi a maior da emissora naquele ano todo.

O quarto gol do Brasil, segundo de Marta, é lembrado até os dias atuais como um dos mais bonitos e marcantes da história do futebol feminino. A partida final entre Alemanha e Brasil foi disputada no *Shanghai Hongkou Football Stadium*, na cidade chinesa de Xangai. Com o placar de 2 a 0, as alemãs levantaram o troféu da Copa do Mundo pela segunda vez consecutiva – outra conquista inédita da Alemanha foi vencer o mundial sem tomar nenhum gol.

No Brasil, o discurso hegemônico da mídia era de frustração e lamentação, narrativa reforçada com o destaque dado ao fato de a craque Marta ter perdido um pênalti no segundo tempo do jogo. No jornal paulista *O Estado de S. Paulo*, a capa de primeiro de outubro de 2007, dia seguinte da derrota, trazia uma imagem que mostrava a goleira alemã defendendo o pênalti de Marta com as palavras “Adeus Copa. Brasil é vice” em destaque. No caderno de esportes, o título da matéria foi “Que pena, Brasil!”. Já na *Folha de S. Paulo*, a capa trazia uma imagem de Marta em destaque, com a mão no rosto, e a manchete: “Alemanha vence Brasil na final do mundial de futebol feminino”. No caderno

²⁵ *USA 0-4 Brazil*. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=2000001014/match=56334/index.html#overview#nosticky>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

²⁶ *Acusado de "não ter apelo", futebol feminino dá Ibope há pelo menos 10 anos*. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/08/26/acusado-de-nao-ter-apelo-futebol-feminino-da-ibope-ha-pelo-menos-10-anos-101658.php>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

de esportes, as imagens de Marta perdendo o pênalti por dois ângulos diferentes e o título “Alemanha faz brasileiras acordarem”. Por fim, o jornal O Globo estampou em sua capa a manchete “Ainda não foi dessa vez...”, com a imagem das brasileiras em primeiro plano e as alemãs comemorando ao fundo. No caderno de esportes, a publicação apresentou, na primeira página, uma relação entre as derrotas da seleção brasileira feminina e dos clubes cariocas Vasco, Botafogo e Fluminense. Com isso, o título dizia: “Tipos de derrotas”, seguidas de adjetivos para cada uma das equipes. Para a seleção, “honrosa”, para Vasco, Botafogo e Fluminense, “polêmica”, “vergonhosa” e “irritante”, respectivamente. Por fim, havia as matérias que contaram as histórias de cada um. A das mulheres brasileiras veio por último, com o título: “Meninas pedem socorro: ‘Precisamos de apoio’”. Isso porque, para as jogadoras, a derrota na final também foi uma oportunidade para pedir ajuda ao futebol feminino nacional.

Figura 10 – Jogadoras brasileiras fazem apelo por apoio ao futebol feminino



“Brasil, precisamos de apoio”. Fonte: GloboEsporte.com

Como a Copa do Mundo de 2007 era o primeiro campeonato com premiação para as equipes, as jogadoras resolveram reivindicar o valor de cerca de 800 mil dólares a que tinham direito por conta da segunda colocação, tomando uma iniciativa que cobraria as entidades responsáveis por diversos outros fatores relacionados à estrutura da modalidade

no país. Uma reportagem do GloboEsporte.com²⁷ do dia primeiro de outubro de 2007 relatou o acontecimento, contando que as jogadoras “redigiram uma carta à CBF exigindo mais apoio”. Segundo o material, o documento foi preparado após a final, no hotel de Xangai, na China, e “assinado por todas as 21 atletas que disputaram o Mundial e, segundo elas, enviado por fax para a sede da entidade [Confederação Brasileira de Futebol] no Rio de Janeiro”. A reportagem foi aberta com a afirmação: “as jogadoras da seleção brasileira feminina de futebol cansaram de esperar e resolveram agir”.

Com isso, o conteúdo assinado por Thiago Lavinias, enviado especial do GloboEsporte.com a Paris, narrou detalhes da reação das atletas logo após a final inédita. De acordo com a matéria, muitas das jogadoras não dormiram naquela madrugada por conta da reivindicação que formulavam, pois tinham receio de que o futebol feminino fosse esquecido novamente no Brasil, assim como aconteceu após a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2004, após a qual não houve incentivo à modalidade. A reportagem contou que “no saguão do aeroporto de Paris, onde a seleção fez escala antes de seguir para o Brasil, as jogadoras que atuam no futebol nacional chamaram o supervisor Paulo Dutra e o chefe da delegação Raimundo Nonato e comunicaram a decisão”. Com isso, em uma reunião de uma hora, ambos receberam uma cópia do documento que tinha como destinatária a CBF.

A matéria do GloboEsporte.com seguiu enumerando as reivindicações das atletas brasileiras:

1. Clareza nas premiações

“Entre as reivindicações mais sérias, as jogadoras cobram clareza em relação às premiações. Querem saber antes de qualquer competição oficial os valores que serão pagos caso a seleção fique em primeiro ou segundo lugar. E cobram também a divisão da premiação paga pela entidade organizadora da competição. Na Copa do Mundo, por exemplo, a CBF vai receber da Fifa US\$ 850 mil (R\$ 1,54 milhão) pelo vice-campeonato. As atletas afirmam desconhecer quanto caberá a cada uma delas”.

2. Posição sobre premiações anteriores

“A equipe também exige uma posição sobre a premiação da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, que ainda não foi paga, assim como a do Sul-Americano de Mar del Plata, disputado no fim do ano passado. Até o valor recebido pela medalha de prata na Olimpíada de Atenas em 2004 (que só foi pago dois anos depois) é questionado no documento.

²⁷ *Seleção feminina cobra prêmio e apoio.* Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/0,,MUL140068-9352,00-SELECAO+FEMININA+COBRA+PREMIO+E+APOIO.html>>. Acesso em 7 de maio de 2020.

Ele seria menor do que o prometido pelo patrocinador da CBF na época”.

3. Pagamentos

“Outra reivindicação está no atual valor das diárias das atletas, que é de R\$ 35 (no Brasil) e US\$ 35 (R\$ 63 - no exterior), sem considerar o desconto de impostos como o INSS. A quantia não é reajustada desde 2004. As jogadoras não possuem carteira assinada e afirmam que não é repassado nenhum tipo de comprovante do pagamento durante o período de treinos”.

4. Problemas de infraestrutura

“As jogadoras reclamaram da falta de suplemento alimentar, que, segundo o documento, foi cortado no início de 2007 por contenção de despesas. Elas também questionam a proibição da utilização da academia durante o período dos treinamentos e das competições”.

5. Alimentação durante a Copa

“O Brasil era a única seleção de ponta na Copa do Mundo sem um cozinheiro na China. As jogadoras sofreram por causa do forte tempero e emagreceram ao longo da competição, o que chamou a atenção da comissão técnica. O treinador Jorge Barcellos chegou a ir para a cozinha tentar mostrar como deveria ser preparada a comida para as atletas. Além disso, a seleção não levou alimentos típicos brasileiros como o feijão. Segundo as atletas, a falta de uma alimentação ideal prejudicava na recuperação muscular após as partidas, o que fez a meia Formiga sofrer com câibras após dois jogos”.

6. Frequência de jogos

“Algo que também incomoda é a falta de amistosos. Elas pedem que a equipe jogue mais e não se reúna apenas para disputar competições, como acontece atualmente. A próxima partida da equipe, por exemplo, só seria daqui a seis meses: em abril, contra Gana, valendo vaga nos Jogos Olímpicos de Pequim. Até lá, a comissão técnica está liberada”.

A reportagem ainda aponta para o descontentamento com relação aos calções e camisas: “Outro fato que desagradou as jogadoras foi a CBF não ter liberado as camisas e os calções dos jogos. As meninas exigem receber daqui para frente todos os uniformes usados durante a competição com os seus nomes”. Por fim, a posição da CBF ganhou espaço no conteúdo. Resumidamente, a entidade afirmou que iria fazer um “pagamento casado” do mundial junto com o valor do Pan, além de explicar que está disposta a negociar o valor das diárias das jogadoras, ressaltar que vem investindo “muito” no futebol feminino (“cerca de US\$ 2 milhões por ano”) e alegar que “desconhece o motivo para os uniformes de jogo não terem sido liberados para as atletas”.

Diante do cenário retratado pela reportagem, é possível observar que as mulheres que se destacam e se destacaram pelo futebol no Brasil, ou seja, aquelas que vestem a

camisa da seleção brasileira e disputam torneios como a Copa do Mundo, moviam esforços e valiam-se da visibilidade midiática – em menor ou maior escala – para reivindicar itens básicos necessários a atletas de alta performance, como alimentação e vestuário esportivo. Jogadoras como Marta, Formiga e Cristiane representavam – e ainda representam – histórias de sucesso no universo de futebol de mulheres, já que são consideradas algumas das maiores da história na modalidade. Ainda assim, não dispunham de apoio financeiro ou estrutural para contribuir com o avanço do futebol de mulheres no Brasil – o campeonato brasileiro de futebol feminino, por exemplo, teve sua primeira edição em 2013.

Naquela Copa do Mundo de 2007, mesmo sem o título de campeã, Marta ganhou a bola de ouro ao ser eleita a melhor jogadora da competição, e Cristiane ficou com a bola de bronze. A artilharia também foi conquistada por Marta, que marcou sete gols no torneio.

Em 2011, a sexta edição do mundial teve a Alemanha como sede e, seguindo o formato das anteriores, contou com 16 seleções: Guiné Equatorial, Nigéria, Austrália, Japão, Coreia do Norte, Inglaterra, França, Alemanha, Noruega, Suécia, Canadá, México, Estados Unidos, Nova Zelândia, Brasil e Colômbia (nova representante da América do Sul). As partidas foram disputadas entre 26 de junho e 17 de julho. Nesse mundial, apenas 86 gols foram marcados, com a menor média (de 2,7) por partida de todas as edições, o que pode ser apontado como um indício de equilíbrio entre as seleções e desenvolvimento da modalidade – já que não houve um desnivelamento tão grande.

Em 2011, o grupo brasileiro manteve boa parte do elenco vice-campeão com a presença de Andréia, Bárbara, Maurine, Daiane, Aline Pellegrino, Rosana, Ester, Formiga, Marta, Cristiane, Érika, Fabiana, Tháís Guedes, Renata Costa, Beatriz, Francielle, Elaine, Daniele, Thais Picarte, Grazielle e Roseane. O técnico era Kleiton Lima.

No grupo D, do Brasil, também estavam Austrália, Noruega e Guiné Equatorial. No primeiro jogo, contra a seleção australiana, um público de mais de 27 mil pessoas²⁸ viram Rosana marcar e fazer 1 a 0 para o Brasil. No embate seguinte, um 3 a 0 contra a Noruega, com dois de Marta e um de Rosana. E, no terceiro jogo, dessa vez com dois gols

²⁸ *Brazil* *1-0* *Australia*. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=255997/match=300144430/index.html#nosticky>>. Acesso em 9 de maio de 2020.

de Cristiane e um de Érika contra a Guiné Equatorial. Com o primeiro lugar do grupo – 3 vitórias e 9 pontos –, a equipe estava classificada para as quartas de final.

A adversária da vez era a seleção dos Estados Unidos. Depois de derrotar as bicampeãs na semifinal da edição anterior, o encontro com as americanas aconteceu nas quartas, no dia 10 de julho. Dessa vez, a partida foi mais dramática. Os EUA abriram o placar com um minuto de bola rolando, e o empate do Brasil veio com Marta ainda no primeiro tempo. Com o 1 a 1, o jogo foi para a prorrogação, e Marta, outra vez, fez o gol da virada. Mas, aos 16 minutos da segunda etapa da prorrogação, o gol dos Estados Unidos levou a decisão para os pênaltis. Completando 5 gols contra 3 – a goleira Hope Solo defendeu a cobrança de Daiane, enquanto Cristiane, Marta e Francielle converteram as suas –, a seleção americana levou vantagem e se classificou para as semifinais.

Contra a França, os Estados Unidos venceram por 3 a 1, mesmo placar que classificou o Japão do outro lado da chave contra a Suécia. A final do dia 17 de julho de 2011, na cidade alemã de Frankfurt e com um público de mais de 48 mil pessoas²⁹ no estádio, foi entre americanas e japonesas – que já haviam eliminado a dona da casa e bicampeã Alemanha nas quartas. Com o empate por 2 a 2 no tempo regulamentar, a campeã mundial seria definida por meio da cobrança de penalidades. Assim, fazendo 3 a 1, o Japão se tornou a primeira seleção asiática a vencer a Copa do Mundo de Futebol Feminino da Fifa. A japonesa Homare Sawa também conquistou a bola de ouro e a chuteira de ouro ao ser eleita a melhor jogadora da competição e, com cinco gols marcados, a artilheira isolada do torneio.

No que diz respeito a cobertura midiática, é necessário apontar para a tendência de designar o papel de “musa” a jogadoras. Especialmente, nesse contexto, para a goleira americana Hope Solo e, em muitos casos, a atacante Alex Morgan. O título da matéria do GloboEsporte.com que noticiava o título da seleção japonesa em 2011³⁰ trouxe: “Nem musas, nem Obama: Japão bate EUA nos pênaltis e vence o Mundial”. E a linha-final completou: “Após 2 a 2 com prorrogação, equipe sensação do torneio bate os Estados Unidos das musas Solo e Morgan. Presidente americano torceu pelo Twitter”. Em outros portais, a associação com a ideia de musa também pode ser observada. Um trecho da

²⁹ *Japan* 2-2 *USA*. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womensworldcup/matches/round=255989/match=300144437/index.html#nosticky>>. Acesso em 14 de maio de 2020.

³⁰ *Nem musas, nem Obama: Japão bate EUA nos pênaltis e vence o Mundial*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2011/07/japao-segura-pressao-americana-e-vencem-o-mundial-nos-penaltis.html>>. Acesso em 14 de maio de 2020.

notícia publicada pela ESPN a respeito da final³¹ trouxe: “A musa Hope Solo defendeu o pênalti de Nagasato, mas Miyama, Sakaguchi e Kumagai, no derradeiro, fizeram para o Japão, novo campeão mundial feminino”.

Com isso, é possível retomar a ideia que associa o âmbito esportivo à estética feminina. Os casos de Brandi Chastain em 1999, Hope Solo e Alex Morgan em 2011 não são isolados. Temos como exemplo uma outra matéria do GloboEsporte.com, no mesmo ano de 2011, durante o período da Copa do Mundo, no dia 7 de julho³², com o seguinte título: “Loira ou morena? Zagueira e lateral disputam posto de musa da Seleção”. O material não apenas explora a questão da beleza das atletas, como discorre sobre suas vidas amorosas e como são vaidosas: “Quando não estão dentro de campo, as musas da Seleção fazem questão de se cuidar. A lateral, que é morena, revela que gosta de sair com maquiagem e o cabelo impecável”, narra o conteúdo³³.

Goellner (2015, p. 144) pontua que “[...] são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina”, características atribuídas ao futebol de mulheres durante muito tempo. Podemos interpretar tal tipo de abordagem midiática como uma possível tentativa de normatizar a imagem de mulheres que ocupam espaços considerados, social e historicamente, masculinos por meio de narrativas relacionadas à beleza, à vaidade e à heteronormatividade.

Ainda no âmbito midiático, a Copa de 2011 foi transmitida em rede aberta no Brasil pela Bandeirantes. A abertura do torneio, com Alemanha x Canadá, foi ao ar no domingo, dia 26 de junho, em uma gravação. Já a vitória da seleção nacional contra a Austrália, na estreia, foi transmitida ao vivo. Durante a competição, a média foi, novamente, de seis pontos³⁴. Na partida eliminatória contra os Estados Unidos, o índice de audiência foi de 11 pontos com pico de 14, a segunda maior audiência da Band no ano. Esses números pouco foram noticiados, mas não passaram despercebidos. Temos como exemplo uma

³¹ Nos pênaltis, Japão vence Estados Unidos e conquista título mundial inédito. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/203296_nos-penaltis-japao-vence-estados-unidos-e-conquista-titulo-mundial-inedito>. Acesso em 14 de maio de 2020.

³² *Loira ou morena? Zagueira e lateral disputam posto de musa da Seleção*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2011/07/loira-ou-morena-zagueira-e-lateral-disputam-posto-de-musa-da-selecao.html>>. Acesso em 14 de maio de 2020.

³³ A matéria do GloboEsporte.com e um levantamento mais completo sobre a representação midiática do futebol feminino podem ser encontradas no capítulo 5.

³⁴ *Acusado de "não ter apelo", futebol feminino dá Ibope há pelo menos 10 anos*. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/08/26/acusado-de-nao-ter-apelo-futebol-feminino-da-ibope-ha-pelo-menos-10-anos-101658.php>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

notícia de 2011 do Máquina do Esporte – mídia de negócios esportivos que produz conteúdo desde 2005 em parceria com o Uol e, em 2006, chegou à televisão com a BandSports –, cujo título apontava: “Derrota feminina leva Band à liderança no Ibope”³⁵.

A Copa do Mundo de 2015 foi disputada no Canadá. E, antes da bola rolar, uma grande polêmica envolvendo os gramados onde seriam disputadas as partidas do mundial ganhou os noticiários. Isso porque todos os campos eram de grama sintética ao invés de natural. O material era composto por plástico e borracha de pneu reciclada, o que significava um custo menor e uma manutenção facilitada. No entanto, alguns testes foram realizados por jogadoras das seleções em 2013, e o resultado foi divulgado por meio de imagens que exibiam as queimaduras e machucados causados pelo gramado. A jogadora dos Estados Unidos Sydney Leroux publicou em sua conta no Twitter:

Figura 11 – Postagem da jogadora Sydney Leroux Dwyer no Twitter em 2013 exibindo o resultado do teste do gramado artificial no Canadá



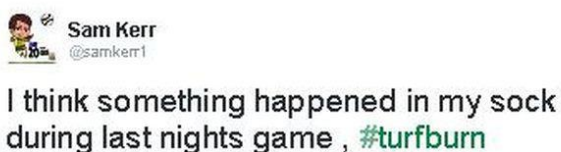
A jogadora escreveu na legenda “*This is why soccer should be played on grass*”, o que, em tradução livre, significa: “É por isso que o futebol deveria ser jogado na grama”. Fonte: Reprodução/Twitter

³⁵ *Derrota feminina leva Band à liderança no Ibope*. Disponível em: <https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/derrota-feminina-leva-band-a-lideranca-no-ibope_15570.html>. Acesso em 15 de maio de 2020.

Os machucados eram causados pelo contato do material do gramado artificial com a pele. Além disso, outro fator negativo era a sensação térmica, que aumentava ao limite do seguro, atingindo cerca de 50 graus. Com isso, as condições de jogo eram prejudicadas por conta do efeito do calor na performance das atletas, e as queimaduras tornaram-se recorrentes.

Diante desse cenário, foi noticiado que mais de 50 jogadoras das seleções classificadas para o mundial prepararam um requerimento direcionado à Federação Internacional de Futebol (Fifa) e à Associação Canadense de Futebol. A iniciativa, que contou com a assinatura da brasileira Marta, eleita, naquela época, cinco vezes a Melhor Jogadora do Mundo pela Fifa, sustentava uma posição contrária a realização dos jogos da Copa em gramado artificial, anexando três fotos de lesões das atletas no documento – além da imagem da jogadora americana, foram incluídas também as de Sam Kerr e Nadine Angerer.

Figura 12 – Publicação da australiana Sam Kerr exibindo o meião com sangue por conta das lesões causadas pelo gramado artificial



A jogadora escreveu na legenda “*I think something happened in my sock during last nights game, #turfburn*”. Em tradução livre para o português: “Eu acho que aconteceu alguma coisa com minha meia durante o jogo da última noite, #gramadoqueima”. Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 13 – Publicação da alemã Nadine Angerer, no Twitter, que divulgou a queimadura ocasionada pela grama sintética dos campos da Copa do Mundo da Fifa



A legenda dizia: “*Turf is so unbelievable healthy. Specially the newest generation! Can't wait to play the WWC 2015 #ironic*”. Em tradução livre para o português: “O gramado é tão inacreditavelmente saudável. Especialmente a mais nova geração! Não posso esperar para jogar a Copa do Mundo de 2015 #ironia”. Fonte: Reprodução/Twitter

Uma reportagem de cinco de novembro de 2014 do jornal espanhol *El País* (disponibilizada na página do *El País* em português)³⁶ afirmou que o conteúdo da reivindicação das atletas considerou a decisão com relação ao gramado “inerentemente discriminatória”, já que a grama natural era regra para os mundiais masculinos. Com isso, a matéria trouxe declarações da atleta espanhola Vero Boquete, que disse: “Duvidamos que o futuro do futebol, a nível masculino, seja sobre gramado artificial. As duas próximas Copas [masculinas] já estão confirmadas e são sobre grama natural. É discriminação”.

O requerimento das atletas também destaca que o gramado sintético “altera a forma como se joga o jogo”, “submete [as jogadoras] a um sério risco de lesão” e “desvaloriza sua dignidade, o respeito que sentem por si mesmas e seu equilíbrio mental”. Por fim, as

³⁶ *Grandes jogadoras contra o gramado artificial na Copa do Mundo*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/04/deportes/1415127870_147575.html>. Acesso em 18 de maio de 2020.

atletas concluem que tudo isso “é resultado da obrigação de fazê-las jogar em uma superfície de segunda categoria e diante de dezenas de milhares de espectadores no estádio e uma audiência televisiva global”.

A atleta espanhola, na entrevista concedida ao *El País*, complementa o conteúdo explicando que “o futebol muda de um gramado para outro”, que “os tempos de recuperação são diferentes pois, em campos artificiais, o desgaste muscular é muito maior”, o que seria “uma desvantagem”. Por fim, Vero analisa como tudo isso pode gerar uma queda de qualidade do futebol apresentado no campeonato, porque, já que as equipes não poderiam oferecer o máximo de cada uma, os espectadores veriam um futebol desvalorizado: “Quando você dá um carrinho ou cai em um campo de futebol artificial, as feridas são graves. Em nível muscular, a forma como a perna e o pé prendem-se ao campo são diferentes, as costas, os joelhos, os tornozelos sofrem mais... Condiciona”, pontua Vero.

A iniciativa desse grupo de mulheres repercutiu na mídia do mundo todo, que exibiu os machucados e evidenciou o tratamento desigual que a entidade máxima do futebol estava oferecendo ao futebol feminino e masculino. Outro fato bastante noticiado foi que a atitude das atletas não surtiu efeito porque as federações nacionais pressionaram as jogadoras para desistirem do processo e retirarem seus nomes dos documentos, o que muitas de fato fizeram. A reportagem do *El País* citou os casos da mexicana Teresa Noyola, que teria tido sua convocação ameaçada, e as francesas Camille Abily e Élise Bussaglia, as quais foram informadas que suas atitudes prejudicariam a candidatura da França para sediar a edição seguinte do mundial. A Federação Canadense negou que tenha existido qualquer tipo de represália.

Dessa forma, o mundial foi disputado em gramado artificial, mas não sem declarações negativas das jogadoras. As brasileiras evidenciaram em diversas entrevistas os problemas com a grama sintética. Em uma reportagem de 19 de junho de 2015³⁷, ou seja, durante a Copa, o portal de notícias Terra reproduziu a fala da atacante Cristiane: “A única coisa que talvez não esteja deixando a Copa ser um espetáculo como um todo acredito que seja a grama sintética. Isso atrapalha bastante”. A mesma matéria ainda lembra que as atletas brasileiras disseram que jogar com aquela grama artificial era o mesmo que “entrar em campo de salto alto”.

³⁷ *Grama sintética na Copa do Mundo feminina segue como alvo de críticas*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/grama-sintetica-na-copa-do-mundo-feminina-segue-como-alvo-de-criticas,f383302251b5a6852e916caa8d0f6f70t65iRCRD.html>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

O episódio da grama sintética é ilustrativo quando o assunto é a denúncia do tratamento desigual das entidades futebolísticas com relação a homens e mulheres no futebol. É importante ressaltar que as atletas inseridas nesse contexto não aceitaram e não se calaram diante do que consideravam condições precárias e injustas, no entanto, suas iniciativas se dissiparam, e uma das justificativas para isso é a represália das federações nacionais que impediram uma movimentação de reivindicações por melhores estruturas. A decisão de manter os campos artificiais, mesmo com o declarado descontentamento das jogadoras, não só prejudicou a qualidade do futebol exibido no principal campeonato da categoria, mas também colocou em risco a integridade física das atletas.

Na competição, a novidade da edição era a ampliação da quantidade de seleções de 16 para 24 nações representadas: Alemanha, Espanha, Suíça, Suécia, Noruega, Inglaterra, França, Países Baixos (Holanda), Austrália, China, Coreia do Sul, Japão, Tailândia, Nova Zelândia, Canadá, Costa Rica, Estados Unidos, México, Camarões, Nigéria, Costa do Marfim, Brasil, Colômbia e Equador.

Para o grupo brasileiro, o fato de existir a montagem de uma seleção permanente de futebol feminino representou um grande avanço, com a CBF arcando com os salários de jogadoras do elenco. O intuito dessa melhoria de estrutura se relacionava ao desejo de uma preparação mais bem-feita para a Copa e também para as Olimpíadas, que seriam disputadas no Rio de Janeiro no ano seguinte.

Com o técnico Vadão à frente do time, as convocadas para a disputa no Canadá foram: Luciana, Fabiana, Mônica, Rafinha, Andressinha, Tamires, Beatriz, Thaísa, Andressa Alves, Bárbara, Poliana, Géssica, Tayla, Rafaelle, Rosana, Raquel Fernandes, Maurine, Gabi Zanotti, Darlene, Letícia e o trio Marta, Cristiane e Formiga.

O grupo da equipe nacional foi o E, junto de Coreia do Sul, Costa Rica e Espanha. No jogo de estreia, Formiga e Marta marcaram e garantiram a vitória por 2 a 0 contra a Coreia do Sul. Diante da Espanha, o triunfo por 1 a 0 foi assinado por Andressa Alves. No embate com a Costa do Marfim, o mesmo placar, mas dessa vez com gol de Raquel Fernandes. Com quatro gols marcados e nenhum sofrido, os nove pontos acumulados garantiram o primeiro lugar na fase de grupos e a classificação para a primeira vez que a Copa feminina contou com as oitavas de final. Contra a Austrália, o Brasil perdeu por 1 a 0, tomando o gol aos 45 minutos do segundo tempo, e foi desclassificado do mundial.

O campeonato seguiu e a partida final foi, novamente, entre Japão e Estados Unidos. Diferente da edição anterior, em um jogo de muitos gols, 5 a 2, o título foi conquistado

pelas americanas, tricampeãs da Copa do Mundo. Os sete tentos marcados representaram um recorde histórico em finais de mundiais femininos.

Em 2015, a transmissão em canal aberto, no Brasil, não foi exclusiva da Bandeirantes. A TV Brasil, da Empresa Brasil de Comunicação, rede de televisão pública, exibiu jogos da seleção brasileira e de outras seleções. No caso da Bandeirantes, um fato curioso marcou a transmissão de 2015: na primeira fase da competição, a emissora exibiu partidas de outras seleções, mas nenhuma do Brasil. Isso aconteceu porque os horários dos jogos coincidiram com outras atrações, para as quais a emissora decidiu dar prioridade. A novela *Mil e Uma Noites* foi ao ar no horário das partidas no Brasil contra Coreia do Sul e Costa Rica. No lugar de Brasil e Espanha, a Bandeirantes exibiu um jogo do Campeonato Brasileiro que havia sido antecipado. Dessa forma, em 2015, a Bandeirantes demonstrou que a Copa do Mundo feminina, com ocorrência a cada quatro anos, não tinha preferência em sua grade de programação, mesmo depois dos resultados positivos e recordes de audiência das edições anteriores.

4.1 Copa do Mundo de 2019: por que foi tão marcante?

A oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino da Fifa aconteceu em 2019, na França, entre 7 de junho e 7 de julho. Seguindo o formato de 2015, no Canadá, foram 24 seleções disputando o torneio: Camarões, Nigéria, África do Sul, Austrália, China, Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Noruega, Escócia, Espanha, Suíça, Canadá, Estados Unidos, Jamaica, Nova Zelândia, Argentina, Chile e Brasil.

Uma das estrepentes da competição, a Jamaica ilustra com sua história a luta pela manutenção do futebol feminino ao redor do mundo. Isso porque a seleção do país caribenho se formou em 1991 – período marcante para o futebol de mulheres com o início da Copa do Mundo da Fifa. No entanto, a Federação Jamaicana de Futebol começou a abandonar o projeto em meados de 2010, cortando o financiamento da equipe, o que fez com que o time feminino ficasse inativo, sem jogar, por três anos – sendo excluído do ranking da Fifa. No entanto, com o apoio da empresária e artista jamaicana Cedella Marley, que assumiu um cargo na federação e se tornou embaixadora do futebol feminino no país, a Fundação Bob Marley se tornou a patrocinadora da seleção, que teve seu projeto retomado em 2014. Com isso, em 2019, pela primeira vez, as *Reggae Girlz* (como são chamadas) conseguiram a classificação para a Copa do Mundo, capítulo mais marcante da modalidade no país.

Outro destaque da edição, que foi pauta do noticiário mundial antes de a bola rolar, foi a atitude da jogadora norueguesa Ada Hegerberg, que decidiu não defender a seleção no campeonato em um ato de protesto contra a desigualdade de gênero no futebol de seu país. A jogadora, que não atuava pela Noruega desde a Eurocopa em 2017, foi eleita a melhor do mundo no *Ballon d'Or* (Bola de Ouro, em português) em 2018, prêmio conferido pela revista francesa *France Football*. Desde sua última partida no torneio da UEFA, a jovem comunicou que não voltaria ao grupo caso as condições do futebol feminino na Noruega não fossem equiparadas ao masculino, tanto em questões salariais quanto de infraestrutura.

Tetracampeã da *Champions League*, Ada é atleta do Lyon, da França. Em um artigo publicado na plataforma *The Players Tribune*³⁸, declarou³⁹ que, no clube francês, as equipes masculina e feminina eram tratadas como iguais, por isso, seriam necessárias mais pessoas com a visão de Jean-Michel Aulas [presidente do Lyon], “que sabe que investir no jogo das mulheres é uma vitória para o clube, a cidade e os jogadores”. “Quando você obtém investimentos de classe mundial, obtém resultados de classe mundial”, escreveu a norueguesa.

Nesse sentido, o protesto de Ada Hegerberg, no período com 23 anos, gerou uma movimentação por parte da federação norueguesa e do sindicato de jogadores do país, que equipararam pagamentos entre homens e mulheres. No entanto, a atleta manteve sua posição por não considerar a medida suficiente, tendo em vista que seu descontentamento não era resumido a questões financeiras. Com isso, a Noruega, campeã em 1995, foi para a Copa sem sua principal estrela.

Em âmbito nacional, uma das novidades de 2019 foi que, pela primeira vez, a empresa fornecedora de materiais esportivos da seleção, a Nike, lançou uma linha exclusiva para as mulheres do Brasil. Se na primeira vez em que as brasileiras participaram da Copa, em 1991, elas receberam os uniformes utilizados pelo time masculino, em 2015, a seleção feminina teve uma camisa projetada apenas para elas – até então, elas vestiam o uniforme desenvolvido para o grupo masculino. O uniforme 2 azul foi usado na competição mundial no Canadá, mas não comercializado para o público. Com isso, em 2019, a empresa lançou uma linha, com camisa, calção e outros materiais, especialmente para o grupo feminino, a qual foi comercializada. Nas costas da gola da

³⁸ *Not Here to Dance*. Disponível em: < <https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/ada-hegerberg-not-here-to-dance>>. Acesso em 25 de maio de 2020.

³⁹ Tradução nossa.

camisa, estavam estampados os dizeres “Mulheres Guerreiras do Brasil”. Na campanha, a marca trouxe a mensagem: “Para homenagear as mulheres que lutam e vencem, dentro e fora de um ambiente historicamente dominado por homens, apresentamos pela primeira vez uma coleção feita exclusivamente para elas”⁴⁰.

Quando o assunto é patrocínio, a Copa do Mundo de 2019 também contou com iniciativas sem precedentes. As campanhas trouxeram as jogadoras brasileiras como protagonistas e chamaram atenção para assuntos como a falta de visibilidade e de apoio ao futebol feminino no país. O Guaraná Antártica, patrocinador oficial da CBF desde 2001, desenvolveu uma propaganda⁴¹ cuja mensagem principal era destacar a ausência das jogadoras em peças publicitárias, incentivando outras marcas a apoiarem a modalidade. O vídeo de propaganda da marca de refrigerante começou comparando o cenário publicitário pré-Copa masculina, em 2018, e o pré-Copa feminina em 2019. A narradora disse: “O ano passado teve um monte de comercial com jogadores. E, esse ano, quase nenhum com jogadoras. Uma vergonha, não?”. Com isso, a estratégia foi questionar se as jogadoras não poderiam compor um comercial da própria marca. Enquanto a narradora fazia as perguntas, eram exibidas imagens das atletas executando as ações questionadas: “Será que a Fabi Simões não é boa suficiente para colocar guaraná em um copo cheio de gelo?”; “Será que a Andressinha não consegue tomar um gole de guaraná em câmera lenta e fazer 'ahh' depois?”; “E a Cristine? Vai dizer que uma das maiores artilheiras de todas as seleções não consegue falar o slogan da nossa marca?” e, em seguida, Cristiane dizia: “Guaraná Antártica é coisa nossa”. Com isso, a narradora completou: “Então é óbvio que elas conseguem fazer comercial para sua [marca]”. Logo depois, imagens das jogadoras com itens como lâmina de barbear, chuteira, cosméticos, cartão de crédito, perfume e celular foram exibidas. Por fim, o comercial anunciou: “Futebol feminino merece mais propaganda. Junte-se à Guaraná nesse movimento. Afinal, é coisa nossa ter orgulho da seleção. Guaraná Antártica, orgulhosamente patrocinador da seleção brasileira feminina de futebol”.

O banco Itaú, outro patrocinador oficial da seleção, foi uma marca que desenvolveu uma peça publicitária com o intuito de gerar questionamentos envolvendo o futebol

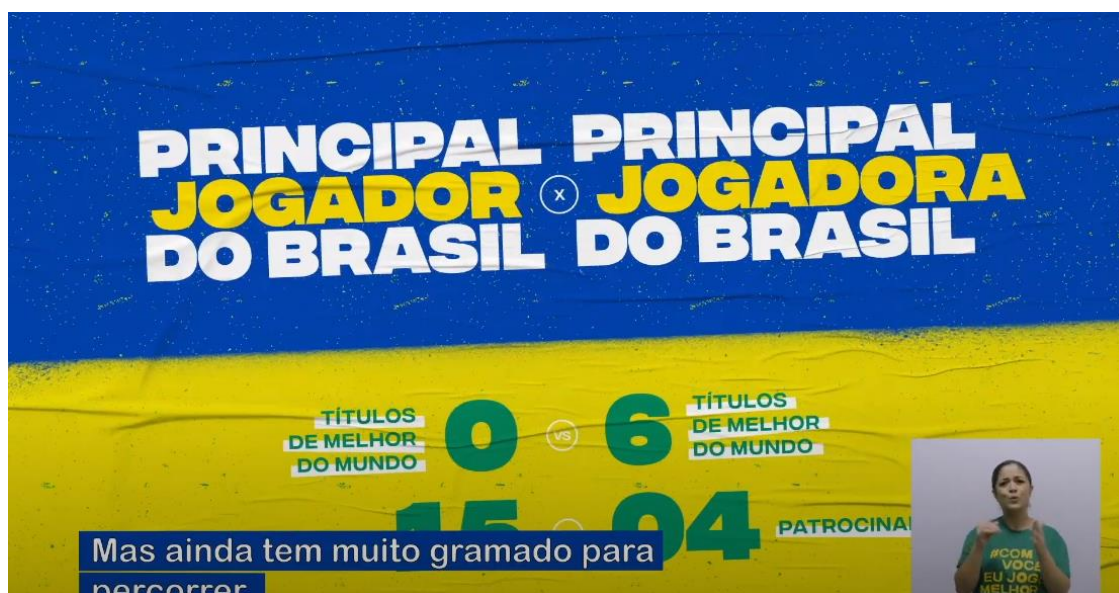
⁴⁰ *Seleção brasileira feminina*. Disponível em: <<https://www.nike.com.br/LandingPage/futebol/selecao-brasileira-feminina>>. Acesso em 26 de maio de 2020.

⁴¹ Seleção Feminina é #CoisaNossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8wsDd_MqXwM>. Acesso em 15 de junho de 2020.

feminino. Com a campanha #EuTorçoporTodas⁴², o banco colocou em foco as jogadoras Cristine e Andressa Alves, perguntando se o público buscou saber quem eram as atletas e indicando alguns de seus feitos, como os mais de 70 gols de Cristiane marcados pelo Brasil.

O Grupo Boticário, sem o vínculo oficial com a confederação, lançou uma campanha⁴³ ressaltando o apoio à seleção feminina – a empresa do ramo de beleza inclui marcas como Eudora, Quem Disse Berenice?, Beautybox e Vult. No vídeo, a propaganda foi iniciada com o lembrete de que 2019 era ano de Copa, de “jogar junto com as nossas guerreiras”. Em seguida, a narradora destacou: “No próprio país do futebol, o futebol feminino foi proibido por 40 anos”, afirmando em seguida que, apesar do atraso, as conquistas eram históricas – enquanto a voz em *off* fazia as colocações, ilustrações e recursos gráficos mostraram que o Brasil foi campeão da América sete vezes e que teve a melhor jogadora do mundo em seis oportunidades. O comercial seguiu indicando que, apesar dos títulos, “ainda tem muito gramado para percorrer”, trazendo, com a arte, a mensagem de que o principal jogador da seleção brasileira, com nenhum título de melhor do mundo, tem 15 marcas patrocinadoras, enquanto a principal jogadora, com seis chuteiras de ouro, possui apenas quatro.

Figura 14 – Trecho de comercial do Grupo Boticário



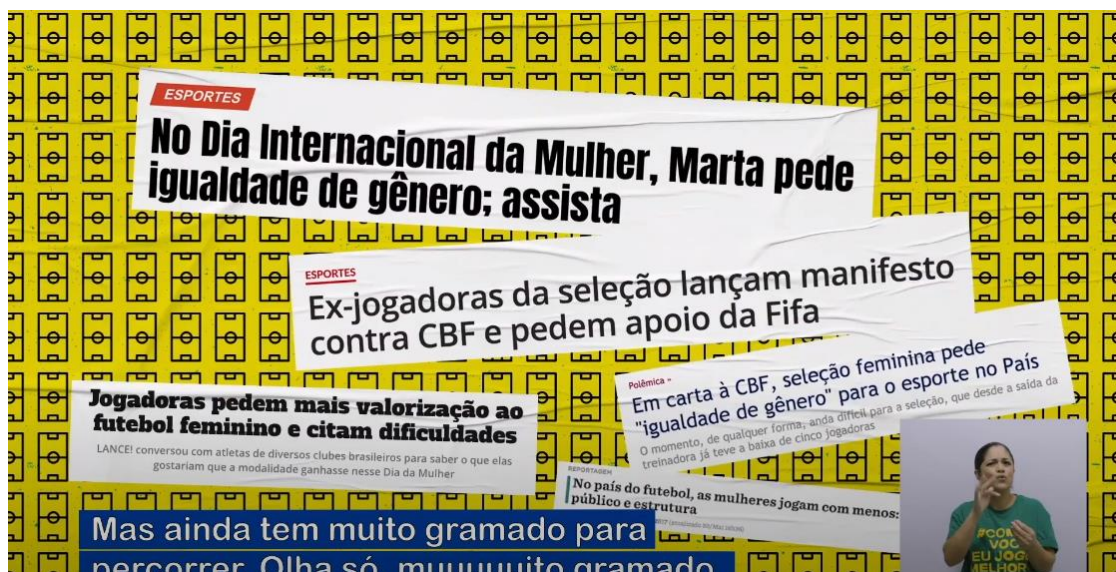
Fonte: Reprodução/YouTube

⁴² Eu Torço por Todas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A7m_DqsK7gw&feature=emb_title>. Acesso em 15 de junho de 2020.

⁴³ Grupo Boticario ComVoceJogoMelhor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CVkVplfZWCw>>. Acesso em 15 de junho de 2020.

O vídeo seguiu exibindo diversas manchetes que denunciaram as dificuldades do futebol feminino no Brasil.

Figura 15 – Trecho do comercial do Grupo Boticário



Fonte: Reprodução/YouTube

O comercial continuou: “Mas nós acreditamos que essa é a hora de virar o jogo. É hora da equidade de gênero entrar em campo e trazer mais diversidade”. Dessa forma, o vídeo anunciou que o Grupo Boticário ia pausar as operações das suas fábricas e escritórios para assistir aos jogos do mundial, da mesma maneira como aconteceu em 2018 com o campeonato masculino, convidando mais empresas a fazerem o mesmo. O site *comvoceeuogomelhor.com.br*, desenvolvido pelo grupo, divulgou as dezenas de empresas que se juntaram ao movimento de oferecer aos funcionários a oportunidade de assistir aos jogos do Brasil no horário do expediente.

Tais iniciativas indicam um movimento de despertar do mercado publicitário com relação ao futebol feminino, fator relevante se levarmos em conta que o espetáculo esportivo é marcado pela presença de anunciantes. Além disso, a atitude das marcas acompanhou a tendência de dar visibilidade ao tema no contexto do principal campeonato da modalidade, tendência essa marcada pelo anúncio da transmissão do campeonato na televisão aberta e pelo crescimento do assunto nas redes sociais.

Para o monitoramento dos dados relacionados à competição, a empresa paulista Vert Inteligência Digital, em parceria com a plataforma Stilingue, lançou o Observatório

Mundial Feminino 2019. De acordo com os números divulgados, de 27 de maio de 2019 até 7 de junho, dia do início do campeonato, foram 19 mil menções ao assunto⁴⁴.

Para a Copa do Mundo na França, foram selecionadas nove sedes para receber a competição: Montpellier, Nice, Valenciennes, Paris, Lyon, Reims, Le Havre, Grenoble e Rennes. Na primeira vez em que o país europeu recebeu o mundial, um dos recordes da edição foi com relação aos ingressos: a 50 dias da abertura, 720 mil já haviam sido vendidos, e os dos jogos de abertura, das semifinais e da final já estavam esgotados. Três partidas da fase de grupos também estavam com os ingressos esgotados: Holanda x Camarões, Nigéria x França e Suécia x Estados Unidos. Esse foi um dos primeiros números expressivos da edição, o que foi anunciado e celebrado pela Fifa.

Figura 16 – Anúncio da Fifa no Twitter da marca de venda de ingressos a 50 dias do início da Copa do Mundo



“A 50 dias do #FIFAWWC, mais de 720.000 ingressos já foram vendidos!”. Fonte: Reprodução/Twitter

Por meio de fatos, iniciativas e resultados como os apontados – primeira participação da seleção jamaicana, protesto por equidade, lançamento de uniformes exclusivos, movimentação de patrocinadores e números positivos de vendas de ingressos

⁴⁴ *Emissores*. Disponível em: <<https://vert.se/observatorios/mundial-feminino-2019/emissores.html>>. Acesso em 15 de junho de 2020.

– é possível perceber que, em 2019, a Copa do Mundo alcançou alguns feitos nunca antes vistos para competição em questões de visibilidade e estrutura, o que pode indicar um momento de desenvolvimento para o futebol feminino, de um salto em uma trajetória em busca de equidade de gênero e mais condições estruturais, midiáticas e esportivas.

Embora seja possível dar destaque a acontecimentos diferenciados com relação à história da Copa do Mundo Feminina, alguns cenários ainda revelam contextos desiguais quando falamos em gênero no futebol. Para a oitava edição do mundial, a Fifa anunciou⁴⁵ que destinaria o dobro do valor da Copa anterior: 30 milhões de dólares seriam distribuídos, sendo quatro milhões para a seleção campeã. Em 2015, o valor total em premiação foi de 15 milhões, sendo dois milhões para a seleção americana, a campeã. Os dados isolados podem oferecer uma visão otimista a respeito do assunto.

No entanto, em 2018, na Copa do Mundo de futebol masculino, na Rússia, foram 400 milhões de dólares para as 32 seleções. Com isso, o montante direcionado às mulheres não chega a 10% da quantia. Para a seleção francesa, campeã do torneio masculino, o prêmio foi de 38 milhões – o que, por si só, representa mais do que o valor total disponibilizado para o campeonato feminino em 2019. Em 2022, na Copa do Mundo masculina que terá o Catar como sede, a entidade divulgou que o total em premiações seria de 440 milhões de dólares, o que significa que apenas o aumento de uma edição para outra no mundial dos homens é maior do que o todo o investimento em prêmios no campeonato feminino.

Uma das justificativas para tal discrepância foi que a arrecadação do torneio masculino é superior em comparação com o feminino. E a intenção de colocar os números lado a lado não é comparar o futebol feminino e masculino sob uma falsa premissa de igualdade, tendo em vista que a primeira Copa dos homens foi organizada em 1930, e a modalidade vem se desenvolvendo e estabelecendo um processo de espetacularização desde muito antes. Na verdade, colocar os dados sob as perspectivas masculinas e femininas nos mostram as iniciativas da entidade máxima da modalidade com relação aos times femininos e masculinos. A igualdade de gênero está no Estatuto da Fifa desde 2016. A entidade, em seu documento oficial, estabeleceu objetivos como, em tradução nossa:

e) fazer todo o possível para garantir que todos aqueles que desejam praticar esse esporte o façam nas melhores condições, independentemente de gênero ou idade; f) promover o desenvolvimento

⁴⁵ *Statistical Kit: FIFA Women's World Cup France 2019*. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/statistical-kit-the-official-draw-for-the-fifa-women-s-world-cup-france-2019tm.pdf?cloudid=sthkfoowsnlmtrpfzywp>>. Acesso em 28 de maio de 2020.

do futebol feminino e a participação das mulheres em todos os níveis da governança do futebol; [...] (FIFA, 2016).⁴⁶

A partir desse compromisso, medidas foram tomadas, mas as discrepâncias apresentadas nos dão indícios concretos de que ações que partem da própria entidade, que se propõe a promover a igualdade de gênero, são pautadas na desigualdade.

Os argumentos que contestaram o valor investido na Copa do Mundo das mulheres se apoiam no fato de que a quantia representa em torno de 1% das reservas da Federação Internacional de Futebol. Dessa forma, se a desigualdade de gênero no tratamento por parte de entidades oficiais da modalidade e a falta de investimentos consagraram-se historicamente como reivindicações em pautas que envolvem o futebol de mulheres, embora a Copa do Mundo de 2019 tenha trazido consigo avanços, é notável que fatores como os elencados ainda permanecem na relação de aspectos a serem desenvolvidos.

Outro dado que expõe posições desiguais calcadas na questão gênero é que, entre as 24 seleções classificadas para o mundial, apenas nove eram treinadas por mulheres. Desiree Ellis (África do Sul), Martina Voss-Tecklenburg (Alemanha), Michelle Kerr (Escócia), Jillian Ellis (Estados Unidos), Corinne Diacre (França), Sarina Wiegman (Holanda), Milena Bertolini (Itália), Asako Takakura-Takemoto (Japão) e Nuengruethai Sathongwien (Tailândia). Entre esses grupos, estão os líderes no ranking da Fifa de seleções: o primeiro lugar é dos Estados Unidos e o segundo da Alemanha – e a França, outro time sob o comando feminino, é a quarta colocada.

Para Ferreira et al (2013, p. 104), a conquista do espaço feminino no esporte pode ser considerada de alcance apenas parcial, tendo em vista que, no que se refere ao comando esportivo, são os homens que ainda prevalecem. “No cargo de técnica esportiva, o campo de atuação ainda se encontra muito limitado para o público feminino. Para se inserir e progredir na carreira elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários” (FERREIRA et al, 2013, p. 104). Com isso, os autores citam a metáfora do “teto de vidro” para descrever esse fenômeno da baixa representatividade feminina em cargos de comando, como é o caso das técnicas à frente das equipes nacionais. Conforme explicita Rocha (2006, p. 102), essa expressão é consagrada nos

⁴⁶ Texto original: “e) hacer todo lo posible por garantizar que todos aquellos que quieran practicar este deporte lo hagan en las mejores condiciones, independientemente del género o la edad; f) fomentar el desarrollo del fútbol femenino y la participación de las mujeres en todos los niveles de gobernanza del fútbol;(…)”.

estudos de gênero e da mulher. Wirth (2001, p.1) explica⁴⁷, em tradução livre, que "teto de vidro" é um termo cunhado na década de 1970 nos Estados Unidos para descrever as barreiras artificiais e invisíveis criadas por preconceitos atitudinais e organizacionais que bloqueiam as mulheres na ocupação de cargos executivos "sênior". Com isso, a autora também traz a expressão "*sticky floor*", o que, traduzido para o português, significa "chão grudado". A metáfora que segue a lógica do teto de vidro evidencia a experiência de mulheres que permanecem "presas" à base da pirâmide hierárquica profissional. Wirth (2001) ainda complementa que, para mulheres que também vivem a discriminação racial, as barreiras para se chegar aos cargos mais altos são ainda piores.

Rocha (2006, p. 102) resume que esse cenário "diz respeito àqueles postos-chave na hierarquia superior das empresas e instituições, considerados como ainda não ultrapassáveis e inatingíveis pelas mulheres". Além disso, a autora destaca que não há relação com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de que são mulheres. Ao analisarmos essa questão colocada como "o simples fato de ser mulher", temos implícita nela o percurso histórico que estabeleceu desigualdades sociais, econômicas, patrimoniais, educacionais e políticas entre homens e mulheres, construção que se reflete e se verifica no cenário esportivo.

Para a disputa em campo, as 24 seleções foram divididas em seis grupos. A seleção brasileira ficou no grupo C, ao lado de Jamaica, Austrália e Itália. Sob o comando do técnico Vadão, as 23 convocadas foram: Aline Reis, Bárbara, Letícia, Letícia Santos, Poliana, Tamires, Camila, Daiane, Mônica, Kethellen, Tayla, Formiga, Thaisa, Andressinha, Luana, Marta, Andressa Alves, Debinha, Ludmilla, Geysel, Raquel, Bia Zaneratto e Cristiane. Com a participação em 2019, Formiga, aos 41 anos, tornou-se a atleta que mais disputou Copas do Mundo na história, completando sua sétima edição entre as oito realizadas.

Na estreia, a adversária do Brasil foi a Jamaica, e a partida foi disputada em Grenoble, no *Stade des Alpes*. Com três gols de Cristine, a seleção canarinho conquistou os três pontos em sua primeira partida. A marca da atacante, que garantiu os 3 a 0 no placar, rendeu a ela diversos recordes. Aos 34 anos, tornou-se a atleta mais velha a marcar um *hat-trick* em uma Copa do Mundo – o dono desse feito era o português Cristiano

⁴⁷ Citação original: "‘Glass ceiling’ is a term coined in the 1970s in the United States to describe the invisible artificial barriers, created by attitudinal and organizational prejudices, which block women from senior executive positions".

Ronaldo, que o realizou com 33 anos. Além disso, Cristiane entrou para a lista de brasileiras que fizeram um *hat-trick* pela seleção em um Copa, junto de Pretinha e Sissi.

No segundo jogo, o confronto foi contra a Austrália. Com Cristiane e Marta, o Brasil chegou a abrir 2 a 0, mas as australianas conquistaram a virada e a partida terminou em 3 a 2. Na comemoração de seu gol – com o qual Marta completou 16 em Copas e dividiu com o alemão Klose a marca história de artilheira de todos os mundiais –, a atleta apontou para a chuteira que estava usando, a qual tinha estampada um símbolo a favor da igualdade de gêneros.

Embaixadora da Boa Vontade para mulheres e meninas no esporte na Nações Unidas, eleita seis vezes a Melhor Jogadora do Mundo pela Fifa em 2018, única a marcar gols em cinco Copas do Mundo, Marta estava sem patrocínio esportivo desde julho do ano que antecedeu o mundial por considerar os valores oferecidos pelas marcas muito baixos. Com isso, o gesto de apontar para sua chuteira foi para promover a causa da equidade de gênero no futebol. Em suas entrevistas após o jogo e nas redes sociais, a jogadora reafirmou esse objetivo e denunciou a diferença, por exemplo, de valores que envolvem o futebol feminino e o masculino. Em uma matéria⁴⁸ que foi ao ar no programa da Globo, o Fantástico, no domingo posterior à partida, que aconteceu em uma quinta-feira (13 de junho de 2019), Marta contou, em entrevista ao programa, usando uma camiseta com o símbolo da campanha “*Go Equal*” – o mesmo da chuteira – que não exibia patrocínio esportivo porque, segundo ela, “o que foi proposto foi bem abaixo do que recebia, menos da metade”. A reportagem destacou os feitos da jogadora, como os prêmios da Fifa e o fato de ter marcado 106 gols pela seleção até aquela ocasião (enquanto Pelé marcou 95), o que faz dela a maior artilheira da história da seleção brasileira. Com isso, a repórter Carol Barcellos questionou Marta: “Você imagina quanto receberia um homem que tivesse conquistado tudo o que você conquistou?”. E a resposta da atleta foi: “Não tem nem comparação. É muito diferente, é muito distante. A gente ganha, de repente, o que um menino da base, que está começando”.

Figura 17 – Imagem publicada no perfil “Go Equal”, no Twitter, campanha divulgada e defendida por Marta na Copa do Mundo de 2019

⁴⁸ *Marta fala sobre a busca da igualdade entre homens e mulheres no futebol*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7697104/>>. Acesso em 1 de junho de 2020.



Jogadora brasileira Marta apontou para o símbolo que representa a equidade de gênero no esporte ao comemorar o seu 16º gol em Copas do Mundo. Nas redes sociais, endossou a campanha. Fonte: Reprodução/Twitter

Na partida seguinte, contra a Itália, o Brasil venceu por 1 a 0, com gol de Marta, e se classificou para a fase posterior em terceiro lugar no grupo, empatando em pontos com Austrália e Itália, mas perdendo a primeira e a segunda posições pelos critérios de desempate (saldo de gols e gols pró). A vaga foi conquistada pela regra de classificação dos quatro melhores terceiros colocados.

Na partida diante das italianas, o gol de Marta rendeu à jogadora mais um recorde: ao ultrapassar o número de gols de Miroslav Klose e marcar o seu 17º, a brasileira tornou-se a maior artilheira de todas as Copas, seja feminina ou masculina. Nas entrevistas após a partida, a alagoana dedicou o feito às mulheres. Em entrevista à CBF TV⁴⁹, veiculada no canal do YouTube da Confederação Brasileira de Futebol, Marta destacou: “A gente está representando todas as mulheres do mundo inteiro. É um gol pela igualdade, é um gol pelo empoderamento, é um gol pelo respeito”.

⁴⁹ COPA DO MUNDO 2019: MARTA se isola como MAIOR GOLEADORA de todas as COPAS do MUNDO. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kqbqP2xTmu4>>. Acesso em 1 de junho de 2020.

Na fase seguinte, as oitavas de final, o Brasil pegou pela frente a anfitriã França. Com gol de Thaísa e o empate por 1 a 1 no tempo normal, a decisão da partida foi levada para a prorrogação. Com o gol francês no segundo tempo da etapa complementar, o Brasil foi desclassificado da competição.

Depois da eliminação, mais uma vez o discurso de Marta repercutiu. Na saída do campo, no espaço destinado ao contato com a imprensa, a jogadora respondeu à pergunta se aquela Copa era um marco para o futebol brasileiro. Marta disse que, sem dúvida, era um momento especial que tinha que ser aproveitado e declarou emocionada:

“Eu queria estar sorrindo aqui ou até chorando de alegria. E eu acho que é esse o primordial. A gente tem que chorar no começo para sorrir no fim. Quando eu digo isso, é querer mais; é se cuidar mais; é treinar mais. É estar pronta para jogar 90 e mais 30 minutos, quantos minutos for. É isso que eu peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre. Não vai ter uma Marta para sempre. Não vai ter uma Cristiane. E o futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Então pense nisso, valorize mais. Chore no começo para sorrir no fim”⁵⁰

A declaração de Marta pode ser interpretada de diversas formas levando em conta que foi dada justamente em um momento de eliminação. Na época em que o campeonato estava acontecendo, Marta tinha 33 anos, enquanto Cristiane havia completado 34, e Formiga, 41. Com isso, havia perguntas se aquele seria o último mundial das três juntas. Por isso, sua fala pode ser vista como um alerta e um incentivo para que as próximas gerações garantam a manutenção e o desenvolvimento do futebol feminino no país. Por outro lado, é necessário ressaltar que resumir a sobrevivência da modalidade praticada por mulheres à vontade, ao treino e aos cuidados individuais de cada uma também desconsidera toda a história de barreiras impostas por governos, entidades oficiais, discursos e ações partindo da sociedade.

Durante a competição, em âmbito nacional, todos os jogos do Brasil foram exibidos, em televisão aberta, pela Rede Globo (pela primeira vez na história) e pela Bandeirantes, que foi além e também colocou no ar partidas de outras seleções, como a abertura do torneio com França e Coreia do Sul. Com a eliminação da seleção brasileira, ambas as emissoras optaram por televisionar, em um domingo de manhã, a partida final entre Estados Unidos e Holanda. Com Jill Ellis e Sarina Wiegman no comando técnico das equipes, respectivamente, foi a primeira vez em 16 anos que duas treinadoras chegaram

⁵⁰ *Emocionada, Marta dá recado a jogadoras mais novas: "O futebol feminino depende de vocês"*. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/emocionada-marta-lamenta-eliminacao-e-da-recado-a-novas-jogadoras-o-futebol-feminino-depende-de-voces.ghtml>. Acesso em 3 de junho de 2020.

à final com suas seleções; a primeira vez que isso aconteceu foi em 2003, quando Tina Theune era a mandatária da Alemanha, e Marika Domanski-Lyfors da Suécia. Depois de deixar a Espanha para trás nas oitavas, as americanas eliminaram as donas da casa e, na semifinal, venceram a Inglaterra. Já a Holanda, nas oitavas, eliminou o Japão, derrotando a Itália nas quartas e a Suécia na semifinal. O confronto entre Holanda e Estados Unidos, transmitido em diversos locais do mundo e também na rede aberta no Brasil, terminou com o placar de 2 a 0 para as americanas. Com isso, os Estados Unidos venceram a Copa do Mundo pela quarta vez em oito edições.

Com o fim do campeonato, em termos de audiência, os números foram notáveis: a Copa de 2019 foi a mais assistida da história. De acordo com os dados divulgados pela Fifa em seu relatório oficial *Global Broadcast and Audience Report*, a audiência sem precedentes da edição de 2019 chegou a 1,12 bilhão de pessoas no globo se somados os números da televisão e da internet. Quando isolamos os dados televisivos, segundo divulgou a entidade, 993,5 milhões de telespectadores assistiram aos jogos pela telinha por, pelo menos, um minuto. Ao redor do mundo, a média de audiência das partidas foi de 17,27 milhões, o que representa mais do que o dobro do índice de 2015, de 8,39 milhões.

Outro número que vale destaque é que os quatro jogos da Seleção Brasileira estiveram entre os oito mais assistidos da competição mundial. Ainda de acordo com a Fifa, o Brasil foi o país que mais assistiu ao jogo da final, entre Estados Unidos e Holanda, com 19,9 milhões de público, incluindo a audiência da Globo em TV aberta e seu canal por assinatura, o SporTV (o dado não incluiu a audiência da Band).

Nos jogos do Brasil, a audiência da Globo em televisão aberta também foi alavancada: Brasil e Jamaica (30.451.000), Austrália e Brasil (52.145.000), Itália e Brasil (68.754.000), França e Brasil (88.454.000), de acordo com os dados levantados pelo Kantar Ibope Media.

Em entrevista coletiva em julho de 2019, ainda na França, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, classificou a Copa do Mundo daquele ano como um marco para o futebol feminino. As declarações do presidente sobre o campeonato incluíram adjetivos como “fenomenal, incrível, emocionante, apaixonante e fantástica”⁵¹. De acordo com o dirigente, foi o melhor mundial da história, por isso seria possível falar no futebol

⁵¹ *FIFA President Infantino hails France 2019, outlines proposals for future of women's game*. Disponível em: < <https://www.fifa.com/womensworldcup/news/fifa-president-infantino-hails-france-2019-outlines-proposals-for-future-of-wome>>. Acesso em 21 de junho de 2020.

feminino antes e depois da Copa do Mundo de 2019. Nessa oportunidade, diante dos resultados considerados positivos, Gianni Infantino anunciou cinco medidas para o desenvolvimento do futebol feminino:

A criação de um Mundial de Clubes da FIFA para mulheres: começando o mais rápido possível; A criação da Liga Mundial Feminina: uma proposta apresentada em 2017, para ser disputada em torneios em todo o mundo; Expandir a Copa do Mundo Feminina da FIFA de 24 para 32 equipes, potencialmente já na edição de 2023; Dobrar o prêmio em dinheiro para a próxima Copa do Mundo Feminina da FIFA; Dobrar o investimento comprometido com o futebol feminino nos próximos quatro anos, de US \$ 500 milhões para US \$ 1 bilhão (FIFA, 2019).

Com os números expressivos, o reconhecimento da Federação Internacional de Futebol e promessas de ações em prol do futebol de mulheres, a Copa do Mundo da Fifa teve fim com o título das americanas, as maiores vencedoras da história do torneio.

4.2 A experiência americana

Os dois principais torneios de seleções femininas, em âmbito mundial, são a Copa do Mundo da Fifa e os Jogos Olímpicos. Em ambas as competições, a dominação em termos de conquistas é americana. A seleção dos Estados Unidos conquistou a medalha de ouro olímpica quatro vezes: Atlanta (1996), Atenas (2004), Pequim (2008) e Londres (2012). Levando em conta que a inserção do futebol de mulheres nos jogos se deu justamente em 1996 – o que faz delas as primeiras campeãs –, dos seis campeonatos disputados na história, as americanas venceram quatro. Na Copa do Mundo da Fifa, elas também se consagraram como as primeiras campeãs ao vencerem o torneio de 1991, conquistando também os campeonatos em 1999, em casa, em 2015, no Canadá, e em 2019, na França.

Diante desse cenário, é possível questionar quais seriam as possíveis razões para essa supremacia americana e em que aspectos os Estados Unidos se diferenciam do resto do mundo quando o assunto é futebol feminino – até mesmo pelo fato de que a seleção americana masculina de futebol nunca conquistou nenhum desses títulos.

Para iniciar essa investigação, destacamos a influência dos aspectos socioculturais que cercam o futebol. Isso porque, segundo Moura (2003, p. 84), “o futebol nos Estados Unidos tornou-se uma área reservada feminina”. O autor ainda acrescenta que, no país, reforça-se a ideia de que “futebol é coisa pra mulher”, bem diferente das concepções brasileiras, argentinas, italianas e inglesas, que utilizam o universo futebolístico como área reservada à classe masculina” (MOURA, 2003, p. 84). Franzini (2005, p. 316), ao analisar o lugar da mulher no Brasil, pontua que “é notório que o universo do futebol

caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino”. Dessa forma, o autor pondera que “esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural”, porque os “valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada”.

É possível observar que o futebol, por si só, em campo “neutro” no quesito gênero, não apresenta tendências, inclinações, regras ou particularidades que permitam classificá-lo como área feminina ou masculina. A evidência mais nítida disso é que, em diferentes locais e sociedades, essa classificação revela-se distinta, como é o caso dos Estados Unidos. Além disso, esse fenômeno decorre do que Bourdieu (2003) chama de “divisão sexuada” do mundo, ou seja, de contextos que, por fatores culturais e históricos que constituem as sociedades patriarcais, estabelecem critérios sociais e biológicos arbitrários para determinar o que inclui determinada atividade em um universo feminino ou masculino, dividindo e diferenciando os papéis de homens e mulheres. Tal diferenciação e divisão do mundo produz vantagens, desvantagens, possibilidades, limitações e até mesmo percepções identitárias distorcidas. Como destacado por meio da trajetória teórica do desenvolvimento da modalidade no Brasil e no mundo, a forma como o futebol se desenvolveu histórica, cultural e socialmente foi o que determinou a dominação masculina no campo.

Levando em conta que, nos Estados Unidos, o *soccer*, como é chamado por lá, se configura como um esporte ligado ao universo feminino, é possível desconstruir a ideia de que o futebol por si só estabeleça uma relação mais próxima com a masculinidade. Além disso, é importante entender que o *soccer* não está para os americanos como o futebol está para os brasileiros. Nos EUA, os esportes de maior destaque, tanto no campo educacional, quanto lúdico e de competição, são o basquete, o beisebol e o futebol americano. Conforme ressalta Moura (2003, p. 84), “diferentemente de nosso país, que tem o futebol como única referência corporal plena, nos Estados Unidos à preferência hegemônica é dividida entre três esportes”. E são esses três espaços que carregam valores masculinos no imaginário da sociedade norte-americana, demonstrando que, nas sociedades patriarcais, espaços de masculinidade se desenvolvem para reforçar valores como força e virilidade, afastando as mulheres desses contextos. Para Moura (2003, p. 85), na esfera americana, “ser o país que está à frente na modernidade do Capital e ter em sua ideologia a necessidade de auto-afirmação perante o mundo são fatores que estão

ligados indiretamente à necessidade de ser campeão, homens vitoriosos”. Além disso, o autor acrescenta:

Os grandes astros destes esportes são referenciados como ‘deuses’. No basquetebol, à hegemonia dos valores ‘masculinos’ estão ligados aos valores que a comunidade negra norte-americana quer demonstrar como sua. No futebol americano, os jogadores são os guerreiros que vão para a batalha, lutando para conquistar o território inimigo. No beisebol, quase sempre aparece um Presidente da República dando uma tacada ou fazendo um lançamento, realizando, com isso, um gesto metafórico para a nação: para os homens, há os espaços da luta e do poder, ou seja, à esfera do esporte e da política são ainda de dominação masculina (MOURA, 2003, p. 85).

Dessa forma, não se trata de supor que a sociedade americana se encontra em um estágio avançado no quesito equidade de gênero por conta do desenvolvimento do futebol feminino, mas de entender que os esportes se localizam e se desenvolvem em espaços distintos em cada cultura em que foram inseridos, reforçando o caráter sociocultural e generificado do universo esportivo.

Ao retomarmos a informação de que é justamente o futebol feminino que se tornou vitorioso nos Estados Unidos, surge a ideia de que o fato de ser uma prática reservada – e incentivada – às mulheres permite que elas a ocupem, desenvolvendo-se e gerando resultados positivos em termos de competitividade. Com isso, é possível reforçar a noção de que, quanto mais um esporte conta com estrutura, apoio e legitimidade, maior a probabilidade que ele seja disputado em alto nível.

Outro cenário fundamental para compreender a prática do futebol feminino nos Estados Unidos, e possivelmente seu sucesso, é a força do esporte universitário. Enquanto no Brasil a modalidade se vale das estruturas dos clubes, desde as categorias de base até o profissional, em território americano os e as atletas contam com a participação no Ensino Superior para serem inseridos e inseridas no esporte de alta competição, pleiteando, assim, uma carreira nessa área.

As escolinhas de futebol feminino, nos Estados Unidos, estão disponíveis para as meninas desde cedo e, com o passar do tempo, as jovens que se destacam na *high school* (Ensino Médio) identificam no esporte a oportunidade de ingressar em universidades. As instituições americanas oferecem bolsas para atletas – vale ressaltar que o Ensino Superior, nos Estados Unidos, é majoritariamente pago. Dessa forma, os jovens talentos, muitas vezes, podem praticar os esportes em grandes estruturas, disputando ligas competitivas e conciliando suas vidas como estudantes. Para os aspirantes a esportistas

profissionais, no Brasil, em muitos casos, quando há escolha, pode se fazer necessário optar pelo caminho da formação acadêmica ou da carreira esportiva.

Esse cenário foi possível e teve início em 1972, quando uma lei federal⁵² ligada à educação proibiu a discriminação por gênero em qualquer instituição que recebesse verba governamental. Com isso, as escolas e universidades que não o faziam, passaram a manter equipes de *soccer*. O acesso à educação das atletas pode ser outro fator relacionado à bem-sucedida trajetória das mulheres no futebol dos Estados Unidos. Isso porque a seleção americana tem se movimentado em torno de reivindicações pela equidade de gênero.

Em 2016, às vésperas dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, cinco das principais jogadoras da seleção, Carli Lloyd, Megan Rapinoe, Hope Solo, Alex Morgan e Rebecca Sauerbrunn, formalizaram uma reclamação contra a *US Soccer* (Federação de Futebol dos Estados Unidos) à Comissão De Igualdade de Oportunidades de Trabalho nos Estados Unidos (EEOC, na sigla em inglês). O pedido das estrelas americanas era a equiparação salarial com relação ao time masculino sob o argumento de que a seleção feminina, além de ser mais vitoriosa e disputar mais partidas do que a masculina, também gerava mais lucros à federação. Mesmo assim, elas ganhavam quatro vezes menos do que os homens no que dizia respeito aos jogos amistosos e ao período em que estavam à serviço da seleção. Até mesmo um boicote à competição que estava por vir foi colocado como uma possibilidade à época.

Embora a federação tenha negado algumas alegações do time e as rebatesse com o fato, por exemplo, de que a Fifa direcionava verbas díspares nas Copas feminina e masculina, o protesto gerou resultados. Um novo acordo com a confederação, que dava maiores possibilidades de ganhos, foi fechado com o time feminino. Além disso, desde 2017, a equipe não disputou mais partidas em gramado sintético e conquistou o direito de uma comissão participando de reuniões da federação. No entanto, esse novo momento não trouxe às mulheres a equiparação salarial e de direitos.

Três anos depois, no período que antecedeu a Copa do Mundo de 2019, um novo processo foi aberto contra a *US Soccer* na Justiça. Mas, dessa vez, partindo das 28 jogadoras da seleção principal. A acusação não levava em conta apenas aspectos

⁵² *An Act of June 23, 1972, Public Law 92-318, 86 STAT 235, to Amend the Higher Education Act of 1965, the Vocational Educational Act of 1963, the General Education Provisions Act (Creating a National Foundation for Postsecondary Education and a National Institute of Education), the Elementary and Secondary Education Act of 1965, Public Law 874, Eighty-First Congress, and Related Acts, and for Other Purposes.* Disponível em: <<https://catalog.archives.gov/id/7455551>>. Acesso em 21 de julho de 2020.

financeiros, mas denunciava os anos de discriminação de gênero em âmbitos como locais de treinamento e jogos, tratamento médico e até a logística de viagens. Com isso, as exigências giraram em torno de igualdade nos salários e premiações mais justas.

Diante da movimentação das atletas, a torcida também aderiu ao protesto. Na final entre Estados Unidos e Holanda, as mais de 57 mil pessoas presentes no *Stade de Lyon* vaiaram o presidente da Fifa, Gianni Infantino, na cerimônia de premiação e, logo em seguida, gritaram em coro: “*equal pay*”, ou “pagamentos iguais” em tradução para o português⁵³.

Figura 18 – Processo de jogadoras americanas contra a *US Soccer* repercutiu entre torcedores e torcedoras durante a Copa do Mundo 2019



“Pagamento igualitário? 3 Copas do Mundo e 4 medalhas de ouro. Mulheres americanas merecem mais \$\$”, diz cartaz de torcedora. Fonte: Dibradoras.

Em 2020, a sentença do juiz federal Gary Klausner foi desfavorável ao grupo feminino. Molly Levinson, representante da equipe, afirmou que recorreria da decisão.

⁵³ “O grito em Lyon (após vaias ao presidente da Fifa): ‘Equal Pay, Equal Pay’”. Disponível em: <<https://bit.ly/3huApeT>>. Acesso em 22 de julho de 2020.

Dessa forma, pode-se dizer que, entre os fatores que diferenciam o futebol feminino dos Estados Unidos, está a sua manifestação social relacionada às mulheres. Esse cenário permite que a prática da modalidade comece cedo, desde a infância, nas escolas, e se estenda ao ambiente universitário, o que serve como impulso para a profissionalização das atletas. Além disso, a competitividade das ligas nacionais (universitárias e profissionais) estabelece uma base forte, tanto de estrutura quanto de investimentos, para a seleção nacional, que está em constante luta coletiva por direitos e melhorias capazes de alavancar o esporte no país.

5 Jornalismo esportivo: relações entre esporte e mídia

Os aspectos históricos ligados à trajetória do jornalismo esportivo em âmbito mundial e nacional são importantes indicativos quando o objetivo é compreender a forma como a imprensa e o esporte estabeleceram relações no decorrer do tempo. Desde o início de sua inserção midiática, a prática esportiva nunca ocupou um espaço de destaque, mas, com a popularização de algumas modalidades, como o futebol, e o crescente interesse do público, o assunto se tornou pauta em jornais impressos, gerou publicações que tratavam exclusivamente de suas temáticas para, depois, tornar-se um campo do jornalismo especializado – ocupando variados gêneros jornalísticos – e se consolidar nos mais diversos espaços midiáticos, desde o impresso, até o rádio, a TV e a internet.

De acordo com Alcoba (2001, p. 145), os meios de comunicação impressos foram responsáveis por colocar em circulação a informação esportiva por meio de crônicas sobre esportes específicos e atividades esportivas que interessavam os clientes ou receptores dos jornais⁵⁴. Silveira (2009, p. 20) acrescenta que as primeiras notícias esportivas presentes na imprensa se limitavam a resenhas de casos curiosos, cuja repercussão se dava por conta do critério de excepcionalidade ou excentricidade.

Leandro (2005, p. 66) busca uma referência na Grécia Antiga, lembrando que Homero narrou, na *Iliada*, a corrida em que Ulisses venceu Ajax. Com isso, argumenta que o poeta pode ser considerado pioneiro quando o assunto é a crônica esportiva. No entanto, o autor destaca que a publicação de um material específico sobre esporte, no formato de página impressa, dentro do que se convencionou chamar de imprensa, é um fenômeno muito mais recente na história da civilização. “A rigor, o jornalismo esportivo mundial origina-se do jornalismo no geral [...]” (LEANDRO, 2005, p. 66). Levando em conta o contexto em que o esporte começou a se tornar pauta em periódicos, as primeiras publicações relacionadas ao assunto estão localizadas na Europa do século XIX.

Conforme pontua Andújar (2013, p. 9), tem-se conhecimento sobre o *Journal des Haras*, uma revista dedicada a informações sobre hipismo, turfe e demais temas equestres, editada em Paris desde 1828. Com duração de mais de meio século, pode ser considerada pioneira em assuntos esportivos. Dez anos mais tarde, em 1838, o conteúdo do jornal inglês *Bell's Life* incluía a cobertura esportiva. Algum tempo depois, houve uma mudança no nome, para *Sporting Life*, que absorveu o primeiro diário esportivo, o também inglês

⁵⁴ Citação original: “Los medios de comunicación impresos fueron los encargados de poner en órbita la información deportiva (...) a través de las primeras crónicas sobre concretos deportes e actividades deportivas interesantes para los clientes o receptores de los periódicos”.

Sportman, de 1852. De acordo com Dantas (2015, p. 13), a profissionalização das federações esportivas e dos clubes na era moderna contribuiu para o surgimento do periódico. “Quando o capitalismo se fortaleceu após a Revolução Industrial, no século XIX, o jornalismo como fenômeno moderno ganhou mais destaque e o *Sporting Life* se caracterizou pela organização das instituições esportivas” (DANTAS, 2015, p. 13). No entanto, existem outros registros de autores, como Hernández Alonso (2003, p. 37), de que o *The Sport-man*, em 1880, foi o jornal pioneiro na Inglaterra⁵⁵.

Segundo interpreta Leandro (2005, p. 66), o neo-olimpismo de Pierre Coubertin, grande responsável pela reorganização dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, foi decisivo para consolidar o esporte como um tema social de relevância, movimento que abriu caminho para que o assunto chegasse aos jornais. Ainda de acordo com o autor, a revista do próprio Coubertin, *Revue Athletique*, estimulou a imprensa francesa, e até mundial, a apresentar a pauta em seus veículos. O autor analisa que, entre 1919 e 1939, o fenômeno registrado é que o esporte, antes abordado de forma didática pela imprensa, passou a ser encarado com autonomia e como informação específica. “O jornalismo esportivo se fortalece e os livros sobre esportes também começam a se tornar mais lidos” (LEANDRO, 2005. p.66).

Leandro (2005, p. 66) pontua que, na França, a imprensa esportiva também passou por um processo de consolidação por conta da tomada de consciência da população sobre a importância do esporte, tanto quando o assunto é saúde como em termos de exercício da cidadania. Segundo levantamento de Andújar (2013), na França, em 1854, Eugene Chapaux fundou o *Le Sport* – que trazia crônicas esportivas – e, em 1869, Richard Lesclide criou o primeiro semanário de ciclismo, o *Velocipede Illustré*, publicado em Paris. Mas o primeiro diário esportivo francês, o *Le Vélo*, foi fundado em 1852 por Pierre Jiffard.

Andújar (2013, p. 9) utiliza os exemplos indicados por Vásquez (1989) para afirmar que, no final do século XIX e início do século XX, foram as publicações que criaram, organizaram e fomentaram competições esportivas novas. Vásquez (1989, p. 105-106) avalia que o jornalismo esportivo foi “o principal responsável para que o esporte se difundisse em escala mundial”. O autor cita que, em 1903, o periódico especializado *L'Auto*, dirigido por Henry Desgrange, organizou a Primeira Volta Ciclística da França, que deu origem ao tradicional *Tour de France*, um dos principais eventos de ciclismo do

⁵⁵ De acordo com Andújar (2013, p. 9), o *Sportman* foi absorvido pelo *Sporting Life* em 1859. Com isso, o novo veículo passou a ter uma periodicidade diária em 1883.

mundo atual; o *Le Velo* organizou, entre 1898 e 1899, grandes competições de natação; O *New York Herald Tribune* criou, em 1899, a Copa Gordon Bennet, de automobilismo; o *L'Equipe* foi um pilar para o desenvolvimento da Copa Europeia de Futebol; e a Liga Nacional de Educação Física na França nasceu de uma campanha lançada pelo *Le Temps*. Com essas indicações, é interessante observar como os esportes, especialmente no âmbito da competição, estabeleceram uma relação importante com a imprensa no que diz respeito à popularização e ao desenvolvimento de determinadas modalidades.

Em território espanhol, em 1856, havia uma revista ilustrada de periodicidade quinzenal chamada *El Cazador*, que é considerada a primeira publicação esportiva do país. “Suas páginas eram destinadas a defender os direitos dos caçadores e reivindicar a observância das leis de caça” (ANDÚJAR, 2013, p. 10). Outros periódicos surgiram nesse âmbito da caça e, posteriormente, o tema ciclismo também se popularizou, com publicações como *El Pedal*, *El Deporte Velocipédico*, *Revista ciclista ilustrada*, *El Ciclista* e *Revista de sport nacional y extranjero*, todas elas localizadas em meados do fim do século XIX. No mesmo período, *El Gimnasio* trouxe o primeiro periódico sobre ginástica, em 1882, e pouco tempo depois foi seguido por *La Ilustración Gimnástica*. Na Espanha, diversos periódicos surgiram na época, retratando modalidades distintas.

As Olimpíadas de Atenas em 1896 – que representaram o ressurgimento dos Jogos na Era Moderna –, Londres, em 1908, e Estocolmo, em 1912, foram, de acordo com Andújar (2013), eventos que colaboraram para consolidação de periódicos esportivos por contarem com possibilidades no que diz respeito a cobertura, com inovações da época como o telégrafo e a fotografia. Sanjurjo (2012, p. 6) também pontua que, na Espanha, o sucesso da equipe nacional nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, em 1920, representou a “decolagem” da incorporação de conteúdo esportivo nos jornais.

Os Jogos Olímpicos ressurgiram em 1896 com a ideia de que os festivais de esportes internacionais poderiam promover a compreensão e a paz no mundo. Esta restauração realizada pelo Barão de Coubertin dá lugar à configuração do esporte moderno, ao esporte como atividade de massa (ANDÚJAR, 2013, p. 8).

Diante desse cenário, pode-se dizer que, na Europa, com maiores registros na França, na Inglaterra e na Espanha, os jornais, revistas e demais veículos impressos contribuíram de forma significativa para o estabelecimento do esporte como pauta ao trazerem crônicas e notícias que evidenciavam o universo esportivo. Inicialmente, pequenos espaços com menor periodicidade eram oferecidos a tais conteúdos. Mas, com o tempo, os jornais diários aderiram à tendência e publicações especializadas surgiram.

No continente americano, conforme aponta Clara Andújar (2013, p. 9), existem registros de conteúdos esportivos nas páginas do *The New York Journal*, informando especialmente sobre corridas de cavalos, mas, diante do sucesso observado, a publicação seguiu apresentando temáticas relacionadas a outras modalidades. Mais tarde, em 1926, com uma capa do *New York Times* estampando a vitória do pugilista americano Gene Tunney, temos um indicativo do desenvolvimento das pautas esportivas nos Estados Unidos.

Figura 19 – Capa do *The New York Times* noticiando a vitória do pugilista Gene Tunney



Capa do jornal americano no dia 24 de setembro de 1926. Fonte: nytimes.com

De acordo com o que observa Leandro (2005, p. 66), em solo americano, foi justamente na década de 20 do século passado que a imprensa esportiva começou a ganhar destaque. Assim como veremos ser o caso do Brasil, nos Estados Unidos, a temática sofreu alguma resistência em sua trajetória de consolidação. Prova disso, segundo observa Leandro (2005), seriam as raras pesquisas sociológicas e de comunicação na área, até então, nova. Coelho (2011, p. 10), além de citar a Itália como um dos países com uma revista dedicada exclusivamente ao esporte na década de 1920, indica que as publicações voltadas à temática esportiva na Argentina também eram dessa época.

Diante desse cenário, é possível apontar que o jornalismo esportivo surgiu como pauta de jornais impressos, ocupando um pequeno espaço, para, posteriormente, adquirir maior relevância ao redor do mundo e ganhar publicações exclusivas que tratavam de diversas modalidades. Com isso, tornou-se uma área especializada do jornalismo e, o que teve origem na imprensa escrita, expandiu-se para outras mídias, começando pelo rádio. Nessa transição do jornal e da revista para as ondas hertzianas, o radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio (SOARES, 1994, p. 13).

5.1 Jornalismo esportivo no Brasil: do surgimento no impresso ao sucesso no rádio

Assim como no contexto mundial, o surgimento do esporte enquanto objeto midiático no Brasil se deu por meio dos veículos impressos. Autores como Ribeiro (2007) e Bahia (2009) assinalam que o jornalismo esportivo surgiu, em território nacional, com *O Atleta*, em 1856. A publicação era voltada para o público carioca e trazia ensinamentos sobre a prática de exercícios e preparação física, como o próprio nome sugere. Os autores pontuam que títulos com grafia em inglês, como *O Sport* e *O Sportman*, também circularam no país entre 1885 e 1886. Ribeiro (2007, p. 26) segue uma linha cronológica, destacando o surgimento de *A Platea Sportiva* em São Paulo, no ano de 1891, um suplemento de *A Platea*. Cerca de uma década mais tarde, também na capital paulista, nasceram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Esportiva*⁵⁶, que circulava gratuitamente aos domingos.

Nesse cenário, faz-se importante retomar também a história do futebol no país. A literatura é quase unânime ao afirmar que o responsável por trazer o futebol regrado para o Brasil foi Charles Miller que, em 1894, voltou da Inglaterra após passar dez anos por lá. O brasileiro de família inglesa é comumente considerado o “pai” do futebol brasileiro⁵⁷, isso porque trouxe consigo, de sua viagem, materiais para que pudesse continuar a prática da modalidade que aprendera na Europa. Naquela época, não havia jogos oficiais e muito menos notícias sobre o assunto. “Nas páginas dos principais jornais da capital paulista só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo” (RIBEIRO, 2007, p. 19). O brasileiro que havia desembarcado no porto de Santos se associou a um clube inglês e começou a organizar partidas e treinos. Com isso, a nova

⁵⁶ Não se trata do diário esportivo criado em 1947 que circulou em sua forma impressa até 2001.

⁵⁷ Vale lembrar que existem diversas teses e estudos históricos sobre as origens mais antigas do futebol no Brasil e no mundo. No entanto, o futebol regrado e institucionalizado tem sua marca na Inglaterra do século XIX, e foi partir dele que a modalidade como é praticada nos dias de hoje se expandiu e se tornou popular.

modalidade foi “descoberta” pela imprensa⁵⁸. No entanto, seria necessário mais do que tomar conhecimento sobre o futebol para que ele se tornasse interessante para a mídia.

Conforme descreve Ribeiro (2007, p. 27), em nenhuma das publicações pioneiras sobre o esporte no Brasil o futebol era prioridade, tendo em vista que as notícias giravam em torno de turfe, regatas e ciclismo. O autor também evidencia que, nos grandes jornais e revistas da época, lugar que chama de “espaço nobre”, havia “muito pouco” ou “quase nada” a respeito do futebol. O autor considera que, no início do século XX, o foco das discussões esportivas em jornais e revistas não eram os jogos realizados pelos campos das cidades brasileiras, mas os benefícios ou prejuízos que esse novo esporte poderia trazer à população. De acordo com o autor, um fotógrafo escalado para cobrir um jogo deveria estar mais atento ao registro da presença e como se vestiam nobres senhores e senhoras do que os acontecimentos esportivos da partida. “O tema futebol servia como manobra para cronistas imporem sua visão ideal de sociedade” (RIBEIRO, 2007, p. 27).

O autor analisa esse cenário, acrescentando que, pelos primeiros artigos sobre futebol publicados em jornais e revistas em território nacional, ficava clara a divisão do esporte em dois grupos: “de um lado, os filhos de boa família, e do outro, os varzeanos humildes”. Dessa forma, Ribeiro (2007) avalia que os primeiros eram considerados os dignos representantes do *football* importado da Inglaterra. Já o segundo, chamado de “canelas negras”, era visto como um grupo de jogadores sem habilidade que não conseguia seguir as regras.

Em meados de 1900, segundo Ribeiro (2007, p. 23), era muito difícil emplacar pautas sobre futebol em São Paulo, isso porque a cidade estava em franco crescimento com a “modernização da recém-instalada República”. O autor descreve esse contexto, lembrando que surgiram os primeiros bondes elétricos, prédios foram erguidos dia após dia e a economia cafeeira fazia novos ricos. Para Ribeiro, São Paulo queria ser cosmopolita, um centro que difundiria padrões para o resto do país. O jornalista também ressalta que imigrantes italianos, alemães e portugueses eram recrutados para o trabalho nas indústrias, ferrovia e construção civil – e o futebol servia como passatempo desses grupos⁵⁹. O autor também destaca que, no Rio de Janeiro, capital da República, o

⁵⁸ Ribeiro (2007, p. 19-20) descreve que o cronista Celso Araújo presenciou um treino organizado por Charles Miller e escreveu para um amigo no Rio de Janeiro que um grupo de britânicos se reuniam para “dar pontapés em uma coisa parecida com bexiga de boi”.

⁵⁹ É interessante notar como, além do futebol ter “sido trazido” da Inglaterra, o papel dos imigrantes europeus nesse cenário também é destacado. Waldenyr Caldas (1990) pontua que, ainda no final do século XIX, Rui Barbosa, chefe da comissão estadual de ensino, ressaltou a importância de incluir o exercício físico no currículo das escolas primárias, mas a proposta não foi levada adiante. De acordo com Caldas, a

desenvolvimento da modalidade era menor do que em São Paulo, haja vista que, até 1901, havia apenas duas equipes de futebol na cidade.

Diante desse cenário elaborado por Ribeiro (2007) e de tantos fatos que cercavam a política nacional, relatos sobre partidas de futebol não tinham espaço. E até mesmo o esporte enquanto notícia era subestimado ou, conforme Coelho (2011, p. 7-8), considerado um “assunto menor” que não conseguiria, por exemplo, estampar a primeira página de um jornal. “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?” (COELHO, 2011, p. 8). No entanto, Ribeiro (2007, p. 23) faz uma ressalva, analisando que “fechar os olhos para o crescimento do futebol das várzeas parecia um grande erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época”.

Ribeiro (2007, p. 25) classifica o ano de 1902 como um marco para o jornalismo esportivo. Isso porque Charles Miller e outras figuras influentes na capital paulista, como Mário Cardim, que trabalhava no jornal O Estado de S.Paulo, e Antônio Casemiro da Costa, o Costinha, que aprendera a jogar futebol na Suíça – o autor indica que esse grupo formava uma “panelinha” –, dispostos a defender e difundir o futebol – entre as classes mais abastadas –, organizaram uma partida interestadual entre São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com o autor, o primeiro encontro entre cariocas e paulistas foi bem-sucedido do ponto de vista midiático, e a repercussão nos principais jornais das duas cidades acelerou o processo de criação da primeira Liga de Futebol de São Paulo. “A partir desse momento, o futebol virou notícia importante nas páginas dos principais jornais, pelo menos em São Paulo” (RIBEIRO, 2007, p.25). Com o tempo, diversos clubes se formaram, e o público do campeonato organizado pela Liga de Cardim, Costinha e companhia foi aumentando. Como destacam os relatos do autor, a influência desse grupo e o “contato privilegiado” com os jornais foram fatores relevantes para que futebol se tornasse mais conhecido.

Em 1904, Charles Miller escreveu uma carta para sua antiga escola inglesa sobre o Brasil, mais especificamente sobre São Paulo e a respeito do esporte no país – o texto pode ser encontrado na íntegra no livro de Aidan Hamilton⁶⁰. Nesse material, segundo o autor, descoberto por Dave Juston, de Southampton, e publicado na Revista da *Banister*

partir daí, essa atividade ficou à mercê da voluntariedade dos imigrantes europeus e de um reduzido número de brasileiros que haviam estudado da Europa. “É só com eles que aparecem por aqui os clubes de lazer e uma forma mais ou menos organizada de exercícios físicos”. (CALDAS, 1990, p. 21).

⁶⁰ HAMILTON, Aidan. **Um jogo inteiramente diferente - Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

Court School, Miller contou como o críquete, exceto entre os ingleses, não se desenvolveu muito, narrando suas experiências com relação à modalidade, além de descrever o cenário do *football* brasileiro e narrar seus feitos no esporte:

[...] vocês ficariam espantados em saber como o *football* é popular por aqui. Temos nada menos do que sessenta ou setenta clubes só na cidade de São Paulo. Dois anos atrás, um brasileiro chamado Antônio Casemiro da Costa, educado na Suíça, e eu formamos uma Liga. Ele doou uma taça de prata. Entraram cinco clubes. [...] Sempre temos duas ou três mil pessoas assistindo a um jogo da Liga, mas para a final tivemos 6.000. Os brasileiros marcaram o primeiro gol, e vocês nunca viram uma algazarra como a que os espectadores fizeram [...] Nos últimos doze meses foram vendidas umas duas mil bolas de futebol por aqui, praticamente cada vila tem um clube (MILLER, 1904).

Levando em conta todo esse contexto, entender a forma como a imprensa se relacionou com o futebol desde sua origem é importante para a compreensão da história do jornalismo esportivo no cenário nacional. Isso porque a ascensão do jornalismo esportivo acompanhou o crescimento e a popularização do futebol no Brasil nessa “virada” em que o esporte, de subestimado na imprensa, passou a ser um espetáculo midiático, e a modalidade, de pouco praticada e noticiada, tornou-se um esporte das massas. E essa “virada” aconteceu justamente quando o futebol deixou de ser um esporte restrito à elite e aos “dignos representantes do *football* importado da Inglaterra” para chegar ao povo.

Conforme descreve e analisa Guterman (2009, p. 10), o futebol surgiu como uma atividade da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades no Brasil no final do século XIX. Caldas (1990, p. 24) também destaca que o caráter elitista dessa trajetória inicial da modalidade no Brasil estava ligado ao fato de que os ingleses faziam parte dessa camada social nas sociedades paulista e carioca; “além deles, apenas brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol”. Segundo o autor, os materiais eram importados e muito caros – ou seja, não eram acessíveis. Mas Caldas analisa que esse viés mudaria e haveria o declínio do elitismo. De acordo com Guterman (2009, p. 10), negros e operários só tiveram vez nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos e ricos ganhassem títulos.

Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas. A profissionalização do futebol foi uma consequência óbvia disso - as competições começaram a atrair grande público, e os melhores jogadores passaram a ser disputados e

remunerados por clubes cada vez mais interessados em competir para vencer (GUTERMAN, 2009, p. 10-11).

Hamilton (2001) e Ribeiro (2007) discorrem sobre essa relação histórica da expansão do futebol com sua prática para além das elites. Hamilton (2001, p. 69-71) descreve a fundação do Bangu Athletic Club e sua ligação direta com a indústria têxtil, a Companhia Progresso Industrial do Brasil, em 1904. Segundo o autor, um bom time era visto como algo que melhorava a imagem da companhia. Assim, Aidan Hamilton (2001, p. 70-71) conta que, no caso do Bangu, havia um fator singular: como não havia um número suficiente de contramestres ingleses para a montagem de um time de 22 jogadores, “Donohoe [vice-presidente] e outros diretores não tiveram escolha, senão recrutar membros da força de trabalho brasileira”. Segundo o autor, não demoraria muito para que o clube de futebol se tornasse mais proeminente do que a fábrica. Com isso, Caldas (1990, p. 30) analisa que parece incontestável que algumas questões referentes à democratização do futebol no Brasil têm origem no Bangu, e Hamilton (2001, p. 71) lembra que, para o sociólogo, quando, por necessidade, os trabalhadores brasileiros foram preferidos aos jogadores ingleses, “aqui, verdadeiramente, temos o início da democratização do futebol no Brasil”.

Ribeiro (2007) relaciona a expansão do futebol com a prática da modalidade pelo povo nos subúrbios e sua relação com a população negra brasileira. De acordo com o autor, na primeira década no século XX, os jornais não conseguiam esconder a distinção entre pobres e ricos no contexto do futebol. Os registros fotográficos do estádio do Fluminense⁶¹ da época, por exemplo, exibiam “pessoas elegantes” nas arquibancadas e “pessoas pobres” amontoadas pelos telhados e morros que cercavam o campo. André Ribeiro pontua que os artigos dos repórteres que cobriam os eventos eram indiferentes a essa desigualdade evidente. Mas o jornalista ressalta que “foi essa imensa maioria de pobres e apaixonados que decidiu sair, literalmente, do muro para fazer parte da festa do futebol a partir de 1907”. Os gramados e as condições dos jogos não eram os mesmos, mas “pelos inúmeros bairros do subúrbio carioca, várias ligas de futebol surgiram agrupando setenta clubes interessados em competir” (RIBEIRO, 2007, p. 32).

Ribeiro segue na descrição desse episódio narrando que a Liga Metropolitana, formada pela elite do futebol, em uma ação evidentemente racista para frear o avanço das

⁶¹ Caldas (1990, p. 24) avalia que Fluminense e Bangu são dois dos mais importantes times na evolução histórica do futebol brasileiro, principalmente, pela oposição que representavam: o tricolor era um clube elitizado de um bairro sofisticado, já o Bangu era um time do subúrbio.

agregações de futebol mais pobres, proibiu em seus estatutos a inscrição de “pessoas de cor” em seus clubes afiliados. No entanto, a decisão da imprensa foi por não deixar de noticiar os fatos relacionados ao futebol praticado pelas classes mais pobres. “O futebol passava a ser um dos assuntos mais noticiados diariamente nas páginas dos principais jornais da capital da República” (RIBEIRO, 2007, p. 33).

Coelho (2011, p. 8) também apresenta uma conjuntura em que a imprensa e a popularização do futebol se relacionam. Segundo o autor, em São Paulo, na década de 1910, o jornal *Fanfulla* dedicava suas páginas à divulgação esportiva e, embora não fosse um periódico voltado às elites, nem um formador de opiniões, atingia os italianos, um público cada vez mais numeroso na capital paulista à época. Nesse jornal foi publicado o aviso que fundou o clube de futebol que recebeu o nome de Palestra Itália e, anos depois, na Segunda Guerra Mundial, tornou-se o Palmeiras. Com isso, é possível apontar que a importância do *Fanfulla* se deu pelo registro e preservação da memória das primeiras décadas de grandes clubes de futebol. “*Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro”, conforme elucida o autor. Remontando a fundação de grandes clubes brasileiros, como Corinthians, Santos e Flamengo, Coelho (2011, p. 8-9) pontua que a história dessas agregações está registrada nas publicações esportivas.

Com isso, o autor ressalta que, no início do século XX, os jornais do Rio de Janeiro dedicavam cada dia mais espaço ao futebol, e os jogos dos grandes times da época ganhavam destaque. Paulo Vinícius Coelho considera que um episódio importante para a modalidade foi a conquista do Vasco, em 1923, da segunda divisão apostando na presença de jogadores negros. “Era a popularização que faltava” (COELHO, 2011, p. 9).

O futebol como pauta relevante passou a ser uma realidade tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, e é importante notar como a divulgação nos jornais foi fundamental para o crescimento da modalidade, que deixou de ser restrita à elite para chegar às massas, tornando-se ainda mais popular e ganhando ainda mais relevância na imprensa. Publicações especializadas continuavam surgindo.

Coelho (2011, p.9) indica que, em 1931, nasceu o que se pode considerar, a rigor, o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte, o *Jornal dos Sports*. A observação se justifica porque, apesar de a *Gazeta Esportiva* ter surgido em 1928, em sua origem, a publicação era um suplemento do jornal *A Gazeta*, e a passagem para um produto diário esportivo aconteceu em 1947. Outro marco dessa época foi em 1933, com a consolidação da profissionalização do futebol na Era Vargas.

Nessa relação frutífera entre futebol e imprensa, surgiu um novo componente no segundo âmbito que ampliaria essa associação: o rádio. O “novo” meio alavancou as transmissões esportivas, e não apenas os jornalistas interessados na área viram a oportunidade, mas também os jogadores e dirigentes que queriam divulgar suas realizações. Entre 1920 e 1930, o rádio estava apenas no começo de sua trajetória, mas “o poder de grandes grupos de comunicação e o talento de alguns empresários fariam do novo veículo o mais importante aliado do futebol” (RIBEIRO, 2007, p. 59). Assim, entre 1935 e 1940, tratava-se de uma “via de mão dupla”: o crescimento das rádios no Brasil era constante, e o esporte seguia como importante instrumento dessa ascensão.

Ferraretto (2001, p. 315) observa que a importância do esporte no dia a dia das grandes emissoras do país pode ser atestada por uma constatação: “o primeiro setor organizado para uma cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários”. O autor afirma que datam do início da década de 1930 as primeiras transmissões radiofônicas de jogos de futebol no Brasil. De acordo com Edileuza Soares, o pioneirismo, em São Paulo, foi de Nicolau Tuma, que narrou a partida entre a Seleção de São Paulo contra a Seleção do Paraná, em 19 de julho de 1931. Em 1932, um marco para a radiodifusão foi a regulamentação da veiculação de publicidade:

A partir daí, as emissoras tiveram que reformular a programação e criar formas para atrair mais ouvintes. Com essa reformulação, a transmissão esportiva surgiu como um bom apelo para conquistar a audiência, ainda mais porque o crescimento da divulgação do futebol no rádio coincidiu com o início da profissionalização do futebol no Brasil, em 1933, e o conseqüente crescimento do interesse da população pelo esporte. O futebol, naquele momento, passava a representar uma fonte de receita para o rádio (SAVENHAGO, 2011, p. 24).

Ao contrário do processo de aceitação e consolidação enfrentado em suas origens na imprensa escrita, de acordo com Soares (1994), o jornalismo esportivo mantém-se, desde as primeiras transmissões, entre os gêneros de maior faturamento publicitário no rádio, principalmente para as emissoras com tradição na cobertura do futebol.

Em 1938, a Copa do Mundo da França de futebol masculino foi a primeira a ser transmitida pelo rádio no Brasil.

Assim como já acontecia nas transmissões dos campeonatos do Rio de Janeiro e de São Paulo, a transmissão da Copa da França foi feita com exclusividade pela ‘cadeia de emissora Byington’, formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro e Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo, além da Rádio Clube de Santos, em colaboração com os jornais *O Globo* e *Jornal dos Sports* [...]. Para obter exclusividade, a Rádio Clube do Brasil teve que pagar 100 contos [...] devido à expectativa enorme de audiência (RIBEIRO, 2007, p. 99).

As altas expectativas com relação ao megaevento se concretizaram. De acordo com Ortriwano (2000), em 1938, o Brasil parou para ouvir as irradiações de Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro, o único profissional sul-americano atuando na cobertura radiofônica do evento. “O povo, incrédulo e fascinado com os sons vindos do outro lado do oceano, vibrava. Quem não tinha rádio em casa se aglomerava no Largo do Paissandu em São Paulo ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro” (ORTRIWANO, 2000, p. 3). No entanto, o interesse e a paixão pelo esporte não eram exclusividade dos paulistas e cariocas. Gisela Ortriwano (2000) descreve que, por todo o país, as pessoas se reuniam para ouvir as “transmissões ampliadas pelos alto-falantes que as emissoras espalhavam em lugares estratégicos, inclusive os estádios de futebol”. Com isso, a autora também coloca que, mesmo o público que não era apaixonado pelo esporte bretão não queria deixar de participar do acontecimento que envolvia a equipe nacional no período.

Naquele momento em que a paixão e o fanatismo pelo futebol estavam em evidência no Brasil, os jornais impressos também eram sucessos de vendas, chegando a terem edições esgotadas. Com a ampliação da cobertura jornalística, críticas e análises positivas tinham espaço em comentários sobre a campanha da seleção brasileira, que terminou a competição na terceira colocação. Ribeiro (2007, p. 101) conta que os jogadores brasileiros retornaram ao Brasil como “verdadeiros heróis”, e a Rádio Cruzeiro do Sul organizou uma recepção para o time em sua redação no Rio de Janeiro. Nesse sentido, o autor afirma que não eram apenas os jogadores que se beneficiavam da conquista do terceiro lugar, tendo em vista que a popularidade do futebol fazia empresários da comunicação investirem cada vez mais no esporte. No início da década de 1940, esses empresários, segundo Ribeiro (2007), perceberam que o esporte, especialmente o futebol, teria força suficiente para alavancar a criação da primeira rádio com programação inteiramente esportiva.

Ribeiro conta que, até 1944, dez emissoras de rádio funcionavam em São Paulo: Bandeirantes, Cosmos, Cruzeiro do Sul, Cultura, Difusora, Excelsior, Gazeta, Record, São Paulo e Tupi. Dessa forma, Paulo Machado de Carvalho, que, em uma sociedade com Oduvaldo Viana e Júlio Cosi, havia criado a Rádio Panamericana, resolveu que o diferencial para a concorrência seria uma programação inteiramente esportiva. Seus sócios discordaram da ideia, motivo pelo qual a parceria foi desfeita. Paulo, então, contou com o filho para firmar uma nova parceira, com o jornal A Gazeta Esportiva, que garantiria a base de informação da emissora radiofônica. Dois anos depois, a Rádio

Panamericana tinha jornalismo e eventos esportivos em sua grade de programação. “Pela primeira vez na história do rádio esportivo brasileiro formava-se uma equipe, ou melhor, um time de craques responsáveis por segurar um dia inteiro, sete dias por semana, um ano de programação esportiva” (RIBEIRO, 2007, p. 113).

Na Copa do Mundo de 1950, o Brasil era sede. Nesse cenário, em que o futebol era uma paixão nacional e o esporte tinha grande relevância na imprensa, a cobertura do evento foi total. Na partida final, em que o Brasil enfrentou (e perdeu para) o Uruguai, no famoso *Maracanazo*, conforme elabora Ribeiro, “os nomes mais famosos do rádio brasileiro e da imprensa escrita estavam no Maracanã. Treze emissoras, só do Rio de Janeiro, formavam o batalhão de transmissão”. O autor analisa que muitos torcedores sentiram a dor da derrota pelo rádio ou pelos jornais, mas, dois meses após a derrota, o brasileiro teria razões para comemorar: surgia um novo veículo de comunicação capaz de revolucionar o país.

5.2 A televisão entra em cena

Durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento de uma série de tecnologias possibilitou o surgimento da televisão, o “novo” veículo de comunicação que aliou o som à imagem e inaugurou uma nova era no jornalismo. De acordo com Abreu e Silva (2011), não é possível indicar um único cientista responsável pela invenção da televisão, isso porque muitas contribuições foram feitas por vários estudiosos, e cada nova descoberta se utilizava dos conhecimentos disponíveis.

Com isso, em 1930, na Inglaterra, foi inaugurada a *British Broadcasting Corporation*, mais conhecida pela sigla BBC, cujo pioneirismo se deu por conta da “primeira transmissão de um programa de televisão no mundo com imagem composta por 240 linhas, padrão mínimo que os técnicos chamavam de ‘alta definição’ por garantir boa qualidade e nitidez” (ABREU E SILVA, 2011, p. 3). Anos depois, houve a primeira transmissão na França; em 1935, a Alemanha se tornou o primeiro país a ter uma televisão pública; na Rússia, a chegada da televisão aconteceu no ano de 1938. Nesse período, o sistema de televisão se espalhou pela Europa.

Em 1939, conforme narram Abreu e Silva (2011), nos Estados Unidos, a transmissão televisiva, com imagem e som, do discurso do presidente Franklin D. Roosevelt na Feira de Amostras de Nova Iorque marcou o início da televisão no continente americano. Naquele mesmo ano eclodiu a Segunda Guerra Mundial, e a

Alemanha foi o único país que manteve as transmissões televisivas, sendo que os outros retomaram as atividades com o fim do confronto.

De acordo com Abreu e Silva (2011, p. 3), o país que melhor entendeu e absorveu a nova era da mídia foram os Estados Unidos. Os autores explicam que a *National Broadcasting Company*, reconhecida pela sigla NBC, estreou em 1941 naquele país e apresentou o formato mercadológico da comunicação de massa, com anunciantes e patrocinadores para garantir a programação.

Um ano depois da chegada da televisão na Alemanha, a capital Berlim foi sede dos Jogos Olímpicos de 1936, que se tornou o primeiro grande evento, não apenas esportivo, da história mundial a ser transmitido pela televisão. No entanto, as exhibições ficaram restritas a algumas cidades alemãs. Naquele período, o país era governado por Adolf Hitler, e aquela edição da Olimpíada foi significativa do ponto de vista esportivo e político para o mundo, reforçando o papel do esporte enquanto um fenômeno sociopolítico. Isso porque o ditador viu na competição uma oportunidade de ressaltar as conquistas alemãs e comprovar a tese racista da superioridade dos arianos, ideal defendido e difundido pelos nazistas e determinante no cenário da Segunda Grande Guerra. As imagens foram exibidas em salas de cinema pelo país. No entanto, o símbolo dos Jogos de 1936, lembrado até hoje, é o atleta negro americano Jesse Owens, que conquistou quatro medalhas de ouro no atletismo.

No que diz respeito a maior competição de futebol em âmbito mundial, a Copa do Mundo da Fifa, a primeira a ser transmitida pela televisão foi a de 1954, na Suíça – primeira disputada depois da Segunda Guerra Mundial. A primeira partida televisionada, ao vivo, foi entre Iugoslávia e França. No entanto, os jogos puderam ser assistidos apenas em oito países no continente europeu e também era limitados às pessoas que possuíam aparelhos televisores.

No Brasil, o dia 18 de setembro de 1950 é a data em que entrou no ar a TV Tupi, marco da chegada do “novo veículo” ao país. O dono da emissora era Assis Chateaubriand. Considerado o maior empresário brasileiro no ramo da comunicação, era presidente dos Diários Associados e já comandava, segundo Ribeiro (2007), “um império formado por 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista O Cruzeiro, dez revistas infantis e uma editora”. Ainda de acordo com o autor, cinco milhões de dólares foi o valor investido em trinta toneladas de equipamentos para a televisão, que, a princípio, não tinha uma imagem de qualidade, mas sim cheia de “chuviscos”.

Nesse contexto, o sucesso do esporte no rádio e o lugar consagrado do futebol no cenário nacional fizeram com que a história desportiva na televisão fosse diferente daquela de origem da relação com a imprensa no jornal. “Desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado” (RIBEIRO, 2007, p. 135). O autor segue descrevendo o cenário da época e conta o surgimento do programa *Vídeo Esportivo*, apresentado por Aurélio Campos, que já havia atuado como apresentador, diretor artístico, locutor e diretor de esportes da rádio Tupi. Ao lado dele estava Baltazar, ex-jogador de futebol.

Ribeiro (2007, p. 135) narra que, naquele mês de setembro, em um domingo, o cinegrafista Alfonso Zibas foi até o estádio do Pacaembu para gravar imagens da partida entre São Paulo e Portuguesa, posicionando-se à beira do gramado. No entanto, o árbitro do jogo não foi avisado e, por isso, não concordou com a gravação, e Zibas teve que se retirar do local. Mas, no mês seguinte, no dia 15, aconteceu o que o autor afirma ter sido a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira: o confronto entre Palmeiras e São Paulo no mesmo estádio do Pacaembu, na capital paulista. O jornalista pontua que os narradores pioneiros da televisão foram Aurélio Campos e Wilson Brasil e que, nos primeiros anos de implementação e desenvolvimento da TV, nomes de destaque do rádio eram cooptados para “brilhar no novo veículo”.

É importante ressaltar que o surgimento da televisão não significou a morte do rádio, nem mesmo em coberturas ou programas esportivos. Uma disputa de audiência ocorreu, mas “o fenômeno da televisão era mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol”, conforme observa Ribeiro. O autor pontua que programas de rádio surgiam a cada ano e os jornais passavam por um processo de modernização. Nesse sentido, podemos fazer uma breve análise por meio do olhar de Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p.175) sobre o cenário comunicacional de surgimento de novos meios. Utilizando o conceito de midiamorfose elaborado por Fidler (1998, p. 66), os autores sugerem que a introdução da TV no ambiente comunicacional pode ser um exemplo desse princípio que, basicamente, indica que novos meios não surgem de maneira espontânea e independente, já que são metamorfoses dos meios antigos, que não deixam de existir diante das inovações, apenas se adaptam e evoluem. Para Ferraretto e Kischinhevsky, foi isso que aconteceu com o rádio quando a televisão surgiu acrescentando a imagem aos produtos comunicacionais.

Com sua expansão, essa nova ferramenta contribuiu para uma popularização ainda maior do futebol, que já era um tema midiaticizado e uma modalidade legitimada enquanto

pauta do jornalismo esportivo. É possível destacar como fatores que contribuíram para essa afirmação o tempo de cada meio e a relação do público com o conteúdo. Quando as formas dominantes de disseminação de informação eram os meios impressos, principalmente os jornais diários, o contato do leitor com o futebol se dava por meio do relato escrito do jornalista ou cronista que presenciou os fatos. Além disso, aqueles que não estavam presentes dos estádios acompanhando os eventos no momento em que eles ocorriam precisavam esperar até o dia seguinte para ir às bancas ou receber os periódicos. É claro que tudo isso em um contexto no qual a instantaneidade não era conhecida e não era possível por falta de recursos. Ou seja, não havia concorrência a esse modo de acesso à informação, nem outras experiências para servirem como base de comparação. Isso até o surgimento do rádio, que inaugurou o tempo real e trouxe mais agilidade às notícias.

No entanto, a proximidade do ouvinte com uma partida ainda se dava apenas por meio do som, o que exigia que o público fizesse o exercício de transformar aquele relato oral, a locução, em imagens mentais. Com a televisão, a possibilidade de mediar o som e a imagem, que ganhou até mesmo cores depois de um período, trouxe ao telespectador uma perspectiva renovada do futebol. Assistir aos lances em tempo real, aliando a estrutura de uma cobertura midiática, com narração e comentários, a uma compreensão própria colaborou para que o público entendesse melhor a dinâmica do jogo – mesmo aqueles que nunca praticaram e não tinham a experiência empírica do esporte. A autonomia para realizar análises e tirar as próprias conclusões sobre lances e atuações foi ampliada.

Nesse percurso de inovação, a segunda emissora de televisão, segundo Ribeiro (2007), surgiu em São Paulo, a TV Paulista. De acordo com o autor, a TV era a “menina dos olhos” dos empresários de comunicação, mas não fugia do problema que atingia a imprensa naquela época. Ribeiro conta que, se o dinheiro de patrocinadores financiava a programação esportiva e deixava locutores ricos, a realidade não era a mesma para a equipe de transmissão, incluindo técnicos e repórteres, que não tinha estrutura para trabalhar. Assim, mesmo com os investimentos milionários na televisão, a infraestrutura para os trabalhadores era precária. A TV Paulista, por exemplo, tinha suas instalações em um prédio de apartamentos no centro da capital paulista. “Como o futebol não podia faltar em qualquer empreendimento de comunicação, mesmo com a falta de estrutura as emissoras atreviam-se a transmitir jogos inteiros” (RIBEIRO, 2007, p. 142). O jornalista também apresenta o depoimento de Luiz Guimarães, um dos primeiros contratados da nova empresa paulista, precursora da TV Globo:

Eu tinha de fazer também a locução das partidas de futebol. Fazia a abertura do jogo com narração de estúdio, corria para o estádio do Pacaembu para transmitir a partida externa, depois corria novamente para o estúdio para fazer a finalização e apresentação das próximas atrações. E tudo isso a pé... Sorte que o estádio era perto (RIBEIRO, 2007, p. 142-143)

Ainda conforme o levantamento do autor, dois anos após sua fundação, a emissora “entraria nos eixos” com novas instalações e contratação de pessoal. Nesse cenário, mais uma emissora surgiu em São Paulo. Em 1953, foi fundada por Paulo Machado de Carvalho a TV Record, que disputaria audiência com a TV Tupi. Em 1955, foi criada a TV Rio – pelo cunhado e sócio de Paulo Machado, João Batista do Amaral. Um dos primeiros sucessos da emissora foi o programa *Salve o Esporte*, mas o destaque ficou por conta do *Noite de Gala*, um programa de entrevistas com um quadro fixo que trazia personalidades do mundo esportivo, conforme pontua Ribeiro (2007).

A TV Tupi foi responsável pela primeira transmissão intermunicipal do país, com um jogo entre Santos e Palmeiras, no dia 18 de dezembro de 1955, o que serviu para que Chateaubriand criasse o *slogan* para provocar a concorrência: “Tupi, setenta quilômetros à frente”. Mas o contra-ataque veio rápido: em julho de 1956. De acordo com Savenhago (2011), Record e TV Rio entraram em cadeia e mostraram, ao vivo, imagens de um amistoso do Brasil contra a Itália, no Maracanã. As emissoras foram responsáveis pela primeira transmissão interestadual do país. E a alfinetada foi devolvida com o lançamento do *slogan*: “Emissoras Unidas – quinhentos quilômetros à frente”. E essa realização seria um marco para a televisão brasileira, isso porque, como aponta Ribeiro (2007, p. 157), o futebol se tornou o responsável direto pelo aumento da procura das pessoas pelos aparelhos televisores, que ainda era baixa por ser uma novidade no Brasil. No entanto, ao se depararem com o potencial daquele dispositivo, as pessoas começaram a ver os benefícios de possuir um.

Dessa forma, mais uma vez, é possível identificar a forma como a televisão e o futebol favoreceram o crescimento um do outro. Enquanto os aparelhos televisores tinham suas vendas impulsionadas pela modalidade, a televisão contribuía para que as imagens dos jogos chegassem mais longe e fossem acessíveis para os que não frequentavam eventos esportivos. Para Macedo (2008), o futebol se globalizou com a televisão, que o levou a uma escala de midiaticização inalcançável por nenhuma outra modalidade desportiva.

Em 1958, a transmissão televisiva da Copa do Mundo pode ser considerada parcial em território brasileiro. Isso porque a TV Record comprou os direitos exclusivos de

transmissão no país, mas, diferente da Europa, onde os jogos seriam exibidos ao vivo, filmes das partidas chegariam por aqui editados com meia hora de duração, conforme relata Ribeiro (2007). Apesar das limitações do novo meio, a cobertura da imprensa brasileira foi ampla: “Veículos para divulgar o que acontecia nas distantes cidades de Gotemburgo e Estocolmo era o que não faltava. Em 1958 existiam 708 estações de rádio, oito de televisão e mais 252 jornais diários” (RIBEIRO, 2007, p. 165). Ainda de acordo com o autor, a euforia com a seleção que disputava o Mundial as Suécia agitou os 64 milhões de habitantes do país. E foi justamente naquele ano que o Brasil conquistou seu primeiro título em uma Copa do Mundo. Os responsáveis por esse feito foram recebidos como heróis.

Com o passar dos anos, a televisão se desenvolveu mais e mais. De acordo com Ribeiro (2007, p. 178), a força que a TV exercia sobre o público era tão grande que, aliada a popularidade do rádio, personagens da imprensa esportiva se transformam em celebridades. Para o autor, esse ramo passou a ser também um grande negócio, e a disputa entre as três principais emissoras do país, Paulista, Tupi e Record, alavancou a modernização das mesmas, tudo isso porque nenhuma queria correr o risco de ficar para trás. Mas foi o que aconteceu com a Paulista, principalmente após a morte do empresário que a comandava em 1959. Entretanto, antes de falecer, Victor Costa havia conseguido a concessão de outro canal, a TV Excelsior. Com pouco tempo de atuação, a emissora já figurava entre as de maior audiência em São Paulo.

Na Copa do Mundo de 1962, no Chile, o ao vivo para a televisão ainda não era uma realidade: os torcedores tinham que esperar dois dias para assistir aos jogos. Ribeiro (2007) pontua que pode parecer muito, mas, pela primeira vez, o público tinha a possibilidade de ver a partida inteira, em videotape, já que, antes disso, só tinham acesso a lances dos jogos em cinejornais. O autor pontua que esse esquema inédito se realizou a partir de uma parceria da Record e da Tupi, com apoio técnico da Televisa, do México, e o dinheiro de Adhemar de Barros, candidato a governador de São Paulo na época.

Diante da falta de instantaneidade da televisão no ano em que o Brasil conquistou o segundo título mundial, o rádio assumiu a função da transmissão em tempo real. Ribeiro (2007, p. 186) conta que a Rádio Bandeirantes instalou, na Praça da Sé, na capital paulista, um painel que tinha o formato de um campo de futebol repleto de luzes. Assim, enquanto os alto-falantes traziam a narração radiofônica, as lâmpadas faziam referência ao local da bola no painel, acendendo e apagando. E a praça ficou lotada durante os jogos da seleção brasileira.

O cenário do país desse período até a Copa do Mundo de 1968 incluiu o golpe que instaurou uma ditadura militar no Brasil. Dessa forma, o jornalismo esportivo também foi atingido pelas medidas de repressão à liberdade de expressão. Ribeiro (2007, p. 204) conta que o regime autoritário fez com que figuras lendárias da imprensa esportiva passassem a ser discriminadas por companheiros da própria profissão. É importante acrescentar que dois fatos de destaque dos anos de 1960 foram a fundação da TV Globo, em 1965, e da TV Bandeirantes, em 1967.

O mundial que, de fato, marcou a história da televisão no Brasil foi o de 1970, sediado pelo México. Pela primeira vez, o mundo poderia assistir, ao vivo, partidas da Copa do Mundo de Futebol. Dessa forma, aqueles que tiveram acesso a um aparelho televisor naquele ano puderam presenciar, em tempo real, o tricampeonato da seleção brasileira. Até os dias atuais, em estudos históricos, esse episódio é analisado politicamente, tendo em vista que a conquista foi explorada pelos militares. Ribeiro (2007, p. 218) avalia que o *slogan* do governo “Ame-o ou deixe-o” transformava-se em um tenebroso recado aos que não concordavam com o regime. E, para os torcedores e as redações, especialmente esportivas, havia um dilema porque, para muitos, a vitória do time brasileiro era também a vitória da ditadura de Médici. No entanto, o autor também sugere a ideia de que, embora a ditadura tivesse roubado tudo o que poderia de direitos dos cidadãos, não pôde roubar o amor que o povo tinha pelo futebol.

Ribeiro (2007, p. 227) ainda conta que, na década de 1970, a televisão acompanhou uma onda de renovação da mídia esportiva, apesar do atraso no setor técnico de transmissões. De acordo com o autor, em 1972, foi ao ar a primeira partida de futebol em cores na América do Sul em uma cobertura feita pela TV Rio do jogo entre o Flamengo e o Grêmio.

Como parte dessas ideias inovadoras da década, o autor cita uma tentativa de quebra de preconceito no jornalismo esportivo, especialmente no rádio e na televisão: a participação feminina no campo. Coelho (2011, p. 34) afirma que, até o início dos anos 1970, era quase impossível ver mulheres no esporte. Ribeiro (2007, p. 220) reforça que, com raríssimas exceções, as mulheres não conseguiam entrar no que considerava um “fechado clube masculino das transmissões esportivas”. Assim, para começar a mudar essa realidade, a Rádio Mulher decidiu criar uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres, e o autor conta como essa história se desenvolveu. Para ele, a proposta foi inovadora, mas o preconceito por parte dos homens da imprensa era escancarado.

A lista das pioneiras que formaram tal equipe de transmissão era: Zuleide Ranieri Dias na locução; Jurema Iara e Leilá Silveira nos comentários; a juíza Lea Campos encarregada dos comentários de arbitragem; Germana Garilli, Claudete Troiano e Branca Amaral na reportagem; as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro no plantão na sede da rádio; Tereza Leme no transporte do elenco; e Regina Helô Aparecida na sonoplastia. Germana Garilli, inclusive, é constantemente lembrada em estudos sobre a inserção de mulheres no campo da imprensa esportiva, tendo em vista que é considerada a “a primeira mulher no Brasil a entrar em um campo de futebol como jornalista esportiva”⁶² (SANTOS, 2019, p. 11).

O grupo de mulheres se manteve por cinco anos, apesar da resistência dos homens em aceitá-las, dentro e fora dos gramados – jogadores, jornalistas e torcida, por exemplo. Ribeiro indica que a baixa na audiência foi um dos fatores preponderantes para o fim do projeto. Desmotivadas pelo preconceito, nenhuma das profissionais continuou na imprensa esportiva, a maioria, inclusive, desistiu do ofício. Já a Rádio Mulher “achou que faltavam homens na equipe”.

Somente vinte anos depois uma figura feminina surgiria no espaço do jornalismo esportivo: Regiane Ritter. Comentarista e repórter da Rádio Gazeta, começou apresentando um programa de variedades, mas entrou no campo do esporte cobrindo folgas de jornalistas que ficavam à cargo das notícias dos clubes paulistas, segundo o Portal Mídia Esporte⁶³. Posteriormente, Regiane Ritter migrou para a TV Gazeta, na qual ocupou os cargos de produtora e comentarista do programa Mesa Redonda, além da participação nas transmissões dos jogos. Conquistou o título de melhor jornalista no prêmio do jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em 1991, e, em 2010, o troféu Regiane Ritter foi idealizado pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo como reconhecimento à sua atuação no jornalismo.

Ainda se referindo à década de 1970, mais especificamente ao ano de 1977, Ribeiro (2007, p. 245) afirma que o futebol televisionado voltou a ser polêmica porque, diferente dos anos de 1950 e 1960, quando as federações e os clubes proibiam a exibição de jogos ao vivo, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e os clubes passaram a negociar

⁶² Embora nomes como de Germana Garilli e Regiane Ritter sejam pioneiros no rádio e na televisão, Maria Helena Rangel foi contratada pelo jornal Gazeta Esportiva em 1947, sendo considerada a primeira mulher a trabalhar com esportes no Brasil.

⁶³ Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil. Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html>>. Acesso em 1 de outubro de 2020.

a transmissão de jogos selecionados diante de uma proposta financeira interessante. O autor avalia que, neste momento, os dirigentes identificaram uma oportunidade para arrecadar dinheiro para os clubes ou até mesmo para os próprios bolsos. “Era o início das negociações sobre os direitos de transmissão que, pela sobrevivência, levariam os clubes a uma crônica dependência da televisão” (RIBEIRO, 2007, p. 246).

Iniciando a década de 1980, o autor indica que a TV Globo se preparava para uma batalha pela hegemonia das transmissões esportivas, enfrentando a Record e a Band para atingir seus objetivos, tendo em vista que a TV Tupi encerrou suas atividades e, no dia 1 de maio de 1980, a última partida de futebol foi narrada na emissora – seleção mineira contra seleção brasileira. Na Copa do Mundo da Espanha, em 1982, uma cartada foi dada, e a Globo comprou com exclusividade os direitos de transmissão da competição por 14 milhões de dólares, conforme Ribeiro (2007, p. 254). A Bandeirantes, por sua vez, buscou novos profissionais e programas para ganhar audiência. Assim, com a chegada de Luciano do Valle e uma programação totalmente focada no esporte, a Band criou o *slogan* que a fez ser conhecida como o “Canal do Esporte”.

Nos anos 1990, a disputa pela hegemonia do esporte na televisão era disputada entre Globo e Bandeirantes, que tinham os direitos de transmissão dos principais campeonatos de futebol. A Record estava fora do páreo. E foi no início da década que surgiram os canais por assinatura, segundo Ribeiro (2007), um negócio que revolucionaria a telecomunicação no país. Em 1991, foi criado o Globosat e, no ano seguinte, surgiu o primeiro canal esportivo fechado: o Sportv. Os equipamentos televisivos passaram a ser uma realidade constante nos estádios de futebol, novos instrumentos foram surgindo, modernizando a transmissão e aumentando a qualidade da imagem e do som. Ribeiro (2007, p. 278) afirma que a televisão passou a ser o principal instrumento de sobrevivência para os clubes brasileiros. Além disso, é possível dizer que ocupa, até hoje, um papel fundamental no universo do espetáculo esportivo. Santos (2014, p. 9) recorre à formulação do duplo caráter do produto cultural elaborada por Bolaños (2008)⁶⁴ para discorrer sobre essa relação entre futebol e televisão:

Se aos clubes e federações o “espetáculo” de futebol servia como produto a ser comercializado com a televisão – que pagava valores cada vez maiores para ter o direito de expor as imagens – essa tinha a chamada “mercadoria audiência” enquanto possibilidade de ganhos. Quanto maior fosse o público interessado e consumidor de futebol em seu formato midiático, maior a possibilidade de negociação da

⁶⁴ BOLAÑO, C. (org.). Comunicação e a crítica da economia política: perspectivas teóricas e epistemológicas. / Organizador César Bolaño; - São Cristóvão: Editoria UFS, 2008.

emissora detentora dos direitos de televisionamento com patrocinadores e anunciantes em geral (SANTOS, 2014, p. 9).

Se nos últimos mundiais a seleção brasileira passou em branco quando o assunto é título, a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, trouxe ao país o tetracampeonato e diversas inovações no âmbito televisivo. “A TV Globo investiu pesado novamente, com a colocação de quatro câmeras exclusivas, a utilização do *superslow motion* e até mesmo recursos *touch screen*, que permitia aos comentaristas analisar as jogadas a partir de desenhos feitos sobre uma imagem congelada” (RIBEIRO, 2007, p. 279). Mas não foi só a Globo que transmitiu o campeonato: Band e SBT também exibiram os jogos. Segundo pesquisa do Datafolha⁶⁵, 61% dos telespectadores assistiu às partidas na Globo, enquanto 27% optaram pela Band e 9% pelo SBT – 3% variaram de canal. No quesito satisfação, 95% do público da Bandeirantes consideraram as transmissões ótimas e boas, enquanto a mesma avaliação, na Globo, foi indicada por 90%. E em termos de audiência, segundo a Fifa, o total de espectadores no mundo todo foi de 31,7 bilhões, de acordo com os dados resgatados por Gehringer (2014, p. 60).

A última Copa antes da virada do século XX para o XXI foi disputada na França, em 1998, e, conforme levanta Ribeiro (2007, p. 294), atingiu a espantosa marca de 35 bilhões de telespectadores. No entanto, o jornalismo, as comunicações e o mundo presenciaram o surgimento de uma nova mídia que mudaria todo o cenário global: a internet. Nesta, havia (e ainda há) espaço para textos, sons, vídeos, tudo gravado ou em tempo real – com a possibilidade de ficar disponível 24 horas por dia. Mais uma vez, a novidade não acabou com os meios que já existiram. Acessando novamente o conceito de midiamorfose de Fidler (1998, p. 66), o espaço digital uniu tudo aquilo que já existia nos anteriores.

No novo século, a Copa do Mundo de 2002 trouxe o pentacampeonato para a seleção masculina brasileira. E, com jornal, rádio, televisão e internet à disposição do público, as competições seguintes se tornaram cada vez mais midiáticas. Com isso, o esporte, especialmente o futebol masculino, tornou-se um espetáculo midiático e milionário.

⁶⁵ Globo tem maior audiência. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/24/tv_folha/3.html>. Acesso em 1 de outubro de 2020.

6 Futebol: o fenômeno midiático sob a perspectiva de gênero

A partir do cenário construído pelos veículos impressos, nos quais o jornalismo esportivo surgiu, até o crescimento no rádio, a consolidação na televisão e as transformações de formatos e dinâmicas na internet, é possível afirmar que o futebol, no Brasil, tornou-se um fenômeno midiático.

No entanto, esse vínculo histórico de benefícios restringe-se ao futebol masculino. Por isso, neste capítulo, buscaremos resgatar algumas concepções teóricas sobre o esporte para entender de que forma o espetáculo esportivo se configura e como os autores desse campo dominado por homens o constituíram do ponto de vista científico. Além disso, buscaremos referências históricas no jornalismo esportivo com o objetivo de analisar a realidade da imprensa quando colocamos em foco agentes femininos.

Enquanto o futebol masculino crescia em relevância como assunto midiático, os bastidores da modalidade ficavam cada vez mais movimentados, os campeonatos e ligas mais organizados e o noticiário esportivo se consolidava no cenário jornalístico, a lei que proibia o futebol feminino no Brasil foi revogada em 1979. Desde a resistência no período do impedimento da prática até a retomada da modalidade, a movimentação social, as reivindicações feministas que questionavam os papéis de gênero e as novas concepções sobre o esporte se mostraram elementos fundamentais para a reabertura desse espaço para mulheres.

Nesse contexto, mais especificamente em 1978, a publicação da *Carta Internacional da Educação Física e do Esporte* da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) é considerada um marco dessa luta, pois apresentou ao mundo uma série de perspectivas marcantes que tratavam da função do esporte na sociedade. Entre elas, a apresentada no artigo 1º que considera “a prática da educação física e do esporte um direito fundamental de todos”. Um dos pressupostos recordados pela Unesco nesta carta foi que:

[...] pelos termos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todas as pessoas são titulares de todos os direitos e liberdades nela estabelecidos, sem qualquer tipo de discriminação com base em raça, cor, sexo, língua, religião, convicção política ou opinião, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer outra [...] (UNESCO, 1978).

Ao discorrer sobre o tema, o documento ainda destaca no artigo 8º que “os meios de comunicação de massa devem exercer uma influência positiva sobre a educação física e o esporte”, especificando em seguida que, sem interferir no direito de liberdade de informação, é fundamental que as pessoas “envolvidas com os meios de comunicação de

massa tenham plena consciência de suas responsabilidades quanto à importância social, ao propósito humanístico e aos valores morais presentes na educação física e no esporte”.

De acordo com Tubino (1993, p. 26), esse documento serve como referência em todos os países do mundo e provocou modificações profundas no papel do Estado diante do esporte, haja vista, por exemplo, a inclusão do tema nos textos constitucionais, como aconteceu no Brasil, na Constituição de 1988. Dessa forma, para o autor, depois da publicação da carta pela Unesco, o mundo passou a aceitar um novo conceito de esporte – essencial, por exemplo, para inclusão de mulheres nesse universo –, o que envolve a compreensão sobre este ser um espaço de liberdade, igualdade, de desenvolvimento de aptidões, de satisfação de necessidades físicas e sociais. E é a partir dessa perspectiva renovada que Tubino desenvolveu três âmbitos que representam as dimensões sociais do esporte. “O esporte, como um direito de todos, pode ser entendido atualmente pela abrangência das suas três manifestações: o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-performance” (TUBINO, 1993, p. 26).

Conforme elaborado pelo autor, a primeira dimensão é o esporte-educação ou esporte educacional, que tem um caráter formativo e se estabelece enquanto um processo educativo na formação dos jovens, como uma preparação para o exercício da cidadania, tratando-se do âmbito em que se percebe o aspecto de maior conteúdo socioeducativo. Ainda segundo Tubino (1993, p.27), deve ser desenvolvido na infância e na adolescência, na escola e fora dela, baseando-se em princípios como participação, cooperação, coeducação, integração e responsabilidade.

A segunda manifestação formulada pelo autor é do esporte-participação ou esporte popular, cuja ideia central se apoia no princípio do prazer lúdico, no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Este âmbito tem como característica marcante a ausência de compromisso com regras institucionais e quaisquer tipos de normas, isso porque tem como foco o bem-estar dos praticantes, o qual, segundo o autor, é sua verdadeira finalidade. Por envolver a participação de pessoas com o objetivo da realização de uma atividade prazerosa, “proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais”, conforme elucida Tubino (1993, p. 27). O autor também destaca que é essa dimensão em que a prática esportiva se revela democrática, isso porque não privilegia talentos ou habilidades, permitindo o acesso de todos.

A terceira e última esfera esportiva delineada por Manoel Tubino é a do esporte-performance, também chamado de rendimento, alto nível ou alta competição. Como as

próprias denominações sugerem, trata-se do espaço de disputa em que as modalidades são institucionalizadas e no qual estão inseridas federações internacionais e nacionais responsáveis pela organização de torneios ao redor do mundo. Com isso, há obediência a normas, regras e códigos especificamente desenvolvidos para cada tipo de prática. De acordo com Tubino (1993, p. 28), foi a partir do esporte de rendimento que surgiram o esporte olímpico e o esporte como instrumento político-ideológico. Seguindo essa linha de raciocínio, a Copa do Mundo de futebol também se situa nesta esfera.

O autor afirma que a preferência pelo espetáculo esportivo é uma das características mais visíveis do esporte de rendimento. E é também a dimensão social do esporte em que a imprensa tem maior influência. Com isso, trazendo para a realidade do futebol brasileiro, podemos apontar que o espetáculo esportivo envolve a ideia dos campeonatos e demais temas que o caracterizam como fenômenos midiáticos e mercadológicos.

O crescimento notável dos meios de comunicação de massa, a percepção das competições esportivas como espetáculo, a existência de um número considerável de ídolos esportivos e a certeza de que o esporte também pode vender com sucesso produtos e serviços fizeram com que os investidores voltassem suas atenções para os eventos esportivos (TUBINO, 1993, p. 29)

O autor ainda observa que, nos tempos atuais, atletas, equipes e competições são patrocinados por grandes empresas, há diversos espaços para propaganda nos locais de competição, uniformes e equipamentos são comercializados, e a mídia se ocupa cada vez mais da transmissão do noticiário e da divulgação esportiva. Para ele, essa integração com a mídia deu origem a um processo seletivo das modalidades, o qual toma como base as possibilidades e potencialidades de cada uma no que diz respeito a esse cenário de espetáculo. Como foi possível constatar no capítulo 4, o futebol praticado por homens no Brasil surgiu e se desenvolveu nesse cenário de associação com a mídia e se transformou em um espetáculo esportivo. Na segunda metade do século XIX e primeira do século XX, muitos esportes que tiveram origem na Inglaterra propagaram-se pelo mundo, mas nenhum foi adotado e absorvido “pelos outros países com tanta intensidade e, em muitos casos, com tanta rapidez, como se deles fizessem parte, como o futebol. Nem gozaram de tanta popularidade” (ELIAS, 1985, p. 187).

Eco (1984) também entende o esporte de acordo com aspectos distintos, propondo os conceitos de esporte em primeira pessoa (jogado pelo indivíduo), esporte elevado ao quadrado (jogo enquanto espetáculo para os outros), esporte elevado ao cubo (discurso

sobre o esporte assistido ou da imprensa esportiva) e esporte elevado à enésima potência (discurso sobre a imprensa esportiva ou da imprensa sobre ela mesma).

A ideia do esporte ao quadrado, sobre o qual, segundo o autor, são exercidos especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos, relaciona-se intimamente àquilo que Tubino (1993) entende por esporte-performance. Isso porque o alto rendimento e a competição são fatores centrais do espetáculo esportivo, tendo em vista que estes se revelam como atrativos para a torcida ou o público que assiste e consome essas disputas. Por sua vez, a imprensa “se alimenta” desse cenário – esporte ao cubo. Todas essas relações da prática esportiva em si com aqueles que a presenciam e elaboram discursos sobre ela fazem com que o esporte seja orientado aos resultados por conta da competição/rivalidade. Sobre tal panorama, Dunning avalia:

As pressões recíprocas e os controles que atuam nas sociedades urbanas industriais reproduzem-se, geralmente, na esfera do desporto. Em resultado disso, os desportistas de alto nível, homens e mulheres, não podem ser independentes e jogar por divertimento, sendo obrigados a dirigirem-se para os outros e a participar nos desportos com seriedade. Isto é, não podem jogar para si próprios, sendo forçados a representar unidades sociais mais vastas, como cidades, distritos e países. Como tal, fornecem-lhes material e, ou também, recompensas de prestígio, facilidades e tempo para o treino. Em contrapartida, espera-se que realizem uma atuação-desportiva, isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os consumidores do desporto exigem, nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da imagem e da reputação da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e consumidores (DUNNING, 1985, p. 321).

Com tal análise, o autor sugere que não há espaço para divertimento ou participação, nos termos de Tubino (1993), no âmbito da competição, e descreve a maneira como a alta performance dos atletas é utilizada como forma de representação até mesmo de nações, ideia sobre a qual se apoiam a montagem de seleções e a Copa do Mundo, que nada mais é do que a disputa entre países. Assim, como a orientação desses embates é o resultado, apenas a vitória, isto é, a conquista diante do oponente é capaz de fornecer prestígio aos participantes e validação dessa performance atlética. Nas partidas entre seleções e em Copas do Mundo, o acúmulo de triunfos cria uma espécie de reputação, um conseqüente favoritismo, e a noção de superioridade na tradição de uma seleção com relação a outras. A participação da imprensa nessa construção de imagens é notável.

Ao discorrer sobre os Jogos Olímpicos e a influência da televisão, Pierre Bourdieu (1997), cuja análise crítica tem como referência a Olimpíada de Barcelona, em 1992,

pontua que a competição reforça a disputa entre as nações. Além disso, para o sociólogo, a produção da imagem televisiva desse espetáculo serve como suporte de pontos publicitários e se torna um produto comercial que obedece à lógica do mercado. Bourdieu (1997, p. 124) ainda afirma que essa produção precisa ser concebida de maneira a atingir e “prender” o público, que tem de ser o mais amplo possível, de forma duradoura. O autor ainda ressalta que as competições devem ser oferecidas nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, o que seria uma demonstração da força da televisão perante o torneio. Um exemplo fornecido pelo francês é que, nos Jogos de Seul, em 1988, os horários das finais-chave do atletismo foram fixados, “ao fim de negociações sancionadas por formidáveis condições financeiras” (p. 125), para que as provas fossem exibidas no período de audiência máxima de começo de noite nos Estados Unidos.

Bourdieu é outro autor que cita o conceito de espetáculo. O sociólogo, ao descrever tal cenário, faz referência a fatores que são parte do processo de espetacularização do esporte. Entre eles, identifica-se a presença de marcas anunciantes e o valor monetário que envolve o patrocínio. Bourdieu (1997, p.125) cita que o Comitê Olímpico Internacional (COI) foi “progressivamente convertido em uma grande empresa comercial com orçamento anual de 20 milhões de dólares, dominado por uma pequena cartilha de dirigentes esportivos e de representantes das grandes marcas industriais”. Ademais, a venda dos direitos de transmissão e a concorrência pela associação com os produtos das competições, nas quais as marcas são divulgadas como “fornecedoras oficiais”, são alguns dos componentes desse contexto apontados por Bourdieu.

Para Marin (2008), a espetacularização do esporte converteu-o em ramo da indústria do entretenimento, cujo objetivo é a maximização do lucro pela conquista das audiências. “Cabe destacar que, dado o caráter lúdico atrelado às competições esportivas, elas passaram rapidamente ao espetáculo. E não se é de estranhar, portanto, que todos os atletas bem como suas vidas se tornem tema para entreter” (MARIN, 2008, p. 86).

A esse quadro, acrescenta-se o fator emoção, a montagem dos elementos de forma que se tornem atrativos para o público. Segundo Marin (2008), a mídia televisiva captou rapidamente a relação entretenimento e estimulação dos sentidos, daí as diferentes estratégias das quais lança mão para a estimulação de sensações. No futebol em si, é possível observar como a própria configuração da modalidade é voltada ao espetáculo: o estádio abriga um campo cercado de lugares preparados para que as pessoas possam assisti-lo. Essas pessoas são chamadas de torcedores e torcedoras, os quais, geralmente, são representados por um time (clube ou seleção nacional, por exemplo). Os torcedores e

torcedoras costumam cantar, vibrar, vaiar, protestar, comemorar e se manifestar com relação à partida de futebol que assistem. Muitas vezes, a acústica do local é idealizada para que essas manifestações sejam ouvidas e sentidas, tanto pelo time apoiado quanto pelos adversários (time e torcida).

Na televisão, as estratégias que fazem parte desse “jogo” de sensações e emoções envolvem, por exemplo, a captação das imagens, a locução – conforme um dos times se aproxima do gol, a entonação do narrador muda, e quando o ponto alto de uma disputa, que é o gol, acontece, há o momento máximo da narração – e os comentários durante a partida e nos programas esportivos posteriores.

Além disso, a construção da imagem dos atletas faz parte desse envolvimento do público com o futebol. A noção de jogadores enquanto ídolos, heróis e mitos estabelece a criação de vínculos emocionais com essas figuras. De acordo com Marques (2005), o fato de o universo esportivo ser pródigo na formação de ídolos e heróis sempre fez com que atletas e jogadores de futebol percorressem um terreno muito propício para a produção de mitos, num processo que se estabelece intensamente por meio de construções midiáticas. Para o autor, esse mecanismo tornou-se cada vez mais poderoso à medida que os meios de comunicação de massa globalizaram a informação através das “novíssimas tecnologias” (especialmente a TV a cabo e a internet). “Na relação entre ídolo e fã, cabe à mídia funcionar como elo que fundamenta a continuidade do enredo do herói, até que ele assuma a categoria de mito, reservada a apenas alguns eleitos” (MARQUES, 2005, p. 3). Dessa forma, o papel da imprensa esportiva nessa trajetória com três patamares (ídolo, herói e mito) é preponderante. Conforme Barthes (1993), o mito é uma fala, isto é, tudo pode ser mito desde que seja suscetível de ser julgado pelo discurso. Ademais, esse fenômeno que coloca esportistas em tais lugares sociais demonstra a relação de admiração do público para com os jogadores.

Diante de todo esse cenário, relacionado intimamente com o futebol masculino, existem realidades quantificáveis que dão pistas a respeito da dimensão desse espetáculo no mundo contemporâneo. Um levantamento realizado pelo *Transfermarkt*⁶⁶, um site especializado em informações sobre o mercado de transferências, valores e negociações relacionados ao futebol, indicou que o valor de mercado de Kylian Mbappé, jogador mais valioso do mundo, é de 180 milhões de euros. O francês possui 21 anos e defende o Paris Saint Germain. Em seguida, estão o jamaicano naturalizado inglês Raheem Sterling e o

⁶⁶ Jogadores mais valiosos. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/spieler-statistik/wertvollstespieler/marktwertetop>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

brasileiro Neymar, ambos com um valor estimado em 128 milhões de euros. O ranking elaborado pelo site é atualizado a cada mudança desse mercado. Neste mesmo espaço digital, há a classificação a respeito do valor de mercado de clubes de todo o mundo⁶⁷. Neste caso, os três primeiros colocados são: Liverpool, da Inglaterra, com um valor estimado em 1,10 bilhões de euros; Manchester City, também da Inglaterra, com 1,08 bilhões de euros; e Barcelona, da Espanha, 878,50 milhões de euros.

Conforme apontado pela lista da Forbes⁶⁸, em 2020, o jogador mais bem pago do mundo é o argentino Lionel Messi, do Barcelona, com faturamento de 126 milhões dólares, sendo 92 milhões em salário e 34 milhões em patrocínios. Em segundo lugar está o português Cristiano Ronaldo, da Juventus, com faturamento de 117 milhões de dólares (salário de 70 milhões e 47 milhões em patrocínios). Em seguida, na lista, o brasileiro Neymar, do Paris Saint Germain, aparece com 96 milhões de dólares em faturamento (78 em salário e 18 em patrocínio).

Em termos de audiência, em 2018, ano da última Copa do Mundo masculina organizada pela Fifa, a federação divulgou em seu relatório oficial⁶⁹ que mais da metade da população global viu a cobertura da competição, levando em conta que os dados de audiência chegaram a 3,572 bilhões de pessoas que assistiram a transmissões oficiais do torneio sediado na Rússia.

Ainda se tratando de televisão, para 2020, em âmbito nacional, a Globo cobrou 307 milhões⁷⁰ de reais por cada uma das seis cotas do pacote comercial de patrocinadores do futebol. Todos os planos foram vendidos nesse espaço que foi considerado o mais valioso do mercado publicitário brasileiro.

De acordo com os dados coletados e divulgados pelo GloboEsporte.com, portal da Globo especializado em esportes, no Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino de 2019, mais de oito milhões de ingressos foram vendidos em 380 partidas disputadas. A média foi de 21.237 pagantes por jogo. A equipe que colocou mais torcedores no estádio foi o Flamengo, campeão da edição, com uma média de 55 mil pagantes por partida e

⁶⁷ Os 100 times mais valiosos do mundo. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/vereins-statistik/wertvollstemannschaften/marktwertetop?kontinent_id=0&land_id=0&plus=1>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

⁶⁸ Os jogadores de futebol mais bem pagos do mundo em 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/listas/2020/09/os-jogadores-de-futebol-mais-bem-pagos-do-mundo-em-2020/#foto1>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

⁶⁹ 2018 FIFA World Cup Russia™ - Global broadcast and audience summary. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/njqsntrvdqv8ho1dag5.pdf>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

⁷⁰ Pacotes comerciais já garantem R\$ 2,47 bi a Globo em 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3IIAKg6>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

uma renda bruta de mais de 53 milhões de reais. O maior público do torneio também teve o clube do Rio de Janeiro como mandante, em confronto com o CSA de Alagoas, com mais de 65 mil pagantes no Maracanã.

Tais dados, que se tratam de recortes sobre valores de jogadores e clubes, faturamento de atletas, índices de audiência do futebol, faturamento de emissora televisiva com transmissão de jogos e torcidas nos estádios brasileiros, apresentam uma realidade mundial com relação ao futebol masculino. Kessler (2016) pontua que é um fato incontestável e latente na porção ocidental do globo terrestre que o futebol move multidões – conforme foi possível constatar com os números indicados. No entanto, a autora ressalta que essa multidão de seguidores e torcedores se refere, em grande parte, à prática do futebol milionário e espetacularizado – isto é, o masculino.

Dunning (1985, p. 302) explica que os desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Nesse sentido, é possível observar que as desigualdades de gênero presentes na sociedade também são constatadas no esporte. No entanto, Bourdieu (1983, p. 2) analisa que “o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo”, cuja história é “relativamente autônoma” e, “mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história, tem seu próprio tempo, suas próprias crises” e “sua cronologia específica”. Isso quer dizer que o futebol está inserido em um contexto social cuja influência é significativa em sua configuração. No entanto, a análise da modalidade também deve considerar as lógicas internas do campo.

Adotando essa linha de raciocínio, podemos refletir sobre a questão de gênero no que diz respeito ao futebol e as lutas históricas das mulheres por direitos sociais, políticos, educacionais, econômicos, culturais, reprodutivos, entre tantos outros. Embora as reivindicações por questões como o direito ao voto integrem as ondas feministas⁷¹ que marcaram os séculos XIX e XX e os questionamentos acerca das desigualdades entre homens e mulheres no campo esportivo não sejam novidade do século XXI, quando o assunto é a prática profissional de futebol por mulheres, no Brasil, é possível afirmar que falamos de um processo recente que, nos dias de hoje, encontra-se em desenvolvimento. Isso porque, conforme ressaltado nos capítulos anteriores, o futebol masculino e o

⁷¹ O termo “onda feminista” se refere à categorização, para fins didáticos, de períodos históricos em que existiam “reivindicações majoritárias” ou efervescência acentuada de determinadas pautas ou problemáticas, conforme elabora Silva (2019).

feminino tiveram histórias diferentes em território nacional⁷². Enquanto um se estabeleceu como um espetáculo midiático, um objeto mercadológico e uma modalidade vencedora, o feminino precisou enfrentar barreiras sociais, legais, científicas e ideológicas para se estabelecer enquanto uma atividade aceitável para mulheres.

Por isso, Kessler (2016, p. 21) questiona, em seu texto, a existência do “plural” ou do “singular”, de um “futebol” ou de “futebóis”: o futebol masculino “espetacularizado e milionário”, segundo a autora, foi estabelecido como “padrão universal”, mas não se aplica a maioria, apenas a uma pequena parcela de indivíduos. Essa realidade de profissionalismo, alta performance, competição e espetáculo indicada por números que habitam as casas dos milhões e bilhões, que contam com os jornais, os rádios, as televisões e a internet não equivale ao futebol de outros praticantes, como as mulheres.

Se retomarmos as ideias de dimensões sociais do esporte de Tubino (1993) e considerarmos, de forma breve, o fator gênero em cada um dos âmbitos propostos, será possível constatar algumas diferenças entre os esportes praticados por homens e mulheres e, conseqüentemente, os “futebóis”.

Na esfera da educação, o esporte pode ser considerado um instrumento e um espaço no qual valores como disciplina, respeito e dedicação são transmitidos, destacando seu papel na formação cidadã, especialmente em ambiente escolar. O desenvolvimento pessoal, a interação social, o trabalho em equipe e a noção de coletividade também são estimulados na prática de modalidades como o futebol. Por se tratar de uma dimensão que inclui crianças e adolescentes, trata-se de uma experiência física, social e psicológica relevante para a constituição da identidade e descoberta de aptidões. Dessa forma, quando tal vivência é negligenciada, negada ou diminuída, a formação integral do indivíduo pode ser prejudicada.

Nesse sentido, a falta de estímulos e a imposição de restrições a meninas com relação aos esportes praticados são realidades que se arrastam historicamente, o que acaba limitando as experiências e prejudicando todos os aspectos de formação indicados. O quadro do século XX no Brasil, em que até mesmo argumentos médicos eram usados para atestar que determinadas modalidades esportivas ofereciam riscos à saúde feminina, e as expectativas de gênero no que diz respeito aos padrões de comportamento atrelados socialmente ao feminino são alguns dos fatores que contribuem para um cenário em que meninos e meninas recebem tratamentos distintos. “Na escola, ainda é comum

⁷² Os cenários construídos nos capítulos 2 e 4 dão suporte a tal afirmação.

professoras e professores separarem meninas e meninos nas aulas de Educação Física, definindo esportes diferentes para cada grupo. Aos meninos, futebol, às meninas, vôlei!” (GREGORY, 2014, p. 12). A noção de que existem práticas mais adequadas às mulheres também advém dos discursos difundidos, especialmente, no século XX, contexto da proibição do futebol feminino. Havia a ideia, que se mantém até os dias atuais, de que o futebol – assim como as artes marciais, por exemplo – poderia masculinizar as mulheres.

Dessa forma, voltamos à questão identitária e comportamental. Isso porque esse afastamento entre as meninas e o futebol contribui para reforçar a noção masculina de que as características do esporte não são compatíveis com o modelo de feminilidade imposto pela sociedade. A prática do futebol e momentos típicos das partidas, como o contato com a adversária em campo e as disputas pela bola, são considerados violentos, intensos ou brutais em excesso para que as “delicadas”, “frágeis” e “recatadas” figuras femininas possam realizá-los. Excluir atributos do âmbito de manifestações da personalidade de uma menina restringe sua liberdade de expressão, suas possibilidades para construção de uma individualidade plena e até mesmo suas potencialidades para o futuro – como ser uma jogadora de futebol.

A imposição histórica e cultural de papéis de gênero na sociedade também pode ser percebida na esfera do esporte-participação, tendo em vista que atividades como o futebol não são comumente consideradas “bons passatempos” para as mulheres. Conforme elabora Arantes (1993, p. 5), a participação de mulheres na esfera do lazer (em especial no esporte) adquire um significado de desafio às expectativas de comportamento que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade. Já Gregory (2014, p. 12) avalia que é bastante frequente que as mulheres jovens e adultas tenham dificuldade para participar do esporte recreativo, pois são vistas como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidados.

Partindo do princípio de que essa dimensão esportiva se apoia no prazer lúdico e no lazer, o bem-estar do praticante e a utilização de seu tempo livre são pontos primordiais. No entanto, a associação de algumas modalidades, como o futebol, aos agentes masculinos no campo esportivo foi historicamente construída, cultural e socialmente mantida e reproduzida. Por isso, a identificação, por exemplo, de um grupo de mulheres que se encontra regularmente para se divertir jogando bola não é uma prática comum. Com o passar do tempo e as movimentações sociais que reivindicam a equidade de gênero, pode-se dizer existiram avanços e tal tipo de prática pode ser observada, o que não significa que vivemos em um cenário de igualdade.

No esporte-performance, no qual temos a competição, o espetáculo e a prática profissional das modalidades, percebemos as diferenças mais nítidas entre homens e mulheres. Com o olhar voltado ao futebol, a própria constatação de que apenas em 1979 a proibição para mulheres foi revogada é uma demonstração da desigualdade do desenvolvimento do esporte nesse recorte de gênero. Inclusive, uma das legislações⁷³ que impuseram restrições às mulheres é clara ao definir o que era adequado ou não às mulheres:

[...] N. 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N. 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball [...] (CND, 1965).

De acordo com Mourão e Morel (2005), a simples leitura desses documentos nos conduz a indícios de que a legislação esportiva explicitava uma distinção entre as atividades físicas a serem praticadas pelos homens e pelas mulheres, em adição a intenção de adaptar a juventude ao padrão de masculinidade e feminilidade vigente na sociedade.

Tratando-se do aspecto profissionalismo, em território nacional, o futebol feminino ainda é amador – em alguns clubes, jogadoras sequer possuem contratos de trabalho⁷⁴ –, carecendo de estrutura, visibilidade e apoio, questões que envolvem políticas públicas, iniciativas de federações nacionais e internacionais, mídia e clubes.

Em âmbito mundial, um indício que fornece uma comparação interessante pode ser visto pelo maior salário no universo do futebol feminino: segundo o levantamento⁷⁵ divulgado em 2019 pela revista francesa *France Football* com a publicação do “Salário das Estrelas”, a jogadora mais bem paga do mundo é a norueguesa Ada Hegerberg, que atua pelo Lyon, da França, e recebe 400 mil euros por temporada – cerca de 0,04% do salário de Messi. Em seguida nessa lista estão as francesas, que também atuam no Lyon,

⁷³ Deliberação número 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND).

⁷⁴ Sem contrato, jogadoras do Vitória ficam à mercê do descaso de dirigentes. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/06/15/sem-contrato-jogadoras-do-vitoria-ficam-a-merce-do-descaso-de-dirigentes/>>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

⁷⁵ Marta é só a quinta jogadora mais bem paga do mundo, revela revista; veja top 5. Disponível em: <https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_id/5451864/marta-e-so-a-quinta-jogadora-mais-bem-paga-do-mundo-revela-revista-veja-top-5>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

Amandine Henry e Wendie Renard, com 360 e 348 mil euros de salário, respectivamente. A única brasileira da classificação é Marta, seis vezes eleita a Melhor Jogadora do Mundo pela Fifa, que atua no Orlando Pride, nos Estados Unidos, e tem um salário de 340 mil euros.

Um dos grandes fatos que expressa a discrepância entre esses “futebóis” é a própria Copa do Mundo, maior expoente do futebol competitivo, institucionalizado e regrado. Isso porque, conforme visto em capítulos anteriores, o mundial disputado por homens teve início em 1930, e o das mulheres, em 1991. Nas Olimpíadas, o futebol passou a integrar a competição em 1908, mas apenas em 1996 as mulheres foram incluídas no torneio.

Por meio de tais recortes, que envolvem o conceito de educação, participação e espetáculo e a diferenciação histórica entre os “futebóis” plurais⁷⁶, podemos observar que as desigualdades presentes na realidade da prática esportiva, além de compreendermos que, quando falamos em fenômeno midiático, essa visão é restrita ao quadro masculino, tendo em vista que as mulheres ainda lutam por visibilidade, apesar dos avanços identificados nos tempos atuais.

6.1 Imprensa esportiva e a cobertura do futebol feminino

No capítulo 2, no qual resgatamos a história do futebol praticado por mulheres no Brasil e no mundo, também citamos a forma como a mídia esportiva realizou a cobertura de determinados episódios relevantes para a trajetória da modalidade, especialmente em âmbito nacional – até mesmo porque os registros jornalísticos são fontes importantes para a reconstrução de cenários históricos. Nesta etapa, buscaremos alguns exemplos marcantes do retrato feito pela imprensa do futebol feminino, dando foco à questão do discurso jornalístico e sua construção situada em cada contexto.

Vale ressaltar que, conforme evidencia Mourão e Morel (2005), seria no mínimo comprometedor pensar na mídia como uma voz uníssona, tendo em vista que ela não está isolada da sociedade, mas é uma complexa teia de circulação, recepção e interação de informações. As autoras analisam que a mídia é uma via de mão dupla, já que ela reforça e reflete fenômenos sociais. Partindo desse pressuposto, os materiais selecionados nos ajudarão a construir um panorama cronológico a respeito de como a grande mídia, o

⁷⁶ Embora o futebol seja um só, as regras e códigos sejam unificados, a adoção do termo é proposital no sentido de chamar a atenção para as desigualdades constatadas na realidade com relação a prática dessa modalidade esportiva.

jornalismo esportivo tradicional ou hegemônico retratou, em determinados momentos e contextos, a prática do futebol por mulheres. Dessa forma, teremos pistas sobre a relação dos meios de comunicação de massa com esse objeto midiaticizado ao longo do tempo.

Mourão e Morel (2005), cuja proposta foi a análise do futebol feminino em veículos impressos de 1930 até 2000, pontuam que, em relação às narrativas jornalísticas utilizadas, o trabalho se deu com fragmentos porque eles contaram com uma escassez de narrativas publicadas entre as décadas de 1930 e 1940, afora uma insuficiência de fontes entre as décadas de 1950 e 1960, considerado o período de interdição do esporte feminino pela legislação da época. Todavia, de acordo com as autoras, depois da década de 1970 as fontes revelaram, nas páginas de jornais e revistas, com maior sistematicidade, a presença das mulheres jogando futebol.

Ainda segundo Mourão e Morel (2005, p. 75), o futebol feminino é permeado por polêmicas de diferentes sujeitos sociais, entre eles a mídia, e as metáforas associadas às linguagens sobre a modalidade se ancoram em evidências do tipo: fragilidade, estética, masculinização e resistência.

Começando pela década de 1930, as autoras analisam que, pela pouca intimidade das jogadoras com o esporte, o futebol feminino (FF) era uma caricatura com tons de comédia e curiosidade. A falta de compromisso com a competição e o profissionalismo aliada ao tom de brincadeira e ao aspecto de exibição provavelmente, em um primeiro momento, foram os fatores que fizeram com o que a prática não gerasse o incômodo que causou posteriormente com seu crescimento. Em 3 de maio de 1931, o *Jornal dos Sports* descreveu “um atrahente festival íntimo” com uma “prova” de “dois teams constituídos de gentis senhoritas”. Nessa época também, conforme ressaltado no capítulo 2, o FF como espetáculo circense compôs esse cenário.

Na década de 1940 até a de 1970⁷⁷, em que temos o período de proibição, alguns jornais combateram a ideia do futebol para mulheres, trazendo os argumentos médicos de que a prática colocava em risco a saúde feminina – especialmente a capacidade reprodutiva –, e outros começaram apoiando e divulgando eventos, depois mudaram seus discursos.

Segundo Mourão e Morel (2005, p. 78), devido às alterações substantivas ocorridas no campo do legislativo desse período é que vamos encontrar as bases para gradativas

⁷⁷ Esse cenário é descrito com mais detalhes no capítulo 2, em que tratamos dos conteúdos publicados, por exemplo, por *Jornal dos Sports*, *O Imparcial*, o *Diário de Notícias* e *A Gazeta*, com publicações como a resposta à carta de José Fuzeira e a notícia e cobertura da prisão de Carlota Alves de Rezende.

mudanças na forma de se perceber a resistência como forma de participação da mulher no esporte e especialmente no FF.

Figura 20 – Matéria do jornal O Dia na década de 1940

Futebol é impróprio para moças
COMO FALOU A "O IMPARCIAL" DO RIO DE JANEIRO.
LETE DE CASTRO - NOTÁVEL AUTORIDADE EM ASSUNTOS CIENTÍFICO-ESPORTIVOS.

RIO — Muita coisa interessante nos fornece o futebol pelo ponto de vista médico e de educação física, principalmente agora, quando, até o sexo feminino, demonstramos pendores, por esta prática tão violenta.

Ninguém nega que o futebol é também chefe de clínica da Beneficência Portuguesa, médico da Polícia Civil, exercendo também oficialmente as funções de médico antropométrico, especializado em vacinação física.

Precurse no Brasil o controle médico nos esportes, autor de mais de 100 artigos e trabalhos médicos publicados, premiado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, no ano passado por ter feito a conferência "Tuberculose e Esportes".

E o futebol um esporte? — Pergunta a reportagem, iniciando a palestra neste termo, responsabilizando o ilustre cientista.

"O futebol é, antes de tudo, complemento da educação física. Considerando sob o ponto de vista desportivo o futebol é um esporte que exige de seus praticantes, requisição corporária e fisiológica apreciáveis. Dentro do critério médico, propriamente dito, este esporte é falso. Falso, porque não é completo e porque todos os defeitos decorrentes dos esportes unilateral, e falso porque não é um exercício que possa ser praticado de uma forma geral, a sociedade masculina de um país."

RAO PAZ, ESPECIALISTA QUEM QUER, ILIAS QUEM O PODE — Em uma velha frase que merece sua repetição.

De fato, dentro do espírito verdadeiramente científico, a educação física representa alguma coisa de maior valor benéfico corporal que proporciona à juventude

Deve o futebol ser jogado por moças? E ele indicado para a mulher?

Ocupamos a palestra do dr. Leite de Castro.

— Como disse no início de minha palestra com o reporter, não conheço o futebol o esporte ideal. Absolutamente. Não faço restrições amplas no que diz respeito às vantagens e inconvenientes, que propõem ao organismo da inocuidade masculina, o que não direi do futebol como esporte feminino?

De muito sou contra este esporte para mulheres.

Nada lhes aproveita e, pelo contrário, proporciona-lhes alterações nas funções circulatórias e renais, além de perturbações sexuais que o exercício físico violento pode determinar na esfera genital".

Mas o futebol feminino está ganhando adeptos — retrucamos.

— O dr. Leite de Castro, porém, assim nos objetos:

"Se o futebol é um esporte violento, assim como encareado pelo lado biológico, e um esporte violento capaz de alterar o equilíbrio fisiológico da mulher.

Praticado por mulheres só pode ser aplaudido, como expressão gratificante em sentir ao sabor da curiosidade popular, avidez de novidades ou originalidade. A força de uma mulher deve residir mais numa saúde e não numa força, solidária com um valor atlético equilibrado, do que numa aptidão acentuada aos esforços musculares violentos.

A mulher esportiva, com por cento a mais, além de não ter uma saúde excepcional, a sua plástica muito fica a deslejar.

O homem, aliás, porém, tende para um equilíbrio ideal porque está em harmonia com a sua única função: a luta, a ordem a belezas.

A mulher, pelo contrário, orientada para os esforços violentos ou prolongados, fica completamente desviada de seu verdadeiro papel.

Ela evolui para um equilíbrio plástico e orgânico, diante do es-

O DIA
Esportiva
CURITIBA, Quarta-feira, 26 de Junho de 1940

Em choque os dois melhores conjuntos da cidade
Rubro-negros e colorados, numa partida de grandes proporções

W.ª corrida de São João
Waldemar Engenhardt, da Sociedade Jahn, foi o vencedor

Promovida pelos nossos colegas do "Diário da Tarde", teve lugar, ante-ontem à noite a V.ª Corrida de São João.

A prova que teve a presença da grande massa popular, transcorreu de maneira brilhante, tendo sido vencida por Waldemar Engenhardt, da Sociedade de Cultura Física Jahn.

OS OUTROS CLASSIFICADOS
Classificaram-se em seguida João Batista Franco, Orlando Loureiro, Jair Matos e João Wisniewski, respectivamente em 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª lugares.

O ESPORTE DO TIRO ESTARÁ SOBREPUJANDO OUTROS?
Crece notoriamente em Curitiba o entusiasmo pelo tiro

Não se sabe se é o efeito da onda belica que avassalou o mundo, ou se os homens compreenderam melhor a necessidade de uma boa pontaria... nos diversos aspectos da luta quotidiana.

A verdade é que o esporte do tiro, há cincoenta e quatro anos praticado no Paraná, tomou, de repente, notável incremento. Em todas as classes sociais surgem elementos vivamente interessados no útil exercício, que poderia, até, ter os auspícios das autoridades encarregadas do preparo militar da mocidade.

Mas, nem só os moços estão se entusiasmando pelo esporte do tiro. Há muita gente idosa que vive preocupada com os melhores resultados dos impactos com a melhor cartagem dos pontos, etc.

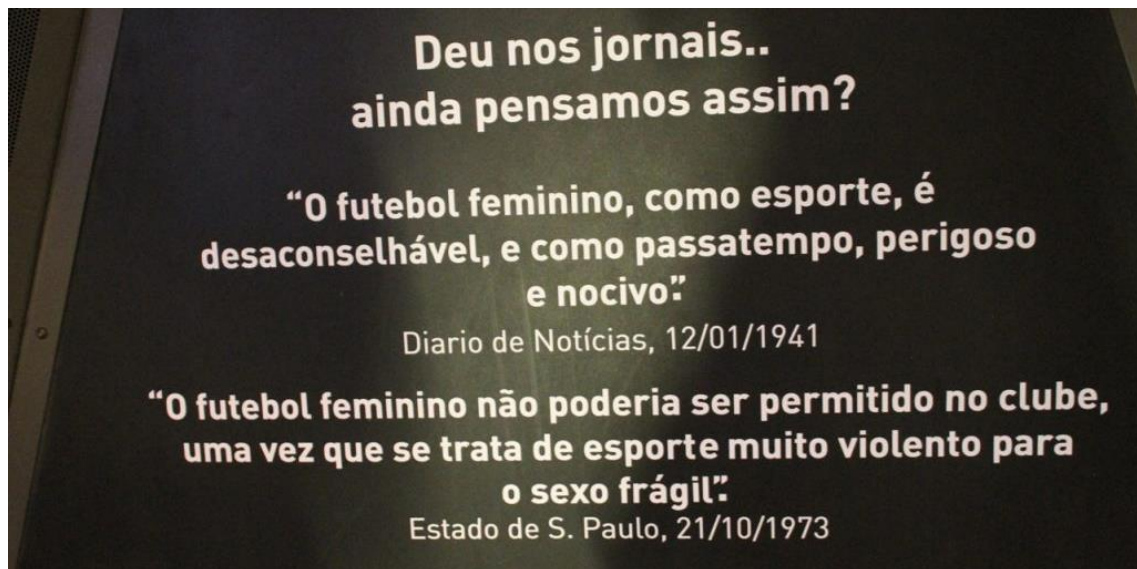
"Muitas afeições ao futebol, por exemplo, estão se passando para o tiro", disseram-nos. A reportagem quis saber se era verdade e procurou no "ano" na matéria.

O sr. Hektor Requião, presidente da Liga Paranaense de Tiro, disse-nos o seguinte:

— De algum tempo para cá, disse-nos o dr. Macedo, tenho notado que alguns esportes, notadamente o futebol, seem ser vítimas de um movimento retrógrado, comprometendo até o bom nome do esporte nacional. Com o tiro, dá-se o inverso, porque cada atirador, além de esportista é, acima de tudo, um bom patriota. O esporte do tiro, na hora de reaglutinamento de todas as energias e esforços vitais que o Brasil está vivendo, tem um duplo sentido: especialização do elemento e prática

Jornal O Dia argumentando contra o futebol feminino em junho de 1940. Fonte: Acervo Jornal O Dia e Museu do Futebol.

Figura 21 – Imagem exibida em exposição no Museu do Futebol de frases em jornais sobre a prática do futebol por mulheres



Frases dos jornais O Diário de Notícias e Estado de S. Paulo ilustram o cenário da década de 1940 até 1970 no que diz respeito ao retrato midiático do futebol feminino. Fonte: Acervo Museu do Futebol (Foto: Roberta Nina/dibradoras).

Estava presente também a ideia de que o futebol seria responsável por masculinizar a mulher que o praticasse. Com isso, algumas matérias traziam personagens femininas no contexto do esporte e tentavam reforçar os padrões de feminilidade. Retomando as observações de Elsey e Nadel (2019, p. 130), que citam uma matéria de jornal da época sobre o assunto, afirmando que as mulheres jogavam com força e vigor, “embora suas unhas compridas pudessem causar ferimentos graves”. Os autores analisam que o artigo tentou normalizar as jogadoras, colocando-as em categorias aceitáveis de feminilidade, nesse caso, representada pelas unhas.

De acordo com Mourão e Morel (2005), durante a década de 1970 e início de 1980, havia mais registros do futebol feminino. Mas, conforme avaliam as autoras, as manchetes demonstravam as desigualdades de gênero na forma de narrar as histórias, usando como exemplos as matérias a seguir:

Figura 22 – Matéria do jornal O Globo que trazia o futebol de areia praticado por mulheres



Publicação do dia 11 de abril de 1976. Fonte: Acervo O Globo.

Figura 23 – Matéria do Jornal do Brasil na segunda metade da década de 1970

No meio do campo, o toque é leve; na pequena área, o chute é forte

O FUTEBOL DEPOIS DA LOUCA LAVADA

MARA CABALLERO

Elas começam a chegar em grupos. Alguns torcedores estão sentados nos degraus que dão para a praia, mas a maioria continua a sambar na calçada, ao som da Lua Cheia, a charanga. Lurdinha, mais conhecida por Bip-Bip, explica a hora tardia (mais de 11 da noite):

— Na casa de algumas, a festa é servida muito tarde. Eu chego cedo porque estou desempregada. Moro atualmente na casa onde minha irmã, Lili, trabalha.

Lurdinha, Lili, Maria (também chamada Maria Machado, por ser muito autoritária) são irmãs. Com Beth (Fio Maravilha) e Conceição, foram as fundadoras dos dois times: Flamengo Futebol e Regatas e Botafogo Futebol Clube. As primeiras partidas — agora são sempre às terças-feiras — foram disputadas em dezembro.

A intenção é apenas se divertir. Sobre feminismo ninguém tem opinião definida: "Homem não pode ficar sempre na frente, né?" ou "É, eu gosto de fazer algumas coisas que homem faz". O futebol de praia não faz parte de nenhum movimento para a libertação das domésticas do Leblon e as manifestações da torcida se dirigem muito mais às qualidades físicas e estéticas do que às virtudes esportivas das jogadoras.

Comparar jogos completos de camisas para os dois times, sim, é a grande preocupação: "Enquanto o time todo não tiver camisa igualada, não fica legal". Uniformizadas como costumam — "o dinheiro já está sendo arrecadado" — poderão jogar contra o time de mulheres da Rocinha e, depois, "com as meninas do Aterro do Flamengo". Os comentários já estão sendo feitos por Beth, a Fio Maravilha que, de acordo com os observadores, não é a melhor jogadora mas se traía da que tem mais moral sobre todas.

Já passa de 11 horas e a partida ainda não começou. Chega a explicação: João Carlos, o juiz preferido, estava jogando tênis em local proibido e foi levado, com bola e tudo, "pelo camburão". É a bola, como todas já sabem, é importante. Não pode ser dura nem da cor da areia, como a primeira, que "atrapalhava". Tem de ser macia.

Cada jogadora que chega é saudada com entusiasmo por um pequeno já-clube. Neusa — brincos, short e chuteiras de lona — é uma delas:

— Uma vez me levaram para o Miguel Costa porque desmaiei. Agora estou com o dedão do pé machucado. Nunca mais jogo descalça.

Sergio, um torcedor que não perde uma partida, dá algumas explicações:

— Certas minúcias das regras não podem ser exigidas. Quando cobram um lateral, ao invés de usar as duas mãos, dão uma espécie de toque de voleibol. Por enquanto, não se cobra córner. Se a bola sai pela linha de fundo, fica com a goleira. Mas o nível tem melhorado muito desde a primeira vez. Elas já conseguem chutar forte no gol.

O samba ferre na calçada: Luis Carlos no repinique, Váiter na caixa, Maurício de surdo e Paulo no chocalho. Enquanto o jogo não começa, as

atletas demonstram que também são boas passistas.

Nem João Carlos nem a bola. O feito é chamar Angelina, a segunda figura do trio de arbitragem, e usar a bola dura, a antiga. O jogo começa. A batucada não para, chegam carros, a assistência aumenta e vibra com as jogadas de Luísa Pereira, Geleia, Lucy, Josiane, Gilda Paula, Jacqueline, Planeta dos Macacos, Trivellato.

O juiz enfrenta algumas dificuldades e ameaça expulsar uma jogadora que senta para descansar e fumar um cigarro. Mas o que dá mesmo cartão vermelho é permitir certas liberdades da plateia: "Tem um português que é louco pela Lucy e outro dia entrou em campo durante o jogo, para abraçá-la".

O futebol é de muita rapidez, todas em cima da bola. Chutes no ar, na areia, nas pernas da adversária. Aos 20 minutos, uma das muitas confundidas na pequena área termina em gol (Lucy, um a zero para o Botafogo). A festa é grande e se repete mais duas vezes antes do final do primeiro tempo: Graça empatou para o Flamengo e Josiane, que seria a artilheira da noite, com quatro gols, recoloca o Botafogo em vantagem.

De repente, o jogo é suspenso e as atletas correm em direção a um rapaz que entra triunfalmente em campo: é João Carlos, que já foi solto.

No segundo tempo, o ritmo da partida continua sobe e Gilda Paula, depois de dois dribles sucessivos em sua marcação, é apontada como "revelação". A goleadora Josiane, confundida, desmaia. É corrigida para fora de campo e algumas repetem-se candidatas a massagistas. Dentro do campo, há indiferença pelo desmaio da artilheira e Maria Gilda, que não joga mais porque o marido proibiu, explica: "Isso é para chiquete. Todo jogo ela dá uma desmaia".

Mais 20 minutos e a partida termina, com um honroso empate de 6 a 6. Na volta para casa, a disputa é na voz e no pé: quem cantar mais alto o hino do clube e sambar melhor, ganhou a partida.

Flamengo e Botafogo já fazem muitos gols (6 a 6, na última partida), mas ainda não têm jogos completos de camisas

Fonte: Acervo Jornal do Brasil – via: Ludopedio⁷⁸.

As autoras contextualizam tais matérias contando que, nesta época, os times de futebol de praia reuniam moças da classe média, e as mulheres levavam para a praia os seus namorados, que assistiam a seus jogos. Ainda segundo as autoras, as moças

⁷⁸ Década de 1970: o impulso globalizante e desobediente do futebol feminino. Disponível em: < <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/decada-de-1970-o-impulso-globalizante-e-desobediente-do-futebol-feminino/>>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

contavam, também, com a companhia de empregadas domésticas que iam praticar o esporte depois do trabalho. Assim, analisam que “o que se observa nas reportagens são metáforas polissêmicas e irônicas que ridicularizam a presença feminina em campo” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 79).

Outro olhar interpretativo nesse caso seria que as manchetes foram construídas em cima de tarefas consideradas cabíveis às mulheres, como tirar a mesa e lavar a louça, para indicar que essas figuras, apesar de jogarem futebol, uma “atividade masculina”, ainda cumpriam seus papéis e ocupavam seus lugares socialmente designados pelo gênero no ambiente doméstico. Isto é, reforça-se o padrão de feminilidade em contraponto com a prática da modalidade para encaixar essas mulheres em papéis socialmente aceitáveis.

No início da década de 1980, há a liberação do futebol feminino e, com isso, diversas discussões repercutiram o fato. Conforme elabora Costa (2017), o *Jornal dos Sports* posicionou-se claramente a favor da legalização, haja vista os editoriais do veículo. Ainda de acordo com a autora, no primeiro deles, o jornal levantou diversos motivos a serem considerados e relacionou a liberação do futebol feminino a uma luta mais ampla do direito das mulheres: “se existem condições objetivas para o desenvolvimento do futebol feminino, protelar a sua regulamentação poderá gerar reações justas de caráter feminista contra a CBF. E certamente vitoriosas”⁷⁹. A publicação, ainda de acordo com o levantamento de Costa (2017), analisa, em outra oportunidade, que os esportes historicamente discriminaram as mulheres, mas que esse cenário estaria mudando, sobretudo, na Europa. Dessa forma, o jornal pontua que essas mudanças estariam finalmente chegando ao nosso país: “Como sempre, o direito da mulher, no Brasil, está chegando um pouco tarde. Mas de qualquer forma, nossos aplausos. Antes tarde do que nunca”⁸⁰.

Costa (2017, p. 503) acrescenta que a liberação da modalidade continuou repercutindo nas páginas do *Jornal dos Sports*, que chegou a promover um “júri” formado por médicos, ex-jogador, líder feminista e uma jogadora do Radar, entre outras personalidades. “O veredicto: futebol é pra mulher também” (*Jornal dos Sports*, 21/04/83, p. 8).

Silva (2015, p. 88-89) lembra que a adesão ou não ao futebol feminino foi pauta da revista *Placar*, publicação especializada em esportes, que, entre seus conteúdos, publicou uma enquete na seção “Fala, leitor!”, questionando o público:

⁷⁹ *Jornal dos Sports* – 2 de outubro de 1982.

⁸⁰ *Jornal dos Sports* – 6 de agosto de 1982.

Figura 24 – Seção “Fala, leitor!”, da revista Placar, convidou o público a responder: “Você é a favor do futebol feminino?” e “Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?”.

FALA, LEITOR!

PLACAR quer que você também participe desta discussão.
Responda às duas perguntas abaixo, destaque o cupom e o enderece
para Rua do Curtume, 635, caixa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

Você é a favor do futebol feminino?
 SIM NÃO

*Você chegaria mais cedo ao estádio
só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?*
 SIM NÃO

Nome
sexo idade

Revista Placar, São Paulo, n. 592, 8 de setembro de 1981, p. 32. Fonte: Silva (2015, p. 89).

De acordo com Silva (2015), o resultado não apareceu na revista. Mas, enquanto a discussão estava aberta, a Placar divulgou algumas cartas de leitoras. Entre elas, Silva (2015, p. 89) resgatou, no número 594, de 2 de outubro de 1981:

Se o esporte foi feito para ambos os sexos, acho que cada um tem o direito de escolher o seu. Eu, por exemplo, gosto de jogar futebol, handebol, adoro fazer Cooper. Apesar de jogar futebol, me considero muito feminina. Quem diz que a mulher que joga futebol é homossexual está super enganado, pois nós somos tão mulheres como as que não praticam (PLACAR, 1981).

A autora ainda ressalta que as falas opunham a figura da lésbica à da mulher, como se a primeira, por ser uma manifestação da sexualidade diferente daquela socialmente esperada, não pertencesse mais à segunda categoria. Ademais, é interessante notar que, neste pensamento, o futebol descaracterizava a tal ponto a feminilidade e a heteronormatividade que ele se tornou uma atividade de mulheres homossexuais.

Costa (2017, p. 503) explica que, embora houvesse por parte da imprensa incentivo à modalidade, como constatado no *Jornal dos Sports*, esse fato não excluiu a coexistência de conteúdos estereotipados, inclusive no próprio veículo. A autora pontua que, nesse sentido, chama a atenção algumas charges de Agner nas quais a mulher era representada em um campo de futebol a partir de um corpo com contornos exagerados nos quadris e

nos seios, assim como enfatizando roupas apertadas aparecendo o umbigo e até parte do seio.

Figura 25 – Charge de Agner no *Jornal dos Sports* em 1983



“Adiado o Brasileiro de Futebol Feminino”, “- É que nós estamos naqueles dias”. *Jornal dos Sports*, 1 de abril de 1983. Fonte: Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

A charge faz referência “àqueles dias” com o objetivo de “brincar” com a ideia de que a menstruação seria um impeditivo ou estaria afetando as mulheres na prática do futebol, acessando a crença de que uma manifestação natural do corpo feminino não seria compatível com o exercício desse esporte, além de uma noção que se mantém na sociedade de que a menstruação enfraquece a mulher, “mexe com seus nervos” ou afeta em demasiado seus ânimos e/ou forças.

Figura 26 – Charge de Agner no *Jornal dos Sports* em 1983



“Bispo excomunga mulheres que jogam futebol”. *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1983. Fonte: Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Diversas publicações ao longo do tempo recorreram a estereótipos na cobertura de esportes femininos ou na representação de atletas. Uma reportagem ilustrativa sobre o retrato feito de mulheres pela imprensa esportiva é “A Bela e as Feras” da revista *Placar*. Na edição de outubro de 1983⁸¹, para Pisani (2018), raça, sexualidade e gênero apareceram articuladas em uma sucessão de imagens e textos que revelam racismo e sexismo. Isso porque, no conteúdo, fica evidente, de acordo com a autora, que “a bela do futebol é uma mulher branca – que aparece retratada em fotografias coloridas, trajando

⁸¹ Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=wUk27LXg1jEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false >.

biquíni, sorrindo e segurando uma flor – e que as feras são as mulheres negras – fotografadas em retratos preto e branco, sérias e de cabelos curtos”.

Figura 27 – Primeira página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983



Ponta-direita habilidosa, em determinados momentos Bel faz lembrar o estilo do ponta Renato, do Grêmio e da Seleção: parte para cima das adversárias com dribles ágeis e precisos. Depois, com a mesma disposição, vai deixar cair seu charme nas sessões de rock pauleira nas boates de Porto Alegre — mas desta vez com toda a galera a favor...

Página 48. Texto: “Ponta-direita habilidosa, em determinados momentos Bel faz lembrar o estilo do ponta Renato, do Grêmio e da Seleção: parte para cima das adversárias com dribles ágeis e precisos. Depois, com a mesma disposição, vai deixar cair seu charme nas sessões de rock pauleira nas boates de Porto Alegre - mas desta vez com toda galera a favor”. Fonte: Placar Magazine

Figura 28 – Segunda página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983



FUTEBOL FEMININO

A BELA...

Por LEMYS MARTINS

A torcida do Internacional anda chegando mais cedo ao Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola como na graça

ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois, com a mesma graça, deu um soco vitorioso no ar. “Mata o velho, mata”, gritou das gerais “seu” Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor colorado.

Na verdade, seu grito tinha um sentido maliciosamente dúbio: ao mesmo tempo em que comemorava mais um gol da equipe feminina do seu clube, Ambrósio festejava a beleza de sua autora. Isabel Araújo Nunes, 17 anos.

Com medidas de Miss — 1,67 m de altura, 87 cm de busto, 62 de cintura, 93 de quadris e 58 de coxas —, não é por acaso que Bel se transformou na alegria da torcida durante as partidas preliminares do Inter no Beira-Rio. Seu amor à bola começou, com o apoio da mãe, dona Ercília, aos 11 anos. “A bola era mais atraente do que a chata e passiva boneca”, diz com convicção. Já marcou oito gols nesta temporada e pretende terminar o ano como artilheira do time. E tem uma qualidade que faz toda a galera delirar: a graça. Chora e briga se joga mal ou perde o jogo.

Com a mesma facilidade com que se livra das suas marcadoras, ao estilo do gremista Renato, costuma driblar os namorados: de 1981 para cá teve nada menos do que seis. Em função disso, curte suas fases de “liberdade”, como está ocorrendo agora. E informa a quem possa interessar: “A primeira coisa que reparo no homem são as pernas”.

É por isso que o goleiro Leão, tido como o mais belo par de pernas dos nossos estádios, conquistou um lugar na galeria dos seus ídolos.

PLACAR 49

Página 49. Linha-fina da matéria: “A torcida do Internacional anda chegando mais cedo ao Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola quanto na graça”. Fonte: Placar Magazine

Figura 29 – Terceira página da matéria “A Bela e as Feras” da revista Placar, edição de outubro de 1983

FUTEBOL FEMININO

... E AS FERAS

Elas brigam também — e às vezes brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz da decisão do Campeonato Carioca

Sim, o futebol feminino pode ser jogado por belas, como a jovem colorada das duas páginas anteriores, ou por feras — conforme aconteceu este mês, no Estádio de Moça Bonita, Rio de Janeiro, durante o jogo entre Bangu e Radcar.

Em a decisão do I Campeonato Carioca de Futebol Feminino, O Radar, embora visitante, ganhou por 1 x 0, gol da apoiadora Cenira. De repente, começaram as cenas de selvageria, mostradas mais tarde na televisão. Irritado porque o árbitro Ricardo Ferreira não marcara um “pênalti indiscutível” a favor de seu time, o notório presidente do conselho deliberativo do Bangu, Castor de Andrade — que, aborrecido, agora promete evitar ir aos jogos do seu clube —, comandou seguranças e torcedores num massacre contra o juiz. Junto a eles, estavam três jogadoras da equipe da casa: Sandra, Betinha e Sara.

Na semana passada, Castor e suas perigosas merinas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco, pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. “Futebol é paixão”, filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. “E paixão é assim mesmo.” Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter — e que as feras voltem às jaulas.

50 PLACAR



Sara, do Bangu: suspensa *Castor de Andrade: irritado, comandou toda a perseguição*




Jogadoras do Rio já haviam intimidado outros árbitros (acima, as “feras” do Ponto Frio). Mas o clímax da violência aconteceu no campo do Bangu — o Moça Bonita. A vítima foi o juiz Ricardo Ferreira

Página 50. Texto da linha-fina: “Elas brigam também – e, às vezes, brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz na decisão do Campeonato Carioca”. Fonte: Placar Magazine.

Se a representação imagética das jogadoras, aliada ao título, é capaz de trazer essa leitura sobre racismo e sexismo, o corpo do texto reforça tal mensagem. Na primeira parte, em que a jogadora do Internacional representava a “Bela”, personagem da matéria, o foco

temático do conteúdo foi sua beleza, graça e vida pessoal. O acesso ao universo do futebol ou ao seu desempenho como jogadora foi feito poucas vezes, na maioria delas com intuito de inserir trocadilhos ou ganchos com relação a questões estéticas. Na transcrição do texto da página 49 é possível observar tais características da matéria da Placar:

Ela balançou os **quadris** num movimento obrigatoriamente **sensual** para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois, com a mesma **graça**, deu um soco vitorioso no ar. ‘Mata o velho, mata’ gritou das gerais ‘seu’ Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor colorado.

Na verdade, seu grito tinha um **sentido maliciosamente dúbio**: ao mesmo tempo em que comemorava mais um gol da equipe feminina do seu clube, Ambrósio festejava a **beleza** de sua autora, Isabel Araújo Nunes, 17 anos.

Com **medidas de Miss** – 1,67 m de altura, 87 cm de busto, 62 de cintura, 93 de quadris e 58 de coxas –, não é por acaso que Bel se transformou na alegria da torcida durante as partidas preliminares do Inter no Beira-Rio. Seu amor à bola começou, com apoio da mãe, dona Ercília, aos 11 anos. ‘A bola era mais **atraente** do que a chata passiva boneca’, diz com convicção. Já marcou oito gols nesta temporada e pretende terminar o ano como artilheira do time. E tem uma qualidade que **faz toda a galera delirar**: a garra. Chora e briga se joga mal ou perde o jogo.

Com a mesma facilidade que se livra das suas marcadoras, **ao estilo do gremista Renato**, costuma driblar os **namorados**: de 1981 para cá teve nada menos do que seis. Em função disso, curte suas fases de **‘liberdade’**, como está ocorrendo agora. E informa a quem possa interessar: ‘A primeira coisa que **reparo no homem** são as pernas’.

É por isso que o goleiro Leão, tido como mais belo par de pernas dos nossos estádios, conquistou um lugar na sua galeria de ídolos. (PLACAR, 1983, grifos nossos).

Qualificar os movimentos em campo como sensuais, a comemoração como graciosa, ressaltar que sua atuação era vista com malícia pelo torcedor e sua beleza como algo a ser festejado, indicar suas medidas corporais e observar que são “de miss” – uma referência aos concursos de beleza –, fazer comentários sobre a vida pessoal, o número de namorados e o interesse nos homens: a matéria como um todo procura ressaltar características estéticas da jogadora, além de reforçar padrões de feminilidade e colocar a mulher em um lugar de objeto de admiração masculina. Até mesmo as escolhas de termos em construções como “a bola era mais atraente” e “tem uma qualidade que faz toda a galera delirar” podem ser interpretadas de forma dúbia. Ademais, valer-se (duas vezes) das características de um jogador homem mostra que apenas a descrição de seu estilo de jogo não foi o suficiente, a matéria precisou usar um atleta masculino como guia ou modelo de comparação. Também é interessante notar que a palavra liberdade foi empregada entre aspas, levantando o questionamento: a intenção do emprego dessas aspas

teve o objetivo de expressar ironia, marcar o deslocamento do significado original da palavra ou apenas indica que foi o termo utilizado pela atleta?

O texto da página seguinte também escancara o caráter sexista e o racista do conteúdo:

Sim, o futebol feminino pode ser jogado por **belas**, como a jovem colorada das duas páginas anteriores, ou por **feras** – conforme aconteceu este mês, no Estádio de Moça Bonita, Rio de Janeiro, durante o jogo entre Bangu e Radar.

Era a decisão do I Campeonato Carioca de Futebol Feminino. O Radar, embora visitante, ganhou por 1 x 0, gol da apoiadora Cenira. De repente, começaram as cenas de **selvageria**, mostradas mais tarde na televisão. Irritado porque o árbitro Ricardo Ferreira não marcara um ‘pênalti indiscutível’ a favor de seu time, o notório presidente do conselho deliberativo do Bangu, Castor de Andrade – que, aborrecido, agora promete evitar ir aos jogos do seu clube –, comandou seguranças e torcedores num massacre contra o juiz. Junto a ele, estavam três jogadoras da equipe da casa: Sandra, Betinha e Sara.

Na semana passada, Castor e suas **perigosas meninas** receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco, pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. ‘Futebol é paixão’, filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. ‘E paixão é assim mesmo.’ Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta **torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as feras voltem às jaulas** (PLACAR, 1983, grifos nossos).

A representação das jogadoras negras em fotos em preto e branco com os termos empregados, além da comparação explícita com a bela jovem branca como padrão de comportamento e beleza denunciam as problemáticas desse conteúdo. Ademais, a associação e o julgamento do cenário enquanto selvageria, das jogadoras enquanto perigosas e o desfecho do desejo que as feras voltem às jaulas constroem uma imagem mental nitidamente racista.

No mesmo ano, de 1983, Costa (2017) cita como exemplo da necessidade de se anexar atributos considerados femininos, às vezes com exageros, a matéria do Jornal do Brasil, do dia 23 de dezembro, a qual recorria a lugares comuns da beleza e da fragilidade da mulher. A matéria dizia: “Leves, graciosas, bem distantes da fama de masculinizadas que as persegue (...) elas sabem como poucos os segredos de um drible ou de um passe. São as jogadoras cariocas de futebol (...)”. Costa (2014) ainda acrescenta que esse tipo de abordagem se tornaria mais constante na década de 1990.

Nesse sentido, a estratégia das musas entrou em cena representando “o ideal físico da mulher, que apresentava uma harmonia atlética em que a beleza da musculatura incidia mais nas curvas do que na hipertrofia” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 80).

Costa (2017) pontua que o movimento nos jornais, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, em prol do direito de as mulheres praticarem futebol gerou alguns resultados que não devem ser desprezados, mas, com o tempo, o interesse foi se escasseando. De acordo com a autora, nos anos seguintes, o papel da imprensa tornou-se ainda mais ambíguo, ora fortalecendo estereótipos, ora os combatendo. Todavia, segundo Costa (2017), era raridade o veículo que incorporasse de modo consistente o futebol feminino a sua agenda de notícias e reivindicações.

Na década de 1990, a mídia impressa produzia narrativas em que o padrão estético superava a técnica das mulheres, e a associação da beleza ao jogo levava sempre a uma atitude de desconfiança sobre as verdadeiras habilidades femininas no esporte (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 81). As autoras resgatam a matéria do jornal Hoje em Dia, de 17 de abril de 1990:

Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/Poquet, do Rio de Janeiro, formado por garotas bonitas e boas de bola. Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: “Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?” (JORNAL HOJE EM DIA, 1990)

O período em questão é marcante para o futebol feminino porque, em 1991, foi realizada a primeira Copa do Mundo oficial de mulheres da história. No Brasil, o cenário era de decadência: “como não existiam mais clubes estruturados em atividade, a CBF ‘recrutou’ jogadoras do já extinto Esporte Clube Radar para endossar a equipe que defenderia o Brasil” (SALVINI E JÚNIOR, 2015, p. 146). Além disso, entre 1991 e 1994 não houve campeonatos nacionais.

Na Copa de 1995, a revista Placar publicou a eliminação da seleção brasileira, segundo Salvini e Júnior (2015), evidenciando o amadorismo da modalidade: “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens” (PLACAR, agosto de 1995, p. 34).

Figura 30 – Matéria da revista Placar sobre o amadorismo do futebol feminino no Brasil e a eliminação na Copa do Mundo de 1995



A Noruega passa pela Alemanha: campeã mundial

Esquema amador

Quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens

Não existe futebol feminino organizado no Brasil. Os campeonatos são esporádicos e as poucas atletas profissionais ganham mal. O Saad, de Indaiatuba, cidade a 100 quilômetros de São Paulo, é a única equipe permanente do país. "Muitos clubes investem para um único torneio", explica Rosnei Carvalho de Castro, vice-presidente do Saad. Foi assim no ano passado, quando aconteceu o primeiro e único campeonato brasileiro de seleções, vencido pelo Rio de Janeiro. Promoveu-se também a Taça

Brasil, com a participação de dez times. O Vasco levou o título, mas hoje a equipe já não existe mais. Atacante Michael Jackson, principal jogador do Saad e da Seleção, recebe 1.000 reais por mês, trinta vezes menos que a meia norueguesa Linda Medalen, estrela da atual campeã do mundo. Na Copa da Suécia, realizada em junho, o Brasil terminou em nono lugar. O show ficou com as norueguesas. Na final, elas derrotaram as alemãs por 2 x 0.




O Brasil na Copa: campanha fraca e rona estocada

“Não existe futebol feminino organizado no Brasil”. Revista Placar, agosto de 1995. Fonte: Placar Magazine.

Apesar de a matéria “denunciar” uma realidade nacional, a edição de agosto de 1995 apresentou diversos conteúdos sobre o futebol praticado por mulheres, todos eles reproduzindo estereótipos de feminilidade e sexualizando mulheres.

Figura 31 – Capa da edição de agosto de 1995 da revista Placar



“Futebol feminino: As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo)”. Revista Placar, agosto de 1995. Fonte: Placar Magazine.

Figura 32 – Matéria de capa da Placar em 1995



“A invasão é irreversível. As garotas vestiram a camisa, deixaram o preconceito para trás e já montaram 1000 times pelo país. Perninhas de fora, chuteiras pequenas, top nos seios, as garotas finalmente descobriram a paixão pela bola”. Revista Placar, agosto de 1995. Fonte: Placar Magazine.

Figura 33 – Foto publicada pela revista Placar em 1995



“O melhor do jogo. Confesse. Você sempre imaginou como seria se, ao final da partida, as garotas imitassem os homens e trocassem as camisas em campo, não? PLACAR realiza seu sonho. Afinal, futebol é confraternização”. Revista Placar, agosto de 1995. Fonte: Placar Magazine.

A objetificação e a sexualização de mulheres em conteúdos midiáticos sobre futebol feminino compõe um cenário que circulou na imprensa esportiva e que reforçou uma visão social de desigualdade entre os gêneros durante toda a história: a de que mulheres existem para servir os homens, seja como esposa zelosa, filha obediente, mãe cuidadosa ou com seu corpo a serviço da vontade, do desejo e do olhar masculino. Tal discurso desconsiderou a luta de gerações de mulheres por visibilidade e pelo direito de praticar o esporte. Enquanto diversas jogadoras exerciam outras funções e empregos para sustentar o sonho de jogar futebol profissionalmente, a revista especializada preferia publicar fotos de mulheres nuas em tom de ironia.

Figura 34 – Capa da revista Placar em setembro de 1996



“Susana Werner. Acredite, ela joga bola!”. Revista Placar, setembro de 1996. Fonte: Placar Magazine.

Figura 35 – Matéria de capa da revista Placar em 1996



Edição de setembro de 1996. Fonte: Placar Magazine

Figura 36 – Conteúdos publicados pela revista Placar em setembro de 1996



Concurso de “Leitora mais Gostosa”, corte da jogadora Bel, o uniforme “sexy” das jogadoras de basquete da Austrália para atrair mais público e a narração do sexo entre uma jogadora com o fundador do Esporte Clube Radar. Colagem feita pela autora. Fonte: Placar Magazine

A matéria que traz Susana Werner como personagem, na verdade, era uma sessão da revista. Segundo Salvini e Júnior (2015, p.150), nessa esteira de espetacularização dos corpos, as jogadoras de futebol, sejam federadas ou modelos, apareciam na sessão da revista Placar chamada “Deusa”, com uma foto de duas páginas da jogadora eleita pelos editores da revista.

Figura 37 – Capa da revista Placar em março de 1997



“Gostasas. Haja coração... quem são as deusas do futebol feminino”. Fonte: Placar Magazine

Os autores citam jogadoras modelos e explicam que, como forma de mascarar ou de vender outra imagem do futebol feminino, foram criadas, nos anos 1990, equipes de

futebol feminino formadas por modelos⁸². “Em se tratando de times de modelos era expressamente proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos” (SALVINI E JÚNIOR, 2015, p.145). Isto quer dizer que questões inerentes ao esporte, como a competição, a técnica e a tática, ou os problemas estruturais da modalidade no Brasil, como a ausência de profissionalização, as condições precárias de trabalho, a falta de materiais ou profissionais especialistas, eram secundárias nesse caso. Modelos eram contratadas para fazerem as vezes de jogadoras, em partidas e desfiles, tudo para montar um cenário de espetáculo que agradasse aos homens.

Mourão e Morel (2005) também lembram do caso da jogadora Milene Domingues⁸³, constantemente foco de matérias sobre seu relacionamento com o jogador Ronaldo e a respeito de seus atributos físicos – e até mesmo financeiros. Lembrando que o próprio chefe da delegação brasileira da Copa do mundo de 2003 admitiu que Milene havia sido convocada como uma estratégia de marketing para chamar a atenção para o time feminino. Nesse sentido, a beleza – e, em alguns casos, a fama – das jogadoras era vista como um fator que chamava a atenção da mídia e atraía a imprensa para o futebol feminino. Além disso, outro exemplo de declaração a respeito da atleta brasileira que indicava o cenário de representação da mulher no esporte daquela época foi que o chefe da delegação disse, em entrevista, que “sempre tem preconceito da masculinidade do time. Aí chega uma mulher conhecida, que é mãe, dá um aspecto feminino”⁸⁴. Nesse caso, a maternidade é considerada um marcador característico da feminilidade.

Pisani (2014) recorda que, em 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) estabeleceu que, para uma jogadora participar de campeonatos, deveria apresentar signos de feminilidade: “cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos”. A autora lembra que, em entrevista concedida na época, a jogadora Cristiane Silva, medalhista de prata na Olimpíada de Atenas, afirmou concordar com um modelo de uniforme intermediário, nem grande, nem justo. “Contudo, segundo ela, usaria

⁸² Em outras modalidades, a objetificação do corpo feminino também pode ser verificada. Vieira (2016) pontua que campeonatos ao redor do mundo são organizados com a finalidade de entregar aos homens mais um tipo de entretenimento: mulheres praticando esportes seminuas. De acordo com o apontamento do autor, o *Lingerie Fighting Championships* consiste em uma luta de vale-tudo na qual as competidoras se digladiam vestindo roupas sensuais em uma jaula.

⁸³ O caso da jogadora Milene Domingues foi descrito com mais detalhes no capítulo 3 desta pesquisa, a partir da página 46.

⁸⁴ Jornal Extra, 4 de setembro de 2003, no Rio de Janeiro.

um modelo mais cavado se o clube ou patrocinador mandasse, pois ‘é melhor jogar assim do que não jogar’” (PISANI, 2014, p. 2).

Uma reportagem do jornal Folha de S.Paulo⁸⁵, do dia 16 de setembro de 2001, divulgou a “filosofia” da FPF para o futebol feminino:

FPF INSTITUI JOGADORA-OBJETO NO PAULISTA

Para entidade, beleza é requisito básico na seleção de atletas para a competição feminina que começa em outubro. No lugar dos cabelos ralos, longos rabos-de-cavalo. Dos calções masculinos, shorts minúsculos. Da cara limpa, a maquiagem. Em seu campeonato feminino, que começará em 7 de outubro, a Federação Paulista de Futebol vê a beleza como requisito fundamental para selecionar as meninas que disputarão a competição. No projeto, elaborado em conjunto com a Pelé Sports & Marketing, ao qual a Folha teve acesso, o embelezamento das atletas está entre os "objetivos principais" para o "sucesso do torneio". "Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino", diz um dos pontos. Num outro, o documento ressalta a importância de "desenvolver ações de consultoria de imagem, estilo pessoal e treinamento de mídia com as jogadoras". Em seu discurso, no lançamento da competição em um hotel de São Paulo, na última quinta-feira, o próprio presidente da FPF, Eduardo José Farah, admitiu a "necessidade" na mudança do atual perfil das atletas da modalidade no Brasil. "Temos que mostrar uma nova roupagem no futebol feminino, que está reprimido por causa do machismo. Temos que tentar unir a imagem do futebol à feminilidade", disse o dirigente. "Vamos ter um campeonato tecnicamente bom e bonito." Conforme as regras do Paulista, a meia Sissi, principal jogadora da história do futebol feminino brasileiro, não teria vez no torneio. Sissi, que atualmente defende o Bay Area CyberRays, campeão da primeira edição da WUSA (Liga norte-americana de futebol), tem os cabelos raspados. "Aqui, com cabelo raspado não joga. Está no regulamento", disse o vice-presidente da FPF Renato Duprat, o responsável pela organização do torneio paulista. O dirigente, entretanto, nega que a questão estética prevalecerá sobre o aspecto técnico no processo de seleção das atletas. "Se tivermos de escolher uma menina feia que jogue bem ou uma bonita que jogue mais ou menos, escolheremos a feia. Pode ter certeza", declarou.

[...]

Tábata Viana, 18, atacante do Juventus, acredita que a mudança estética facilitará o desenvolvimento do futebol feminino. "Agora a mídia vai querer comprar o futebol feminino. A TV vai mostrar que há mulheres jogando", disse ela. A meia Silvia Melo, 20, do Juventus, acha que a "imagem das velhas jogadoras trouxe preconceito à modalidade". "Agora, a mulher poderá provar que não precisa ser masculina para jogar", declarou. O Paulista feminino será bancado pela FPF, que deve desembolsar cerca de R\$ 2 milhões. Os cinco clubes considerados grandes receberão cotas de R\$ 40 mil por partida. Os demais, R\$ 20 mil. O teto salarial das atletas é de R\$ 2.000, e o piso de R\$ 300. O torneio também deverá ter confrontos mostrados ao vivo na TV. A Rede TV! deve adquirir os direitos de transmissão.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

Apesar de, em uma análise cronológica, a questão da sexualidade, da feminilidade e da beleza das atletas serem consideradas marcas dos anos 1990 e início da década de 2000, é possível encontrar exemplos posteriores em que a mídia tem como foco tais aspectos, a exemplo da matéria a seguir, publicada pelo GloboEsporte.com em 2011.

Figura 38 – Reportagem do GloboEsporte.com de julho de 2011⁸⁶

07/07/2011 07h00 - Atualizado em 07/07/2011 07h00

Loira ou morena? Zagueira e lateral disputam posto de musa da Seleção

Érika e Maurine são escolhidas pelas companheiras como as mais belas

Por **Clicia Oliveira**
Direto de Frankfurt, Alemanha



Érika na passarela: musa é loira? (Divulgação)

Há quem diga que a zagueira Érika é a musa da Seleção Brasileira no **Mundial feminino** que está sendo disputado na Alemanha. A jogadora, inclusive, ficou com o sexto lugar em uma enquete sobre as jogadoras mais bonitas do torneio. Mas também tem quem acredita que a loira disputa o posto de beleza com outra atleta: a lateral Maurine.

- Todo mundo fala que tem meninas bonitas aqui na Seleção, até comentaram comigo, porque só a Érika foi escolhida uma das mais bonitas, disseram que poderia ter sido eu e ela – brincou Maurine.

Quando não estão dentro de campo, as musas da Seleção fazem questão de se cuidar. A lateral, que é morena, revela que gosta de sair com maquiagem e o cabelo impecável.

- Eu gosto de estar sempre maquiada com o cabelo de 'chapinha' - disse.

⁸⁶ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2011/07/loira-ou-morena-zagueira-e-lateral-disputam-posto-de-musa-da-selecao.html>>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

BLOG POMBO SEM ASA: VEJA A SELEÇÃO DAS BELDADES DO MUNDIAL E COMENTE!



Maurine e Érika, as musas da Seleção feminina no Mundial da Alemanha (Foto: Getty Images)

Solteira, Érika, que é zagueira e fez um **golaço na vitória de 3 a 0 sobre Guiné Equatorial na terça**, revela que não tem namorado, mas que nunca está sozinha. Segundo ela, de vez em quando "rola uns perdidos", mas que mesmo assim se considera uma menina muito tranquila e que não faz marcação dura em cima dos marmanjos de plantão.

- Eu falo para minha mãe que vou ali dar uma voltinha. Mas é sério, sou uma garota muito quietinha e observadora. Sou tranquila dentro e fora de campo – contou.



Sem uniforme de futebol, Maurine faz pose de modelo para fotos (Foto: Divulgação)

Enquanto a zagueira concedia a entrevista, outra jogadora, a capitã Aline Pellegrino, brincava ao lado dela e ria das respostas dadas sobre o posto de musa da Seleção.

- Elas são bestas, só falam porque vocês estão aqui. Chega na hora elas falam que sou a pior, a mais feia, elas não param de zoar – brincou Érika.

A zagueira diz ainda que não se acha bonita, no mínimo "simpática" e que não leva a sério o título de mais bela da Seleção Brasileira.

- Não dá pra levar isso a sério. Não me acho bonita nem brincando, eu falo pra mim mãe, graças a Deus que sou simpática, porque se dependesse de beleza eu estava sozinha até hoje – riu a jogadora.

Érika está acostumada a tirar quase todas as bolas perigosas que chegam até a defesa

brasileira. Mas, quando o assunto é atacar sua "rival" no posto de musa, ela faz a função muito bem.

- A Maurine era a mais bonita. Ninguém mandou ela ir jogar nos Estados Unidos. Quando jogava no Santos ela era a musa. Agora vai ter que concorrer com a loirinha aqui. – brincou a jogadora.

Érika é uma das responsáveis pela defesa do Brasil, que ainda não tomou gols neste Mundial. Segundo a jogadora isso se deve a marcação das meninas de frente. As atacantes vêm não só tentando marcar os gols como também ajudando as meninas lá atrás.

- O momento está sendo bom. As atacantes marcam também, nesse mundial a Marta, a Cris estão fazendo isso. Embora as coisas estejam dando certo, as pessoas acham que não. Elas querem ver show. Desculpa, mas não esperem show, temos que ganhar de meio a zero, se for assim já está bom – completou a zagueira.



Maurine capricha no visual fora de campo: 'coraçõzinho' para a torcida (Foto: Divulgação)

Por meio das imagens e do texto publicados em um ambiente digital no ano de 2011, é possível identificar elementos presentes nos discursos midiáticos desde meados da década de 1980: reforço de padrões de feminilidade, como vaidade e preocupação com a aparência, sexualização do corpo das atletas, questionamentos sobre vida pessoal e midiaticização de padrões de beleza.

Esse foco na exibição de corpos, na objetificação e sexualização da mulher no contexto do esporte é um marcador da desigualdade desses campos, tanto da imprensa esportiva quanto do futebol, tendo em vista que ambos foram historicamente dominados por homens. Com isso, era constante no discurso midiático o afastamento de questões que tratavam das modalidades, em termos técnicos e táticos, por exemplo, além da insistência em aspectos corporais, o que demonstra a reprodução de estereótipos de gêneros com raízes no passado: o descolamento da figura da mulher com relação à imagem de atleta, especialmente profissional, e a submissão do corpo feminino ao olhar masculino.

Generoso (2016, p. 23) lembra de um episódio em 2009, na primeira Copa Libertadores de Futebol Feminino organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol, em uma das transmissões da rede Bandeirantes, em que o narrador Luciano do Vale e o comentarista Osmar de Oliveira fizeram “comentários sobre os estilos das jogadoras, reproduzindo os estereótipos midiáticos de beleza, deixando de lado o papel de narradores da partida”. De acordo com a autora, Luciano do Vale, em meio ao jogo, fez uma pergunta à repórter Fabíola Andrade:

“[...] Fabíola Andrade, a mulher sempre tem algumas coisas interessantes para serem acrescentadas numa transmissão, por isso que eu acho que o nosso sexo oposto, que na verdade é o sexo... não é oposto, é que nos ajuda muito, é companheiro...você pode trazer algumas novidades das meninas? Qual é... **O time da Bolívia é um time de bonitas? É um time de cabelo arrumado? Elas são vaidosas?** Como é que é esse EnForme [sic] aí Fabíola?” (SANTOS e MEDEIROS, 2012, p. 190, grifos nossos).

Santos e Medeiros observam que, em meio à narração da jogada, narrador e comentarista destinaram seus comentários, primeiramente, à condição física (aparência) da atleta boliviana Lizeth Velasco e, posteriormente, esse comentário se estendeu a outras jogadoras da equipe. As autoras ainda destacam outros trechos dessa cobertura. No primeiro, avaliam que a dimensão estética assume desdobramentos distintos, e, no trecho a seguir da narração de Luciano do Valle o uso de acessórios é notado.

“[...] Olha o Brasil mais uma vez. Liberdade. Precisa ver se a goleira chega primeiro, chegou! Boa saída da Lizeth Velascos, jogando com seu bonezinho. ‘Tá’ certo que o sol não apareceu, mas ela botou o boné

acho que pra mais arrumar o rabinho de cavalo. São detalhes que o futebol feminino podem apresentar para o locutor”.

De acordo com as autoras, o narrador avaliou tecnicamente o envolvimento da goleira boliviana na jogada e, em seguida, reconheceu, na dimensão estética, detalhes que o FF tem a oferecer. O segundo trecho destacado da narração diz respeito as jogadoras brasileiras. Nele, Luciano do Valle disse:

“[...] Mas ‘ó’ quem ‘tá lá... ó’, quem vai tentar buscar, correu, bola fora! ‘Tá’ voltando ali a Marta. O cabelo da Marta ‘tá’ bem arrumado ‘né’? [...] Pega mal na bola a Dani, ‘tá’ retornando a Dani com o seu cabelo solto.”

Embora diversas mudanças possam ser observadas nessa relação da imprensa esportiva com o futebol feminino em decorrência das movimentações sociais que incluem a reivindicação da equidade de gênero, não é rara a retomada de estereótipos ligados a beleza feminina em conteúdos impressos, radiofônicos, televisivos ou no ambiente digital. Com a contestação desses tipos de discursos por movimentos feministas e também pelas próprias jogadoras, além das lutas por mais visibilidade e estrutura, surgiram diversos espaços alternativos, desde publicações impressas até *blogs*, sites especializados ou as redes sociais, que procuraram ressignificar a representação feminina em contextos esportivos.

Para Goellner (2005), em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, é necessário refletir sobre o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. E, nessa missão de ressignificação, a imprensa possui um papel primordial.

No século XXI, Santos e Medeiros (2012) destacam que alguns resultados conquistados pela seleção feminina de futebol se destacaram como momentos de visibilidade. As autoras citam como exemplo as conquistas da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, do ouro nos Jogos Pan-Americanos em 2007, o vice-campeonato mundial em 2007, e os títulos de Melhor Jogadora do Mundo da Fifa por Marta em seis oportunidades (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018). “Estes fatos foram, por vezes, propulsores para discursos em prol de um fortalecimento do FF em termos organizacionais, sobretudo, em relação à profissionalização das atletas (com a criação de um campeonato nacional de alto nível)” (SANTOS E MEDEIROS, 2012, p. 187).

A jogadora Marta é um exemplo de figura que colocou em evidência o futebol feminino brasileiro, tendo em vista o seu destaque em âmbito mundial. A jogadora é

constantemente exaltada por seu talento, pelos gols – ela é a maior artilheira da história da seleção feminina, entre homens e mulheres –, por suas conquistas e diversos aspectos ligados à técnica e sua atuação esportiva. No entanto, também não passa ilesa de comparações com homens ou representações estereotipadas. “Pelé de saias” é uma das expressões constantemente utilizadas para se referir a Marta, que é considerada a “rainha” do futebol feminino.

Figura 39 – Captura da declaração de Pelé em 2007

“Estou plenamente de acordo (Marta é a Pelé de saias) e acrescento: ela tem uma vantagem, suas pernas são mais bonitas do que as minhas”

Pelé, tricampeão mundial com a seleção brasileira e maior artilheiro da História do futebol,

em 28/07/2007, ao endossar a comparação feita pelo seu assessor, Pepito, de acordo com reportagem do jornal “Extra”, também publicada pelo GLOBO

“Marta é Pelé de saias”. Fonte: Acervo Jornal O Globo

Além disso, até mesmo em momentos em que a jogadora é protagonista, como na conquista de sua sexta chuteira de ouro em 2018, os discursos midiáticos recorreram a comparações com jogadores homens. Com o prêmio, a atleta superou as marcas do argentino Lionel Messi e do português Cristiano Ronaldo – o primeiro igualaria o feito no ano seguinte –, e tal fato se tornou um dos focos da cobertura. Na reportagem exibida na televisão aberta pelo Globo Esporte São Paulo, no dia 25 de setembro de 2018, o conteúdo citou que “vestida de princesa” a “rainha da noite” superou Messi e Cristiano Ronaldo. No Esporte Espetacular, na reportagem do dia 30 de setembro de 2018, há imagens dos jogadores Ronaldo, Cafu e Ronaldinho Gaúcho, presentes no evento, aplaudindo Marta, além da comparação com Messi, Cristiano Ronaldo e Pelé. Neste mesmo dia, foi exibida uma entrevista com a jogadora, conduzida pelo comentarista Walter Casagrande. Nesta, o ex-jogador questionou Marta se existia algum tipo de competição com os dois jogadores que possuíam o mesmo número de prêmios que ela, além de pedir sua opinião sobre a conquista na categoria masculina naquele ano pelo croata Luka Modrić. Tais situações nos levam a crer que a imprensa esportiva se vale do prestígio do futebol masculino como padrão estabelecido para que as conquistas de mulheres sejam validadas dentro do repertório dos próprios jornalistas e do público.

Diante de todo esse cenário construído, é possível concluir que a história da mulher jogadora e do futebol feminino na imprensa esportiva contou com períodos distintos e não-lineares. Isso quer dizer que diversos discursos estiveram em alta, entre eles os de fragilidade, masculinização, proibição, feminilidade, objetificação, sexualização, reivindicação e resistência. Cada um contou com um contexto histórico em que se revelou mais marcante, mas a maioria deles circulou e deixou de circular nos mais variados períodos.

6.2 Futebol feminino brasileiro na atualidade

Após conhecermos a origem e a história do futebol feminino no Brasil, a trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo da Fifa, bem como em grandes torneios internacionais, como os Jogos Pan-americanos e Olímpicos, e a relação da modalidade com a imprensa esportiva no decorrer dos anos, buscaremos entender qual o cenário do país para as mulheres que jogam futebol na contemporaneidade.

Os dados mais atualizados da Federação Internacional de Futebol sobre o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil foram divulgados em 2019 e comprovaram a tese de que o país se encontra nos estágios iniciais desse processo – assim como outras dezenas de nações. O relatório da Fifa, intitulado *Women's football – Member Associations Survey Report 2019*, revela que 15 mil mulheres jogam um futebol organizado no Brasil, enquanto nos Estados Unidos⁸⁷, tetracampeão do mundo, esse número chega a 9,5 milhões. O índice brasileiro perdeu até mesmo para a vizinha Argentina⁸⁸, com quase 28 mil – é interessante pontuar que a população total do Brasil apontada no documento é de mais de 207 milhões de habitantes, enquanto a da Argentina é de mais de 43 milhões, o que representa menos de um quarto da brasileira.

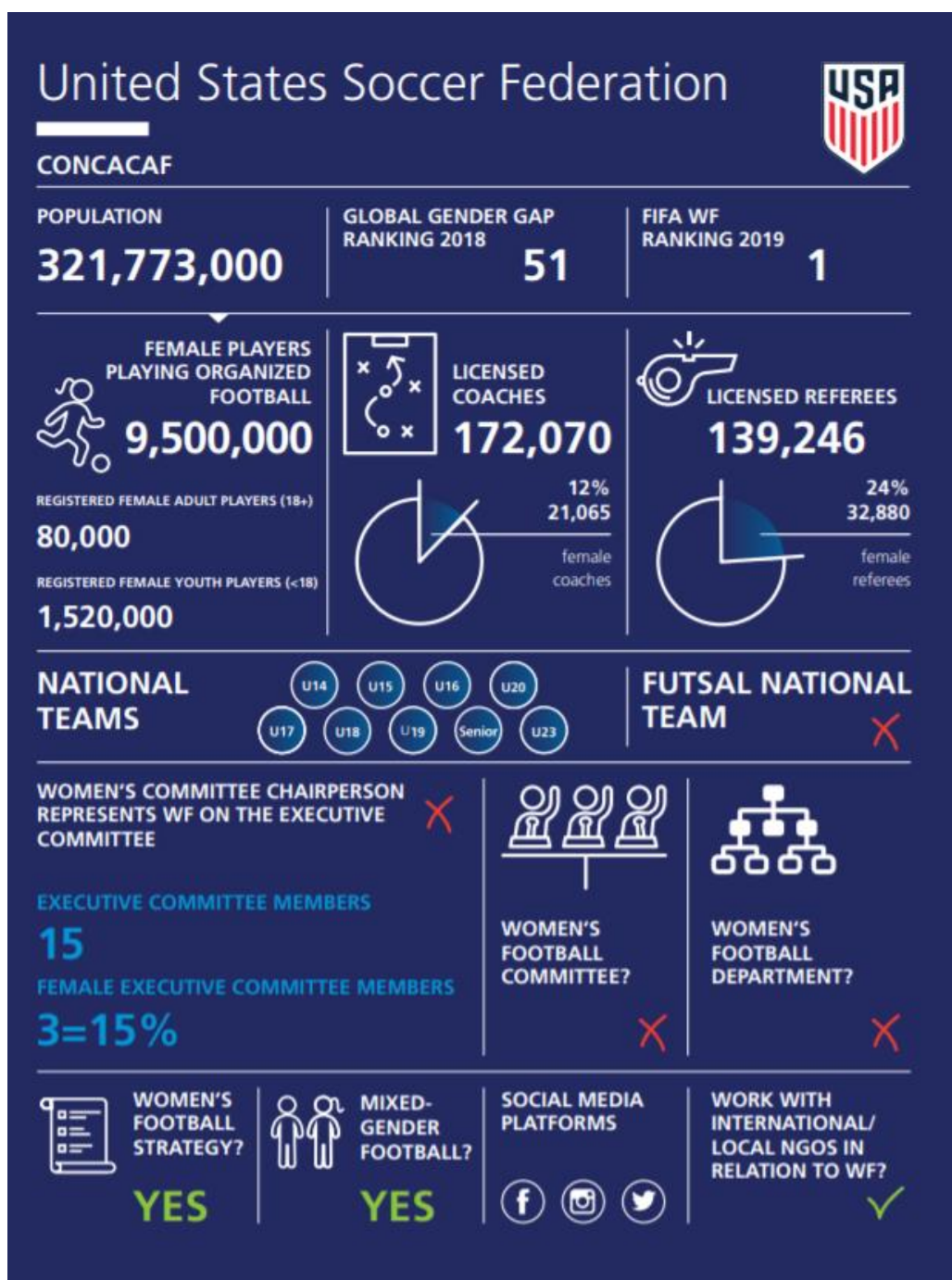
O levantamento evidencia que, no que diz respeito a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o número de jogadoras adultas registradas, isto é, com mais de 18 anos, é de 2.974, já com menos de 18 anos são apenas 475. Na realidade americana, são 80 mil adultas e mais de um milhão e meio de jovens. As mesmas categorias, na Argentina, chegam a mais de 21 mil maiores de 18 anos e 6,5 mil jovens.

⁸⁷ Vale ressaltar que os Estados Unidos e a Argentina foram mencionados como parâmetros de comparação porque o primeiro é o país mais vencedor do futebol feminino no que diz respeito ao âmbito competição no esporte, e o segundo é um vizinho sul-americano com índices mais altos do que o Brasil. Nesse sentido, há outras nações da América Latina, como o Chile, com 9 mil (e uma população de quase 18 milhões), a Colômbia, com 12.732 (48.228.00 de população) ou o Uruguai, com 6.300 (3.431.000 de população). Além de Venezuela, com 24.427 (31.108.000 de população) e Peru, com 17.159 (31.376.000 de população).

⁸⁸ Idem.

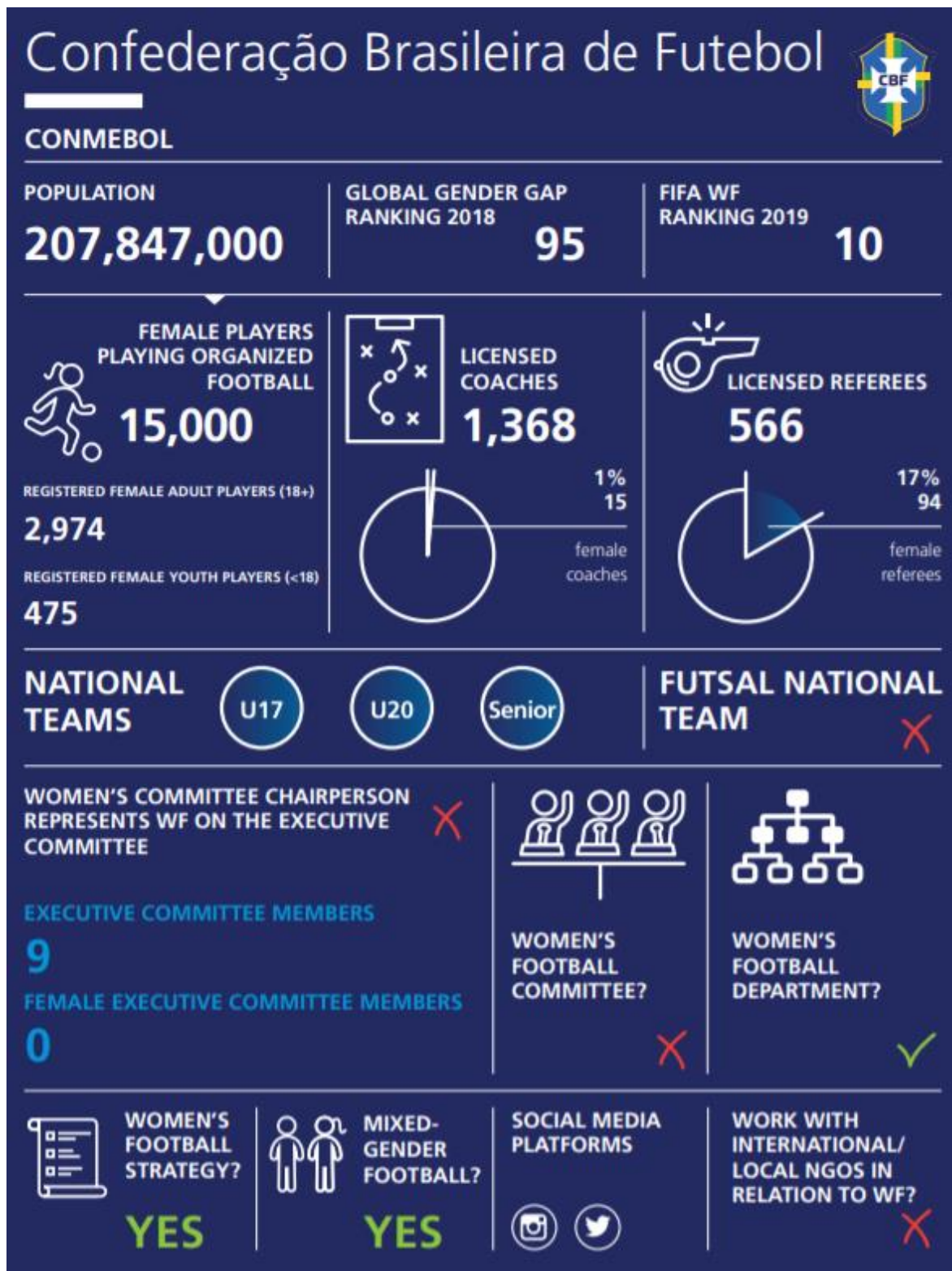
O documento ainda indica que, no Brasil, dos 1.368 treinadores licenciados, 15 são mulheres. E dos 566 árbitros licenciados, 94 são mulheres. No que tange esses dados, apesar das porcentagens serem muito pequenas, na Argentina, no que se refere às treinadoras, elas são sete entre 7.940 homens; e 26 entre os 550 árbitros. Nos Estados Unidos, novamente, os índices são maiores: dos 172 mil treinadores licenciados, mais de 21 mil são mulheres; entre os mais de 139 mil árbitros, elas são quase 33 mil.

Figura 40 – Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino nos Estados Unidos



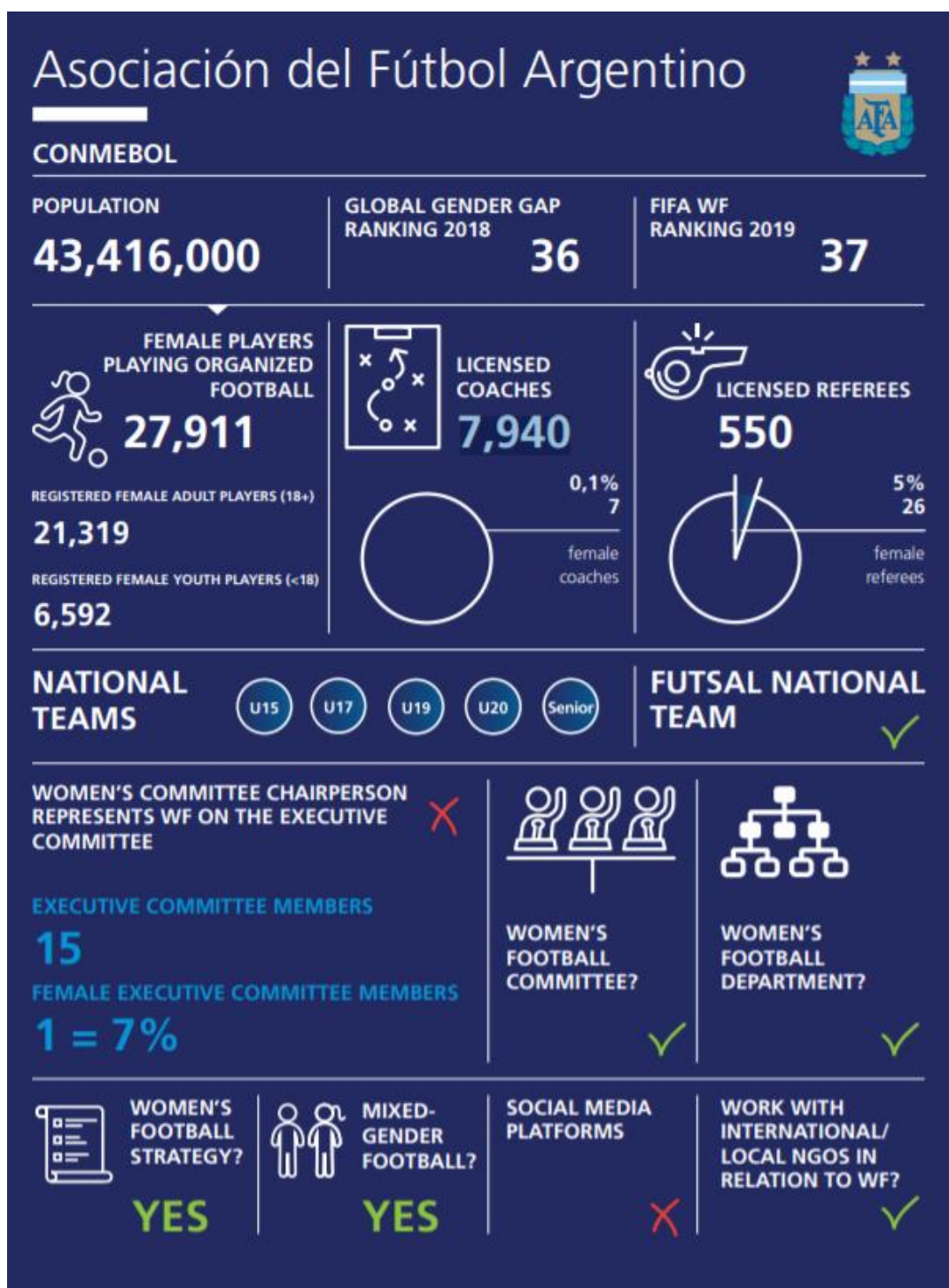
Fonte: *Women's football – Member Associations Survey Report 2019*

Figura 41 - Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino no Brasil



Fonte: Women's football – Member Associations Survey Report 2019

Figura 42 - Números divulgados pela Fifa sobre o futebol feminino na Argentina



Fonte: Women's football – Member Associations Survey Report 2019

Conforme os infográficos divulgados no relatório, a Fifa evidencia que, representando as americanas, são nove categorias de times nacionais, começando pelo sub-14. Na Argentina, são cinco, sendo o sub-15 o primeiro. Já no Brasil, apenas três seleções são mantidas pela CBF: sub-17, sub-20 e sênior. Esse panorama descrito pelos números demonstra que o planejamento desde a base para um projeto estratégico de

futebol nacional pode fazer a diferença em um trabalho de longo prazo, uma vez que atletas inseridas no esporte e preparadas desde o início da adolescência terão a possibilidade de desenvolver os fundamentos da modalidade, além de mais oportunidades para se destacarem e seguirem carreira no esporte.

Conforme já ressaltado nos itens anteriores, nos primeiros mundiais disputados pela seleção brasileira, não existiam competições organizadas no cenário nacional. Com isso, as convocações eram menos criteriosas, tendo em vista que os treinadores sequer tinham a chance de conhecer o trabalho das atletas. No ano de 2019, Vadão, então técnico da equipe brasileira, revelou em uma entrevista ao Globo Esporte⁸⁹ que, para ele, acompanhar as jogadoras selecionadas era uma tarefa desafiadora, tendo em vista que, sem transmissões de campeonatos femininos, o treinador e a comissão técnica precisavam ir pessoalmente aos jogos, o que era mais simples no Brasil. No entanto, Vadão conta que atletas que atuavam em nove países faziam parte do grupo, e os jogos internacionais eram mais difíceis de observar. Sendo assim, a dificuldade de acesso a informações sobre futebol feminino pode ser vista como uma das barreiras a serem enfrentadas (e que foram enfrentadas) em um planejamento estratégico para o desenvolvimento da modalidade.

Nesse sentido, é possível constatar que o trabalho nacional para estruturação do FF é recente. Apesar de nas décadas finais do século XX a proibição ter caído e a regulamentação ter sido feita, assim como a participação em competições de grande porte no âmbito da seleção, ainda foram necessários alguns anos para a organização de um torneio nacional: apenas em 2013 o Campeonato Brasileiro passou a existir. A Copa do Brasil teve sua primeira edição em 2012, mas foi encerrada em 2016. No ano seguinte, em 2017, o Campeonato Brasileiro passou a ser organizado em duas divisões (série A1 e A2). Nas categorias de base, o sub-18 e o sub-16 tiveram suas primeiras edições em 2019.

Mesmo com a realização dos campeonatos pela CBF, os times eram basicamente amadores. Muitas jogadoras precisavam manter empregos fora do esporte para se sustentarem, tendo em vista que muitos clubes sequer pagavam salários às atletas, oferecendo somente uma ajuda de custo. O primeiro clube que profissionalizou o vínculo com as jogadoras foi o Santos, em 2015. De lá para cá, o número de clubes que seguiu esse caminho aumentou: em 2019, dos 16 clubes da primeira divisão, sete eram profissionais, o que representa quase 44%. Em 2020, do total de 16, dez são profissionais, isto é, 62,5% dos times. Vale ressaltar que, para serem consideradas profissionais, as

⁸⁹ Muricy visita Vadão, técnico da seleção feminina de futebol. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7677878/>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

jogadoras precisam ser registradas na CBF, o que é possível por meio de um contrato no sistema CBF/Fifa e acontece quando a atleta se encaixa no regime CLT (de leis trabalhistas). O levantamento foi realizado pelo blog Dibradoras⁹⁰, e indicou que Ferroviária, Internacional, Iranduba, Santos, Flamengo, Cruzeiro, Grêmio, São Paulo, Vitória (que ainda tem algumas amadoras) e Corinthians formam o grupo de dez clubes profissionais na elite do futebol feminino brasileiro.

Outra notícia do ano de 2019 foi o anúncio da Bandeirantes sobre a transmissão do Brasileirão feminino da série A1 e partidas da série A2. Alguns clubes também passaram a publicar lances e gols dos jogos em suas páginas nas redes sociais, assim como a própria CBF.

Esses avanços aconteceram em um contexto no qual uma resolução da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) colocou como exigência de seu estatuto e regulamento de clubes, publicado em 2016, a manutenção de um time feminino. Diante dessa determinação, somente os clubes que se adequassem poderiam participar da Libertadores da América e da Copa Sul-Americana em 2019, dois torneios internacionais de relevância para as equipes brasileiras. Tal medida foi acompanhada pelo Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol, no qual a CBF estabeleceu como mandatória a existência de equipes femininas adultas e de base para os clubes da série A do Campeonato Brasileiro 2019.

Apesar do número recorde de profissionalização na categoria de elite, a segunda divisão ainda revela uma condição amadora: dos 36 clubes que disputam o campeonato, apenas América-MG, Atlético-MG, Ceará, Fortaleza e Tiradentes-PI são profissionais, ou seja, cerca de 14% segundo a pesquisa do Dibradoras.

Com maior visibilidade midiática e os espaços digitais que deram voz a jogadoras, diversas situações que denunciam as dificuldades do futebol feminino foram divulgadas nos últimos tempos. Em 2019, após uma derrota por 9 a 0 diante do Santos em jogo válido pela série A1 do Campeonato Brasileiro, a jogadora do Sport Sofia Sena, ao ser perguntada pela repórter da CBFTV o que faltou para sua equipe fazer um gol, a atleta desabafou:

"Vou dizer a você o que faltou: elas são superiores a nós, somos cientes disso. Elas treinam todos os dias e a gente mal tem horário para treinar... Três vezes por semana, e mesmo assim uma quantidade muito pouca. Elas convivem mais com a bola, e a gente mal toca na bola. O que falta

⁹⁰ Brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/01/22/brasileiro-feminino-de-2020-tera-numero-recorde-de-times-profissionais/>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

mesmo para o Sport é foco do clube em nós, que é uma dificuldade tremenda para isso acontecer, não tem prioridade para o feminino. É 'se vira do jeito que pode' [...] E isso não ganha jogo. A gente pode ter raça, pode ter vontade, pode ter amor, mas, com certeza, isso não vai ganhar jogo"⁹¹.

Duas semanas após a declaração, Sofia foi dispensada do Sport⁹². E o clube também esteve sob os holofotes de denúncias sobre a falta de estrutura para o futebol feminino com uma reportagem da Folha de S.Paulo⁹³.

Figura 43 – Foto utilizada para ilustrar matéria da Folha de S. Paulo sobre as condições do futebol feminino no Sport Recife



A legenda da foto: “Gramado no CT está tão alto que em alguns setores simplesmente esconde a bola”. Foto: Leo Caldas/FolhaPress

A reportagem evidenciou que “os contratos profissionais do time de 2018 foram todos desfeitos, e o departamento de futebol feminino, encerrado. As 20 atletas, todas com carteira assinada, precisaram sair do alojamento”. Diante da possibilidade de o time masculino ser punido pela CBF, o Sport “recorreu às categorias de base do Ipojuca, um

⁹¹ Entrevista da atleta do Sport disponível em: <https://twitter.com/nielson_ps/status/1150206210001514496>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

⁹² Sport dispensa jogadora que reclamou da estrutura do clube e da CBF. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/jogadora-que-reclamou-da-estrutura-do-clube-e-da-cbf-e-dispensada-pelo-sport.ghtml>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

⁹³ “Time que só perde, Sport tem zagueira no gol e não paga salários”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/07/time-que-so-perde-sport-tem-zagueira-no-gol-e-nao-paga-salarios.shtml>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

time amador do Grande Recife, para montar o elenco. O imprevisto é tamanho que a zagueira Janaina Barros teve que começar a jogar como goleira”, conta a matéria do repórter João Valadares. Ainda segundo a reportagem:

O elenco do Sport conta hoje com 25 atletas. **Elas não têm contrato de trabalho com o clube e não recebem salários.** As jogadoras recebem apenas uma ajuda de custo, com valor entre R\$ 300 e R\$ 400, e uma quantia para a passagem de ônibus. O valor do auxílio não foi informado pelo clube (Folha de S.Paulo, 18/7/19, grifos nossos).

Outra reportagem, dessa vez do blog Dibradoras⁹⁴, reuniu episódios que retrataram situações vivenciadas por jogadoras de futebol no cenário nacional. Alguns exemplos foram: atletas do Santos tiveram que “dormir na recepção de um hotel porque a empresa de logística contratada pela CBF para o campeonato não havia reservado os quartos para a data certa”; times precisaram viajar dias inteiros sem intervalos para as refeições; e jogos do Brasileiro sub-18 adiados por falta de luz no estádio. A matéria detalhou alguns outros casos. O primeiro deles aconteceu em 2015, na Copa Libertadores da América, organizada pela Conmebol. As atletas da equipe do São José, além de jogarem em um campo esburacado e sem iluminação na Colômbia, ainda tiveram sua alimentação limitada a 300g por refeição.

Figura 44 – Jogo do São José na Libertadores de 2015 na Colômbia



Fonte: Dibradoras. Foto: Tião Martins/ PMSJC

⁹⁴ Essa foto é de um treino de time profissional de futebol. Dá pra acreditar? Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/19/essa-foto-e-de-um-treino-de-time-profissional-de-futebol-da-pra-acreditar/>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

Entre outros tantos episódios que marcaram o futebol feminino, a reportagem ainda lembra que, em 2017, a Conmebol precisou suspender o campeonato por 72 horas por conta de uma intoxicação alimentar que atingiu dezenas de jogadoras das delegações participantes.

Outra reportagem do blog Dibradoras⁹⁵, em 2019, retratou a realidade do futebol feminino no Ceará. Com os dois principais clubes do estado, Ceará e Fortaleza, na série A do Campeonato Brasileiro masculino e a obrigatoriedade dos times femininos, o investimento foi, conseqüentemente, maior para a disputa do torneio estadual em comparação com os anos anteriores. No entanto, sucessivos acontecimentos deixaram os clubes descontentes. Pouco tempo antes do início do estadual, a Federação Cearense adiou em 15 dias a competição. Depois, datas, locais e horários dos jogos foram mudados com pouco tempo de aviso prévio. “Jogos que são anunciados poucos dias antes do acontecimento acabam atrapalhando até mesmo as jogadoras, além do planejamento da logística para os clubes, imprensa e torcedores”, explica a matéria do blog Dibradoras.

A reportagem ainda conta que os jogos, na maioria das vezes, eram marcados para o meio da semana, em horários de difícil acesso para o torcedor e em estádios que não apresentavam boa estrutura. De acordo com a matéria, em algumas partidas, não havia policiamento ou atendimento médico. Em posicionamento oficial, a Federação Cearense de Futebol declarou que “deixa ambulâncias de plantão em pontos estratégicos que podem ser acionadas pelos delegados da partida caso haja qualquer ocorrência”. Além disso, sobre os horários dos confrontos, afirmou que os mesmos “são agendadas conforme a disponibilidade dos estádios em acordo com os clubes”.

Em 2020, a questão do amadorismo da modalidade praticada por mulheres voltou a chamar a atenção por conta da pandemia do novo coronavírus. Isso porque os campeonatos foram paralisados a partir do mês de março, e a CBF disponibilizou para os 52 clubes da série A1 e A2, a partir da primeira quinzena de abril, uma ajuda de custo afim de amenizar os efeitos da situação. Foram 120 mil reais para os 16 times da primeira divisão, e 50 mil para os 36 da segunda. No entanto, conforme denunciou uma reportagem do GloboEsporte.com publicada no dia 14 de maio de 2020, a CBF não determinou condições para o uso do dinheiro, nem exigiu contrapartida, e a maioria dos dirigentes

⁹⁵ Falta de estrutura e jogos à uma da tarde: futebol feminino sofre no Ceará. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/11/22/falta-de-estrutura-e-jogos-a-uma-da-tarde-futebol-feminino-sofre-no-ceara/>>. Acesso em 3 de novembro de 2020.

não repassou os valores para as jogadoras. Com isso, muitas das que expuseram os casos foram dispensadas dos clubes.

A reportagem “*Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancarou amadorismo do futebol feminino*”⁹⁶ investigou a situação de diversos clubes, questionando dirigentes e trazendo depoimentos das atletas. Um dos casos é o do Auto Esporte, da Paraíba, em que quatro jogadoras foram desligadas no dia 5 de maio. De acordo com a matéria, duas delas, Ysrayane Nogueira Alves e Emilly Pedrosa Bastos, foram ouvidas pela reportagem e ambas asseguram que a demissão foi represália do presidente Helamã Nascimento pelos questionamentos sobre o destino dos R\$ 50 mil doados pela CBF. A apuração do GE segue:

De acordo com as jogadoras (além da dupla, uma que ainda se mantém no elenco colaborou em condição de anonimato), foi prometido um pagamento de R\$ 900 para os três meses, mas apenas parte do valor (R\$ 400) foi depositado. Com um grupo de 31 atletas, o gasto, assim, não ultrapassaria R\$ 12,4 mil. O comprovante de Emilly indica um depósito neste valor em 6 de maio, um dia depois do desligamento ser publicado no BID da CBF. Ela aguarda o restante do dinheiro.

– O clube nunca deu nada para nós. Chegou esse recurso da CBF, Helamã nem se importou de pegar o cheque para nos pagar e nós sempre cobrando ele. Leandro também sempre cobrou. Presidente botou ele para fora por isso. Fomos desvalorizadas, desrespeitadas. Estão à frente do feminino agora porque está entrando dinheiro. Queriam pagar R\$ 300. Eu falei no grupo da diretoria, todas concordaram, que era pouco. Fui cobrar um direito nosso. Se esse dinheiro foi para o feminino, era para nós meninas. Ele disse que não tínhamos direito de dar nossa opinião – acusou Ysrayane.

Também desligado no período pela direção do Auto Esporte, o auxiliar-técnico Léo Baiano afirmou que houve problemas no diálogo para a divisão do valor (GloboEsporte.com, 14/05/2020).

A reportagem ainda afirma que Léo Baiano disse ter custeado alimentação e outras despesas das jogadoras em 2019 junto com o técnico Guilherme Paiva sem auxílio do clube. O presidente Helamã, ainda de acordo com a publicação, foi procurado pelo GloboEsporte.com no dia 9 de maio, por WhatsApp, e pediu para que as perguntas fossem enviadas por e-mail, mas, até a veiculação do conteúdo, o e-mail não foi respondido. Com isso, no início de maio, quando as primeiras denúncias de atletas foram feitas a respeito da falta de repasse do auxílio da CBF, o presidente do Auto Esporte afirmou que "o dinheiro vai ser usado para fazer frente aos custos, o que inclui ajuda de custos, salários e para manter a estrutura pensando na volta do Brasileirão".

⁹⁶ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/das-ameacas-a-atletas-a-verba-da-cbf-retida-pandemia-escancarou-amadorismo-do-futebol-feminino.ghtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2020.

A reportagem de Ana Canhedo e Maurício de Oliveira conta também o ocorrido no União Desportiva Alagoana (UDA), de Alagoas, em que as atletas foram avisadas de que receberiam 250 reais cada uma "se quisessem, se não quisessem, seria nada". De acordo com a matéria, com a repercussão negativa da falta de transparência dos clubes, o presidente aumentou o valor do depósito para 350 reais. A publicação conta que o cartola mandou mensagem para uma das atletas que reclamaram, dizendo que "[...] se você achar que você pode receber mais do que isso procure seus direitos". A reportagem ainda divulgou o depoimento de uma das atletas e a resposta do presidente:

– Muitas atletas não sabiam que a CBF tinha liberado dinheiro para os clubes pagarem as atletas. Só vim saber quando o presidente pediu o número da minha conta pra depositar R\$ 250 (em abril). Ele perguntou se era justo e eu falei que não. Agora em maio, depositou R\$ 350. Hoje, há apenas nove meninas no alojamento. Ele só diz que o restante do dinheiro vai ser usado para despesas do clube, mas o clube só tem time feminino – afirma a meia-atacante da UDA Karen Gabriely. Procurado, o presidente do clube, Adeilson Palmeira, afirmou que "o dinheiro da CBF chegou numa boa hora para ajudar financeiramente o clube, as atletas e a comissão técnica com ajuda de custo". E que espera continuar representando bem o clube e o estado de Alagoas (GloboEsporte.com, 14/05/2020).

A reportagem afirma que “a maioria das atletas não quer se identificar porque teme ser dispensada e, além de não receber pagamento, ter de sair do alojamento do clube. Várias delas são de outros estados”. No decorrer da publicação, diversos outros clubes tiveram seus cenários expostos, como Atlético-GO, Sport Recife, Brasil de Farroupilha e Juventude Timonense.

Além da preocupante situação das atletas, que não recebem nem perto do valor de um salário mínimo brasileiro (1.045 reais em 2020), os casos de medo de represália e dispensa após declarações à imprensa indicam que os clubes censuram suas jogadoras para esconder o descaso com que tratam o futebol feminino, além do receio de possíveis exposições de orçamento e punições com relação a federações – e aos times masculinos.

Com o retorno das competições no segundo semestre de 2020, a desigualdade entre as equipes no Brasil e a falta de estrutura de alguns grupos se tornou pauta da mídia esportiva. Um dos casos de destaque aconteceu no Campeonato Paulista, quando o São Paulo fez 29 a 0 no Taboão da Serra.

No intervalo da partida, quando o placar marcava 17 a 0, a capitã do Taboão “desabafou”, afirmando que sabia que seria um confronto difícil, que o São Paulo vinha treinando junto há muito tempo, inclusive durante a pandemia. Nini disse que seu time tem um elenco muito jovem, e que elas praticamente não treinaram. E ainda completou:

“Nós conseguimos um campo recentemente, treinamos três dias antes do início do Campeonato Paulista. Nesta semana, tivemos mais dois dias de trabalho no campo, mas é muito difícil jogar, se posicionar, principalmente essa parte tática. Em momento nenhum vamos desanimar. Infelizmente a gente usa a camisa do CATs, mas em pouca coisa o clube nos ajuda. É mais a comissão técnica mesmo, que é pela vontade. **As atletas estão sem ganhar nada. Ninguém tem salário, ninguém tem condução, a gente não tem roupa de treino, não tem apoio nenhum do clube.** A gente usa o nome do clube para participar do Campeonato Paulista porque acredita que é uma oportunidade para as meninas mais novas” (grifos nossos).

Com a repercussão do caso, a Federação Paulista de Futebol se manifestou, lamentando a situação, evidenciando o espírito esportivo do grupo e reconhecendo que uma fiscalização mais rígida poderia ter evitado a exposição das atletas. Com isso, a FPF se comprometeu a exigir uma gestão mais comprometida do CATs. E até mesmo uma vaquinha on-line foi organizada para ajudar as atletas. Jogadoras da seleção brasileira e do próprio São Paulo enviaram mensagens de apoio, bem como empresas e instituições se colocaram à disposição para contribuir com a equipe. Assim, a reação tanto da federação, quanto do meio e das empresas que ofereceram patrocínio pode ser um indicativo de que a exposição do futebol feminino na mídia é capaz de atrair apoio para a modalidade.

Embora 2020 tenha revelado diversos desafios que o futebol feminino tem a enfrentar no Brasil, trata-se de um ano em que a CBF anunciou uma medida sem precedentes para o futebol nacional no nível da seleção: a equiparação de prêmios e diárias entre os jogadores e as jogadoras convocados. Isso quer dizer que homens e mulheres receberão valores equivalentes por conquistas e para cada dia de convocação, tanto em amistosos quanto em competições internacionais, como Copa do Mundo e Olimpíadas. Além disso, a confederação ainda trouxe Aline Pellegrino para ocupar uma posição de chefia na entidade, a de Coordenadora de Competições Femininas. A ex-jogadora, que também foi diretora da FPF, estará à frente do desenvolvimento e da supervisão das competições da seleção brasileira, um cargo novo na CBF. Além dela, Duda Luizelli também foi anunciada como a nova Coordenadora das Seleções Brasileiras Femininas.

Sendo assim, diante de todo o panorama brevemente construído, é possível observar que o cenário nacional para mulheres que jogam futebol é de instabilidade, de poucas oportunidades profissionais e muitos desafios, haja vista que se trata de uma modalidade esportiva em processo de desenvolvimento. Medidas de federações, confederações e

clubes começaram a ser tomadas para oferecer estrutura a atletas que buscam uma carreira no futebol brasileiro.

7 Gênero no futebol feminino: categoria de análise no estudo sobre mulheres no esporte e na representação jornalística

Nos capítulos anteriores, foi possível constatar que as desigualdades de gênero permearam a história das mulheres no futebol – e no esporte – no decorrer do tempo. Nesse sentido, faz-se necessário o aprofundamento na questão de gênero enquanto uma categoria de análise para entendermos de que forma ela se tornou marcante nesse estudo da relação das mulheres com o esporte e o jornalismo.

Por situarmos esta pesquisa no âmbito dos estudos de gênero, procuramos definir e apresentar algumas perspectivas sobre as ideias, os usos e as críticas a esta categoria. Em busca da compreensão acerca do que se trata este conceito, compartilhamos o apontamento de Joan Scott (2019), que apresenta que o gênero “é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos”. Isso quer dizer, segundo a pesquisadora, que neste viés:

O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos ou que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 2019, p. 54).

Tais justificativas biológicas apontadas pela autora se fizeram presentes em diversos momentos da trajetória feminina nos esportes, o que, consideramos, na verdade, uma construção social – conveniente aos arranjos patriarcais – com base naquilo que a sociedade define como padrões de feminilidade e masculinidade. O fato de as mulheres gerarem filhos, uma característica biológica, foi usado como um argumento para proibi-las de exercer uma atividade social na esfera da prática esportiva. A mesma alegação foi usada para atestar uma suposta fragilidade feminina e a falta de resistência para a disputa de uma modalidade violenta em demasia, a qual, segundo este pensamento, só poderia ser realizada por homens, que podem resistir por conta da virilidade, capacidade física e força. Isto quer dizer que argumento biológicos foram trazidos para a esfera dos papéis sociais com o objetivo de forjar e reproduzir aspectos da dominação masculina.

Hollanda (2019) afirma que a historiadora Joan Scott oferece em seu artigo “uma importante reflexão sobre a relação direta e explícita entre gênero e poder”, material que considera um clássico no debate constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças

entre os sexos como uma forma primeira de significar as relações de poder. Nesse sentido, as relações de poder baseadas na diferença sexual e na construção dos padrões de gênero no campo esportivo se revelam nítidas quando, por exemplo, Estado, imprensa, confederação, federações e clubes – entidades que exercem poder de diversas maneiras e em diversos espaços – se uniram para proibir o futebol feminino e, posteriormente, se mostraram, de certa forma, indiferentes ao desenvolvimento da modalidade – o que foi possível constatar, por exemplo, no capítulo 6, que apresenta um panorama mais atual de barreiras impostas ao futebol feminino no Brasil. Diante de um cenário em que um grupo social, as mulheres, era minoritário, possuía uma representatividade mínima e ocupava raros espaços de decisão – como pudemos perceber pelos dados divulgados no relatório da Fifa –, o poder exercido pela maioria de homens em posições de liderança prevaleceu, em um exemplo de como podem funcionar as relações de gênero nas disputas de poder.

É importante destacar que o conceito de gênero e o uso do mesmo enquanto uma categoria vem se disseminando desde meados da década de 1980 e no decorrer da de 1990 “em decorrência do impacto político do feminismo e de novas perspectivas de análise” (MORAES, 2013, p. 99). Para Piscitelli (2002, p. 1), que o considera “instigante e desafiador”, “parte significativa da atração exercida por esse conceito reside no convite que ele oferece para um novo olhar sobre a realidade, situando as distinções entre características consideradas femininas e masculinas no cerne das hierarquias presentes no social”.

Scott (2019, p. 50) pontua que “no seu uso mais recente, ‘gênero’ parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. O papel do movimento feminista no reconhecimento da desigualdade de gênero nas relações de poder que sujeitam as figuras femininas à dominação masculina é notável. Piscitelli (2002) também destaca que o conceito foi desenvolvido no seio do movimento feminista e no marco dos estudos sobre “mulher”, compartilhando vários de seus pressupostos. “Mas a formulação do conceito de gênero procurava superar problemas relacionados à utilização de algumas das categorias centrais nos estudos sobre mulheres” (PISCITELLI, 2002, p. 8). A autora aponta que esta questão fica clara no ensaio que difundiu o conceito de gênero, marcando o pensamento feminista ao introduzir essa ideia na discussão sobre as causas da opressão das mulheres.

Este ensaio citado pela autora foi escrito por Gayle Rubin e publicado em 1975 com o título *O Tráfico das Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo*⁹⁷. Nele, “Rubin definiu o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (PISCITELLI, 2002, p. 8). Apesar das críticas ao dualismo da relação natureza/cultura, o ensaio se tornou uma referência para a literatura feminista, segundo a pesquisadora.

Antes de tratarmos das revisões, reações e discordâncias que cercam a categoria gênero, ainda no sentido proposto por Joan Scott (2019), esta palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos ‘sexo’ ou ‘diferenciação sexual’. Segundo a historiadora, “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.

Moraes (2013), por sua vez, propõe que:

A expressão “relações de gênero”, tal como vem sido utilizada no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder (MORAES, 2013, p. 100).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina*, publicada originalmente em 1998, fala nessa relação já citada de biologização do social e socialização do biológico. Embora existam diversas críticas a sua formulação, entre elas, segundo Silva (2013), a de que sua análise apresenta um viés descritivo da estrutura de dominação masculina e não se dedica à superação das relações de dominação, o autor pondera que “o caráter relevante de sua obra se encontra no apontamento das relações que naturalizam a violência entre homens e mulheres, além da identificação do arbitrário cultural, da socialização diferenciadora, que insere os indivíduos na cultura masculinista” (SILVA, 2013, p. 44). No contexto desta pesquisa, em que pudemos perceber que o determinismo biológico impôs barreiras à participação de mulheres em espaços sociais, sua visão sobre o arbítrio cultural contribui para identificar e entender as condições de desigualdade, preconceitos e desequilíbrios com relação à vivência feminina no esporte.

⁹⁷ RUBIN, Gayle. *The traffic in Women: Notes on the “Political Economy of Sex”*. IN: REITER, Rayna: *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press, New York, 1975.

A partir da noção de que as características limitantes e normativas atribuídas aos gêneros se tratam de construções, recorremos à noção de que as mesmas podem ser transformadas de forma que as vivências se tornem mais livres, mais diversas e mais amplas – e a subordinação feminina seja eliminada. E, neste ponto, conseguimos encontrar uma similaridade com as correntes de pensamento feminista. Piscitelli (2002) explica que o pensamento feminista, “como expressão de ideias que resultam da interação entre os desenvolvimentos teóricos e práticas do movimento feminista”, não constitui um todo unificado, mas as diversas vertentes com abordagens construídas após os finais da década de 1960 compartilham algumas noções centrais:

Em termos políticos, consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos mundos masculinos. A subordinação feminina é pensada como algo que varia em função da época histórica e do lugar do mundo em que se estude. No entanto, ela é pensada como universal, na medida em que parece ocorrer em todas partes e em todos os períodos históricos conhecidos (PISCITELLI, 2002, p. 2).

Dessa forma, a autora ainda argumenta que as diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina e não só questionam o caráter natural dessa subordinação como defendem que ela é resultado da construção social feita da mulher. “Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social ocupado por elas” (PISCITELLI, 2002, p. 2). Nessas ações, que contribuem para a alteração da percepção acerca das mulheres, podem ser incluídas as representações midiáticas dos gêneros.

No esporte, especialmente no futebol feminino, foi possível constatar que, no decorrer da história, parte da imprensa especializada acompanhou/ fez parte das estruturas de poder que colocavam as mulheres em uma posição de subordinação. Reportagens que traziam médicos atestando que o futebol era prejudicial à saúde feminina, que apoiavam a proibição da modalidade, que impunham padrões de feminilidade e que ironizavam os esforços femininos pelo desenvolvimento da modalidade são exemplos de como o jornalismo esportivo compactuou, reforçou e ajudou a construir os mecanismos de discriminação com base no gênero. E foi a partir dessa história de desigualdade que se estabeleceu a relação da imprensa esportiva com o futebol de mulheres.

Além disso, nos voltamos à questão de que essa “opressão comum” com base no gênero já foi muito questionada tanto pelo movimento feminista quando por autoras da teoria feminista. Por isso, a abordagem interseccional, que traz para o assunto aspectos

como classe e raça, tem ganhado cada vez mais espaço e aprofundado discussões pautadas em desigualdades e discriminações.

Ao analisar a obra *The feminine mystique*, de Betty Friedan, lançada em 1963, Bell Hooks (2015) pontua que se trata do livro que abriu caminho para o movimento feminista contemporâneo, mas chama a atenção para o fato que a autora tratou de um cenário restrito a mulheres brancas de classes privilegiadas:

Ela não falou das necessidades das mulheres sem homem, sem filhos, sem lar, ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres, e não disse aos leitores se era mais gratificante ser empregada, babá, operária, secretária ou uma prostituta do que ser dona de casa da classe abastada (HOOKS, 2015, p. 194).

Depois de considerar tal ponderação, entendemos que o gênero consiste em uma das categorias por meio das quais podemos analisar sistemas e mecanismos de opressão, mas não a única. Para percebermos, por exemplo, que as mulheres negras vivenciam as desigualdades de forma distinta das brancas, inclusive no esporte, basta lembrar da marcante matéria da revista Placar de 1983, com o título “A Bela e as Feras”⁹⁸, em que jogadoras de futebol negras foram retratadas e descritas como violentas e selvagens, enquanto a atleta branca que protagoniza a reportagem foi sexualizada e colocada como um modelo de beleza e de comportamento. Nesse sentido, é interessante destacar que este retrato misógino⁹⁹ que sexualiza a atleta branca é também misógino e racista com relação às jogadoras negras, pois as dessexualiza, insulta, ironiza e desmerece. Manne (2018) explica que a hostilidade misógina abrange uma miríade de movimentos de "down girl" ou, em tradução livre, meninas para baixo. Com isso, lista manifestações dessa ação ou comportamento:

Para generalizar: os adultos são insultuosamente comparados a crianças, as pessoas a animais ou mesmo a objetos. Além de infantilizar e depreciar, existe ridicularizar, humilhar, zombar, caluniar, difamar, demonizar, bem como sexualizar ou, alternativamente, dessexualizar, silenciar, evitar, envergonhar, culpar, ser paternalista, condescendente e outras formas de tratamento que são desdenhosas e depreciativas em contextos sociais específicos (MANNE, 2018, p. 68).

⁹⁸ A reportagem foi disponibilizada na íntegra no item 6.1.

⁹⁹ Para Manne (2018), a misoginia deve ser entendida principalmente como o ramo de “aplicação da lei” de uma ordem patriarcal, que tem a função geral de policiar e fazer cumprir suas normas e expectativas regentes. A autora sustenta que devemos pensar na misoginia como servindo para sustentar a ordem patriarcal entendida como uma vertente entre vários sistemas semelhantes de dominação, incluindo racismo, xenofobia, classismo, preconceito de idade, capacitismo, homofobia, transfobia e assim por diante.

No mesmo sentido, conhecemos o papel das questões de raça e classe no desenvolvimento do futebol enquanto modalidade esportiva no Brasil¹⁰⁰, em que os homens negros e pobres precisaram superar barreiras para a prática do esporte de origem estrangeira e elitizada. No futebol feminino, a classe é uma categoria social decisiva para as jogadoras. Isso porque, na sociedade capitalista contemporânea, em que, no esporte espetacularizado e competitivo as relações de trabalho se fazem presentes, a falta de profissionalização, visibilidade e estrutura para que os times se tornem cada vez mais competitivos faz com que muitas mulheres não consigam se sustentar por meio do futebol, ressaltando a necessidade de outras atividades econômicas que interferem em suas carreiras ou as fazem desistir de se dedicar a uma atividade que não representa um meio de subsistência.

Outra questão sobre os estudos de gênero, conforme Moraes (2013), é que “o que se tem, via de regra, é uma utilização restrita e imprecisa de gênero, como sinônimo de homem e mulher”. Para a autora, inclusive, é necessário “avançar nos estudos que trabalhem com a tensão corpo biológico/corpo simbólico e as possibilidades de transformações com respeito às identidades”.

Aqui, faz-se relevante retomar a discussão sobre o corpo e os papéis de gênero no contexto esportivo, a qual faremos apoiados na formulação de Goellner (2005) em que a autora recorre a dois pontos para justificar a pouca visibilidade das mulheres no futebol brasileiro: “a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza”.

Goellner (2005, p. 146) observa que a participação das mulheres no futebol representava uma transgressão ao que era hegemonicamente aceito e definido como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem de mãe grande aceitabilidade. Segundo a autora, na década de 1930, quando as mulheres começaram a se inserir neste espaço esportivo, o corpo feminino era visto como um bem social que acomodava a expectativa de uma prole sadia. Com isso, o fruto do corpo feminino era resultado de um projeto social que o percorria, inscrevendo-lhe marcas que evidenciavam seu fortalecimento ao mesmo tempo asseguravam sua fragilidade uma vez que “continuavam a demarcar seu local social a partir dos contornos de sua natureza anatômica”, uma percepção que notadamente nos apresenta uma tensão entre o corpo biológico e

¹⁰⁰ Item 5.1 da dissertação.

simbólico. Essa relação entre natureza e biologia com cultura e sociedade se faz presente na investigação da história feminina no esporte, por esta razão consideramos necessária a demarcação do conceito de gênero como uma rejeição ao determinismo biológico.

Avançando no tempo, a autora explica que a beleza no século XX era vista como sinônimo de saúde e de uma genitália apta para as funções reprodutivas. No entanto, Goellner segue afirmando que, a partir da década de 1970, teremos um novo discurso incorporado a este, o da erotização do corpo feminino:

Estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar os corpos das mulheres ressaltando alguns atributos designados como característicos de seu sexo: a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável (GOELLNER, 2005, p. 147).

Além da erotização, Goellner destaca que o temor de que o esporte pudesse masculinizar as praticantes direciona-se não apenas às modificações de seu caráter, mas, sobretudo, a sua aparência. “Afinal, julgava-se/julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo” (GOELLNER, 2005, p. 148).

Dessa forma, a autora esclarece que esses discursos estão baseados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual a cada sexo correspondem algumas características inerentes que os define. Para ela, pressupõe-se a existência de uma determinada essência masculina e/ou feminina natural e imutável. Neste sentido, nos juntamos a autora na ideia de que a concepção essencialista se opõe à que afirma ser o gênero uma construção social. “Partindo das teorizações pós-estruturalistas, esse olhar sobre os gêneros, inaugurado pela historiadora norte-americana Joan Scott, rompe significativamente com a noção de que exista um único jeito masculino ou feminino de ser” (GOELLNER, 2005, p. 148).

Joan Scott, cujo pensamento já nos valemos, apresenta sua própria definição de gênero como uma conexão integral entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 67).

Outra autora importante para pensarmos esse cenário é Simone de Beauvoir. Apesar de o conceito de gênero ser posterior à filósofa francesa, suas formulações possuem papel importante na compreensão da categoria e foram associadas a ela pelas teorias feministas. A seguinte passagem é uma das mais marcantes da obra de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

A famosa afirmação “On ne naît pas femme, on devient” nos fornece a ideia de que, “em Simone de Beauvoir, a mulher já está deslocada do ser para o devir” (RODRIGUES, 2019, p. 2). Isso significa que a pensadora francesa separou a ideia da fêmea, que nasce com um marcador biológico, e a mulher que “devém”, que se torna mulher em decorrência da combinação de fatores e espaços culturais da vivência posterior ao nascimento. Esse descolamento entre sexo biológico e construção social da mulher contribuiu para que ideia de gênero pudesse ser desenvolvida.

E é muito por conta da leitura de Beauvoir que a filósofa americana Judith Butler se torna uma das principais pensadoras na desconstrução do conceito de gênero. Para esta autora, a ideia de gênero mantém uma estrutura binária:

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2016, p. 26).

Além disso, a pensadora ainda busca desnaturalizar e problematizar o sexo, questionando: “seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais?”. Contestando a ideia de que o sexo possui um caráter imutável, sugere que o que chamamos de “sexo” pode ser tão culturalmente construído quanto o gênero. “A rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula” (BUTLER, 2016, p. 27)

Assim, outra crítica da autora é o aprisionamento do gênero na cultura, como se o gênero construído pela cultura fosse tão determinante e fixo quanto na ideia de que a biologia é o destino. “Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2016, p. 29).

“As perspectivas de várias das autoras que participam nas discussões atuais sobre gênero, entre as quais é possível inserir a produção de Butler, embora diferenciadas, coincidem na radicalização dos esforços por eliminar qualquer naturalização na conceitualização da diferença sexual, pensando gênero de maneira 'não identitária'. Isto é, rejeitando os pressupostos universalistas presentes da distinção sexo/gênero, convergem na tentativa de analisar criticamente os procedimentos

através dos quais gênero é concebido como fixando identidades, e de formular conceitualizações que permitam descrever as múltiplas configurações de poder existentes em contextos históricos e culturais específicos” (PISCITELLI, 2002, p. 16).

A visão de Butler e de diversas autoras que promovem o debate sobre a categoria gênero são válidas e levam a reflexões sobre como é possível ir além nos questionamentos e problematizações. Esta pesquisa que se apresenta como um estudo de gênero não busca limitar as identidades com base naquilo que foi construído socialmente dentro das noções de feminino e masculino, mas identificar e entender de que forma e por meio de quais mecanismos essas construções foram realizadas e de que maneira essas construções resultaram em prejuízos e desvantagens na vivência de mulheres no contexto esportivo para, a partir daí, desconstruir padrões definidos para as vivências dos gêneros.

Scott inclusive explica que, com os debates que cercam o gênero, “as feministas não só começaram a encontrar uma via teórica própria, como também encontraram aliados cientistas e políticos. É nesse espaço que nós devemos articular o gênero a uma categoria de análise” (SCOTT, 2019, p. 66).

O gênero é uma categoria útil nos estudos sobre as mulheres no esporte. No mundo contemporâneo e em um cenário em que o esporte-competição é o protagonista na cobertura midiática, temos a distinção binária entre modalidades femininas e masculinas. Na Copa do Mundo de futebol da Fifa, temos mulheres e homens não só jogando separadamente, mas também eventos organizados em anos e locais distintos. Nas ligas nacionais, homens e mulheres vivem em mundos separados. Nos Jogos Olímpicos, no futebol e na maioria das modalidades, há a divisão das categorias feminina e masculina – a única exceção a essa regra é o hipismo. Além disso, trata-se de um recorte em que as performances e características físicas são pautas a todo momento.

Por isso, o gênero é um marcador da desigualdade no esporte – não o único. As mulheres que jogaram ou se envolveram de alguma forma com o futebol, no decorrer da história, tiveram tratamentos, oportunidades e experiências desiguais com relação aos homens, tanto em aspectos econômicos quanto midiáticos, estruturais e simbólicos. Para Heilborn e Rodrigues (2018, p. 18), “o gênero, para além de uma dimensão da pessoa, aspecto crucial na alta modernidade, constitui-se em um eixo de classificação que organiza as relações de sociais”. Além disso, as autoras consideram ser viável afirmar que, por meio do conceito de gênero, pode-se mobilizar um debate político necessário e atual sobre como diferenças sexuais se materializam em corpos biológicos.

Tudo isso indicaria a necessidade de pensar como, **em determinados contextos, a mobilização do conceito de gênero ainda pode ser estratégica no enfrentamento das discriminações sexuais e sociais** no que diz respeito às mulheres e ao enfrentamento das diferentes formas de violência – física e simbólica – que ainda nos desafiam. (HEILBORN E RODRIGUES, 2018, p. 18, grifos nossos).

Logo, desconstruir a ideia de que há um destino biológico que afasta as mulheres do esporte enquanto um espaço social é um esforço necessário às pesquisas que envolvem gênero e esporte. Assim, avançamos na ideia de que as manifestações comportamentais, sociais, psicológicas e identitárias do gênero feminino podem ser diversas e compatíveis com os contextos esportivos.

8 Objeto: Globo Esporte São Paulo

A Rede Globo é uma emissora de tradição no que diz respeito à imprensa esportiva no Brasil, tanto no que se refere à atuação em transmissões e coberturas quanto no desenvolvimento de programas especializados. Conforme evidenciado no capítulo 4, no qual conhecemos a história do jornalismo esportivo brasileiro, desde que entrou na cena esportiva, o canal disputou um lugar de destaque perante a audiência. Com transmissões de Copas do Mundo, torneios continentais, campeonatos nacionais e estaduais, a emissoras manteve o esporte em um lugar de investimento e lucro no decorrer do tempo.

A grade de programas esportivos inclui o Globo Esporte, o Esporte Espetacular e o Auto Esporte como atrações fixas. As transmissões e coberturas ao vivo da emissora de partidas de futebol acontecem, geralmente, às quartas-feiras e domingos (com exceções). Possui os direitos de campeonatos estaduais (exceto carioca, cujo contrato foi rescindido em 2020), Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, final da Copa da UEFA, Mundial Interclubes e competições Fifa – em 2020, a Globo perdeu os direitos da Libertadores da América, do Moto GP e da Fórmula 1. Além dos dias tradicionais, também utiliza oportunamente os domingos de manhã para transmitir competições dos mais diversos esportes, assim como abre espaço na grade de programação para alguns torneios, confrontos decisivos e para as seleções brasileiras.

Conforme já ressaltado, no cenário pré-pandemia, ou seja, no início de 2020, a Globo vendeu por 307 milhões de reais cada uma das seis cotas do pacote comercial de patrocinadores do futebol, o que faz desse espaço o mais valioso do mercado publicitário brasileiro¹⁰¹. No ano de 2019, com a transmissão de estaduais, Libertadores, Copa do Brasil, Brasileirão e amistosos da seleção brasileira, a emissora comemorou os índices de audiência do futebol, que em 2018 havia ficado com uma média de 23 pontos, e subiu para 25 no ano seguinte, o que significa cerca de 50 milhões de espectadores por partida, de acordo com dados divulgados pelo Uol¹⁰².

Tendo em vista a relevância do esporte e do jornalismo esportivo para o canal da televisão aberta, a atração selecionada, isto é, o Globo Esporte, adquiriu relevância perante a emissora e os telespectadores durante os anos que está no ar na cobertura e no noticiário esportivo. A estreia do Globo Esporte na Rede Globo aconteceu no dia 14 de

¹⁰¹ Pacotes comerciais já garantem R\$ 2,47 bi a Globo em 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3IIAKg6>>. Acesso em 10 de novembro de 2020.

¹⁰² Globo comemora crescimento da audiência no futebol. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2019/09/27/globo-comemora-crescimento-na-audiencia-do-futebol.htm>>. Acesso em 11 de novembro de 2020.

agosto de 1978. A princípio, era exibido de segunda a sexta, mas, a partir de 1983, passou a ir ao ar também aos sábados. O programa ao vivo ocupa a faixa do 12h50 e tem cerca de 20 minutos de duração. Com Felipe Andreoli à frente da atração em São Paulo, o GE tem como foco um conteúdo noticioso, com exibição de reportagens, entrevistas, boletins, entradas ao vivo, notas curtas, e pautas envolvendo pré e pós-jogos, repercussão de resultados, gols da rodada e lances de destaque em diversos campeonatos.

De acordo com o Portal Memória Globo, espaço digital em que a emissora mantém conteúdos históricos a respeito de sua trajetória, o programa, no início, era dedicado quase que exclusivamente à cobertura dos torneios estaduais e nacionais de futebol, mas, já em 1978, apresentava reportagens sobre outras modalidades, como motociclismo, tênis, boxe, natação e basquete. Ainda de acordo com a página do programa, o GE passou a privilegiar competições de basquete, vôlei, natação, hipismo, surfe, tênis e outros “esportes de interesse do público brasileiro”.

Atualmente, a proposta da atração, de acordo com o portal, é “trazer para perto do telespectador o espetáculo e a emoção do esporte”, “acompanhar o cotidiano e o trabalho de atletas” e “destacar exemplos de esportistas e treinadores que superam as dificuldades do dia a dia”, além de “mostrar projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social”. Com isso, algumas das modalidades de destaque, segundo a página do programa, são ginástica, Fórmula 1, vôlei e futebol.

Conforme revela o material veiculado pela emissora, ao longo da década de 1980, a Divisão de Esporte passou por uma série de mudanças, incluindo o direcionamento de mais recursos e novos profissionais contratados. Em consequência disso, no Globo Esporte, “as matérias se tornaram mais elaboradas, passaram a apresentar mais entrevistas e buscavam explorar a trajetória pessoal dos atletas, mostrando suas limitações, obstáculos e desafios”. Ainda nesse período, houve uma transformação no estilo dos conteúdos, de uma perspectiva mais formal que se assemelhava a um telejornal a um formato mais moderno, criativo e irreverente. Nesse sentido, “as reportagens passaram a utilizar recursos como animação, grafismo e vinhetas especiais”, de acordo com o Memória Globo.

Em 1983, dois blocos do programa eram transmitidos em rede, e um exibido para o noticiário local, produzido pelas praças. A redação de São Paulo voltou a participar do Globo Esporte em 2009, com espaço para o noticiário esportivo da capital paulista e das emissoras retransmissoras do interior. “No primeiro bloco, passaram a ser apresentadas as notícias regionais e, nos outros, as matérias e informações para toda a rede”

(MEMÓRIA GLOBO). Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza ganharam, em 2011, edições diárias, com a edição nacional direcionada para as demais capitais. O Rio de Janeiro também ganhou sua própria apresentação e edição.

A página do programa no portal também revela que, desde o final da década de 1990, o Globo Esporte buscou não só atrair a atenção dos telespectadores interessados no universo esportivo, mas também daqueles menos atraídos pelo tema. Dessa forma, afirmam o objetivo “transformar o fato esportivo em entretenimento, sem esquecer o compromisso com a informação”.

Atualmente, além de sua exibição na televisão aberta, o Globo Esporte São Paulo (e de outras localidades) disponibiliza o conteúdo na íntegra no Globoplay, plataforma digital com *streaming* de vídeos por assinatura da emissora. A coleta das informações sobre o objeto foi realizada a partir de tal plataforma.

8.1 Construção do *corpus*

No período de um mês em que a Copa do Mundo de futebol feminino promovida pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) aconteceu em 2019, na França, realizamos um levantamento de todas as edições do programa Globo Esporte São Paulo, da Rede Globo, a fim de entender quais pautas jornalísticas foram elaboradas a partir do próprio evento e do futebol de mulheres de forma mais ampla. Levamos em consideração também as demais dinâmicas do programa, como outros conteúdos veiculados, para observar de que forma nosso recorte, isto é, o futebol feminino, se insere no contexto maior de cada edição.

Entre o dia 7 de junho e 7 de julho, foram ao ar 25 programas do Globo Esporte São Paulo. Isso porque a atração é exibida de segunda a sábado, deixando os domingos de fora. Além disso, no dia 13 de junho, o programa não foi exibido justamente em decorrência da transmissão da partida da seleção brasileira contra a Austrália, no torneio mundial, coincidir com o horário do GE. Vale ressaltar também que houve, durante o intervalo de tempo estudado, a junção do Globo Esporte de São Paulo com a edição nacional (os dois apresentadores, Alex Escobar e Felipe Andreoli, conduziram juntos a atração) do GE, o que aconteceu no dia 18 de junho – data em que tanto a seleção feminina, na Copa do Mundo, quanto a seleção masculina, na Copa América, brasileiras tinham jogos programados –, 22 e 27 do mesmo mês (ambas datas de jogos do Brasil masculino no torneio continental).

Após o levantamento das informações de cada uma das edições do programa que faz parte do *corpus* – descrevendo, de forma detalhada, elementos como tipo de conteúdo (entrevista, reportagem, nota coberta), tempo de duração, profissional(is) envolvido(s), conteúdo de cada matéria exibida –, tais dados foram categorizados para que pudessem ser organizados e analisados. As categorias incluem a data em que o programa foi ao ar; os formatos, pautas e conteúdos veiculados a respeito do futebol feminino e da Copa do Mundo de Futebol Feminino da Fifa; e os demais formatos, pautas e conteúdos da edição. Com isso, teremos como foco o futebol de mulheres, mas sem deixar de situar o contexto em que o mesmo foi inserido no programa. Dessa forma, as informações categorizadas o Globo Esporte SP serão apresentadas e descritas a seguir.

8.2 Edições analisadas

1 Globo Esporte São Paulo, dia 7 de junho de 2019 (sexta-feira)

No primeiro dia de dados coletados do GE, data da abertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino, há uma sequência de menções à competição. A primeira delas é uma chamada do apresentador Felipe Andreoli, direto de estúdio, que insere o tema ao informar que aquele seria o dia do início do torneio, passando rapidamente o foco para seleção brasileira. O telão exibia a adversária do Brasil, dia e horário do jogo e o ícone indicando a transmissão da Globo, questões mencionadas por Andreoli que, logo depois, chamou a entrada ao vivo da repórter Lizandra Trindade, em Grenoble, na França, questionando: “Como é que está agora pouco tempo para a nossa estreia?”. Essa primeira parte, classificada como chamada e conduzida pelo apresentador, durou 14 segundos.

Na entrada ao vivo em sequência, a repórter informou: faltavam dois dias para a estreia do Brasil; o grupo realizou um treino aberto ao público com a presença de um grupo infantil de percussão de Grenoble, cuja torcida é pelo Brasil, que fez “uma festa com as jogadoras e colocou a mulherada para dançar”. Com breves trechos de filmagens do treino mencionado, Lizandra Trindade também explicou que a jogadora Marta estava se recuperando de uma lesão na coxa esquerda e fez um trabalho separado, ou seja, não treinou com o grupo. A entrada ao vivo teve um total de 35 segundos. Após agradecer a repórter, Andreoli fez um breve comentário, de três segundos: “Vamos Martinha, o Brasil precisa de você”.

Com isso, a chamada, a entrada ao vivo e o pé (breve comentário) foram os três momentos em que a competição mundial foi mencionada no Globo Esporte no dia em que a Copa teve início na França. No total, foram 52 segundos dedicados ao tema.

Demais conteúdos do programa naquele dia incluíram:

- Reportagem sobre garotos do litoral paulista que organizaram a “Copa Cotinha”, um campeonato de rua com os componentes de uma competição oficial.
- Reportagem contando a história do jogo entre Santos e Atlético-MG na Copa do Brasil.
- Informação sobre próximos jogos (datas e horários) de Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos no Campeonato Brasileiro.
- Entrada ao vivo do centro de treinamentos do Corinthians para trazer novidades no clube, com destaque para os desfalques do time para o jogo contra o Cruzeiro.
- Matéria sobre brasileiro no *Ultimate Fighting Championship* (UFC) cujo encaminhamento foi a busca do cinturão pelo lutador Marlon Moraes, personagem da reportagem; Andreoli faz um gancho para um *merchandising*, tendo em vista que acrescenta a informação de que, além de Marlon Moraes, outro brasileiro poderia se juntar a Amanda Nunes e Jéssica Bate-Estaca como campeões do UFC: Thiago Marreta, que lutaria pelo cinturão da categoria meio-pesado. Ligação da luta do brasileiro com passo a passo para assinatura do Combate Play, plataforma paga da Globo.
- Informação sobre último amistoso da seleção brasileira masculina de futebol antes da Copa América: adversário, dia, horário e transmissão da Globo.
- Entrada ao vivo com novidades sobre a seleção brasileira de futebol masculino, com destaque para a convocação de Willian como substituto de Neymar e pré-jogo contra Honduras.
- Matéria sobre a semifinal da Liga das Nações, cujo encaminhamento foram as “trapalhadas” do jogo entre Holanda e Inglaterra – uma matéria com toques de humor lembrando Os Trapalhões, programa de humor da Globo na década de 1990.
- Entrada ao vivo com notícias sobre o GP do Canadá na Fórmula 1, como a briga pela ponta e informações sobre o treino livre.
- Matéria especial sobre a despedida do tenista Nicolas Mahut, que ficou conhecido por ter feito a partida mais longa da história da modalidade (11h de jogo). Na oportunidade, o filho do atleta invadiu a quadra e abraçou o pai

emocionado. Em seguida, Andreoli traz a informação sobre vitória de Rafael Nadal na partida contra Roger Federer que o colocou na final do torneio de Roland Garros.

2 Globo Esporte São Paulo, dia 8 de junho de 2019 (sábado)

No sábado em que o GE foi apresentado por Rodrigo Rodrigues, a primeira menção à seleção feminina de futebol foi em uma passagem de bloco. Quando o programa voltou do intervalo comercial, o apresentador trouxe informações sobre o jogo (data, horário e transmissão) e chamou a repórter Lizandra Trindade para informações direto de Grenoble, na França. Entre a informação da chamada e introdução da repórter passaram-se 15 segundos. A entrada ao vivo tem início com a notícia de que a jogadora Marta estaria fora do jogo de estreia da seleção na Copa do Mundo, com observações sobre a atleta ter sido a melhor do mundo seis vezes, ter marcado 15 gols em mundiais e ser um desfalque significativo para o time. Durante a fala da repórter, um VT que mostra Marta com a comissão técnica na França. Em seguida, um VT de 13 segundos com depoimento do técnico Vadão, em entrevista, afirmando que Marta não tem condições de jogo por conta de uma lesão, mas que ela poderia estar no banco. Depois do VT, a repórter, ao vivo, traz a notícia do corte da zagueira Érika por lesão e sua substituição por Daiane. Lizandra informa que todas as 24 seleções participantes do mundial já estavam em solo francês, exibindo um VT da chegada da seleção sul-africana cantando e dançando. A repórter comenta sobre a “energia das africanas” e a “alegria” de participar de uma Copa do Mundo. Essa sequência ao vivo conduzida por Lizandra Trindade totalizou um minuto e 20 segundos. Ainda ao vivo, a própria Lizandra chamou, em oito segundos, uma reportagem do quadro “Muricy Visita”. Muricy Ramalho é ex-técnico de futebol e, na época, comentarista da Rede Globo. A reportagem de três minutos, com imagens de Marcelo Fleck e Alexandre Feital e produção de Denise Thomaz Bastos, traz a visita de Muricy Ramalho ao técnico Vadão e à seleção feminina na cidade de Itu. O comentarista questiona treinador sobre a preparação da seleção feminina, já que as atletas atuam em clubes do mundo todo, e o treinador cita que até mesmo a própria convocação é difícil, explicando que, com relação às que jogam do Brasil, é possível assistir aos jogos pessoalmente, já que os jogos não eram televisionados, mas a avaliação daquelas que atuam no exterior é um problema porque são nove países diferentes. O entrevistador fala sobre a possibilidade de 2019 ser o último mundial de Marta, Formiga e Cristiane, questionando Vadão sobre o surgimento de novas figuras como as que poderiam se aposentar. Técnico afirma que não há substitutas para essas jogadoras. Muricy pede que

o técnico faça uma análise da chave do Brasil na Copa do Mundo, e Vadão comenta as adversárias do grupo. Treinador pontua que há muitas surpresas no futebol feminino, que a bola aérea é um fator muito importante. Diante de uma pergunta sobre ansiedade e estresse, Vadão diz que é “tudo igual”, mas que a temporada do futebol feminino é sem muita pressão: “a imprensa vem muito pouco e tal”. Dessa forma, o treinador pontua que quando chega um momento como a Copa do Mundo, há muita cobrança, “porque todo mundo começa a vir, a Globo vai passar, todo mundo vai passar”.

Com isso, temos, de fato, quatro apontamentos da seleção brasileira feminina no dia 8 de junho de 2019: duas chamadas, uma entrada ao vivo e uma reportagem. O tempo total foi de 4 minutos e 43 segundos.

Os demais conteúdos daquele dia foram:

- Informação sobre o jogo do Palmeiras, contra o Atlético-PR, exibido pela Globo naquele dia.
- Entrada ao vivo do estádio do Palmeiras com informações sobre a agenda e a pontuação do time, além da equipe que iria enfrentar o Atlético-PR.
- Matéria sobre o Palmeiras cujos componentes foram a entrevista coletiva do jogador Dudu, com perguntas sobre sua convocação para seleção brasileira; constância do atleta no time; formação do time para a partida do dia; desempenho do Palmeiras no Campeonato Brasileiro.
- Pé com complemento da informação sobre o jogo (data, horário, transmissão pela Globo).
- Chamada do jogo do Corinthians contra o Cruzeiro (data, horário) e gancho para a matéria. Matéria sobre o Corinthians. Encaminhamento: treino fechado do clube; entrevista coletiva dos jogadores Marllon e Danilo Avellar; escalação para enfrentar o Cruzeiro no dia seguinte.
- Chamada com informação sobre o jogo do São Paulo contra o Avaí e gancho para a matéria. Matéria sobre o São Paulo com encaminhamento voltado para a fase ruim da equipe; entrevista com crianças; jogo contra o Avaí; provável escalação.
- Chamada do apresentador Rodrigo Rodrigues com anúncio do amistoso da seleção masculina de futebol contra Honduras (data, horário e transmissão), e chamada com pergunta para repórter.
- Entrada ao vivo com foco na apresentação do jogador Willian, como substituto do Neymar, e informação sobre treino aberto do time.

- Chamada para matéria sobre seleção brasileira masculina de futebol. Matéria sobre time masculino de futebol do Brasil com enfoque no momento do volante Arthur e sua trajetória, além das novidades observadas nos treinos.
- Nota coberta e propaganda do Combate Play com destaque para a luta do brasileiro Marlon Moraes naquela noite.
- Chamada sobre o basquete na NBA.
- Matéria sobre o jogo entre Golden State e Raptors.
- Chamada sobre Stock Car. Matéria que traz como personagem Chicão, narrador da Stock Car.
- Informação sobre o GP do Canadá e a transmissão. Chamada para entrada ao vivo sobre Fórmula 1. Entrada ao vivo com notícias do treino livre em Montreal, no Canadá.
- Chamada para o jogo do Santos. Matéria sobre o jogo entre Santos e Atlético-MG. Encaminhamento: o que significa com jogo de seis pontos no futebol; entrevista pessoas na rua. Participação do comentarista Caio Ribeiro.
- Pé e encerramento com lembrete sobre os jogos de futebol no final de semana.

3 Globo Esporte São Paulo, dia 10 de junho de 2019 (segunda-feira)

Na segunda-feira que sucedeu o domingo de estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo, o Globo Esporte foi aberto com uma reportagem que retratou mulheres torcendo para a seleção feminina em um bar na capital paulista, mostrando que houve uma confraternização de torcidas rivais de clubes de São Paulo (Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos) para vibrar pelo Brasil – quatro mulheres aparecem falando o nome das torcidas e a quais clubes estão ligadas. O conteúdo, que teve dois minutos e 34 segundos no total, tinha a voz em off de Galvão Bueno (que narrou o jogo) conduzindo a linha temporal da matéria, que focava na reação das torcedoras em lances de destaque e durante os gols da partida. Duas dessas torcedoras foram fontes da reportagem. Uma delas analisando o primeiro tempo do jogo e outra comentando a união de torcidas pelo Brasil. O conteúdo teve produção de Giovanna Biotto e imagens de Alex Santos.

Logo em seguida, o apresentador Felipe Andreoli abre o programa e faz um comentário sobre a matéria: “a mulherada dando aula no campo e fora dele”. Andreoli fala sobre a vitória da equipe por 3 a 0, destacando o papel de Cristiane, e acrescenta: “a mulherada unida, todo mundo lá, cada uma vestindo a camisa do seu clube, torcendo junto

pela seleção brasileira. O Brasil venceu, foi bonito”. Com isso, o apresentador chama a repórter Carol Barcellos, que está ao vivo em Montpellier, na França, questionando a situação do Brasil no grupo depois do triunfo e do resultado entre Austrália e Itália. A sequência de falas de Andreoli, com um pé comentando a matéria anterior, e a chamada com relação a entrada da repórter aconteceu em 40 segundos.

Na entrada ao vivo de 26 segundos, Carol Barcellos fala sobre expectativa de uma partida difícil contra a Austrália e comemoração depois da vitória na estreia. Foram exibidas imagens das jogadoras recebidas por passistas no hotel. Dessa forma, a própria repórter chama a matéria da sequência, em sete segundos.

A matéria é aberta com a comparação entre Cristiane e Cristiano Ronaldo, por a brasileira ter batido o recorde do português de atleta mais velha a marcar três gols em uma partida da Copa do Mundo. A pauta em questão era Cristiane, com trechos da entrevista coletiva da jogadora, e o encaminhamento foi a atuação da atacante, o recorde e a exibição dos gols. Além disso, o repórter Guido Nunes falou sobre a presença de Marta no jogo, a dúvida de sua escalação no confronto seguinte (com declarações da coletiva de Vação) e a vitória do Brasil por 3 a 0. Por fim, a música escolhida pela jogadora que serve como tema da equipe. A reportagem conta que a canção “Jogadeira” foi composta pelas jogadoras Cacau Fernandes e Gabi Kivitz e traz em sua letra o preconceito enfrentado por elas no futebol. Após o fim da reportagem de três minutos, o apresentador ainda faz um breve comentário de três segundos: “Que esse time continue afinado nos próximos jogos também”.

Dessa forma, temos duas matérias, duas chamadas, dois “pés” (breves comentários do apresentador sobre as matérias) e uma entrada ao vivo em um total de seis minutos e 50 segundos. Os demais conteúdos da edição foram:

- Chamada e matéria do jogo entre Palmeiras e Atlético-PR. Encaminhamento: jogo mais faltoso do Brasileirão até aquele ponto; partida truncada e escassez de gols; invencibilidade do Palmeiras.
- Chamada sobre defesas do goleiro do Corinthians e VT exibindo tais lances de Valter com off da narração do jogo. Conteúdo mostrou a pontuação do jogador no Cartola FC, jogo online da Globo. Pé com breve comentário de Felipe Andreoli sobre o assunto.
- Notícia e nota pelada: empate do São Paulo em 0 a 0 com o Avaí e exibição da classificação do Campeonato Brasileiro no telão com apontamentos sobre as posições dos times paulistas.

- Chamada para o resultado do GP do Canadá na Fórmula 1 e matéria com encaminhamento a respeito da polêmica envolvendo a punição a Vettel, que lhe tirou o primeiro lugar, uma vez que o piloto terminou a prova na frente dos outros. Vitória ficou com Lewis Hamilton.
- Nota coberta sobre a etapa de Londrina da Stock Car e vitórias de Thiago Camilo e de Ricardo Maurício.
- Chamada e matéria sobre o jogo entre Santos e Atlético-MG. Encaminhamento: descontentamento da torcida do Santos apesar da vitória (protestos por conta da eliminação na Copa do Brasil, a terceira na temporada); descontentamento do técnico e com o técnico; história do jogo e posição do Santos.
- Nota coberta sobre a derrota do brasileiro Marlon Moraes na disputa do cinturão do UFC contra um lutador americano.
- Nota coberta sobre o tenista Rafael Nadal campeão de Roland Garros pela décima segunda vez.
- Chamada e matéria sobre a goleada da seleção brasileira masculina em amistoso. Encaminhamento da matéria: postura positiva da coletividade brasileira (humildade, foco...); história do jogo; papel de diversos jogadores; expectativa para a Copa América.
- Pé do apresentador: complemento com informação de que o time já está em São Paulo, a cobertura completa da Copa América e a estreia do Brasil contra a Bolívia na sexta-feira daquela semana.

4 Globo Esporte São Paulo, dia 11 de junho de 2019 (terça-feira)

Na terça-feira, o primeiro conteúdo que faz referência ao futebol feminino é quando Felipe Andreoli fornece as informações do jogo seguinte da seleção feminina na Copa do Mundo (data e horário) e chama a repórter Lizandra Trindade, perguntando sobre a condição de Marta. Na entrada do vivo, a repórter, direto da França, dá a notícia de que Marta treinou com bola, fez dois gols no treino, mas ainda não tem a confirmação sobre sua escalação. A repórter apresenta o resultado anterior da seleção adversária do Brasil, a Austrália, explica que é um time forte, organizado, com boas jogadoras. Termina com uma mensagem positiva sobre a esperança das jogadoras. Por fim, um breve comentário do apresentador: “Vamos para cima da Austrália que o jogo é importante”. Dessa forma, com uma chamada de 12 segundos, uma entrada ao vivo de um minuto e um “pé” de 3

segundos, temos um total de um minuto e 15 segundos dedicados ao futebol feminino na edição.

- Matéria sobre a Copa América masculina. Encaminhamento: Mascote do torneio visita estádios de São Paulo (Morumbi e Itaquerão) e anda pelas ruas da capital. Reportagem humorística. Pé: Felipe Andreoli abre o programa, do estúdio, com o mascote. Junto com ele, o comentarista Carlos Casagrande. Ambos comentam a reportagem com humor.
- Comentários sobre a Copa América. Felipe Andreoli introduz as informações da estreia da seleção brasileira masculina e questiona o comentarista Casagrande sobre as expectativas da equipe nacional para o campeonato.
- Chamada da repórter Bárbara Coelho, direto do Pacaembu, com informações sobre a seleção brasileira. Entrada ao vivo com novidades da seleção masculina. Encaminhamento: treino no Pacaembu; ausência do volante Arthur por possível lesão; árbitro que apitará jogo de estreia.
- Chamada realizada pela repórter Bárbara Coelho mais informações sobre a seleção. Matéria começa citando a importância do atacante Richarlison; Localizam no tempo o nascimento de Gabriel Jesus, David Neres e Richarlison, no ano de 1997.
- Vinheta e início do quadro “Fala, Casão”. Tema: seleção masculina. Jovem entrevistado na rua pergunta e comentarista responde. Apresentador Felipe Andreoli complementa com pergunta: “Sem Neymar, Brasil ganha a Copa América?”.
- Felipe Andreoli chama, com suporte do telão, as informações do clássico entre Santos e Corinthians (data, horário, local) e os repórteres que apresentarão as informações dos times.
- Entrada ao vivo da repórter Gláucia Santiago trazendo informações do Santos (time para o clássico e expectativas para o confronto). A própria repórter chama entrada do vivo sobre o Corinthians. Na entrada ao vivo sobre o time do Corinthians, o foco são os desfalques para o clássico. Breve pé do apresentador sobre as informações.

- Chamada para matéria sobre jogo da NBA. Matéria com história do jogo das finais entre Golden State Warriors e Toronto Raptors. Apresentador faz um breve comentário e pergunta para Casagrande para que ele está torcendo.

5 Globo Esporte São Paulo, dia 12 de junho de 2019 (quarta-feira)

Na quarta-feira que antecedeu o segundo jogo no Brasil na Copa do Mundo, o apresentador Felipe Andreoli começou apontando para informações de data e horário da partida contra a Austrália e chamando a repórter com a pergunta: “vamos para oitavas ou não vamos?”. Em entrada ao vivo, a repórter Carol Barcellos trouxe novidades sobre a seleção brasileira, com foco no treino de Marta com o time, dúvida na sua escalação e a importância de o time estar completo contra a Austrália, que é considerada a seleção mais forte do grupo e eliminou o Brasil na última Copa. Por fim, Andreoli faz um breve comentário: “Pra cima delas, de preferência, com Marta”.

Dessa forma, a sequência chamada (sete segundos), entrada ao vivo (40 segundos) e pé (um segundo) teve um total de 48 segundos. Os demais conteúdos do dia foram:

- Matéria sobre o clássico entre Santos e Corinthians. Encaminhamento: história de uma família em que um torcedor do Santos passou mal e foi parar na UTI depois de um jogo com o Corinthians (ficou 4 dias em coma). Uma das justificativas foi o fator emocional e a chuva do jogo. Jogadores do Santos mandaram mensagens de apoio desejando saúde ao torcedor. Pé: Felipe Andreoli comenta a reportagem e dá as informações do clássico.
- Informação sobre classificação do Campeonato Brasileiro e escalação do time do Santos com gancho para chamada sobre o Corinthians. Matéria sobre o clube, com foco no time que poderia jogar contra o Santos e retrospecto da equipe nos clássicos.
- Chamada para matéria do São Paulo (com informações do jogo contra o Atlético-MG no telão). Matéria sobre o tricolor paulista que trouxe a fase ruim do jogador Everton (lesões do atleta, expectativa quando chegou e jogos fora).
- Chamada com gancho para matéria sobre o Palmeiras. Matéria com enfoque na renovação de contrato do jogador Felipe Melo; entrevista coletiva de Edu Dracena; jogo contra o Avaí; papel do técnico Felipão.
- Nota coberta: garotos da Taça Favela conhecem jogadores da seleção brasileira.
- Chamada: Andreoli faz um gancho para chamar as informações da seleção brasileira masculina. Entrada ao vivo do repórter Guilherme Pereira trouxe

informações sobre treino fechado do time e lesão do volante Arthur. Chamada feita pelo próprio repórter para matéria sobre o Brasil. Matéria tem como encaminhamento as dúvidas na escalação do time para a Copa América e o bom desempenho da defesa.

- Nota coberta: Felipe Andreoli comenta e narra a cena do treinador Tite conversando com uma criança no estádio Pacaembu e dando o agasalho dele para o menino.
- Chamada para matéria sobre jogo entre Guarani e Coritiba. Matéria com enfoque na confusão do jogo entre Guarani e Coritiba por conta da alegação de falta de fair-play em um lance. Pé breve do apresentador.
- No encerramento, Andreoli avisa que, no dia seguinte, não terá programa por conta do jogo do Brasil, e reforça as datas e horários da partida da seleção e do clássico paulista.

6 Globo Esporte São Paulo, dia 14 de junho de 2019 (sexta-feira)

No dia seguinte do jogo contra a Austrália, em que Felipe Andreoli e Alex Escobar apresentam juntos o Globo Esporte, os apresentadores introduzem o assunto seleção feminina, comunicam a derrota do Brasil, exibem os dois confrontos seguintes do grupo, comentando as possíveis combinações de resultado. Com isso, chama a matéria que relembra a derrota. A matéria do repórter Guido Nunes conta a história do jogo entre Brasil e Austrália, com gols e lances mais importantes, além de destacar as polêmicas de arbitragem. Nesta partida, a brasileira Marta marcou seu décimo sexto gols em mundiais. Com os 15 marcados até ali, já era a maior artilheira em Copas do Mundo femininas. Mas, com o gol contra a Austrália, a atleta igualou o alemão Klose com 16. O feito da equivalência da marca foi citado na matéria. Em um breve comentário posterior, Escobar torce para Brasil ganhar jogo seguinte.

Dessa forma, a informação sobre o resultado a situação do grupo (18 segundos), a chamada (três segundos), a matéria do jogo (um minuto e 36 segundos) e o pé (três segundos) resultam em dois minutos dedicados ao futebol feminino naquela data. Os demais conteúdos do dia foram:

- Exibição da música tema da Copa América 2019: “A emoção vai começar”. Logo em seguida, Felipe Andreoli e Alex Escobar, apresentador do GE no Rio de Janeiro, abrem juntos o programa. Andreoli brinca com Escobar, dando a ele uma xícara de chá, para que ele ficasse tranquilo para a estreia da seleção masculina.

- Chamada: Escobar chama o repórter Alê Oliveira, que está no estádio do Morumbi, onde a seleção jogaria. Entrada ao vivo: informações sobre troca de ingressos e interdição das ruas envolta do estádio. O próprio repórter chama matéria sobre o Brasil na Copa América. Matéria com enfoque na pressão sob o técnico Tite pelo título e na escalação da equipe.
- Em nota coberta, Escobar narra gols dos times cariocas no Campeonato Brasileiro (Vasco, Fluminense) e Andreoli narra gols dos times paulistas no Brasileirão (São Paulo e Palmeiras);
- Escobar continua com outros placares da rodada.
- Quadro humorístico: Soy Loco Por Copa America. O humorista Marcelo Adnet imita narradores da Globo chamando as atrações da Copa América. Pé: Andreoli e Escobar fazem comentários breves sobre o quadro.
- Apresentadores chamam reportagem sobre jogador boliviano com o nome Roberto Carlos. Matéria traz como personagem o lateral esquerdo da seleção boliviana, que se chama Roberto Carlos por causa do lateral esquerdo brasileiro. Reportagem conta a história do jogador e da relação do cantor Roberto Carlos com a Bolívia. Pé em seguida: apresentadores brincam com comentários sobre reportagem.
- Chamada para matéria sobre NBA. Matéria sobre o Toronto Raptors, que se tornou o primeiro time canadense campeão da NBA; história do jogo contra o Golden State Warriors. Pé: apresentadores comentam a reportagem.
- Andreoli chama entrada ao vivo da repórter Bárbara Coelho, na porta do hotel da seleção masculina. Na entrada ao vivo, repórter conta que o goleiro Alisson havia deixado a concentração na noite anterior para acompanhar o nascimento do filho, mas que já havia voltado e ia jogar naquela noite; informação sobre o horário em que o time deixaria o hotel. Pé: Escobar comenta que mais tarde o lugar estaria um “furdunço” com a saída da seleção
- Chamada para reportagem sobre uniforme da seleção masculina. Reportagem histórica: comparação das copas do mundo derrotadas em casa e vitórias quando o país sediou a Copa América. A estreia do time será com a camisa branca, e não o segundo uniforme, azul, nem a tradicional amarela. Reportagem conta a história de sucesso do continental de 1949, quando usou camisa branca.

- Pé e encerramento do programa: “É muita torcida [...] Os brasileiros torcem para a seleção brasileira e quem gosta de futebol, amantes do futebol do mundo inteiro, também torcem”.
- Escobar reforça o jogo do Brasil daquele dia. Andreoli explica que, nos jogos do masculino, os dois apresentadores estariam juntos. Por isso, na próxima terça, ele iria para o Rio.

7 Globo Esporte São Paulo, dia 15 de junho de 2019 (sábado)

No sábado, o apresentador Thiago Oliveira, com o suporte do telão, mostra a pontuação das seleções no grupo do Brasil na Copa do Mundo. Depois de introduzir a pauta, chama a repórter para saber como as “meninas” estão se preparando para o jogo seguinte, que seria na terça-feira. Na entrada ao vivo, a repórter Lizandra Trindade, em Lile, na França, informa que as jogadoras, com exceção das titulares, fizeram um treino regenerativo (enquanto a repórter fala, imagens do treino são exibidas). Marta era uma das atletas que estava no treino, e a repórter conta que a jogadora chegou ao local tocando um instrumento musical e chama o VT para mostrar o momento. Em seguida, a repórter volta ao vivo para falar sobre: clima na seleção depois da última derrota; foco no jogo seguinte (o confronto seria contra a Itália, por isso, quando a repórter cita que a seleção europeia goleou a Jamaica, um VT com os gols aparece); condições da classificação (vitória levaria o time à próxima fase); e ausência da jogadora Formiga por suspensão. Por fim, o apresentador deseja um bom trabalho para Lizandra e para todos que estão trabalhando na “cobertura especial da Globo”.

Com a informação (15 segundos), a chamada (12 segundos), a entrada ao vivo (um minuto e 17 segundos) e o pé (7 segundos), temos um total de um minuto e 51 segundos. Os demais conteúdos do dia foram:

- VT com cenas da cerimônia de abertura do jogo do Brasil. Dizeres: “São Paulo, 14 de junho de 2019. Começou a Copa América. Brasil 3 x 0 Bolívia. Restam 5 jogos em busca do 9º título”.
- Na abertura do programa, o apresentador Thiago Oliveira traz o placar do jogo da seleção masculina. Depois, chama repórter na frente do hotel da seleção masculina. Na entrada ao vivo, o repórter fala da manhã depois da estreia, treino de tarde no CT do Palmeiras, viagem para Salvador para enfrentar a Venezuela, possível pontuação e classificação para as quartas; questões para a escalação do jogo seguinte.

- Gancho e chamada feitos pelo repórter Eric Faria. Matéria cuja pauta é o jogador Philippe Coutinho. Encaminhamento: atuação do jogador; camisa 11 fez dois gols; lances do meia, contestação e desafios; protagonismo; comentários de companheiros de time e entrevistas do jogador depois do jogo. Pé: breve comentário do apresentador torcendo pela seleção.
- Chamada que introduz o tema da reportagem: o VAR ou árbitro de vídeo. Matéria sobre a arbitragem com enfoque em explicar como funciona o árbitro de vídeo; exemplo do jogo do Brasil com a Bolívia.
- Quadro humorístico: Soy Loco por Copa América. O humorista Marcelo Adnet imita narradores da Globo. Pé: apresentador faz um breve comentário sobre as imitações de Adnet.
- Chamada para quadro “Sob Controle”. Repórter Caio Maciel, em outro cenário, introduz uma nova modalidade de game de futebol e chama uma reportagem. A reportagem de Lucas Ohara, por sua vez, apresenta a modalidade de game de futebol em que cada pessoa controla um jogador diferente; encontro dos jogadores, com clubes participantes, e dinâmicas envolvidas. Em seguida, Caio Maciel comenta o jogo e encerra o quadro.
- Chamada para transmissão da Taça Favela. Encaminhamento: futebol como instrumento de transformação social; sonho de se tornar jogador de futebol. Pé: apresentador exalta Taça Favela e reforça transmissão. Em seguida, o apresentador chama uma matéria sobre o torneio. Matéria destaca jogadores que participaram da Taça Favela e receberam propostas de clubes brasileiros (dois jogadores estão no Internacional e no São Paulo). Pé: apresentador completa a informação da reportagem dizendo que um dos meninos foi aprovado em sua fase de testes no São Paulo.
- Informação: apresentador, com suporte das informações no telão, anuncia próximos jogos da Copa América. Depois de introduzir o tema Copa América com os jogos, chama o repórter que está ao vivo, em Salvador. Entrada ao vivo sobre jogo entre Argentina e Colômbia. Pé com breve comentário do apresentador.
- Chamada para reportagem do jogo entre Brasil e Bolívia. Matéria cujo encaminhamento é mostrar a história do jogo de estreia contra a Bolívia (repórter fala em oportunidade de reconciliação com a torcida, volta de uniforme histórico,

vaias no intervalo, maior renda da história do futebol brasileiro, depoimentos de técnico e jogadores; "seleção supera desconfiança e estreia com vitória na Copa América"). Pé: breve exclamação de torcida para o Brasil e destaque para jogo televisionado pela Globo, entre Uruguai e Equador.

8 Globo Esporte São Paulo, dia 17 de junho de 2019 (segunda-feira)

No primeiro programa da semana, Andreoli faz a abertura dizendo que seria uma “semana verde amarela” com Brasil na Copa América e Brasil na Copa do Mundo. O primeiro conteúdo sobre a seleção feminina é uma chamada (com um total de 24 segundos) para uma entrada ao vivo em que apresentador questiona a repórter sobre o jogo Brasil e Itália na Copa, lembrando do histórico positivo da seleção masculina contra o país. Na entrada ao vivo de 28 segundos, Carol Barcellos, direto do estádio em que a seleção jogaria, afirma que o técnico Vadão e Marta estariam no local para fazer o reconhecimento do campo, e que eles iam tentar saber deles sobre a escalação do time, quem seria a substituta de Formiga e se a Marta jogaria ou não os dois tempos. A própria repórter chama a matéria sobre os possíveis resultados que classificariam o Brasil para a fase seguinte em 9 segundos.

Na matéria da repórter Lizandra Trindade com produção de Denise Thomaz Bastos e imagens de Jordi Bordalba, o destaque inicial é a jogadora Formiga. A reportagem conta que a atleta jogou todas as Copas desde 1995, por isso era muito importante para o Brasil, mas não estaria no jogo do dia seguinte por conta de uma suspensão. A fala da jogadora Thaisa em entrevista coletiva reforça a importância de Formiga, mas afirma que o time tem jogadoras para substituí-la. A repórter pontua que Luana e Andressinha são opções, e que o técnico precisará mexer no time. Em seguida, são construídos os possíveis cenários de classificação da seleção brasileira. Repórter questiona torcedores sobre resultados e palpites.

Depois da reportagem de dois minutos e 26 segundos, Carol Barcellos volta ao vivo, faz um breve comentário torcendo para que a vitória traga a classificação para a equipe e chama um VT de uma entrevista concedida por Marta – e já exibida no Fantástico no dia anterior – sobre o símbolo em sua chuteira, representando o movimento *Equal Pay*, para o qual ela apontou na comemoração do gol contra a Austrália. Essa participação da repórter teve 17 segundos.

No VT (44 segundos) da entrevista, a jogadora declara: "A gente ganha, de repente, o que um menino da base, que está começando. É um abismo muito grande". Marta afirma

que a luta por igualdade é constante e de todas e de todos, e que é triste perceber que ainda precisa fazer isso. A atleta afirma que essa desigualdade não é só no esporte, mas em todas as profissões. Por isso ela conta que viu uma oportunidade de ajudar as mulheres na busca por mais reconhecimento e alertar sobre o assunto. Por fim, Andreoli comenta sobre a fala de Marta: “Se tem alguém que pode falar é você, Marta, seis vezes a melhor do mundo”, em quatro segundos.

Com isso, chamada 1, entrada ao vivo 1, chamada 2, matéria, chamada 3, VT e pé resultaram em um tempo total de quatro minutos e 28 segundos dedicados à seleção brasileira. Além do conteúdo sobre a equipe nacional, houve uma sequência de chamada, matéria e pé sobre a seleção tailandesa. O apresentador, em dez segundos, chamou a matéria. O encaminhamento da pauta, toda construída com um caráter de humor e curiosidade, foi a comparação das goleadas sofridas pela Tailândia no mundial, por 5 a 1, contra a Suécia, com o 7 a 1 sofrido pela seleção masculina do Brasil contra a Alemanha em 2014, além da emoção da diretora de futebol e alegria de jogadoras e torcida com o gol da equipe, que foi o primeiro no torneio. Por fim, um comentário breve do apresentador fechou o assunto, que teve um espaço de dois minutos e 24 segundos. Se somarmos todos os conteúdos que tiveram relação com o futebol feminino, temos seis minutos e 37 segundos.

E os demais conteúdos da data foram:

- Com o suporte visual do telão, Andreoli traz as informações sobre o jogo seguinte do Brasil na Copa América (data, horário e transmissão), chamando o repórter para entrada ao vivo com mais informações sobre o time. Na entrada ao vivo direto de Salvador, cidade onde a seleção masculina jogaria, o repórter Eric Faria fala sobre troca de local de treino, escalação do time e destaca um lance do treino.
- O próprio repórter faz um gancho e chama matéria. Matéria toda em forma de rima falando sobre o jogo do Brasil no Nordeste em época de festa junina. Em seguida, um breve comentário do apresentador.
- Chamada para matéria sobre os jogadores Higuita e Caniggia. Matéria sobre Higuita e Caniggia no país para acompanhar a Copa América. Encaminhamento: Argentino e colombiano são amigos e estão no Brasil torcendo para suas seleções. Em seguida, Andreoli faz um comentário sobre Caniggia.

- Chamada para matéria sobre jogo da Copa América. Matéria com a história da partida entre Paraguai e Catar. Na sequência, breve comentário de Andreoli.
- Chamada para matéria sobre jogo da Copa América. Matéria sobre confronto entre Uruguai e Equador com destaque para a dupla Cavani e Suarez.
- Chamada para NBA. Matéria sobre grandes jogadas das finais da NBA. Encaminhamento: lances que formaram um top 5 com os melhores lances das partidas finais.
- Chamada para matéria sobre filho do jogador Marcelo. Matéria falou sobre o menino, que tem 9 anos, e está se destacando nas categorias de base do Real Madri. Pé com breve comentário sobre a reportagem.

9 Globo Esporte São Paulo, dia 18 de junho de 2019 (terça-feira)

Na terça-feira de jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo, temos, novamente, a união do GE-SP com uma edição nacional do programa. Como abertura, é exibido um VT (de 27 segundos) com a narração de Alex Escobar e Felipe Andreoli sobre aquele ser um dia de jogo das mulheres e dos homens. Lances de jogos de ambos são exibidos enquanto a voz em *off* dos apresentadores explica as circunstâncias de cada uma das partidas.

Quando o programa é aberto ao vivo, os apresentadores dão boa tarde, anunciam estarem juntos para todo o Brasil. Dizem ser um dia especial pela rodada dupla de jogos da seleção feminina e masculina. Com suporte do telão e informações de data e horário, reforçam a transmissão feita pela Globo de ambos os jogos. Esse momento tem duração de 28 segundos.

Naquela data, a primeira menção exclusiva à seleção feminina se deu com uma entrada ao vivo. A repórter Carol Barcellos, direto da França, recebe o programa na volta do intervalo, na frente do estádio em que a seleção feminina jogaria mais tarde, anunciando o confronto. A própria repórter chama uma matéria sobre as classificações e desclassificações da Copa do Mundo. A primeira parte totalizou 11 segundos, e a segunda cinco segundos.

A matéria de 42 segundos, narrada pela própria repórter, exhibe: gol da França classificada contra a Nigéria; gols do jogo da Noruega, classificada, contra a eliminada Coreia; goleada da Alemanha, garantida na próxima fase, contra a África do Sul, que não

passou para as oitavas; imagens de China e Espanha, ambas classificadas. Carol Barcellos volta, ao vivo, para se despedir e reforçar as informações do jogo do Brasil (oito segundos). Em seguida, Andreoli concorda com Carol e reforça as informações do telão sobre o jogo entre Brasil e Itália (cinco segundos).

Logo depois, Andreoli chama reportagem sobre uma música feita pela torcida para a seleção feminina. A reportagem de Caio Maciel traz a história de um grupo de mulheres que idealizou uma música para torcer para a seleção feminina. Depois da matéria, Escobar faz breve comentário. O tempo de cada etapa é, respectivamente: 10 segundos, dois minutos e cinco segundos.

Em outro momento do programa, mais um uma sequência de conteúdos a respeito do futebol feminino. Primeiro, Alex Escobar introduz o assunto seleção feminina e Andreoli chama a repórter Lizandra Trindade. Ao vivo, a repórter traz a notícia da lesão de Andressa Alves, que tira a jogadora da Copa do Mundo. Com isso, informa que Ludmilla seria substituta de Andressa e Andressinha entraria no lugar de Formiga, suspensa, além de falar sobre as circunstâncias do jogo. A repórter Lizandra Trindade faz o gancho e chama a reportagem de Raphael De Angeli. A matéria, com imagens de Rogerio Romera, Edu Bernardes e Jordi Bordalba e produção de Amanda Kestelman, tem um enfoque histórico. A pauta tem como personagem Sissi, descrita como uma das melhores jogadoras da história, mostrando que a ex-atleta está na Europa, aposentada. Reportagem lembra da atuação da jogadora na Copa do 1999, principalmente contra a Itália, o que serve como gancho para momento atual em que a equipe europeia é novamente a adversária. Com isso, temos 18 segundos de chamada, 45 segundos de entrada ao vivo, oito segundos na segunda chamada e um minuto e 36 segundos de reportagem.

Na edição em que tivemos três blocos de conteúdos sobre o futebol feminino – e uma pauta histórica pouco comum –, temos uma soma total de sete minutos e 11 segundos se contarmos o VT de abertura a e a abertura ao vivo do programa feita pelos apresentadores. Caso esse conteúdo seja deixado de lado e considerarmos apenas os três blocos de assuntos exclusivamente ligados à seleção feminina, teremos seis minutos e 16 segundos.

As demais pautas e conteúdos exibidos no dia foram:

- Felipe Andreoli chama o repórter que está em Salvador acompanhando a seleção masculina. Entrada ao vivo de André Gallindo sobre objetivo do jogo, volta do jogador Arthur ao time e programação do dia.

- Chamada do repórter André Gallindo para matéria de Eric Faria sobre o jogador Roberto Firmino. Reportagem brinca com sorriso do centroavante, fala sobre desempenho do atacante no seu clube, sobre a participação como banco na Copa do Mundo e oportunidade na Copa América. Por fim, fala a respeito do mistério na escalação para o jogo.
- Nota coberta: Andreoli fala sobre o adversário do Brasil, a Venezuela. No telão, a classificação do grupo de ambas as seleções. Assim, o apresentador aponta dois jogadores que se destacam, com imagens de ambos sendo exibidas. Além disso, informa o outro jogo do grupo do Brasil, entre Bolívia e Peru: o dia, o horário e a transmissão pelo SportTV.
- Nota coberta: Escobar narra os gols do jogo entre Japão 0 e Chile 4.
- Nota coberta sobre prisão de Michel Platini. Escobar narra a notícia sobre a suspeita de corrupção que recai sobre o ex-presidente da UEFA.
- Chamada: Felipe Andreoli dá a notícia de que Neymar poderia voltar ao Barcelona, chamando o comentarista Caio Ribeiro com mais informações. VT em seguida: Comentarista Caio Ribeiro afirma que a transferência do brasileiro ao Barça pode acontecer na próxima janela – fala de Caio é coberta por imagens. Pé: Escobar faz um breve comentário sobre Neymar no Barcelona.
- Nota coberta sobre julgamento do jogo entre Palmeiras e Botafogo pelo Brasileirão. Informações sobre votação, que iria manter a vitória do Palmeiras diante do pedido do Botafogo de impugnar o resultado sob a alegação de erro na atuação do árbitro de vídeo.
- Andreoli chama a repórter Bárbara Coelho, que está na Arena Fonte Nova, palco do jogo entre Brasil e Venezuela pela Copa América. Repórter traz informações de reclamações sobre condições do gramado de Salvador e chuvas na Bahia, programação da seleção e ruas bloqueadas ao redor do estádio.
- Repórter Bárbara Coelho chama reportagem sobre o volante Arthur. Matéria do repórter Guilherme Pereira com imagens de Fernando Soncini traz como tema retorno de Arthur ao time.

- Encaminhamento: presença do volante é positiva para a equipe; esquema tático com a presença do jogador; desempenho do volante no Grêmio, no Barcelona e na seleção.

10 Globo Esporte São Paulo, dia 19 de junho de 2019 (quarta-feira)

O programa da quarta-feira foi aberto com um clipe que trouxe imagens com narrações originais dos jogos das seleções feminina e masculina: lances dos jogos, falas em entrevistas e reações das torcidas fazem parte do VT, inclusive a música “Jogadeira” como fundo durante a exibição de momentos da partida das mulheres. Depois, o apresentador Felipe Andreoli anuncia o resultado da seleção feminina, noticia o gol de Marta que a tornou a maior artilheira da história das Copas e chama a repórter Lizandra Trindade, perguntando justamente sobre Marta (se ela está em condições físicas para jogar as oitavas). Na entrada ao vivo, a repórter traz informações sobre o dia de folga da equipe depois da vitória contra a Itália que garantiu a classificação para as oitavas – imagens do técnico Vadão passeando pela cidade de francesa de Lille –, a situação do grupo do Brasil após a rodada e a expectativa para a descoberta da próxima adversária (seria França ou Alemanha). Dessa forma, a repórter Lizandra Trindade chama a reportagem sobre o jogo contra a Itália. A matéria do repórter Raphael De Angeli com imagens de Jordi Bordalba tem início com o lance do pênalti convertido por Marta, gol da vitória do Brasil que representou um recorde individual da atleta: ao chegar à marca de 17 bolas na rede, Marta se tornou a maior artilheira da história das Copas. A matéria contou a história do jogo, com lances e declarações das atletas, além da situação no grupo e possíveis embates nas oitavas. Por fim, um breve comentário de Andreoli depois da reportagem: “A nossa camisa amarela é a mais pesada de todas, vamos para cima delas”.

Com isso, temos o clipe de dois minutos, a chamada com 30 segundos, uma entrada ao vivo de 55 segundos, uma breve chamada de dois segundos seguida de uma matéria de dois minutos e 37 segundos e, por fim, um pé de quatro segundos, em um total de seis minutos e oito segundos. Caso o clipe que traz, ao mesmo tempo, a seleção feminina e a masculina seja desconsiderado, temos quatro minutos e oito segundos dedicados unicamente ao futebol feminino.

As outras pautas do dia foram:

- Andreoli traz informações (data, horário e transmissão) do jogo entre Argentina e Paraguai e chama entrada ao vivo. Repórter André Hernan fala de mudanças na escalação da Argentina e situação da seleção na Copa

América para a classificação. Andreoli diz torcer para a Argentina se classificar para pode ganhar deles mais para frente.

- Apresentador chama matéria do jogo entre Peru e Bolívia. Com narração de Andreoli, matéria brinca com “saudade do ex” por conta da atuação de Paolo Guerrero, ex-jogador do Corinthians; história do jogo, sempre com destaque para Guerrero. Comentário de Andreoli: “Que crush é o Guerrero”.
- Chamada para matéria sobre apresentação do jogador Rodrygo no Real Madrid. Encaminhamento: Jogador brasileiro, ex-Santos, Rodrygo, foi apresentado no Real Madrid; relação do jogador com a língua (respondeu diversas perguntas da entrevista coletiva em espanhol); não se comparar ao Neymar; estar com a família na Espanha; reconhecimento do jogador no Santos e despedida do estádio.
- Notícia: Andreoli dá a informação de que o Palmeiras recuperou os pontos do jogo contra o Botafogo, que estavam em julgamento. Assim, o clube ficaria 5 pontos a frente do Santos, o segundo colocado.
- Andreoli chama entrada ao vivo com pergunta: “Como está o dia seguinte da seleção depois do 0 a 0 com a Venezuela”? Entrada ao vivo do repórter Eric Faria fala sobre jogo seguinte e condições de classificação da equipe. Depois do gancho, Eric Faria chama reportagem de Tino Marcos sobre o 0 a 0 do Brasil contra a Venezuela. Reportagem traz decisões do VAR, que anulou dois gols do Brasil (um gol foi anulado sem a participação do vídeo); vaias e reações da torcida; história do jogo.

11 Globo Esporte São Paulo, dia 20 de junho de 2019 (quinta-feira)

Na edição de quinta-feira, temos uma sequência de conteúdos sobre futebol feminino. Primeiro, o apresentador Felipe Andreoli chama a repórter Lizandra Trindade para trazer informações sobre a seleção brasileira ao vivo direto da França. Na entrada ao vivo, a repórter fala sobre treino da equipe, a recuperação da Formiga, a possível presença de Marta para os 90 minutos do jogo seguinte e a espera pelos resultados que trariam a definição da adversária das oitavas. Com isso, temos um gancho e chamada feitos pela repórter Lizandra Trindade. A matéria em seguida, com imagens de Jordi Bernalba, produção de Denise Thomaz Bastos e Renan Vieira, teve como pauta as lesões de jogadoras da seleção brasileira: Andressa Alves na Copa, Marta que se recuperou no

decorrer do torneio, corte de Fabiana Simões e de Erika. Foram quatro lesões de atletas consideradas titulares.

Em seguida, Felipe Andreoli chama reportagem do jogo da Argentina contra a Escócia na Copa dizendo: “A gente sabe da rivalidade Brasil e Argentina no futebol. Mas eu quero saber se você teria coragem de secar as hermanas também. Se você secou as hermanas contra a Escócia, não deu certo, não”. A matéria com narração do apresentador é aberta com situação da seleção argentina na Copa América, brincando com o fato de os brasileiros terem "secado" Messi. A seleção masculina é usada como gancho para trazer os acontecimentos da partida da seleção feminina na Copa do Mundo. A partir daí, a história do jogo é contada, sempre ressaltando como os fatos ocorridos eram improváveis: o time escocês abriu 3 a 0 no placar, e, aos 28 minutos do segundo tempo, as argentinas marcaram o primeiro gol, depois o segundo e o gol de empate aos 48 minutos da etapa final. Dessa forma, a Escócia foi eliminada e a Argentina precisava esperar outros resultados, mas tinha chances de classificação para as oitavas de final. Dessa maneira, diante da reação das mulheres argentinas, a fala que fechou a matéria foi: "Cá entre nós", está mais fácil secar o Messi”. Andreoli ainda comentou depois da exibição da matéria: “As minas estão com ‘mucha’ raça. Foram bem demais. A Copa do Mundo Feminina está fantástica”.

Em termos de tempo dedicada a cada conteúdo, temos: 10 segundos na chamada, 50 segundos na entrada ao vivo, oito segundos na segunda chamada, dois minutos na matéria, 10 segundos na terceira chamada, três minutos e dois segundos na matéria sobre a Argentina e cinco segundos de “pé”. No total, são sete minutos e 25 segundos do programa dedicados ao futebol feminino e à Copa do Mundo.

Os demais conteúdos do dia são:

- Com o suporte do telão, Felipe Andreoli introduz a pauta Copa América, dá as informações (dia, horário, transmissão) do jogo do Brasil contra o Peru, chama a repórter Bárbara Coelho.
- Entrada ao vivo na frente do hotel da seleção: repórter fala o horário do próximo treino e possíveis mudanças no time, além do clima no desembarque do time em São Paulo.
- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho para matéria de Tino Marcos sobre o Brasil na Copa América. Matéria tem como enfoques: possíveis mudanças no time titular; momento do Brasil (visão pessimista e otimista acerca do empate contra a Venezuela; eliminação do passado e classificações/títulos mesmo com derrota na

primeira fase). Em seguida, Andreoli faz um breve comentário: “Vamos ser realistas então que é melhor”.

- Andreoli mostra o placar entre Argentina e Paraguai e introduz a situação da seleção argentina para dar a deixa para a matéria. A matéria do repórter André Hernan tem como encaminhamento a história do jogo da Argentina contra o Paraguai, com destaque para Messi e a situação para classificação da equipe albiceleste. Depois da reportagem, Andreoli comenta: "Seria uma loucura mesmo, Messi", se referindo a fala do jogador que fechou a matéria sobre ser uma loucura a Argentina não se classificar em um grupo em que três times passam de fase.
- Andreoli chama a matéria do jogo do Catar contra a Colômbia. A pauta é o Catar na Copa América. Encaminhamento: Repórter Lucas Strabko vestido como árabe que usa do humor para falar da seleção do Catar, que iria jogar contra a Colômbia; entrevista torcedores que foram assistir ao jogo.
- Pé + nota coberta: Andreoli comenta a reportagem, e o gol do jogo que foi mencionado na reportagem é exibido.
- Chamada para matéria sobre tênis. Matéria destaca que partida entre Benoit Paire e Jo Wilfred teve lance com os pés. A partir daí a reportagem chama, com tom de humor, a prática de “futetênis” e fala da habilidade do atleta e de outros tenistas. Logo depois temos um breve comentário de Andreoli.
- Chamada para conteúdo sobre férias dos jogadores do Brasileirão. Reportagem com tom humorístico sobre descanso dos atletas dos quatro grandes clubes de São Paulo (Hernanes, Felipe Melo, Marinho e Gustagol). Em seguida, breve comentário de Andreoli.

12 Globo Esporte São Paulo, dia 21 de junho de 2019 (sexta-feira)

A sequência de conteúdos sobre o futebol feminino começa com a seleção brasileira. Andreoli anuncia o jogo do Brasil contra a França, com informações de data, horário e transmissão, dizendo que não tem “boas lembranças desse confronto, mas que quem sabe não cabe às minas quebrar essa zica”, em uma referência às eliminações da seleção brasileira masculina contra a França em Copas do Mundo. Na entrada ao vivo, a repórter Lizandra Trindade fala sobre viagem da seleção para a cidade do jogo, treinamento, recuperação de Formiga, entrevista da jogadora francesa sobre enfrentar o Brasil e torcida contra no país por causa da partida contra as donas da casa. Logo depois, Andreoli comenta: “Toda sorte para o Brasil contra a França, vai ser um jogo”.

Depois das notícias sobre as brasileiras, o apresentador chama reportagem sobre o jogo da seleção chilena na Copa do Mundo. A matéria foi aberta: "Não tem competição mais emocionante do que a Copa do Mundo feminina". Para comprovar, a narração de Andreoli afirma: "teve goleada histórica" (fazendo referência aos 13 a 0 dos Estados Unidos contra a Tailândia); "teve marca histórica, ou melhor, Marta histórica" (com imagens do décimo sétimo gol de Marta no mundial), "gol no último minuto" (em referência ao gol de classificação de Camarões contra a Nova Zelândia), "pênalti perdido", citando o caso do Chile. E a partir desse gancho a matéria remonta o cenário e a história da partida. O Chile precisava ganhar por uma diferença de três gols para se classificar para as oitavas de final em sua primeira participação em um Copa do Mundo. Com isso, a reportagem cita que parecia ser um objetivo complicado, mas a partida era contra a Tailândia, a equipe que mais sofreu gols no campeonato e havia tomado 13 dos Estados Unidos e cinco da Suécia. Depois de fazer dois gols, a seleção chilena teve a oportunidade de fazer o terceiro e se classificar, mas a cobrança de pênalti parou no travessão. A finalização da história foi narrada da seguinte maneira: "O choro das chilenas foi tocante. As unhas, que estavam pintadas nas cores da camisa vermelha do Chile, tampavam os rostos que, por pouco, não estamparam sorrisos e lágrimas de alegria". Por fim, como pé, Andreoli complementa com um comentário: "Dá vontade de chorar junto".

Antes do encerramento do programa, foi exibida uma matéria sobre o jogo entre Camarões e Nova Zelândia. A vitória que garante a classificação da seleção africana elimina a Argentina da Copa do Mundo. O enfoque da matéria com narração de Andreoli é a história do jogo. Na finalização desse conteúdo, o apresentador diz: "A Argentina parece que ficará para sempre sem títulos, tanto no masculino quanto no feminino".

Levando em consideração o tempo de cada elemento, são cinco minutos e 23 segundos dedicados ao futebol feminino – chamada (20 segundos), entrada ao vivo (52 segundos), pé (cinco segundos), chamada 2 (10 segundos), matéria 1 (dois minutos), pé 2 (dois segundos), matéria 2 (um minuto e 54 segundos). As pautas do dia trataram tanto de assuntos da seleção brasileira quanto de outros países. E os demais conteúdos da edição foram:

- VT anunciando a chegada do inverno. Abertura do programa: o apresentador Felipe Andreoli aparece no estúdio, ao vivo, com uma roupa de inverno, envolto por neve em animação.
- Chamada: apresentador introduz o assunto do jogo do Brasil contra o Peru, chama a repórter Bárbara Coelho e pergunta se a torcida paulista irá tratar o Brasil com

frieza. Na entrada ao vivo, a repórter fala sobre jogadores do Corinthians e Tite jogando na Arena do clube paulista; ajustes no gramado e jogos da Copa América no estádio; recuperação de Fernandinho e condição do volante Arthur para o jogo.

- Bárbara Coelho faz o gancho e chama a reportagem. Matéria do repórter Guilherme Pereira
- sobre o zagueiro Marquinhos. Encaminhamento: Jogo do Brasil na Arena Corinthians, jogador começou no clube; reportagem conta sua história.
- Andreoli chama reportagem sobre jogo Uruguai e Japão. Matéria com narração do apresentador fala sobre o encontro entre o atacante Cavani e um pequeno fã, o menino Derek Miguel, que ganhou sua camisa; história do empate por 2 a 2. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Andreoli chama reportagem com gancho cômico. Matéria sobre o árbitro de vídeo narrada pelo apresentador. Encaminhamento: uso do celular no interior de São Paulo em campeonato de futsal como Var. Pessoas filmam os lances e depois mostram para o juiz. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Andreoli chama matéria sobre revelação da NBA. Matéria do repórter Guilherme Roseguini tem como personagem Zion Williamson, jogador de 18 anos que ganhou destaque na NBA. Matéria fala sobre tipo físico do jogador e relação com desempenho, além do brasileiro que jogará com o americano.
- Felipe Andreoli introduz o assunto Fórmula 1, dá as informações sobre a corrida, que seria transmitida pela Globo, e chama a reportagem. A matéria da repórter Mariana Becker fala a respeito do pedido de revisão da penalidade sofrida pela Ferrari negado e treino.

13 Globo Esporte São Paulo, dia 22 de junho de 2019 (sábado)

A edição do sábado que antecedeu a partida do Brasil nas oitavas de final da Copa do Mundo foi aberta com um clipe de lances de jogos da seleção feminina e da masculina do Brasil com a narração original de Galvão Bueno.

Posteriormente, os apresentadores Felipe Andreoli e Alex Escobar, juntos em uma edição nacional do programa na Arena Corinthians (palco da partida da seleção masculina brasileira com o Peru naquele mesmo dia), abrem o novo bloco depois de uma volta de intervalo e chamam reportagem sobre o jogo entre Brasil e França.

A matéria do repórter Raphael De Angeli com imagens de Edu Bernardes, Jordi Bordalba e Rogério Romera é aberta com informações sobre a cidade em que as seleções iriam se enfrentar, dizendo que o local receberia o jogo que mais mobilizaria o país nas oitavas de final. A reportagem traz a chegada de ambos os times ao município, a opinião brasileira sobre favoritismo da França, a dúvida sobre a escalação de Formiga no jogo, o histórico (negativo) de jogos entre as duas seleções e comentários de cada time sobre o outro por meio de declarações. Além disso, é dado destaque para o papel de Marta e Cristiane. Como pé, Escobar acrescenta: “Tem a Debinha também, um time acertado”.

Em seguida, Escobar chama a repórter Lizandra Trindade e pergunta a ela se Formiga estará no jogo. Em entrada ao vivo, a repórter ressalta a importância do jogo, confirma a escalação de Formiga por conta de sua presença no treino e fala sobre curiosidade do apelido da seleção francesa ser “os azuis” e o estádio que receberá o jogo ser todo azul. Como pé, o apresentador brinca: “Está tudo azul aí mesmo, caramba”.

Por fim, Escobar pergunta para o comentarista Casagrande se a presença de Formiga ajudará o Brasil, já opinando que sim, uma vez que a jogadora é muito experiente. Casagrande valoriza a individualidade de Marta, Formiga e Cristiane como armas para o Brasil “ir para cima” da França e tentar vencer. Ambos apresentadores ressaltam “pra cima delas”.

Na edição, todas as pautas do futebol feminino foram sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo. Somando os tempos de cada um dos elementos (clipe de 32 segundos, chamada de 14 segundos, matéria de dois minutos, pé de três segundos, chamada de 10 segundos, entrada ao vivo de 50 segundos, pé de um segundos e comentários de 33 segundos) são quatro minutos e 23 segundos.

As demais pautas/conteúdos da edição foram:

- Abertura do programa: Felipe Andreoli, Alex Escobar e Casagrande estão juntos no gramado da Arena Corinthians, onde a seleção masculina jogaria naquele dia.
- Nota coberta: Escobar fala sobre o gramado da Arena enquanto são exibidas imagens da manutenção, e Andreoli explica o processo de manutenção do gramado.
- Andreoli faz um gancho e chama a repórter com mais informações do Brasil. Entrada ao vivo da repórter Bárbara Coelho, que está na frente do hotel da seleção no momento em que o time está deixando o local rumo ao estádio; mostra o público que está lá para acompanhar e entrevista três crianças perguntando o palpite para o resultado da partida.

- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho. Reportagem de Guilherme Pereira sobre o jogo entre Brasil e Peru. Encaminhamento: técnico Tite não divulga escalação; contraste entre pressão na Copa América e bom desempenho do treinador até aquele momento; opções de substituição e escalação.
- Pé/comentários 1: Escobar questiona Casagrande sobre mudanças apontadas pela reportagem. Comentarista faz observações, enquanto a tela exibe a possível escalação do time. Andreoli também questiona o comentarista, que dá sua opinião sobre o assunto.
- Andreoli faz gancho para chamada de Escobar. Escobar aproveita gancho de Andreoli e introduz o assunto da matéria seguinte, e Andreoli completa. Reportagem de Alexandre Jodar sobre Pepe, jogador da seleção brasileira que já foi treinador do Peru. Reportagem com cunho histórico que mostra livro de Pepe e canal do jogador na internet (“oldtuber”). Pé: apresentadores fazem comentários sobre reportagem.
- Nota coberta: gols do jogo entre Chile e Equador na Copa América.
- Notícia e chamada: Andreoli inforam o falecimento do jogador Tales e chama a reportagem com mais informações. Matéria do repórter Eudes Junior sobre acidente fatal que vitimou jogador Tales, com detalhes do caso e informações sobre o jogador. Pé: Escobar lamenta o fato em breve comentário.
- Chamada para matéria sobre UFC. Matéria com narração e Alex Escobar sobre luta entre Moicano x Chan Sung. Encaminhamento: lembrança da luta de Moicano contra José Aldo e declarações do atleta sobre o que aprendeu com essa experiência que iria usar no seu próximo combate contra Chan Sung.
- Andreoli chama notícias da F1. Entrada ao vivo com repórter Mariana Becker. Encaminhamento: prova aconteceria na França, e repórter está lá. Vento atrapalhou pilotos, Lewis Hamilton conquistou a Pole e bateu recorde da pista. Repórter dá as outras posições. Pé: “Que fase, já diria Milton Leite, Mariana Becker” (breve comentário de Andreoli).
- Chamada para a repórter Bárbara Coelho direto do hotel da seleção. Na entrada ao vivo, repórter acompanha jogadores deixando o hotel, reação do público (alguns atendendo o público e outros não). Pé: apresentadores agradecem informações da repórter.

- Andreoli brinca com apelido do jogador Everton “Cebolinha” e mostra tatuagem com desenho do personagem dos quadrinhos, em homenagem ao seu filho. Assim, Escobar chama a reportagem brincando com as trocas de letras como a do personagem infantil. Matéria do repórter André Gallindo sobre o jogador Everton da seleção brasileira. Encaminhamento: reportagem brinca com trocadilho (repórter troca “r” pelo “l”, como o personagem) e destaca atuação do jogador cujo apelido é Cebolinha na Copa América, reforçando que seu bom desempenho o colocará como titular; lembra a história do jogador, desde o início do futebol, com depoimento dos familiares e trajetória nos clubes; reportagem entrevista Maurício de Souza, criador do personagem nos quadrinhos. Pé: breve comentário de Andreoli.

14 Globo Esporte São Paulo, dia 24 de junho de 2019 (segunda-feira)

A edição da segunda-feira que sucedeu a eliminação da seleção brasileira da Copa do Mundo teve como abertura um quadro do Globo Esporte chamado de “Cornetinhas”, com imagens de Elton Rodrigues e Márcio Dantas, produção de Giovana Pinheiro e Rafael Iandoli e edição de Claudio Rezende e Mateus Benato. Seis crianças (três meninos e três meninas) de cinco a 10 anos estavam juntas assistindo ao jogo do Brasil contra a França. Dessa forma, sem narração ou interferência de um repórter ou uma repórter, eram exibidas as reações e os comentários das crianças conforme as situações do jogo – a narração original de Luís Roberto junto das imagens da transmissão marcam cada um dos momentos da partida – desde a comemoração do gol até a tristeza pela desclassificação. Ao fim, os seis pequenos mandaram mensagens para as jogadoras, agradecendo e valorizando o esforço delas.

Em seguida, Andreoli abre o programa dizendo: “Perdemos, gente. Não foram só as crianças que ficaram assim, com a carinha na mão. O Brasil foi para cima, passou perto, ‘né’?! O Brasil teve a chance de vencer o jogo, mas apareceu, mais uma vez, um Henry no nosso caminho. Uma Henry. 2 a 1, perdemos na prorrogação. O Brasil está fora da Copa do Mundo. A França, anfitriã, segue na competição”. Depois dessa introdução do tema com comentários, o apresentador chama a reportagem.

O início da reportagem de Raphael De Angeli traz o encerramento do narrador na transmissão: "O Brasil está orgulhoso das mulheres brasileiras. De um time que foi se superando, driblando as adversidades e as contusões e chegou em um nível altíssimo contra as donas da casa, perdendo na prorrogação". Com isso, a matéria ressalta a

decepção e a dor das jogadoras, que se deve ao fato de que jogaram de igual para igual, perdendo na prorrogação. “Melhor jogo contra a melhor adversária” e “o Brasil caiu de pé”, diz o repórter. As palavras das jogadoras Bárbara e Marta em entrevistas depois do confronto fizeram parte da composição da história do jogo, que foi contada a partir dos principais lances, das decisões da arbitragem e dos gols. Depois de destacar as questões referentes ao jogo, é colocado que, eliminadas da Copa, a próxima missão das brasileiras é as Olimpíadas, a última grande competição dessa geração. Reportagem finalizada com Formiga afirmando ser sua última Copa e Marta deixando a mesma pergunta em aberto. De volta ao estúdio, o apresentador comenta: “Se a gente tiver vocês duas na próxima Olimpíada já está ótimo”.

Na sequência, Andreoli introduz o assunto e chama outra reportagem: “Futebol e suas cruéis coincidências. Se tem uma pedra no sapato brasileiro, essa pedra é a França”. A matéria com narração de Andreoli começa: “Mulherada, eu sei que vocês não gostam da comparação entre homens e mulheres quando o assunto é futebol. Não só futebol, eu sei. Pelé é o rei. Marta é a Rainha. Simples assim. A Marta não é o Pelé de saias; A Marta é a Marta. De calção mesmo. Mas, no final das contas, a gente não está dizendo que a Marta é a maior artilheira da história de todas as Copas? Então, ó, dá licença que eu vou fazer uma comparação, sim senhoras, e senhores. Porque o sofrimento num jogo de Copa do Mundo não tem gênero, não tem cor. Quer dizer, para o Brasil, tem cor. O Azul. *Allez Le Bleu*. Tem cor e tem sobrenome: Henry. Em 2006 foi Thierry. Ontem foi a Amandine”. Reportagem lembra outros jogadores franceses que fizeram gols no Brasil; mostra que a seleção nacional só ganhou com Pelé e Didi em 1958; compara chance perdida de 1986 com 2019; e a derrota com a de 2006.

Na data em que os conteúdos retrataram a eliminação do Brasil na Copa, tivemos um total de nove minutos e 35 segundos (quadro de dois minutos e 44 segundos; abertura e comentários de 24 segundos; chamada de dois segundos; reportagem de quatro minutos e 23 segundos; pé de três segundos; chamada de seis segundos e matéria de um minuto e 53 segundos).

As demais pautas e atrações da edição foram:

- Andreoli chama reportagem sobre premiação dos melhores do ano da NBA. Reportagem de Kiko Menezes fala em "temporada espetacular" e é construída na comparação com cinema, com uma superprodução. São exibidos o top 5 das jogadas e as participações especiais. Participação de Tadeu Schmidt (apresentador e irmão do jogador Oscar); Bianca Rinaldi

(atriz e fã e basquete); Marcelinho Machado (comentarista de basquete); Hortência (ex-jogadora). Eles comem pipoca enquanto assistem.

- Nota coberta sobre Fórmula 1: vitória de Lewis Hamilton no GP da França, a décima oitava do piloto, que está a uma de alcançar o recorde de Ayrton Senna.
- Chamada para matéria Brasil e Peru feita pelo "Cartolouco", uma espécie de personagem do repórter Lucas Strabko. Matéria com tom de humor fala sobre torcida paulista ser exigente com a seleção brasileira, entrevistando pessoas e questionando se a afirmação é verdadeira. Repórter mostra festa no jogo entre Brasil e Peru e brinca com torcedores de ambos os países nos arredores do estádio. Repórter entrevista duas torcedoras peruanas e diz a elas que há uma tradição de boas-vindas muito forte no Brasil, que é um beijo de amigo. As duas beijam o repórter e ela fala em seguida: "eu amo a Copa América". Breve comentário do apresentador.
- Chamada para notícias da seleção brasileira masculina. Entrada ao vivo da repórter Bárbara Coelho. Encaminhamento: chegada dos jogadores à concentração em Porto Alegre; Tite foi checar gramado do estádio, que recebeu críticas; goleiro Alisson saiu da concentração para visitar o filho que nasceu há poucos dias; possibilidades de adversários nas quartas de final; próximo treino e próximo jogo.
- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho. Reportagem de André Gallindo. Pauta: Brasil classificado espera próximo adversário. Encaminhamento: matéria começa mostrando que, durante o treino, os jogadores torciam pela seleção feminina; Cássio com dores no quadril; Fernandinho em recuperação; Casemiro suspenso; lembrança da Copa do Mundo em que Casemiro saiu na mesma fase e Fernandinho o substituiu, jogo em que cometeu erros e Brasil foi eliminado. "No capítulo futebol feminino, elas já ocuparam um espaço que não tem mais volta".
- Nota coberta sobre brasileiro campeão no surfe: Felipe Toledo tricampeão mundial no Rio de Janeiro.
- Nota coberta sobre o jogo entre Argentina e Catar exibindo gols da partida que classificou a Argentina.

- Chamada para conteúdo sobre aniversário de Messi e brincadeira com o fato de que o jogador faz 32 anos e a última vez que viu seu país ser campeão tinha apenas seis. Edição separa um chute de Messi que sobe muito e faz a bola passear por diversos locais do mundo, até em imagens da animação UP! Altas aventuras. Por fim, a bola chega no estúdio e Felipe Andreoli se despede.

15 Globo Esporte São Paulo, dia 25 de junho de 2019 (terça-feira)

No primeiro conteúdo do dia, o apresentador Felipe Andreoli chama matéria sobre desembarque da seleção feminina no Brasil: “com bastante torcida, viu”. A reportagem de Alessandro Jodar exibiu a torcida no aeroporto, de madrugada, recebendo e apoiando atletas. A atacante Cristiane declarou estar feliz pela presença das pessoas, que é um reconhecimento e um carinho para as atletas e disse que nem quando ganhou medalha olímpica teve essa recepção. Cristiane também afirmou, em entrevista: “As crianças, as meninas, hoje, podem ter certeza que elas podem sonhar e que as coisas podem mudar para elas”. Repórter fala sobre lesão da jogadora, pergunta a ela sobre dores e faz um gancho com a “dor da eliminação”. Entrevista de Ludmila: “a gente tentou, demos o nosso melhor, mas, infelizmente, o futebol é assim”; Andressa: “a gente poderia ter ganhado das donas da casa, e essa torcida representa muito pra gente, significa que a gente fez um bom trabalho”. Outra entrevista foi a do técnico Vadão, que disse esperar permanecer no cargo até as Olimpíadas. A finalização da reportagem mostrou a goleira Bárbara cantando a música “Jogadeira” com as torcedoras: “Além de fotos e autógrafos, o aeroporto também foi tomado por outro pedido: por igualdade”.

Em seguida, Andreoli recebe o comentarista Caio Ribeiro no estúdio, e questiona se, mesmo sem a conquista do título, o “legado feminino” se estabeleceu depois dessa Copa do Mundo. O comentarista responde que acha “que vai ser um futebol feminino antes e um depois da Copa do Mundo”, analisa que elas “caíram de pé” e “de cabeça erguida” porque fizeram “um grande jogo contra a França”. Caio também cita que a “atenção” e a “visibilidade” seriam fatores importantes em uma “reestruturação para nossas guerreiras” e que “o Brasil inteiro se emocionou com elas”.

Sendo assim, são oito segundos de chamada, dois minutos e 34 segundos de reportagem e 32 segundos de comentários, em um total de três minutos e 14 segundos. As demais pautas/conteúdos da edição foram:

- Andreoli chama repórteres para trazer notícias dos clubes. Entrada ao vivo do repórter Caio Maciel com notícias do Corinthians. Encaminhamento: treino, amistoso contra o Ribeirão Preto, permanência de Danilo Avelar e Clayson.
- Repórter Caio Maciel chama notícias do Santos. Entrada ao vivo da repórter Glaucia Santiago com novidades do alvinegro praiano. Encaminhamento: reapresentação do Santos, treinos, amistoso no domingo, ausência de jogadores que estão na Copa América e negociação de Jean Lucca com time francês; tempo até volta do Brasileirão.
- Comentários: Andreoli informa quais jogares saíram do São Paulo e Caio Ribeiro comenta a situação do clube e a reformulação do elenco.
- Chamada para matéria de "Cartolouco" no jogo do Japão. Matéria com tom humorístico do personagem "Cartolouco". Repórter Lucas Strabko leva comida japonesa feita no Brasil para japoneses comerem; comida brasileira com hashi; torcida japonesa (de brasileiros e japoneses). Comentário de Andreoli: "Ele tira até um japonês do sério". Nota coberta com gols do empate entre Japão e Equador, resultado que eliminou ambos os times.
- Andreoli informa que o adversário do Brasil seria o Paraguai, seleção que havia eliminado a seleção em duas ocasiões, além de indicar o dia, o horário e a transmissão da partida. Chama repórter com mais informações e pergunta sobre condições do gramado. Entrada ao vivo de Guilherme Pereira sobre seleção masculina. Fala sobre gramado ruim, características do adversário, retrospecto negativo contra o Paraguai; jogadores conhecidos do elenco paraguaio; treino de tarde; mudança na equipe (sai Casemiro suspenso e entra Fernandinho recuperado).
- Comentários: Andreoli e Caio Ribeiro, com auxílio das informações do telão, mostram chaveamento da Copa América e comentam os confrontos.
- Nota coberta: informações sobre mudanças no GP do Brasil.
- Nota coberta: caso do goleiro Magrão que acionou o Sport na Justiça.
- Chamada para matéria da partida entre Uruguai e Chile na Copa América. Encaminhamento da matéria de Richard Souza: data do jogo (24 de junho de 2014 – jogador uruguaio mordeu zagueiro na Copa do Brasil; outro fato estranho jogando na mesma data: pediu toque de mão do goleiro); atuação do jogador;

história do jogo; melhor público da Copa América; gol de Cavani. Próximos embates das seleções. Pé: Andreoli faz breves comentários sobre a reportagem.

- Errata: Andreoli ressalta que encontro do representante da F1 com presidente brasileiro havia sido no dia anterior.

16 Globo Esporte São Paulo, dia 26 de junho de 2019 (quarta-feira)

O único conteúdo sobre futebol feminino do dia foi sobre o jogo entre Holanda e Japão na Copa do Mundo. O apresentador chama a matéria sobre a partida (oito segundos) e, com sua narração, o enfoque é a história do jogo e o fato de a seleção japonesa ter perdido muitos gols e ser derrotada pelo time europeu (um minuto e 24 segundos). Com isso, o total de tempo foi de um minuto e 32 segundos.

Os demais conteúdos/pautas da edição foram:

- Felipe Andreoli abre o programa dando as informações do jogo da seleção masculina na Copa América contra o Paraguai (data, horário e transmissão da Globo). Apresentador faz comentário torcendo para a vitória da seleção.
- Apresentador chama repórteres para trazer notícias dos clubes de São Paulo (aparecem três no telão do estúdio, um em cada lugar). Entrada ao vivo de Caio Maciel com notícias do Corinthians (informações de bastidores; zagueiro Gil de volta ao clube). Repórter chama Glaucia Santiago. Entrada ao vivo da repórter com notícias do Santos (treinos fechados para imprensa; entrevista coletiva de jogador; condição física depois da folga; Marinho recuperando-se de uma conjuntivite faz trabalho separado na academia). Repórter chama Fernando Vidotto. Entrada ao vivo com notícias do Palmeiras (reapresentação do time, contratação e apresentação de Ramirez; recuperação de Willian; notícia do desaparecimento do avô de Victor Luís na cidade de São Paulo, são exibidas imagens do idoso para divulgação). Pé: Andreoli agradece os repórteres e faz votos de que achem o avô do Victor Luís.
- Apresentador chama reportagem sobre bastidores do Palmeiras. Repórter Marco Aurélio Souza traz como pauta o "dia da mídia no Palmeiras". Encaminhamento: reportagem bem-humorada com curiosidades sobre jogadores. Pé: reportagem é interrompida, e eles prometem para o final o desfecho do conteúdo com Deyverson, jogador do Palmeiras.

- Andreoli chama matéria sobre quarta divisão do Campeonato Paulista. Encaminhamento da matéria de Felipe Modesto: histórias inusitadas; Tupãzinho técnico; Fernandópolis perde por WO porque o ônibus quebrou e o time não chegou ao jogo; Andradina (6 jogadores com dengue, 7 com caxumba, atletas trancados no vestiário); estádio Teixeirão abandonado; atrasos nos salários. Pé: Andreoli completa a reportagem afirmando que os jogadores do Fernandópolis entraram em greve por conta dos salários atrasados.
- Nota coberta: imagem de lance inusitado em um jogo de futsal e corta no fim, deixando o desfecho para depois.
- Chamada para repórter Eric Faria com notícias da seleção brasileira na Copa América. Entrada ao vivo traz informações sobre temperatura em Porto Alegre; último treino contra o Paraguai; mudança do treino do estádio para o CT a fim de preservar o gramado; entrevista coletiva mais tarde; escalação.
- Repórter Eric Faria chama matéria. Matéria de Guilherme Pereira sobre jogador Fernandinho. Encaminhamento: sorridente com os companheiros, sério em campo e com a imprensa; titularidade contra o Paraguai; retrospecto na seleção; participação nas duas derrotas nas últimas duas Copas; ofensas e racismo nas redes sociais contra o jogador; bom relacionamento no elenco, com Guardiola e Tite. Eric Faria volta ao vivo e completa as informações dizendo que a expectativa é de um bom público no estádio para assistir ao jogo. Pé: Andreoli agradece o repórter e reforça que está acompanhando tudo da seleção na Copa América.
- Chamada para matéria sobre lance inusitado em pênalti. Encaminhamento da matéria com narração de Andreoli: começa mostrando pênaltis perdidos por grandes craques para fazer o gancho com um lance que aconteceu na Copa Futsal de Aparecida em que uma penalidade entrou depois de bater no travessão; lembra um lance igual no sub-17 do Chivas do México. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Apresentador chama continuação da reportagem com Deyverson. Reportagem de Marco Aurélio Souza e participação de Glenda Kozłowski mostra jogador Deyverson no futeokê. Matéria que conta com humor para exibir jogadores cantando no karaokê, com destaque para jogador Dyverson; jogador casado com uma cantora; atleta cantando no dia da mídia no Palmeiras. Pé: breve comentário de Andreoli.

17 Globo Esporte São Paulo, dia 27 de junho de 2019 (quinta-feira)

Pelo segundo dia consecutivo, há apenas um conteúdo sobre futebol feminino ou sobre Copa do Mundo da Fifa no Globo Esporte. Nesta edição, com o suporte do telão, Andreoli mostra o chaveamento das quartas de final do torneio, anunciando a transmissão de Noruega e Inglaterra pelo canal fechado SporTV, em uma nota de 17 segundos. A maioria das pautas daquele dia foram voltadas à Copa América:

- Um clipe com recortes de trechos do GE, de entrevistas e falas de Galvão Bueno formam frases que chamam para o jogo do Brasil contra o Paraguai.
- Abertura do programa: Andreoli e Escobar juntos abrem o programa, afirmando que estão lado a lado por ser um dia especial de jogo, chamando para assistirem na Globo.
- Chamada para informações da seleção brasileira masculina e pergunta sobre o clima em Porto Alegre. Entrada ao vivo da repórter Bárbara Coelho. Encaminhamento: frio em Porto Alegre; explica lugar do estádio onde está (onde os torcedores se concentram antes do jogo).
- Bárbara Coelho chama reportagem de Guilherme Pereira. Pauta: Novidades no time do Brasil para o jogo contra o Paraguai.
- Encaminhamento: surpresa na escalação – Fernandinho fora do jogo, Allan vai jogar. Escalação confirmada para o jogo daquela noite e motivação por estar na seleção brasileira.
- Chamada: informação de que o Paraguai se classificou com empates serve como gancho para a matéria. Reportagem de Bruno Halpern com participação do comentarista Roger Flores. Encaminhamento: classificação apenas com empates (dois pontos); características do jogo paraguaio; retrospecto do time no campeonato e contra o Brasil; falas da entrevista coletiva do técnico. Pé: Andreoli e Escobar comentam reportagem.
- Chamam repórter junto com comentarista e Escobar pergunta sobre a entrada de Allan no time. Entrada ao vivo do repórter Eric Faria e do comentarista Walter Casagrande do hotel da seleção. Encaminhamento: movimentação no hotel, opinião de Casagrande sobre escalação de Allan, confirmação de ataque na entrevista coletiva; repórter pergunta para comentarista como será o embate do ataque com a defesa paraguaia (imagens dos atacantes exibidas enquanto a fala fica de fundo); repórter conta que a defesa paraguaia já enfrentou Messi e

Casagrande comenta; palpite para resultado do jogo. Pé: Apresentadores fazem breves comentários.

- Escobar usa gancho da informação do jogo entre Colômbia e Chile (data, horário e transmissão) para dar a deixa para a matéria. Repórter Marco Aurélio Souza traz a pauta Colômbia e Chile na Copa América. Encaminhamento da matéria: atual bicampeão da Copa América contra o único time que venceu todos os jogos até aquele ponto; destaque para Falcão Garcia e James Rodrigues; coletiva de colombianos, que acham positivo o adversário ser o Chile; destaque para Alexis Sanchez e Vargas no Chile.
- Escobar faz gancho da informação do jogo entre Uruguai e Peru (data, horário e transmissão) e Andreoli dá a deixa para a matéria falando sobre torcida a Arrascaeta em uma cidadezinha do Uruguai. Matéria mostra crianças uruguaias uniformizadas com o presente do de Arrascaeta na cidade onde o atleta estudou. Em entrevista, o meia afirmou que nunca teve a chance de ganhar uma camisa de um jogador, então acredita que as crianças tenham ficado alegres. Reportagem segue falando das expectativas do jogo contra o Peru e desfalque na equipe peruana para o confronto.
- Quadro humorístico: Soy Loco Por Copa America. Humorista Marcelo Adnet imita Galvão Bueno para chamar reportagem de Alex Escobar no Catar, sede da próxima Copa do Mundo Masculina. Quadro: Cafezinho com Escobar/Cafezinho no Catar. Reportagem de Alex Escobar e Marcelo Adnet sobre a próxima Copa do Mundo Masculina no Catar. Pé: Andreoli e Escobar dão risada e comentam com humor a reportagem.
- Apresentadores introduzem o assunto e chamam matéria do jogo entre Argentina e Venezuela. Reportagem tem como enfoque goleiros das seleções (Armani pela Argentina e Fariñez pela Venezuela). Pé: Escobar lembra que a Globo transmitiria o jogo.
- Nota coberta: goleiro Neto fecha com Barcelona. Brasileiro deixa o Valencia com destino ao Barça; será o 42º brasileiro a vestir a camisa do clube espanhol.
- Chamada para matéria sobre volante Arthur. Reportagem de Tino Marcos tem início com uma brincadeira com as três primeiras letras do nome do jogador, que também se encaixam em arte e articular. Brasil é seleção que mais acerta passes na Copa América, e reportagem afirma que mais 90% disso se deve muito ao

atleta, que é o jogador que mais passa no time (113 toques); 22 anos, boa temporada no Barcelona e titular na Seleção; entrevista do jogador falando sobre seu desempenho; jogador que mais sofreu falta no campeonato e cobrança por gol. Pé: comentários dos apresentadores sobre Arthur.

- Escobar chama Eric Faria para falar da seleção. Entrada ao vivo traz informações sobre programação da equipe para o dia de jogo, retrospecto de Tite e confirma escalação. Pé: apresentadores comentam o jogo contra o Paraguai e palpitam o resultado.

18 Globo Esporte São Paulo, dia 28 de junho de 2019 (sexta-feira)

Pela primeira vez desde o início da Copa do Mundo, o GE não exibiu nenhum conteúdo sobre futebol feminino. As pautas da edição foram:

- VT com imagens do jogo do Brasil contra o Paraguai com narração original de Galvão Bueno. Abertura do programa: informação/nota em que o apresentador fala do jogo do Brasil e mostra o chaveamento da Copa América.
- Andreoli chama Bárbara Coelho, direto da porta do hotel da seleção, e pergunta se a melhor opção seria jogar contra a Argentina. Entrada ao vivo da repórter traz notícias da seleção masculina. Encaminhamento: clima leve no elenco, próximo adversário sairia naquela tarde, Richarlyson pegou caxumba e todos os jogadores se vacinaram; depois do treino, os jogadores iriam a uma churrascaria.
- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho. Reportagem de Tino Marcos tem como pauta o gramado da partida entre Brasil e Paraguai. Encaminhamento: começa falando do gramado, depois coloca que a vitória seria para se livrar de um fantasma por conta de duas eliminações contra o Paraguai na competição; reclamações do gramado por parte do técnico Tite; destaque para os goleiros: Alisson (herói) e Gatito Fernandez; gramado e história do jogo; decisão por pênaltis. Pé: Andreoli comenta o pênalti cobrado por Gabriel Jesus.
- Andreoli dá informações chama notícias sobre F1. Matéria de Mariana Becker fala sobre treinos livres na Áustria, acidentes na pista, colocação dos pilotos e manutenção dos modelos de pneu.
- Chamada para matéria sobre Danilo Avelar no Corinthians. Reportagem de Caio Maciel fala sobre boa fase do jogador e desejo de estar no time, além de trazer entrevista com Danilo Avelar, que comenta as críticas que recebeu e como deu “a volta por cima”. Matéria ainda fornece detalhes da negociação.

- Andreoli chama matéria sobre Colômbia e Chile na Copa América (com informações no telão). Matéria do repórter Fernando Vidotto traz história de torcedores que compraram ingressos antecipadamente, sem saber quem se classificaria, e que, por isso, alguns foram surpreendidos com o chaveamento. Reportagem entrevista público no estádio. Pé com breve comentário de Andreoli: “Jogão, hein”.
- Chamada para conteúdo sobre férias luxuosas de jogadores gringos. Matéria sobre férias de Cristiano Ronaldo (com detalhes sobre luxos), viagem de Pogba aos Estados Unidos e casamento de Özil e de Sérgio Ramos, além de atividades no descanso de Mbappé e Marcelo.

19 Globo Esporte São Paulo, dia 29 de junho de 2019 (sábado)

O primeiro conteúdo da edição sobre futebol feminino foi uma nota coberta que noticiou a classificação da seleção holandesa para as semifinais da Copa do Mundo e exibiu os gols contra a Itália que garantiram a presença na fase seguinte da competição. Ainda sobre os resultados do torneio, o apresentador chamou a matéria sobre a vitória e a classificação dos Estados Unidos em cima da França. A matéria com narração da repórter Carol Barcellos, imagens de Edu Bernardes e produção de Amanda Kestelman começou contextualizando o protesto de uma das líderes da seleção americana Megan Rapinoe, que se calava durante o hino do país antes do início das partidas. A jogadora declarou também que, caso vencesse a Copa do Mundo, não visitaria a Casa Branca por divergir do presidente Donald Trump. Em resposta no Twitter, Trump disse que Megan deveria “ganhar primeiro e falar depois”. A partir daí, a matéria conta a história do jogo que eliminou as donas da casa com a derrota para os Estados Unidos, com foco na boa atuação de Megan Rapinoe, que marcou os dois gols dos 2 a 1 que asseguraram a classificação das americanas. Com isso, em tempo, temos: 21 segundos de nota coberta, 11 segundos de chamada e um minuto e 51 segundos de matéria, totalizando dois minutos e 23 segundos.

Os demais conteúdos da edição foram:

- Apresentador Felipe Diniz chama matéria sobre o jogo entre Chile e Colômbia na Copa América. Reportagem de Marco Aurélio Souza destaca o fato de que o jogo atrasou 20 minutos porque seleção chilena chegou em cima da hora por causa do trânsito em São Paulo. Matéria conta a história da vitória do Chile. Pé: Felipe

Diniz acrescenta que o próximo adversário do Chile seria decidido no confronto entre Uruguai e Peru.

- Apresentador chama repórter. Entrada ao vivo de Bárbara Coelho com novidades do time, que está concentrado: Felipe Luiz deixou o local para fazer exames e não treina; lesão de Fernandinho e ausência no treino; treino será de tarde; retrospecto favorável no Mineirão contra a Argentina.
- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho. Matéria de André Hernan sobre classificação da Argentina para semifinal fala sobre vitória contra a Venezuela e participação de Messi no jogo (cantando o hino, desempenho ruim) e expectativa para enfrentar o Brasil. Pé: Felipe Diniz faz breve comentário e afirma que a edição traria mais notícias do Brasil.
- Chamada para conteúdo sobre o Palmeiras. Em entrada ao vivo, repórter Fernando Vidotto traz notícias sobre reapresentação de Gustavo Gomez, jogo treino do Palmeiras, próximo amistoso contra o Guarani e o terceiro contra o Operário do MS. Pé: apresentador faz breve encerramento do tema.
- Chamada: apresentador introduz o tema da matéria sobre o Corinthians. Matéria de Caio Maciel sobre amistoso do Corinthians contra o Botafogo de Ribeirão Preto. Aspectos abordados: entrevista coletiva do técnico, desfalques do time e desejo por reforços.
- Chamada para o quadro "Sob Controle". Repórter Caio Maciel, em um cenário diferente, chama reportagem de Léo Bianchi sobre Team One, equipe vencedora de LOL. Reportagem conta a história da equipe que forma times para campeonatos de videogame e ficou dois anos na segunda divisão do LOL, mas investiu mais e conseguiu o acesso. Assim, a Team One se tornou uma empresa de capital aberto. Depois do fim da reportagem, Caio Maciel faz um breve comentário e encerra o quadro.
- Matéria de Mariana Becker com notícias da classificação para o GP da Áustria na Fórmula 1. Pé: Felipe Diniz acrescenta informação à reportagem sobre punição ao piloto Lewis Hamilton, que teria que sair da quinta posição.
- Apresentador introduz e chama conteúdo sobre Seleção Brasileira. Reportagem de Guilherme Pereira. Encaminhamento: treino depois da vitória contra o Paraguai; aquecimento no horário em que Argentina disputava vaga; rivalidade

contra Argentina; cobrança do técnico Tite para acertar mais no gol; bom desempenho defensivo do time.

- Chamada para matéria sobre o São Paulo. Pauta: Hernanes na concentração do São Paulo. Encaminhamento: reportagem de entretenimento que mostra a brincadeira do cantor Hernanes cantando na internet. Pé: apresentador faz comentários sobre reportagem.

20 Globo Esporte São Paulo, dia 1 de julho de 2019 (segunda-feira)

Felipe Andreoli abre o programa da segunda-feira com a presença das jogadoras Cristiane, Tamires e Andressa no estúdio: “É praticamente um quarteto fantástico, é melhor que aquele Adriano... Já esqueci os outros (jogadoras riem e ajudam ele a completar) Ronaldo, Ronaldinho e Kaká. E muito mais bonito também”, brinca o apresentador. Andreoli segue declarando: “Estamos aqui recebendo vocês, estou muito feliz que vocês vieram porque é importante a gente continuar falando de futebol feminino, mesmo com a gente fora da Copa. A Copa está rolando, a gente vai falar disso também”. Com isso, o apresentador questiona as atletas: “Vocês chegaram a ver a movimentação aqui no Brasil durante a Copa? Porque teve uma entrevista sua, Cris, que me marcou muito. Você falou ‘nem quando a gente ganhou medalha na Olimpíada teve uma recepção assim’. Vocês perceberam claramente a diferença?”. Cristiane responde: “Sem dúvida nenhuma, acho que acabou atraindo mais ainda as pessoas, mesmo com um resultado negativo, a gente conseguiu atingir as pessoas de uma maneira positiva: entenderam que a modalidade pode ir para frente, sim”.

Andreoli propõe: “Eu quero que vocês vejam um pouco dessas imagens, olha só, vou mostrar um pouco de cada coisa que a gente teve durante a participação do Brasil na Copa”. Assim, imagens que a emissora colocou no ar durante a Copa aparecem na tela (Cornetinhas, bar repleto de torcedoras, casa das jogadoras, Pelourinho, recepção no aeroporto) com Andreoli narrando e jogadoras comentando. Apresentador diz: “É Copa do Mundo mesmo”; “As empresas pararam para assistir aos jogos”; “Foi muito legal perceber que era um clima de Copa do Mundo, não importa se eram homens ou mulheres jogando, a sensação que a gente teve foi essa”. Com essa deixa, questiona se jogadoras também tiveram essa sensação. Andressa responde: “Para mim foi diferente, quando a gente chegou, essa recepção no aeroporto. Acho que ficou um sentimento de que as pessoas estavam muito orgulhosas da gente. Por mais que a gente tenha perdido para a França, as pessoas sentiram muito mais orgulho do que decepção”.

Andreoli diz que queria que as jogadoras assistissem e pede para que elas interpretem a entrevista da Marta no pós-jogo. O VT é exibido e volta ao vivo para atletas comentarem. Andreoli opina que declaração de Marta abre para diversas interpretações, especialmente a parte em que diz “se cuidem mais”, como se fosse um recado para as atletas. Cristiane diz que interpreta o desabafo de uma forma mais geral, para que os cuidados, tanto das jogadoras quanto da comissão técnica, não sejam apenas antes de grandes competições, além de entender que mensagem é para as futuras gerações do futebol feminino. Andreoli questiona se o sentimento é que daria para ter ido mais longe, e Tamires responde que sim. Andreoli brinca, lamentando o gol perdido por Debinha e pede espaço para falarem sobre semifinais. Dessa forma, essa entrevista ao vivo no estúdio teve duração de três minutos e 56 segundos.

Em seguida, o apresentador exibe no telão os confrontos da semifinal da Copa e chama repórter com informações, em uma sequência que durou 16 segundos. A entrada ao vivo (um minuto e 28 segundos) do repórter Raphael De Angeli é feita do estádio de Lyon, na França, e mostra que a Seleção Holandesa está conhecendo o gramado, além de falar sobre os confrontos das semifinais.

De volta ao estúdio, Andreoli convida o comentarista Caio Ribeiro para fazer perguntas às jogadoras. Caio começa: “Primeiro, dizer do orgulho que eu tive de participar mais uma vez do mundial de futebol feminino. A gente que trabalha com esporte já está acostumado a ver essa qualidade em campo, mas o telespectador, o torcedor, de maneira geral, se surpreendeu com o nível de apresentação do mundial de maneira geral e da nossa Seleção”. Caio pontua que Cristiane é jogadora do São Paulo e Tamires do Corinthians e pergunta se dá para pensar em futebol de alto nível no Brasil ou se, como no masculino, as melhores jogadoras vão para fora. Cristiane opina que sim, que, assim como ela e Tamires voltaram, com investimento é possível atrair jogadoras de volta para o Brasil, tendo que vista que muitas vezes elas saem pensando no retorno financeiro: “Eu acho que, a partir do momento que você enxerga o futebol feminino, não como ‘coitadismo’, mas como um investimento, você consegue fazer com que as meninas retornem ao país, e a Liga passe a crescer e se desenvolver mais ainda”.

Essa sequência toda ao vivo, mais a chamada e a entrada ao vivo do repórter, direto da França, teve um total de seis minutos e 26 segundos. Dessa forma, as demais pautas e conteúdos da edição foram:

- Apresentador chama matéria sobre UFC. Matéria com narração de Andreoli sobre derrota de Júnior Cigano no peso pesado, de Jussier Formiga no mosca e vitória

de Damien Maia (também há propaganda da assinatura do Canal Combate). Pé: Andreoli reforça a propaganda do combate e a importância da luta que será exibida.

- Nota coberta sobre brasileiro campeão no atletismo: Darlan Romani, atleta do arremesso de peso, foi campeão e bateu um recorde histórico da modalidade.
- Chamada para conteúdo sobre o Corinthians. Matéria do repórter Caio Maciel sobre derrota do time paulista em amistoso. Encaminhamento: na pausa da Copa América, Corinthians jogou contra o Botafogo de Ribeirão Preto e perdeu; reportagem com toques de humor; inauguração de nova área do estádio do Botafogo.
- Chamada para matéria sobre o São Paulo. Encaminhamento: reportagem coloca que, quando a fase não está boa, clube se refugia em Cotia, onde ficam as categorias de base; CT fechado para a imprensa; escolinha de futebol do clube voltada para crianças: crianças dizem o que tem que fazer para ganhar. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Chamada para matéria sobre Fórmula 1. Matéria com narração de Andreoli traz resultados do GP da Áustria, como foco vitória de Verstappen em disputa com Leclerc.
- Andreoli introduz o tema Brasil e Argentina e chama repórteres. Entrada ao vivo de André Hernan com notícias da Argentina (repórter traz que além de Messi, Brasil precisa ficar de olho em Lautaro Martinez, jogador da Inter de Milão que está na mira do Barcelona). André Hernan chama Guilherme Pereira. Repórter entra ao vivo com notícias da seleção brasileira (fala em recuperação de Richarlyson, treino da tarde e dúvida de Felipe Luiz para o jogo).
- Repórter Guilherme Pereira chama mais informações na reportagem. Reportagem de André Gallindo sobre desempenho da Seleção na Copa América e confronto diante da Argentina aborda falta de gols como ponto fraco da equipe (lado ruim, dois 0 a 0, lado bom, 3a0 e 5 a 0 nos outros jogos), desempenho dos atacantes e questões sobre jogo contra a Argentina. Pé: Cristiane, Tamires e Andressa dão palpites de placares para Brasil e Argentina, junto de Caio e Andreoli.

21 Globo Esporte São Paulo, dia 2 de julho de 2019 (terça-feira)

O conteúdo do dia que tratou do futebol feminino teve início com uma chamada em que Alex Escobar – apresentador que estava junto de Felipe Andreoli em uma edição nacional do programa por conta do jogo da seleção masculina com a Argentina naquela data – se refere à semifinal da Copa do Mundo como um “aperitivo” para a Copa América. A matéria do repórter Raphael De Angeli teve como pauta o jogo entre Inglaterra e Estados Unidos, que aconteceria naquele dia. Reportagem dá destaque para lateral da Inglaterra, cotada como uma das melhores jogadoras do mundo, e coloca o desafio do jogo, que seria marcar as artilheiras americanas, como o maior de sua carreira, além de ressaltar a importância da dupla americana Megan Rapinoe e Alex Morgan. Nesse sentido, temos sete segundos de chamada e um minuto e 10 segundos de matéria, em um total de um minuto e 17 segundos de material. Sendo assim, as demais pautas do programa são:

- Abertura do programa: edição com a entrevista coletiva de Tite falando sobre o confronto entre Brasil e Argentina.
- Andreoli e Escobar brincam com entrevista de Tite enquanto são exibidas imagens da cidade de Belo Horizonte, onde ambos estão apresentando a edição nacional, perto do Mineirão, estádio onde a Seleção Brasileira enfrentaria a Argentina naquele dia. Apresentadores dizem que estão juntos para todo o Brasil direto de BH e falam do jogo daquele dia.
- Chamada para notícias da seleção brasileira. Entrada ao vivo da repórter Bárbara Coelho, direto da porta do hotel da Seleção, traz informações sobre presença de torcedores no local e mudanças na escalação do time.
- Chamada feita pela repórter Bárbara Coelho. Reportagem de Eric Faria sobre ansiedade no Brasil para enfrentar Argentina exibe entrevista coletiva do técnico Tite antes do confronto e aborda expectativa para enfrentar Messi, além da provável escalação do time brasileiro. Pé: Andreoli e Escobar comentam reportagem e reforçam horário do jogo.
- Andreoli pergunta ao repórter que está na frente do hotel da Argentina como eles dormiram porque as informações são de que torcedores soltaram rojão. Entrada ao vivo do repórter Rodrigo Franco traz notícias sobre a noite da Argentina antes de enfrentar o Brasil, tendo em vista que brasileiros soltaram rojão no hotel e tentaram atrapalhar o sono dos adversários. Repórter também cita jejum de 26 anos dos argentinos sem ganhar título.

- Chamada realizada pelo repórter Rodrigo Franco. Ao vivo, repórter Carina Pereira traz o quadro "Fala, Casão", e o comentarista analisa Brasil e Argentina direto do Mineirão. Pé: apresentadores falam de Messi, ressaltam os 26 anos sem título da Argentina e reforçam o horário do jogo.
- Matéria com narração de Andreoli trata da história de Cori Gauff, tenista de 15 anos que venceu Venus Williams, de 39, em Wimbledon. Matéria seguinte traz brasileiros em Wimbledon, com enfoque em Thiago Monteiro eliminado e vitória de Bia Haddad. Pé: Andreoli exalta vitória da tenista brasileira.
- Apresentadores falam onde estão, reforçam o jogo daquela noite e chamam reportagem. Matéria de Bruno Halpern tem como pauta Chile e Peru na semifinal da Copa América, confronto chamado de clássico do pacífico por causa da guerra do Pacífico do século XIX. Conteúdo aborda rivalidade entre as seleções nos últimos anos.
- Andreoli chama UFC e promoção no Canal Combate, com propaganda em seguida.
- Escobar e Andreoli brincam que é um dia de muita emoção na Globo, fazendo um paralelo com o capítulo do dia da novela das nove. Entrada ao vivo da repórter Carina Pereira informa sobre abertura dos portões, ruas impedidas e ingressos disponíveis.
- Chamada feita pela repórter Carina Pereira. Reportagem de Guilherme Pereira tem como pauta duelos entre o argentino Messi e o goleiro brasileiro Alisson, com vantagem para o defensor, que tem seu histórico lembrado. Pé: Escobar comenta rapidamente a reportagem e ambos os apresentadores falam sobre Brasil e Argentina.

22 Globo Esporte São Paulo, dia 3 de julho de 2019 (quarta-feira)

Na edição da quarta-feira, à menção ao futebol feminino se dá por meio do resultado da semifinal da Copa do Mundo entre Estados Unidos e Inglaterra. Inicialmente, Andreoli anuncia a vitória das americanas e dá a “deixa” para a matéria. A reportagem de Raphael De Angeli, com produção de Amanda Kestelman, que contou com as imagens do SporTV, começa com o fato de Megan Rapinoe estar no banco por conta de uma lesão, com isso, o primeiro gol da equipe é de Christen Press, jogadora que entrou para substituí-la. Há a informação de que aquele era o sexto gol das americanas no torneio antes dos 15 minutos de jogo. Depois da exibição do gol da Inglaterra, com Ellen White, temos o de Alex

Morgan. A comemoração com tom de provocação da atleta após desempatar o placar, que estava em 1 a 1, também foi citada. Questões envolvendo a arbitragem e pênalti defendido pela goleira dos Estados Unidos fizeram parte da matéria. Com isso, o conteúdo é fechado com a informação de que seria a quinta final dos EUA em oito edições de Copa, confronto que seria contra Holanda ou Suécia. Depois da reportagem, o apresentador anuncia que a Globo iria transmitir a final da Copa do Mundo no domingo – única transmissão da emissora que não envolveu a seleção brasileira.

Com a chamada de dez segundos, a reportagem de dois minutos e meio e o pé de 20 segundos, são três minutos completos voltados a sequência sobre a semifinal da Copa no GE. Dessa forma, as demais pautas da data são:

- Matéria de "provocação" aos argentinos. Com narração de Andreoli, conteúdo sugere que rivais "estavam chorando" antes do início do jogo. Matéria compara o passado da seleção argentina, com Maradona, e o presente, com Messi, mostrando o histórico positivo do Brasil contra o rival.
- Andreoli abre o programa anunciando e comemorando a vitória do Brasil.
- Apresentador introduz o assunto e pergunta sobre jogadores lesionados. Entrada ao vivo do repórter Eric Faria sobre jogadores que poderão estar na final e possível desfalque de Willian.
- Chamada do feita por Eric Faria. Matéria de André Gallindo sobre Gabriel Jesus. Conteúdo destaca desempenho do atacante no jogo contra a Argentina, no qual fez gol depois de nove jogos sem marcar. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Chamada para notícias de Corinthians e Santos. Entrada ao vivo do repórter Léo Bianchi sobre o Corinthians. Fala em treino antes do amistoso contra o Vila Nova, provável escalação do time e homenagem do clube a Marlene Matheus, ex-presidente do Corinthians que faleceu.
- Chamada feita pelo repórter Léo Bianchi. Entrada ao vivo de Gláucia Santiago com informações sobre apresentação do meia Evandro, reforço do Santos.
- Chamada para conteúdo sobre o São Paulo. Matéria de Marco Aurélio Souza traz a informação de que o time está no CT de Cotia e conta que nenhum jogador deu entrevista. Reportagem é feita como cordel, com arte da novela da Globo Cordel Encantado. Pé: breve comentário de Andreoli.

- Chamada para matéria cuja pauta é o casamento do jogador Alexandre Pato. Matéria aborda casamento discreto de Pato com a filha do Silvio Santos, Rebeca Abravanel. Pé: Andreoli brinca com o tema da reportagem.
- Chamada para conteúdo sobre jogo do Brasil. Reportagem de Tino Marcos explora vitória do Brasil em cima da Argentina da semifinal da Copa América.
- Alguns dos elementos destacados foram: primeira final de Tite, primeira vez no Maracanã; clima da torcida no estádio; destaque para boa atuação de Daniel Alves; como jogou Messi; história do jogo. Pé: Andreoli comenta entrevista de Messi exibida na reportagem e acrescenta informações sobre a transmissão da final.

23 Globo Esporte São Paulo, dia 4 de julho de 2019 (quinta-feira)

Com a definição da partida da grande final da Copa do Mundo, o tema voltou a ser pauta do Globo Esporte na sequência recorrente de chamada + matéria + pé. Dessa forma, Andreoli introduz o tema da reportagem com a informação de que a Holanda havia se classificado e jogaria contra os Estados Unidos, seleção da quinta final em oito copas do mundo, e que o jogo seria transmitido pela Globo. A reportagem de Raphael De Angeli conta a história do jogo, destacando que o tempo normal passou sem gols e, por isso, a decisão aconteceu na prorrogação quando a Holanda fez 1 a 0. Repórter informa que Jackie Groenen, camisa 14 do time e autora do gol, havia chutado certo no gol uma vez apenas em todo o campeonato. Além disso, pontua que a seleção campeã europeia estava participando pela segunda vez da Copa e estreando na final, partida considerada pela reportagem a mais importante da história do país. Na sequência, comentário de Andreoli: “Camisa 14 dá sorte para a Holanda, era a camisa do Crujfff”, em referência ao jogador da seleção masculina Johan Crujfff.

Assim, com a chamada de 20 segundos, a matéria de um minuto e cinco segundos e os três segundos de pé/comentário, temos um total de um minuto e 28 segundos. E as demais pautas do dia foram:

- O primeiro conteúdo é um clipe com imagens do jogo de classificação do Peru para a final da Copa América com narração em espanhol e trechos postados nas redes sociais dos jogadores comemorando a vitória.
- Na abertura do programa, Andreoli informa a definição da final da Copa América em um confronto inédito entre Brasil e Peru, com transmissão na Globo.

- Chamada para matéria sobre seleção brasileira. Matéria do repórter Guilherme Pereira fala sobre o que os jogadores fizeram no seu dia de folga, as virtudes da seleção brasileira no campeonato (defesa e goleiro) e presença de jogadores acostumados com pressão. Pé: Andreoli comenta reportagem e dá a notícia de que Willian não jogará a final por conta de uma lesão.
- Chamada para entrada ao vivo com notícias da seleção brasileira. André Gallindo aborda chegada na Granja Comari, treino da tarde, além de lesão de Willian, acompanhamento da recuperação de Marquinhos e Felipe Luiz. Pé: apresentador agradece repórter e comenta: “é a seleção rumo a mais um título da Copa América”.
- Chamada para matéria sobre jogador Gil. A matéria com narração de Andreoli tratou da despedida do zagueiro na China (torcedores no aeroporto, último jogo). Matéria com toques de humor. Pé: Andreoli brinca com a questão do idioma, acrescenta a informação sobre a publicação do Corinthians confirmando a chegada do jogador e provocando o rival Flamengo, além de fornecer informações contratuais entre Gil e o clube paulista.
- Chamada para conteúdo com notícias do Corinthians. Reportagem de Léo Bianchi traz o anúncio da volta do zagueiro Gil, o amistoso contra o Vila Nova, os desfalques e a provável escalação, bem como a expectativa para volta do Brasileirão.
- Chamada para notícia do Palmeiras. Reportagem com narração de Andreoli aborda derrota do Palmeiras em amistoso com o Guarani, ressaltando o fim da invencibilidade da equipe e contando a história do jogo.
- Chamada para notícia do Santos. Entrada ao vivo da repórter Gláucia Santiago informa a respeito de treino na chuva, goleiro gripado e jogo treino contra a Ponte Preta. Pé: Andreoli faz uma rápida brincadeira com a repórter.
- Chamada para matéria sobre UFC. Pauta desenvolvida com Guilherme Roseguini aborda luta entre Amanda Nunes e Holly Holm, informa sobre sequência de vitórias da brasileira, a coloca melhor lutadora de MMA de todos os tempos e também traz a trajetória da americana.
- Matéria sobre tênis em Wimbledon fala da brasileira Bia Haddad eliminada, australiano punido por falta de competitividade ao perder o jogo mais curto do campeonato desde 2004 e vitória de jovem americana de 15 anos. Pé de Andreoli: “Menina Gauff vai longe”.

- Chamada para conteúdo a respeito da classificação do Peru para a final da Copa América. Matéria com narração de Andreoli é aberta com história da superstição do jogador Cueva que, por indicação de um mágico que acompanha a equipe, jogou com uma carta de baralho no meio. Há também a história do jogo e destaque para o goleiro peruano. Pé: Andreoli brinca com a carta na meia e anuncia as informações de transmissão.

24 Globo Esporte São Paulo, dia 5 de julho de 2019 (sexta-feira)

Na sexta-feira, não há nenhum conteúdo produzido sobre o futebol feminino, apenas uma breve menção ao final do programa, enquanto os créditos de encerramento subiam, de que a Globo transmitiria a final da Copa do Mundo no final de semana. Com isso, as pautas da edição foram:

- Após abertura, Andreoli informa sobre dia e horário do jogo do Brasil contra o Peru na Copa América e chama o repórter com mais notícias. Entrada ao vivo de Guilherme Pereira fala sobre tempo na Granja Comari, treino importante antes do jogo e dúvida sobre escalação de Filipe Luiz.
- Chamada para matéria do Corinthians. Reportagem de Léo Bianchi tem como pauta amistoso do Corinthians contra o Vila Nova, por isso, conta história do jogo, informa sobre desfalques e destaca fatos curiosos (jogador saiu, entrou e fez o gol), além de noticiar novo amistoso. Pé: Andreoli faz breve comentário sobre jogada e acrescenta a informação de que o jogador que foi hospitalizado está bem.
- Apresentador chama notícias do Palmeiras. Entrada ao vivo de Caio Maciel dá informações de treino e fala sobre empréstimo do jogador Guerra para o Bahia.
- Apresentador chama notícias do Santos. Em entrada ao vivo, repórter Gláucia Santiago noticia recuperação do goleiro Vanderlei e segundo jogo treino do Santos contra a Ponte Preta.
- Chamada para matéria sobre final da Copa América. Reportagem de Tino Marcos contextualiza o jogo, colocando que o Brasil tem o melhor ataque da competição e artilharia, já o Peru tem o melhor placar do mata-mata. Pontua também o cuidado que o Brasil tem que tomar com o atacante Paolo Guerrero. Pé: breve comentário de Andreoli.
- Chamada para matéria do UFC. Pauta desenvolvida por Guilherme Roseguini tem como pauta luta entre Jon Jones e Thiago Marreta. Encaminhamento: desafio no meio-pesado para o brasileiro ao enfrentar o lutador que está invicto há dez anos;

características de ambos e preparação de Marreta + propaganda e promoção do Canal Combate.

- Andreoli informa que Sérgio Cabral admitiu a compra de votos para a Olimpíada 2016. Matéria com narração do apresentador noticia o fato, traz o vídeo do depoimento, cita os envolvidos no processo e os valores. Pé: Andreoli completa com a resposta dos citados.
- Apresentador noticia acerto do jogador Raniel com o São Paulo.
- Andreoli chama conteúdo com torcedores do São Paulo. Reportagem de Alessandro Jodar pontua que, como jogadores do São Paulo estão em Cotia, eles foram até o mercado municipal para perguntar aos torcedores que tipo de notícia eles gostariam de receber sobre o time. Pé: Andreoli brinca com repórter.
- No encerramento, Andreoli diz que final de semana na Globo terá a transmissão da Copa do Mundo e da Copa América.

25 Globo Esporte São Paulo, dia 6 de julho de 2019 (sábado)

Na última edição analisada do Globo Esporte, a que antecedeu a final da Copa do Mundo, o primeiro conteúdo referente ao futebol feminino é a chamada de Andreoli para uma entrada ao vivo. O apresentador informa sobre a transmissão da decisão e chama a repórter para trazer notícias e, ao fazê-lo, erra o local da França onde ela está (brinca com o fato de estar em Paris, em um clima gostoso, em um lugar bonito).

Ao vivo, Carol Barcellos diz que está em Lyon, cidade em que aconteceria a final do dia seguinte, e afirma que está tão agradável quanto estaria em Paris. Com isso, noticia que Megan Rapinoe garantiu em entrevista coletiva que jogaria a decisão depois de ter ficado fora da semifinal por conta de uma lesão. Repórter pontua que a jogadora é uma liderança do time americano dentro e fora de campo. Com relação à seleção holandesa, o destaque foi a ausência de Lieke Martens no treino, que seria dúvida na final, em decorrência de uma lesão. A meia-atacante foi eleita a melhor jogadora do mundo em 2017 e foi destaque na Eurocopa daquele mesmo ano.

Dessa forma, a própria repórter faz um gancho e dá a deixa para a matéria que vem na sequência. A reportagem de Raphael De Angeli com produção de Amanda Kestelman tem como pauta o fato de que as duas seleções finalistas da Copa do Mundo são treinadas por mulheres, por isso a questão das treinadoras mulheres tem foco. Assim, o conteúdo começa com um dado: a Copa de 2019 bateu um recorde, tendo em vista que, das 24 seleções, nove eram treinadas por mulheres, uma a mais do que na última edição. O

repórter informa que uma final com duas treinadoras só tinha acontecido uma vez, em 2003, com Alemanha e Suécia. A partir de então, abordou-se a carreira das duas técnicas, Jill Ellis e Sarina Wiegman, junto de seus números e feitos, com declarações de ambas em entrevistas coletivas comentando questões – a treinadora americana respondeu ao assunto levantado sobre a seleção dos Estados Unidos ser arrogante, já a holandesa falou que ficava feliz ao ver o esforço de mulheres para chegarem às funções importantes da sociedade.

Com isso, temos: chamada 1 (20 segundos), entrada ao vivo (45 segundos), chamada 2 (três segundos) e reportagem (dois minutos), em um total de três minutos e oito segundos. E as demais pautas do dia foram:

- Primeiro conteúdo do programa é um clipe com artistas repetindo fala do técnico Tite: “juntos na final”. Comentários e informações: Andreoli brinca com conteúdo do VT, anuncia data e horário da final.
- Apresentador chama repórter Bárbara Coelho, comenta o clima e pergunta quem vai jogar na lateral esquerda. Entrada ao vivo da repórter informa que Alecsandro entraria no lugar de Felipe Luiz, que Alisson estava confirmado e programação do dia depois do treino.
- Chamada feita por Bárbara Coelho. Reportagem de Tino Marco aborda expectativa para a final da Copa América. Encaminhamento: análise do momento vivido pela seleção e a consistência da defesa que não tomou gols. Repórter coloca que o time de Tite foi construído em três pilares: planejamento (trio de zagueiros experientes e uma vaga para renovação); material (zagueiros prestigiados); alicerce (zagueiros que já trabalharam bastante com Tite, laterais de referência, Casemiro e Alisson; ataque). Nesse sentido, há uma análise de todos os setores e comparação com uma obra, com finalização: "é uma obra, até agora, livre de acidentes de trabalho". Breve pé de Andreoli faz referência a frase que fecha a reportagem: “Não vai ser amanhã, né”.
- Nota descoberta: Contratação fechada de Raniel no São Paulo (informações do contrato e valores).
- Apresentador chama notícias do Palmeiras. Na reportagem, Caio Maciel brinca com a ausência de jogadores para dar entrevista; assim, há um jogo em que o repórter faz as perguntas, e o próprio repórter, na cadeira dos representantes do Palmeiras, as responde. Depois, aborda volta da temporada nas quartas de final da

Copa do Brasil contra o Inter e fecha falando que o mês terá a agenda cheia e quase não sobrar tempo para tantas entrevistas. Pé: Andreoli faz uma brincadeira com o repórter.

- Chamada para notícias sobre o Corinthians. Matéria de Fernando Vidotto aborda: preparação do Corinthians para a volta das atividades, volta de Gil, desfalques do time, recuperação de Clayson e Everaldo, amistoso no dia seguinte contra o Londrina.
- Nota coberta: Kawhi Leonard e Paul George em Los Angeles, no Clippers.
- Chamada para matéria sobre NBA. Matéria sobre transferência de jogador na NBA que gerou piada no Brasil. Contratação do jogador Charlie Brown Jr pelo Atlanta rendeu piadas na internet por conta da banda brasileira.
- Matéria com notícias de Wimbledon. Encaminhamento: um pouco sobre o campeonato e fatos curiosos; polêmicas no confronto de Kyrgios e Nadal; ponto inusitado na competição em duplas feminina; despedida de Marcos Baghdatis.
- Chamada para conteúdo do UFC. Reportagem de Guilherme Roseguini traz disputas por cinturão. Amanda Nunes e Jon Jones são considerados os melhores, e foram desafiados. Um pouco da história dos lutadores e propaganda do Canal Combate.
- Chamada para conteúdo que conta a história do menino Pedro. Reportagem de Alexandre Azank narra caso de garoto que desenhou o álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 2018 e agora desenha brasileiros da Copa América. Um ano depois o menino ganhou um curso de desenho e continua se inspirando no futebol; na Copa América, menino decidiu desenhar Alisson e Gabriel Jesus. Pé: Fala que o menino vai desenhar o Daniel Alves com a taça no dia seguinte.
- No encerramento do programa, apresentador diz que seria um domingo de jogos, chamando final da Copa do Mundo e da Copa América.

9 Globo Esporte São Paulo: Análise de Conteúdo

Neste capítulo, nos basearemos nas informações coletadas nas 25 edições do Globo Esporte (item 8.2), no período de um mês em que a Copa do Mundo da Fifa foi realizada, para o desenvolvimento de análises quantitativas e qualitativas.

9.1 Aspectos quantitativos

Após a apresentação dos elementos que compõe o *corpus*, ou seja, as edições do Globo Esporte São Paulo submetidas aos procedimentos analíticos, selecionamos alguns dados a fim de realizar uma abordagem quantitativa. A partir das informações coletadas e organizadas, é possível elaborar interpretações interessantes ao propósito de conhecer fatores mais objetivos a respeito do nosso objeto.

Na tabela a seguir, estão reunidos números que fazem referência ao fator tempo, isto é, referem-se ao período em que os conteúdos estiveram no ar no programa. É importante ressaltar que o tempo de exibição é um elemento marcante na televisão, tendo que vista que, assim como o espaço nas mídias impressas, é capaz de demonstrar a importância e a legitimidade de determinada pauta. O tempo de um conteúdo na televisão é uma métrica que expressa qual parcela de determinada atração os produtores estão dispostos a direcionar a um assunto, podendo revelar quão profundamente uma pauta será trabalhada, quantos aspectos estão dispostos a revelar ou que tipo de tratamento pretendem dar à temática.

Dessa forma, enumeramos os dias de 1 a 25, com suas respectivas datas dentro do período estudado, que corresponde à realização da Copa do Mundo da Fifa em 2019, sendo a edição 1 o dia 7 de junho de 2019, ou seja, a data de abertura do campeonato, e a edição 25 o dia 6 de julho, um sábado – o dia 7 de julho, da final, não está incluído no *corpus* por se tratar de um domingo, dia da semana em não há GE. Dentro dessa organização, especificamos quanto tempo foi dedicado aos conteúdos sobre futebol feminino (desde chamadas até comentários, entrevistas, entradas ao vivo e reportagens), o tempo restante do programa (com pautas, por exemplo, sobre futebol masculino, da seleção aos clubes, tênis, fórmula 1, artes marciais e basquete) e a somatória desses dois dados, o que significa o tempo total de cada edição. O tempo total indicado pode não equivaler ao período em que, no dia da exibição, o programa ficou no ar na televisão aberta, isso porque esse tempo é exclusivo dos conteúdos, o que exclui os intervalos comerciais, as aberturas e encerramentos que não trazem informação.

Por fim, temos também uma coluna cuja função é informar o percentual que o futebol feminino ocupa em cada edição com relação ao tempo total, ilustrando essa questão do espaço ocupado diante do todo. A última linha da tabela apresenta os totais, os quais foram obtidos a partir da soma das 25 edições que foram ao ar durante o mês selecionado para análise.

Tabela 2 – Tempos de exibição

Dia	Data	Tempo ocupado pelo futebol feminino	Tempo restante dedicados às demais pautas	Tempo total do programa	Per. (%) FF
1	07/jun	52 s	17 min 28 s	18 min 20 s	4,73%
2	08/jun	4 min 43 s	16 min 24 s	21 min 7 s	22,34%
3	10/jun	6 min 50 s	15 min 22 s	22 min 12 s	30,78%
4	11/jun	1 min 15 s	16 min 19 s	17 min 34 s	7,12%
5	12/jun	48 s	16 min 53 s	17 min 41 s	4,52%
6	14/jun	2 min	17 min 44 s	19 min 44 s	10,14%
7	15/jun	51 s	20 min 4 s	20 min 55 s	4,06%
8	17/jun	6 min 37 s	14 min 22 s	20 min 59 s	31,53%
9	18/jun	7 min 11 s	9 min 44 s	16 min 55 s	42,46%
10	19/jun	4 min 8 s	11 min 24 s	15 min 32 s	26,61%
11	20/jun	7 min 25 s	15 min 5 s	22 min 30 s	32,96%
12	21/jun	5 min 23 s	11 min 50 s	17 min 13 s	31,27%
13	22/jun	4 min 23 s	17 min 20 s	21 min 43 s	20,18%
14	24/jun	9 min 35 s	13 min 7 s	22 min 42 s	42,22%
15	25/jun	3 min 14 s	12 min 45 s	15 min 59 s	20,23%
16	26/jun	1 min 32 s	15 min 45 s	17 min 17 s	8,87%
17	27/jun	17 s	20 min 52 s	21 min 9 s	1,34%
18	28/jun	0	17 min 36 s	17 min 36 s	0,00%
19	29/jun	2 min 23 s	18 min 46 s	21 min 9 s	11,27%
20	01/jul	6 min 26 s	15 min 47 s	22 min 13 s	28,96%
21	02/jul	1 min 17 s	16 min 12 s	17 min 29 s	7,34%
22	03/jul	3 min	17 min 42 s	20 min 42 s	14,49%
23	04/jul	1 min 28 s	20 min 45 s	22 min 13 s	6,60%
24	05/jul	0	16 min 35 s	16 min 35 s	0,00%
25	06/jul	3 min 8 s	19 min 25 s	22 min 33 s	13,90%
Total		1 h 24 min 46 s	6 h 45 min 16 s	8 h 10 min 2 s	17,30%

As linhas preenchidas com o azul claro (2, 5 e 13) marcam os dias pré-jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo, já o azul intermediário sinaliza os dias de pós-jogo (3, 6 e 14). O azul mais escuro (9) é o programa do dia do jogo do Brasil. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Ao observar os números expressos na tabela 2, é possível afirmar que o futebol feminino não ocupou, em nenhuma oportunidade, a maioria da edição no período analisado. Com duas datas de ausência de qualquer material que tratasse do tema, temos

23 dias que contaram com produções, sendo que quatro deles estão entre os menores índices de tempo por não chegarem a marca de um minuto (dias 1, 5, 7 e 17). Nessas 19 oportunidades em que ultrapassamos os segundos, são quatro edições na casa do um minuto (dias 4, 16, 21 e 23), com mínimo de um minuto e 15 segundos e máximo de um minuto e 32 segundos.

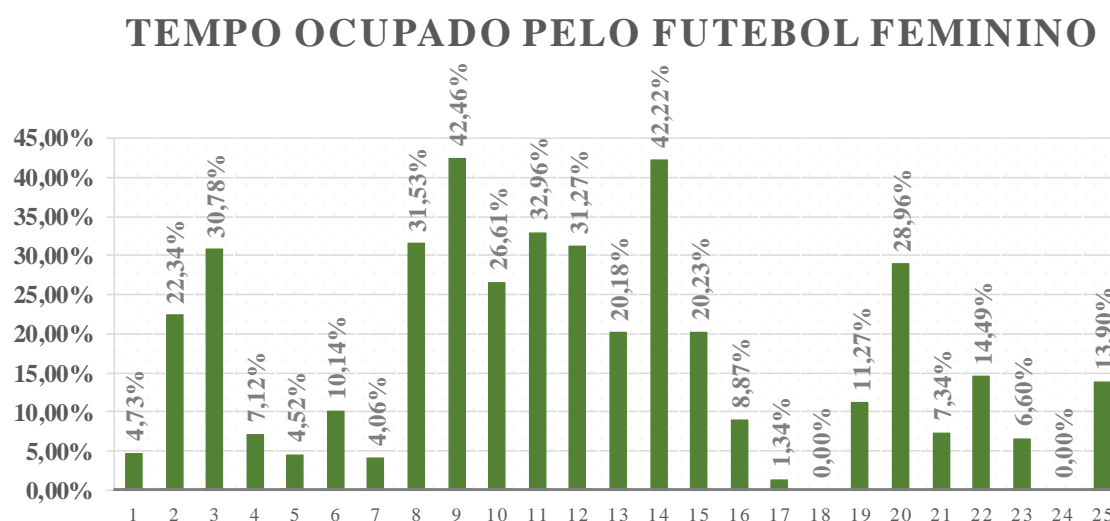
Com dois minutos, apenas os dias 6 e 19, com dois exatos e dois minutos e 23 segundos, respectivamente. Já na casa dos três, temos as edições 15, 22 e 25, com mínimo de três minutos exatos e máximo de três minutos e 14 segundos. Na casa dos quatro minutos, temos três momentos nos dias 2, 10 e 13.

Na sequência do agrupamento por índices de tempo, temos cinco minutos apenas no dia 12, seis minutos nas edições 3, 8 e 20 e sete minutos nos dias 9 e 11. Para finalizar, sem dados na casa dos oito, os nove minutos representam o máximo de tempo na edição 14. Nesse sentido, é necessário ressaltar que esses números se referem a uma soma de todas as menções ao futebol feminino, não a uma reportagem ou entrevista isolada.

Em suma, nessa segmentação proposta, temos maioria nos conteúdos na casa dos segundos e do um minuto, com quatro edições cada, reforçando a noção de tempo minoritário.

A seguir, ainda no sentido de entender o espaço ocupado pelo futebol feminino em cada edição analisada no Globo Esporte, temos o percentual em uma representação gráfica na qual é possível visualizar a variação desses tempos.

Gráfico 1 – Representação do tempo dedicado aos conteúdos sobre futebol feminino com relação ao total de cada edição analisada do GE



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

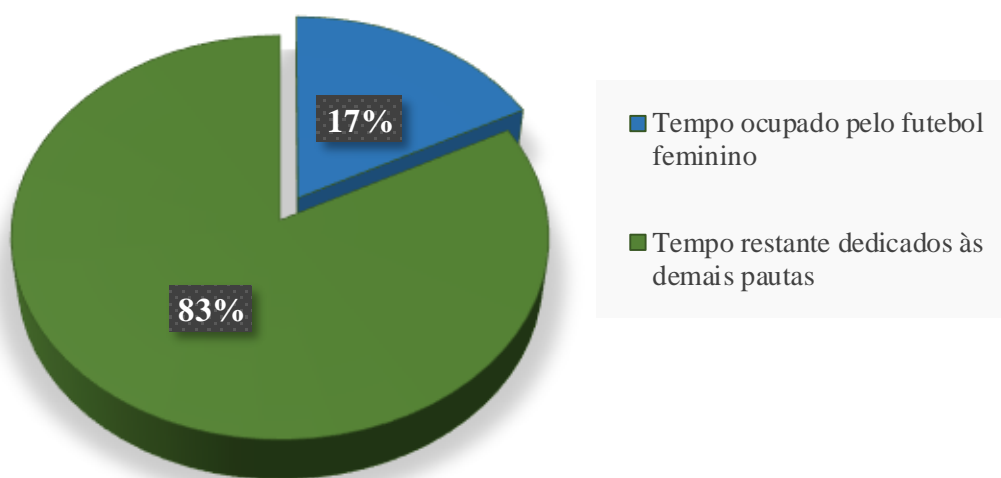
Desconsiderando as duas oportunidades em que os índices estão zerados, temos o mínimo na casa 17, ou seja, dia 27 de junho, em que a única menção ao futebol praticado por mulheres acontece quando o apresentador Felipe Andreoli, ao vivo no estúdio, exhibe o chaveamento das quartas de final da Copa do Mundo e anuncia a transmissão da partida entre Noruega e Inglaterra pelo canal fechado SporTV.

Já o pico do gráfico está na casa 9, que corresponde ao dia 18 de junho, data em que a seleção brasileira enfrentou a Itália na terceira rodada da fase de grupos. Como o jogo foi transmitido às 16h no horário de Brasília, apesar de ser uma edição no dia da partida, tratou-se de um conteúdo pré-jogo, tendo em vista que o programa veio antes do confronto. Nesse sentido, é interessante notar que, embora a edição 14, do dia 24 de junho, que trouxe os conteúdos a respeito da eliminação do Brasil da Copa, tenha tido o máximo de tempo, conforme evidenciado na tabela 2, em termos percentuais, o dia 14 atinge o auge do gráfico. Isso porque os sete minutos e 11 segundos de futebol feminino do dia 18 de junho representam mais do total de 16 minutos e 55 segundos do que os nove minutos e 35 segundos do total de 22 minutos e 42 segundos no dia 24 do mesmo mês.

Assim, depois de considerarmos individualmente cada edição, também elaboramos uma representação gráfica dos totais somados.

Gráfico 2 – O total de tempo ocupado pelos conteúdos sobre futebol feminino com relação ao tempo total das edições no período da Copa do Mundo de 2019

COMPARATIVO GERAL



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Sendo assim, como o total de tempo dos materiais analisados é de oito horas, 10 minutos e dois segundos, e a soma dos conteúdos que abordaram temas relacionados ao futebol de mulheres foi de uma hora 24 minutos 46 segundos, temos um percentual aproximado de 17%. O dado consolida a ideia de que, apesar da alta frequência das pautas sobre o esporte praticado por mulheres – 23 dos 25 dias analisados –, essa presença é minoritária em termos quantitativos quando levamos em conta o tempo na telinha.

Ao analisar as circunstâncias entre os meses de junho e julho de 2019, devemos levar em conta que o futebol feminino dividiu espaço com outras modalidades esportivas, como o basquete, o automobilismo e o tênis. Além disso, o período da Copa do Mundo foi quase que equivalente ao da Copa América de futebol masculino sediada pelo Brasil e, como consequência, as competições compartilharam seus tempos no programa. No entanto, justamente por conta da competição continental, os campeonatos disputados pelos times masculinos de São Paulo (e de todo o Brasil) foram paralisados. Por esta razão, as pautas sobre os clubes diminuíram durante a Copa América, apesar da presença de materiais, por exemplo, sobre negociação de jogadores, condição física dos atletas, jogos amistosos, preparação para o retorno, entre outras. É possível notar também que as pautas sobre o futebol nacional no âmbito dos clubes foi 100% restrita aos times masculinos.

Com as informações indicadas nos itens de 1 a 25 deste capítulo sobre cada uma das edições do Globo Esporte e os dados compilados na tabela 2 e nos gráficos 1 e 2, ainda pretendemos responder a algumas questões baseadas em aspectos quantitativos: no dia de maior tempo dedicado ao FF, quais foram as pautas veiculadas? Qual reportagem teve mais e qual teve menos tempo? Os dias de pré e pós jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo geraram mais tempo para o assunto no GE? Quantas reportagens colocadas no ar sobre futebol feminino foram sobre a seleção brasileira e quantas foram sobre outras equipes que participaram do torneio? Quantas pautas e quanto tempo foi dedicado às pautas sobre a Copa do Mundo (aspectos sobre a competição de 2019) e quantas pautas e quantos tempo abordaram outros elementos, como questões históricas e técnicas?

Conforme explicitado anteriormente, se levarmos em conta os dias isoladamente – sem considerar a relação com o total de tempo dos programas –, a edição em que o futebol de mulheres teve mais tempo na tela foi a 14, o que corresponde ao dia 24 de junho. A segunda-feira após a desclassificação da seleção brasileira no mundial começou com um quadro do GE, com duração de dois minutos e 44 segundos, que traz a reação de crianças

durante a partida, neste caso, do Brasil contra a França. Uma das reportagens veiculadas trouxe a história do jogo com diversos elementos que aprofundaram o assunto, como a reação das jogadoras e as perspectivas para o futuro da equipe. A segunda reportagem teve um caráter histórico e comparativo, pois destacou o fato de a autora do gol que eliminou o Brasil se chama Amandine Henry, e que outro francês, Thierry Henry, também foi responsável pela eliminação da seleção masculina na Copa de 2006. A partir daí resgata-se confrontos do passado do time de homens diante da França. As matérias tiveram, respectivamente, quatro minutos e 24 segundos e um minuto e 53 segundos. Tudo isso somado à abertura, às chamadas e ao pé (comentários ou informação complementar após as reportagens), temos nove minutos e 35 segundos em uma edição marcada pela cobertura da eliminação.

Ainda nessa investigação com base no tempo, levando em consideração apenas as matérias – o que significa deixar de fora entradas ao vivo, comentários e notas, por exemplo –, o conteúdo mais rápido, isto é, que tem menor duração, é uma matéria de 42 segundos narrada pela repórter Carol Barcellos, no dia 18 de junho, com as informações sobre classificações e eliminações após a terceira rodada da fase de grupos da Copa do Mundo. São exibidos os gols e os resultados dos confrontos: França classificada contra a Nigéria; Noruega classificada contra a eliminada Coreia; Alemanha, garantida na próxima fase, contra a África do Sul, que não passou para as oitavas; China e Espanha, ambas classificadas.

Já a reportagem de maior duração, com quatro minutos e 23 segundos, é justamente a que foi exibida no dia 24 de junho e tem como pauta a eliminação da seleção brasileira diante da França na Copa do Mundo. Conforme a descrição anteriormente fornecida, a reportagem de Raphael De Angeli inclui trechos da transmissão ao vivo da partida, entrevistas das jogadoras depois do jogo, exibição dos gols e principais momentos do confronto.

Com esses materiais, é interessante notar que ambos os lados, de menor e maior espaço, tratam de aspectos ligados aos resultados da Copa do Mundo. No entanto, um conteúdo com as informações gerais sobre diversas seleções se diferencia da reportagem que contou toda a história da eliminação da seleção brasileira no campeonato em termos de relevância e de aspectos trabalhados. Ao contrário da objetiva matéria de Carol Barcellos, que foca unicamente nos resultados, a reportagem de Raphael De Angeli apresenta diversos elementos, como a decepção das jogadoras, o equilíbrio entre as adversárias na partida, o sentimento do povo brasileiro com a derrota, as declarações das

atletas, os compromissos do time no futuro e até mesmo a presença ou não de Marta e Formiga na edição seguinte do mundial.

A centralidade da seleção brasileira também é um fator a ser levado em conta, tendo em vista que todos os jogos da equipe foram transmitidos ao vivo pela emissora. No entanto, não se trata de uma regra que as reportagens dos jogos do Brasil sejam as de maior duração, haja vista, por exemplo, que a matéria que uniu a história da vitória das brasileiras contra a Itália e do gol histórico de Marta – que fez dela a maior artilheira de todos os mundiais – teve dois minutos e 37 segundos, enquanto o material que trouxe a situação da seleção argentina na Copa do Mundo teve três minutos e dois segundos – a matéria trazia a luta das mulheres argentinas para não serem desclassificadas do torneio.

Diante desse fator, é possível questionar também se a derrota se estabelece como um fator de destaque. Afinal, o maior conteúdo de todo o período em que o mundial foi coberto foi a eliminação do Brasil. Já Argentina não havia protagonizado (nem integrado) nenhuma pauta até o jogo decisivo contra a Escócia e sua eliminação devido à combinação de resultados com o jogo entre Camarões e Nova Zelândia. A matéria do jogo entre as sul-americanas e as europeias ressaltava a improbabilidade dos fatos ocorridos, isso porque o time escocês abriu 3 a 0 no placar, e as argentinas buscaram o empate aos 48 minutos do segundo tempo.

Da mesma maneira aconteceu com a seleção chilena, que só se tornou assunto do GE em sua desclassificação. Inclusive, a narração dessa história teve como foco o fator de curiosidade, o tom inusitado da eliminação, que foi, depois de fazer dois gols, perder um pênalti que poderia garantir a vaga na fase seguinte.

O mesmo padrão foi seguido na única matéria sobre o Japão, país que foi campeão do mundo em 2011: a pauta foi a derrota das japonesas diante da seleção holandesa nas oitavas de final, e o enfoque dado à matéria foi o inesperado desfecho depois do time japonês ter perdidos diversas oportunidades de marcar.

Retomando a discussão sobre a centralidade da seleção brasileira nos conteúdos do GE, buscamos entender se as coberturas que precederam e sucederam os jogos da equipe na Copa do Mundo geraram índices altos de tempo para o assunto no programa. Levando em consideração que os dias 2, 3, 5, 6, 9, 13 e 14 representam as edições pré e pós jogos do Brasil e que, ao mesmo tempo em que temos um dia em que ficamos na casa dos segundos e a data que tem o número de tempo mais alto, uma média nos dará uma noção mais exata. Aos somarmos todos os tempos e dividirmos por sete, temos uma média de cinco minutos e quatro segundos. Já nos 18 dias que não tinham essa relação com as datas

dos jogos, temos uma média de dois minutos e 44 segundos. Logo, as edições que possuem relação com as partidas do Brasil trazem mais tempo para as pautas sobre futebol feminino.

A tabela a seguir, além de ilustrar a relação já indicada, demonstra a diferença entre as edições que antecederam os jogos – nesta, está a incluída a do dia 18 de junho porque o programa foi exibido antes da partida – e as que repercutiram os confrontos do Brasil.

Tabela 3 – Média de tempo das edições do Globo Esporte com relação às datas de jogo do Brasil na Copa do Mundo

Relação com partidas do Brasil no mundial	Média de tempo
Pré-jogo	4 min 16 s
Pós-jogo	6 min 8 s
Pré e pós-jogos	5 min 4 s
Dias sem pré e pós-jogo	2 min 44 s

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Dessa forma, ainda podemos observar que a repercussão dos resultados, ou seja, os conteúdos que aparecem depois que os jogos aconteceram, ocupa um espaço maior do que às notícias que precedem os confrontos ou que não integram as datas mais próximas às partidas.

Com essas informações, concluímos que a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo da Fifa rende mais tempo ao futebol feminino no Globo Esporte, ressaltando a relevância do esporte em sua relação com a competição e com os resultados quando comparado com os dias de cobertura jornalística em que essa orientação à disputa é menos marcante.

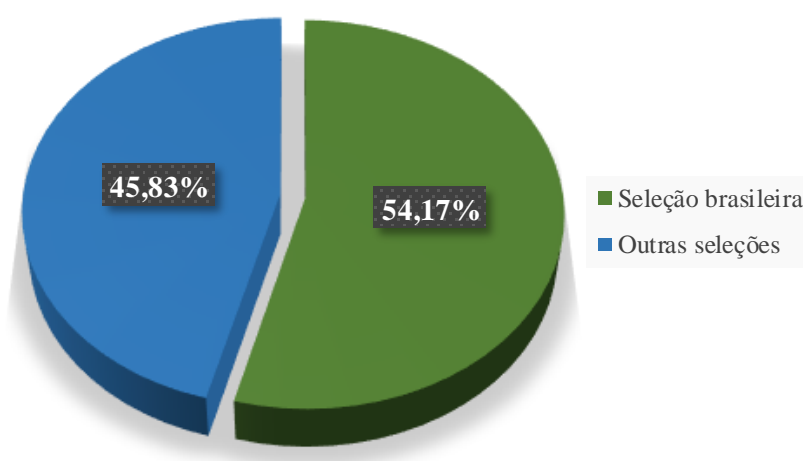
Ainda com o objetivo de conhecer os números que revelam o protagonismo das pautas envolvendo a seleção brasileira e a centralidade dos assuntos relacionados aos aspectos competitivos da Copa do Mundo, investigamos quantas reportagens que abordaram o futebol feminino tiveram como foco a seleção brasileira e quantas trouxeram outras seleções, além de quantificar as reportagens e o tempo dedicado ao torneio ou a outros elementos, como questões históricas. Nesse sentido, também nos restringiremos às matérias/reportagens, desconsiderando conteúdos como chamadas ou entradas ao vivo.

Das 24 reportagens exibidas, a seleção brasileira é o foco em 13, enquanto outras equipes ocupam posições de destaque nas outras 11. Em termos percentuais, são 54,17% de matérias em que a temática central é o Brasil, e 45,83% outros países. Entre as nações

representadas, temos a Tailândia, a Argentina, o Chile, os confrontos entre Camarões e Nova Zelândia, Japão e Holanda, Estados Unidos e França, Estados Unidos e Inglaterra, Estados Unidos e Holanda, além de gols de rodada que incluíram diversos times.

Gráfico 3 – Quantidade de reportagens que trataram de assuntos ligados à seleção brasileira e foram protagonizadas por seleções de outros países

FOCO DAS REPORTAGENS



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

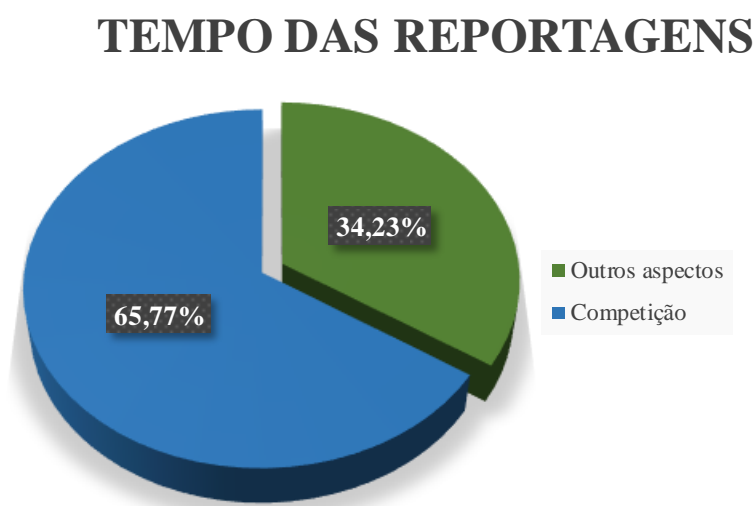
Embora seja possível afirmar que há uma preferência para reportagens sobre a seleção brasileira porque, sozinha, foi a equipe que somou mais materiais, temos uma parcela marcante de produções sobre outras seleções, com um crescimento notável após a eliminação do Brasil no campeonato, momento a partir do qual os confrontos decisivos da Copa do Mundo ganharam mais espaço – todas as reportagens a partir da edição 16 tratam de outras seleções que não a brasileira.

Para entender a incidência de reportagens voltadas unicamente à competição, isto é, que trazem lances, dados, resultados e temáticas que se referem ao torneio em si ou aos confrontos, as diferenciamos daquelas que tiveram como encaminhamento questões analíticas, contextos históricos ou elementos além dos campos da França, entre outros aspectos. Tomando como base as 24 reportagens sobre o futebol de mulheres no período estudado, identificamos 16 cujas pautas privilegiavam o campeonato e oito que exploraram pontos além das disputas em si. Essas oito incluem: entrevista do comentarista Muricy Ramalho com o técnico Vadão em Itu; matéria sobre mulheres que torceram para a seleção feminina em um bar em São Paulo; matéria sobre grupo de mulheres que criou uma música para seleção brasileira; reportagem histórica sobre a

jogadora Sissi; matéria sobre lesões de jogadoras brasileiras; matéria que comparou histórico de eliminações de seleções brasileiras de futebol (masculino e feminina) diante da França; reportagem sobre o desembarque das jogadoras no Brasil e recepção da torcida após a eliminação na Copa do Mundo; matéria sobre treinadoras mulheres na final do torneio.

É possível observar que todas as oito reportagens têm como pano de fundo a Copa do Mundo, mas não tratam de resultados ou dos confrontos propriamente ditos: elas analisam cenários, retomam dados históricos e trazem informações extracampo. Nesse sentido, são minoria tanto em quantidade quanto em tempo: essas reportagens somaram 17 minutos e 36 segundos, enquanto as 16 pautas sobre os jogos totalizaram 33 minutos e 49 segundos.

Gráfico 4 – Representação do tempo total das reportagens cujas pautas abordaram elementos da Copa do Mundo e das pautas que focaram em outros aspectos



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em suma, podemos afirmar, apoiados nos dados apontados até aqui, que, durante o mês analisado, tivemos uma participação frequente, porém minoritária de conteúdos sobre o futebol de mulheres no Globo Esporte. As pautas sobre futebol feminino dividiram espaço com outras modalidades esportivas, mas especialmente com a cobertura da Copa América de futebol masculino. Assim, as reportagens veiculadas pelo programa na TV aberta privilegiaram assuntos referentes à seleção brasileira e trataram, em sua maioria, de elementos que envolveram a Copa do Mundo da Fifa, focando nos elementos competitivos do evento, como os fatos que envolveram as partidas e os resultados.

9.2 Aspectos qualitativos

Neste item, buscamos destacar, discutir e aprofundar aspectos observados no Globo Esporte São Paulo e expostos na descrição das edições durante o período estudado e também com base em alguns dos apontamentos que surgiram na análise quantitativa.

9.2.1 Regra masculina na cobertura

A primeira constatação a respeito do conteúdo do GE de São Paulo foi que, embora o futebol seja o foco do programa, temos, de fato, a presença de pautas que contemplam outras modalidades esportivas, o que é uma proposta do programa destacada na descrição que a emissora faz da atração. Nesse sentido, dos citados vôlei, ginástica, Fórmula 1 e futebol, os dois primeiros esportes ficaram de fora dos assuntos veiculados durante o tempo selecionado para esta análise. No entanto, além do futebol, tênis, automobilismo, basquete e artes marciais marcaram presença nas pautas do programa. É interessante destacar que a *National Basketball Association* ou NBA, isto é, a principal liga profissional de basquete da América do Norte, dominou o noticiário deste esporte, com nenhum espaço, por exemplo, para as mulheres que praticam a modalidade, seja no Brasil ou no mundo. E, neste recorte de gênero, a Fórmula 1, uma das principais modalidades de automobilismo do mundo, em sua categoria principal e mais avançada, que apenas dividiu espaço com a Stock Car no GE, tem apenas homens em seu quadro de pilotos titulares das equipes. Esses fatos demonstram que a história feminina no esporte – não apenas no futebol – encontra diversas barreiras na busca por visibilidade midiática, tendo em vista que a tendência no jornalismo esportivo é a exibição de modalidades e categorias consagradas por histórias marcadas pela dominação masculina.

Foi possível identificar também que, no âmbito dos clubes, no GE de São Paulo, as equipes de futebol da capital paulista, Palmeiras, Corinthians e São Paulo, e o Santos ocupam um espaço privilegiado. No início do período estudado, ou seja, a partir do dia 7 de junho de 2019, os times disputavam campeonatos nacionais, os quais foram paralisados com o início da Copa América – que teve o Brasil como sede – no dia 14 de junho. Com as atenções voltadas para as seleções, as notícias dos clubes se tornaram menos frequentes, mas não deixaram de aparecer na ausência das competições. As pautas incluíam jogadores lesionados e recuperados, contratações e dispensas, treinamentos, jogos amistosos, expectativas para o retorno dos torneios e futuros compromissos. No entanto, assim como já destacado no item anterior, no que diz respeito aos clubes, somente as equipes masculinas tiveram visibilidade no GE. Nem mesmo em um período em que o

futebol feminino estava em evidência por conta da Copa do Mundo da Fifa e com declarações de apoio à modalidade por parte do (s) apresentador (es) e dos comentaristas (como veremos a seguir), o cenário nacional do futebol de mulheres sequer foi citado no Globo Esporte. Além de Corinthians e Santos, na primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2019 havia Audax, Ferroviária, São José e Ponte Preta como representantes do Estado de São Paulo. Palmeiras e São Paulo, além de Portuguesa e Taubaté disputaram a série A2 do Brasileirão. No entanto, nenhuma das equipes foi mencionada em uma notícia, reportagem, nota ou entrada ao vivo.

Dessa forma, questionamos a validade e a abrangência desse citado apoio ao futebol feminino brasileiro e a visibilidade conferida ao esporte praticado por mulheres. Isso porque, como constatado quantitativamente, a frequência de pautas relacionadas à Copa do Mundo foi significativa durante o torneio, já que foram 23 dos 25 dias do *corpus*. Todavia, os mundiais e outros campeonatos marcantes do calendário das seleções, a exemplo dos Jogos Olímpicos, acontecem de quatro em quatro anos. Sendo assim, no que se refere à cobertura de eventos esportivos no âmbito da competição, são os clubes que formam o noticiário do dia a dia no jornalismo esportivo. Quando não há espaço para os clubes ou se os campeonatos nacionais femininos sequer se tornam pautas dos programas, a visibilidade fica restrita a períodos curtos e ocasionais como os megaeventos em questão.

Elogios, manifestações de apoio e torcida foram frequentes no Globo Esporte, principalmente por parte do apresentador Felipe Andreoli nos “pés”, ou seja, nos comentários após os conteúdos exibidos em reportagens ou entradas ao vivo. “Vamos para cima da Austrália que o jogo é importante”; “Que esse time continue afinado nos próximos jogos também”; “A mulherada dando aula no campo e fora dele”; “Vamos Martinha, o Brasil precisa de você.”; “Para cima delas, de preferência, com Marta”; “As ‘minas’ estão com ‘mucha’ raça. Foram bem demais”; “A Copa do Mundo Feminina está fantástica”: são alguns dos exemplos de falas do jornalista tanto com relação à competição quanto à seleção brasileira em si.

No que se refere à equipe nacional, podemos interpretar que se trata de uma expressão normalizada pelo jornalismo esportivo brasileiro e aderida pelo GE. Isso porque, se nem todos os jornalistas declaram suas torcidas por clubes de futebol, a seleção brasileira se caracteriza como um setor que “une” os profissionais como uma espécie de “campo neutro” no qual não há questões envolvendo ética, parcialidade ou controvérsias na recepção do público. O time nacional carrega consigo a ideia de representação do país,

o que faz com que o jornalista à frente do GE possa declarar abertamente a torcida por esta equipe.

Já a valorização tanto da Copa do Mundo quanto das atletas ou do futebol feminino pode ser vista como uma forma de ampliar ou demarcar a importância dessa pauta veiculada pelo programa naquele momento e presente na emissora pela primeira vez na história em transmissões ao vivo. Isto é, pode se tratar de uma forma de enaltecer um produto da Globo ao mesmo tempo que podemos entender como um posicionamento editorial, no sentido de estabelecer que o programa valoriza e dá visibilidade ao futebol feminino. Quanto a este último ponto, para a ressalva com relação à ausência de conteúdos sobre os clubes e as mulheres que jogam futebol feminino fora da esfera das seleções e dos megaeventos. Isso porque, por mais que declarações de apoio possam ser consideradas uma forma de o programa consolidar a noção de que o futebol feminino é uma pauta legitimada no Globo Esporte, os questionamentos sobre a abrangência dessa legitimação acabam surgindo pela falta de conteúdos a respeito da modalidade na esfera nacional com, por exemplo, o Campeonato Brasileiro das séries A e B.

Nesse caso, temos a inserção de um novo olhar com relação ao futebol feminino, com conteúdos que afirmam a qualidade do Copa do Mundo e enaltecem o futebol de mulheres no evento, ao mesmo tempo em que há a manutenção de padrões históricos estabelecidos no jornalismo esportivo brasileiro, com escolhas como a dedicação de um espaço (tempo) minoritário para as pautas e a não cobertura de competições nacionais.

9.2.2 Dualidade e questões residuais

Essa dualidade também pode ser verificada quando temos conteúdos que chamam a atenção para a desigualdade de gênero no futebol coexistindo com questões residuais que demonstram essa mesma desigualdade de gênero no tratamento das pautas sobre futebol feminino. Com questões residuais, nos referimos a aspectos identificados no passado que continuam perceptíveis no presente.

Willians (2011, p. 56) pondera sobre essa ideia de “residual”, apontando que se refere a algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou expressos nos termos na cultura dominante e “são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais como sociais –, de formações sociais anteriores”. Nesse sentido, verificamos que tais demonstrações de desigualdade de gênero não têm origem na conjuntura atual, mas seguem uma tendência histórica da relação do jornalismo esportivo com o futebol de mulheres, cujos resíduos permanecem.

Assim, o Globo Esporte São Paulo deu espaço para a música “Jogadeira”¹⁰³ em uma reportagem, com uma letra que, entre outras passagens, diz: “Desde pequena muito preconceito; ‘Aqueles papo’ futebol não é pra mulher; Mas aprendi a dominar no peito; Pôr no chão e responder com a bola no pé”. No decorrer das edições, o GE exibiu uma entrevista da jogadora Marta sobre a desigualdade salarial com base no gênero no futebol, questionou as atletas, quando elas estavam presentes no estúdio, sobre os investimentos na modalidade no contexto nacional e produziu uma reportagem sobre a presença de mulheres no comando das seleções da Copa na posição de treinadoras.

No entanto, foram diversos os momentos em que o futebol masculino foi comparado ou colocado como referência para a prática feminina, além de existirem abordagens que trazem à tona a sexualização de mulheres e o retrato de padrões de feminilidade.

Na reportagem sobre o jogo de estreia do Brasil na Copa do Mundo, em que a seleção venceu a Jamaica por 3 a 0, todos os tentos foram marcados por Cristiane. Com esse feito, a atacante se tornou a atleta mais velha a fazer três gols em mundiais, superando o português Cristiano Ronaldo. E essa foi a informação que guiou a abertura da reportagem.

Figura 45 – Reportagem sobre jogo da Copa do Mundo Feminina que traz Cristiano Ronaldo como gancho para falar sobre Cristiane



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora.

¹⁰³ “Jogadeira - Cacau feat Gabi Kivitz”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GUqh-phwUk>>. Acesso em 2 de junho de 2021.

A voz em off do repórter Guido Nunes, que acompanhou as imagens anteriores, dizia: “Se você gosta de futebol, completar esse nome deve ser fácil”. Em seguida: “Não, não é o Cristiano Ronaldo. É a Cristiane Rozeira”. Com tal construção, a reportagem não apenas informou a quebra do recorde, mas também utilizou a imagem do jogador homem como padrão universal na sugestão de que o pensamento automático das pessoas que gostam de futebol seria voltado para o futebol masculino.

Na matéria sobre a goleada sofrida pela Tailândia no mundial por 5 a 1 contra a Suécia, a comparação estabelecida foi com o 7 a 1 sofrido pela seleção masculina do Brasil contra a Alemanha em 2014. Ao retratar os acontecimentos da partida da seleção argentina na Copa feminina, a seleção masculina foi usada como gancho. O apresentador Felipe Andreoli disse na chamada: “A gente sabe da rivalidade Brasil e Argentina no futebol. Mas eu quero saber se você teria coragem de secar as ‘hermanas’ também”. A matéria com narração do apresentador é aberta com a situação da seleção argentina na Copa América, brincando com o fato de os brasileiros terem “secado” o jogador Lionel Messi.

Andreoli, ao anunciar o jogo do Brasil contra a França, com informações de data, horário e transmissão, disse que não tinha “boas lembranças desse confronto”, mas que “quem sabe não cabe às minas quebrar essa ‘zica’”, em uma referência às eliminações da seleção brasileira masculina contra a França em Copas do Mundo. Em outro momento, ao falar sobre uma jogadora da seleção holandesa, o comentário de Andreoli foi que “camisa 14 dá sorte para a Holanda, era a camisa do Crujfff”, em uma alusão ao jogador da seleção masculina Johan Crujfff.

Com esses exemplos, é possível identificar que as referências acessadas são masculinas. O sentimento após uma goleada, a rivalidade esportiva, as lembranças de derrotas, o jogador que representa a numeração de uma camisa: tais elementos, tão comuns e frequentes nas histórias sobre o futebol, são retomados com base no esporte praticado por homens, mesmo que as narrativas contadas sejam as femininas.

No programa que retratou a eliminação do Brasil da Copa do Mundo, houve uma matéria inteira dedicada à comparação. Conforme descrito na edição do dia 24 de junho, Andreoli narra a reportagem: “Futebol e suas cruéis coincidências. Se tem uma pedra no sapato brasileiro, essa pedra é a França. Mulherada, eu sei que vocês não gostam da comparação entre homens e mulheres quando o assunto é futebol. Não só futebol, eu sei. Pelé é o rei. Marta é a Rainha. Simples assim. A Marta não é o Pelé de saias; A Marta é a Marta. De calção mesmo. Mas, no final das contas, a gente não está dizendo que a Marta

é a maior artilheira da história de todas as Copas? Então, ó, dá licença que eu vou fazer uma comparação, sim senhoras, e senhores”. Com isso, justifica: “O sofrimento num jogo de Copa do Mundo não tem gênero, não tem cor. Quer dizer, para o Brasil, tem cor. O Azul. *Allez Le Bleu*. Tem cor e tem sobrenome: Henry. Em 2006 foi Thierry. Ontem foi a Amandine”. Em seguida, lembra outros jogadores franceses que fizeram gols no Brasil e retoma o histórico da seleção brasileira contra a francesa.

Diante desse cenário, podemos perceber que, por mais que as derrotas da seleção masculina tenham sido televisionadas, trabalhadas diversas vezes quando o assunto era Copa do Mundo dos homens, que os jogadores já sejam conhecidos e que suas trajetórias já estejam marcadas no futebol, quando um resquício dessa história tem a chance de aparecer, ela é automaticamente acessada. Já a história do futebol de mulheres, que é pouco conhecida, pouco legitimada e trabalhada pela mídia, mais uma vez perde espaço para a retomada de contextos conhecidos pela maioria do público. Dessa forma, mesmo quando o momento é de falar da seleção feminina, afinal, era a Copa delas, o uso insistente de referências masculinas atua como uma maneira de ignorar e silenciar a trajetória feminina nesse esporte. É nesse sentido que questionamos: não há uma goleada na história do futebol de mulheres que possa ser acessada como uma memória de uma derrota dolorida? Não há uma rivalidade no futebol feminino que possa ser gancho para uma matéria? E, para ambas as perguntas, a resposta é sim. Porém, essas referências não são acionadas.

Ainda nesse sentido, temos um momento em que há, novamente, comparação e também uma menção à beleza feminina. Na oportunidade em que o GE recebeu as jogadoras brasileiras Cristiane, Tamires e Andressa no estúdio, o apresentador abriu o programa dizendo: “É praticamente um quarteto fantástico, é melhor que aquele Adriano... Já esqueci os outros (jogadoras riem e ajudam ele a completar) Ronaldo, Ronaldinho e Kaká. E muito mais bonito também”, declara o apresentador.

É possível analisar que, ao colocar as três atletas no mesmo patamar do “quarteto fantástico” da seleção masculina da Copa de 2006, Andreoli o fez em tom de elogio, como se a posição celebrada dos jogadores citados fosse usada para legitimar o padrão atingido pelas jogadoras. E a menção à estética dessas mulheres resgata uma questão histórica do jornalismo esportivo brasileiro, tendo em vista que a beleza das atletas, como verificamos nos capítulos anteriores deste trabalho, especialmente no item 6.1, foi utilizada como forma de desqualificar suas aptidões esportivas e colocada como foco em diversas oportunidades, negligenciando suas funções técnicas e táticas, por exemplo.

A menção à estética e aos padrões de feminilidade pode ser verificada em outro momento, quando a finalização da reportagem com sobre a desclassificação da seleção chilena foi narrada da seguinte maneira: "O choro das chilenas foi tocante. As unhas, que estavam pintadas nas cores da camisa vermelha do Chile, tampavam os rostos que, por pouco, não estamparam sorrisos e lágrimas de alegria".

Figura 46 – Imagem da reportagem sobre a derrota chilena na Copa do Mundo



A menção às unhas pintadas na narração foi apoiada nesta imagem. Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Assim como aconteceu na década de 1970, as unhas das jogadoras integraram a narrativa sobre um jogo de futebol. Ao analisar a ocasião no século passado, Elsey e Nadel (2019, p. 130) pontuam que “o fato de terem crescido as unhas sugeria feminilidade (e heterossexualidade)”. No caso da Copa de 2019, era a unha pintada da mesma cor do uniforme. Essa retomada de padrões de feminilidade traz à tona um discurso velado que tenta colocar em um lugar aceitável e normalizado – o de ser feminina e pintar as unhas – as mulheres que ocupam espaços de domínio masculino, como o futebol.

Ademais, é interessante ressaltar que as questões residuais no tratamento da imagem feminina não se restringiram às pautas sobre futebol de mulheres. Isso porque, na matéria do dia 24 de junho, no quadro humorístico do GE “Soy Louco por ti América”, em que o repórter Lucas Strabko assumia o personagem “Cartolouco”, ele abordou torcedoras peruanas nos arredores do estádio em que a seleção do Peru jogaria contra o Brasil na Copa América masculina. O repórter disse, misturando português e espanhol, às torcedoras estrangeiras, que havia uma tradição de boas-vindas muito forte no Brasil,

que era um beijo de amigos. As duas beijaram o repórter e, seguida, ele completou: "eu amo a Copa América".

A cena faz parte da reportagem que coloca como proposta a exibição dos bastidores da vitória brasileira na cidade de São Paulo. Com isso, diversos torcedores foram entrevistados em tom de “brincadeira”, e apenas as duas peruanas foram colocadas no cenário da tradição inventada.

Figura 47 – Sequência do quadro “Soy louco por ti América”



Fonte: Captura de tela realizada pela autora.

A circunstância exibida na reportagem, além de sexualizar as mulheres, coloca-as em uma posição de enganadas pela mentira do repórter. O reforço de um padrão de comportamento heterossexual, de um repórter homem que se aproveita de uma situação diante de mulheres estrangeiras, que falam outra língua e não conhecem as “tradições” brasileiras, é marcante. Nesse caso, não são as atletas praticantes do futebol feminino, mas sim mulheres que cumprem outro papel no universo do futebol, o de torcedoras, que são atingidas pela conduta misógina do repórter.

Se, para Manne (2018), a misoginia deve ser entendida principalmente como o ramo de “aplicação da lei” de uma ordem patriarcal, que tem a função geral de policiar e fazer cumprir suas normas e expectativas regentes, e assim o faz ao zombar e sexualizar mulheres, temos um exemplo desse tipo de conduta. Isso porque o ato do repórter coloca essas mulheres, em uma matéria sobre futebol, na condição de objetos do qual ele pode se aproveitar fisicamente e debochar.

9.2.3 Gêneros, formatos jornalísticos, critérios de noticiabilidade e valores-notícia

Foi possível constatar no período analisado que reportagens e entradas ao vivo são as formas mais recorrentes no Globo Esporte São Paulo de apresentar as informações ao público. Notas peladas e notas cobertas também se fizeram presentes, mas a frequência maior esteve nas matérias e nas passagens dos repórteres – foram 24 reportagens e 16 entradas ao vivo em 25 edições.

No que diz respeito às passagens ao vivo, observamos a tendência na utilização dessa “transmissão direta pelos telejornais tanto para a produção de um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto para a construção de um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação” (FECHINE, 2006, p. 1).

As entradas ao vivo no GE foram invariavelmente de curta duração se comparadas às matérias, tendo em vista que estiveram entre 30 segundos e um minuto – com poucas exceções. Ademais, acontecerem em locais que se aproximaram de alguma forma dos fatos retratados. No caso da Copa do Mundo de Futebol Feminino, os estádios em si, os arredores ou pontos das cidades em que os jogos seriam/foram realizados se mostraram as escolhas mais comuns.

Por isso, entendemos que as entradas ao vivo foram uma forma de colocar o público no local onde o evento estava acontecendo, além de, em alguns cenários, reforçar a credibilidade da notícia ao transmiti-la por meio de uma pessoa/profissional que presenciou os fatos e apurou as informações *in loco*. Na maioria das vezes, as entradas dos repórteres no GE aconteciam ao vivo, sem cortes, mas não eram em tempo real, isto é, não eram simultâneas aos acontecimentos mencionados. Em algumas oportunidades, os repórteres eram acionados até mesmo para chamar matérias ao vivo.

Paralelamente a essas funções de atualidade, credibilidade e confiabilidade, compreendemos que esse formato que tem como uma de suas características, no programa, a brevidade é um indicativo da forma como as informações sobre o futebol feminino foram tratadas no GE. Isso porque, conforme ressaltado anteriormente na análise quantitativa, o tempo, na televisão, é um fator capaz indicar ou, pelo menos, dar pistas a respeito da profundidade conferida ao assunto e também da importância da pauta. Com isso, e em posse dos números que indicam que o futebol feminino não ocupou maioria de tempo em nenhuma edição durante a Copa do Mundo, concluímos que a constância das entradas ao vivo é um indicativo de uma tendência de superficialidade nas temáticas que retratam o futebol de mulheres. Esse dado também é uma razão para

questionarmos a abrangência do declarado apoio ao futebol de mulheres pelo GE e pela emissora. Afinal, esse apoio pode ser considerado restrito e superficial.

No que diz respeito às reportagens, a análise quantitativa identificou uma propensão no Globo Esporte São Paulo: pautas sobre a seleção brasileira e que tratavam da Copa do Mundo. A maior incidência de matérias sobre a equipe nacional sugere que, em competições mundiais, o interesse maior do jornalismo esportivo brasileiro é o Brasil. Além disso, por se tratar de um período em que novidades no âmbito da competição eram diárias, foi justamente o torneio que protagonizou a maioria dos conteúdos. Lage (2002, p. 61) elabora que “no campo das avaliações empíricas, alguns itens são consideráveis: a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo, a oportunidade”.

Com base nos elementos e informações em que as reportagens do programa foram construídas, é possível observar que a seleção nacional acessa o sentido de identificação e de proximidade com relação ao público do país. Já a Copa do Mundo aciona a noção de atualidade, tendo em vista que a competição tem a capacidade de gerar notícias diariamente no período em que é disputada. E ainda poderíamos acrescentar que o fato de ser um grande evento que acontece a cada quatro anos e aumenta a sua relevância pelo fator raridade.

Nesse sentido, nos voltamos ao eixo dos critérios de noticiabilidade para entender a forma como algumas das seleções estrangeiras foram retratadas.

[...] compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p. 96)

Conforme verificado na análise quantitativa, enquanto a seleção brasileira ainda disputava a Copa do Mundo, a maioria das reportagens sobre seleções de outros países tinha como valor-notícia a curiosidade e a emoção na tristeza pela derrota. Foi assim com a seleção tailandesa, que sofreu goleadas elásticas, e com a argentina, que não havia sido mencionada pelo programa até uma partida decisiva diante da Escócia e sua posterior eliminação devido à combinação de resultados com o jogo entre Camarões e Nova Zelândia. A seleção chilena – na reportagem em que até mesmo as unhas pintadas da atleta cobrindo o rosto com lágrimas foram citadas – e a japonesa também só se tornaram assuntos do GE em suas desclassificações narradas como curiosas ou inusitadas.

Assim, como no período estudado também tivemos pautas sobre a Copa América masculina, foi possível perceber por meio da competição continental que os conteúdos sobre equipes estrangeiras foram constantes, com o foco voltado tanto para os resultados e histórias dos jogos, quanto para conteúdos além das quatro linhas. Por exemplo, foi contada uma história de torcedores que haviam comprado ingressos antecipadamente sem saber quem se classificaria para aquela fase, e que, por isso, foram surpreendidos com o chaveamento que levou ao confronto entre Colômbia e Chile. Outro exemplo é a Argentina, considerada rival histórica do Brasil no futebol masculino. Sobre ela, reportagens e entradas ao vivo falaram sobre jejum de títulos, agenda, análise da atuação de jogadores, entre outras.

Com isso, nos atentamos especialmente à trajetória histórica do futebol feminino como fator de impacto na construção dos conteúdos noticiosos. Isto é, no caso da Argentina, por exemplo, a sua trajetória por si só na Copa do Mundo (atuação das jogadoras, história, gols, resultados, torcida, entre outros) não foi considerada noticiável para o GE até que surgisse um aspecto curioso, inusitado e que fosse feito um gancho com a seleção masculina – como, de fato, aconteceu. A seleção japonesa é outro demonstrativo: por já ter se destacado na competição com o título mundial de 2011, poderia ser um dos times a ocupar um espaço privilegiado na cobertura da Copa do Mundo, mas só teve visibilidade com sua eliminação. A Alemanha, outra campeã do mundo, só teve seus gols exibidos em uma única oportunidade no conteúdo mais rápido das 25 edições analisadas (uma matéria de 42 segundos narrada pela repórter Carol Barcellos no dia 18 de junho).

Diante de tais fatos, entendemos que a falta de legitimidade (decorrente de um arranjo de fatores sociais, políticos, históricos e econômicos) dos assuntos referentes ao futebol feminino na televisão aberta brasileira, no jornalismo esportivo e na emissora em questão é um fator capaz de agir no processo de produção das notícias, que se tornam mais superficiais e breves. E, com essa linha de raciocínio, também podemos analisar as questões residuais expostas no item anterior (9.2.2).

Isso porque podemos dizer que o repertório pessoal e profissional de jornalistas, produtores e editores, a forma como a emissora vê seu público que consome futebol e a relação do jornalismo esportivo com o assunto futebol de mulheres impactou na construção das notícias que tinham como foco a modalidade feminina. As referências constantes ao futebol masculino, a afirmação, por exemplo, sobre a associação direta com o atleta português Cristiano Ronaldo para aqueles que gostam do esporte, o acesso a

questões estéticas de reforço a padrões de feminilidade e heterossexualidade e o tratamento misógino de um repórter com relação a torcedoras mulheres são demonstrações disso.

Ainda tentando entender por qual razão a história das mulheres no futebol impacta a forma como as notícias e os conteúdos jornalísticos são construídos no jornalismo esportivo brasileiro, recorreremos às análises de Lippmann (2008) sobre os estereótipos. O autor pontua que “os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados e dos hábitos de nossos olhos”. Para pensarmos sobre as notícias e as reportagens, “torna-se indispensável supor que por trás de toda categorização operacionalmente viável de valores-notícias [...] localiza-se uma complexa dinâmica de escolhas e influências permeadas – em diferentes níveis – por relações simbólicas de poder” (SILVA, 2014). Dessa forma, partindo das duas ideias apresentadas, entendemos que os olhares para a realidade, os quais são componentes da construção de conteúdos jornalísticos, são marcados pelas visões baseadas em estereótipos.

Lippmann (2008, p. 85) explica que, “na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura”, acrescentando que as formas estereotipadas emprestadas ao mundo vêm da arte, dos códigos morais, das filosofias sociais e das agitações políticas.

Com isso, os estereótipos construídos para o gênero feminino – o conjunto de características, valores, comportamentos, visões, papéis, funções e etc – habitam o olhar daqueles que estão à frente da produção de conteúdos. Assim como os estereótipos que permeiam o imaginário acerca das pessoas que jogam futebol, especialmente de maneira profissional e competitiva. Ademais, a forma como a relação entre o futebol de mulheres e a imprensa esportiva se relacionou no decorrer do tempo deixou marcas na forma como o jornalismo é feito ainda no mundo contemporâneo.

10 Jogos do Brasil: Análise de Conteúdo

Nas tabelas a seguir, estão compilados os dados e as informações coletados durante os jogos do Brasil exibidos pela Rede Globo na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. Tais informações foram observadas e anotadas tanto durante as transmissões nas datas em que foram ao ar quanto em um momento posterior, de categorização e análise mais criteriosa, por meio da gravação das partidas. O material foi organizado conforme os parâmetros apontados na tabela 1 e de acordo com cada um dos jogos da Seleção Brasileira exibidos pela emissora na televisão aberta.

Tabela 4 - Jogo 1

Fase da competição e data	Fase de grupos (domingo, 9 de junho de 2019)
Confronto	Brasil 3x0 Jamaica
Formação da equipe na cobertura	Galvão Bueno (narração); Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro (comentários); Paulo César (comentarista de arbitragem); Carol Barcellos (repórter de campo).
Conteúdos destacados	Exaltação da “rainha” Marta e de um “grande momento do futebol feminino”; comentário sobre a presença de Ana Thaís (Galvão: “Não é porque é futebol feminino, você já está em nossas transmissões e manja de futebol”); referência à explicação de Pelé a respeito de como cabecear a bola; Caio compara ausência de Marta com a de Neymar, e Galvão menciona lesão de Pelé e vitória em Copa do Mundo ao falar sobre lesão da jogadora; referências ao futebol masculino (“jogador”, classificação da seleção masculina da Jamaica); alusão à beleza feminina (Galvão disse: “Bate bonito na bola a Andressa. Caio, você não batia bonito assim não”. Caio respondeu: “Não, ela é muito mais bonita que eu. Batendo na bola também”); demonstração de novidade (Galvão destaca a numeração da camisa de cada jogadora durante a partida); menção ao assunto maternidade (a comentarista Ana Thaís aponta que a jogadora Tamires é a única mãe da Seleção, fato que quase a fez desistir do futebol); intervalo (entrada ao vivo sobre seleção masculina, chamada humorística sobre Copa América Masculina, apresentação do clipe oficial do campeonato masculino); troca de nomes das jogadoras e da comentarista, além de confundir a história pessoal das atletas; repórter, na casa da jogadora Andressa, aponta que os homens chamavam a menina para jogar quando eram crianças; comparação de Cristiane com Cristiano Ronaldo; Galvão cobrou Confederação Brasileira de Futebol a respeito da formação de jogadoras do Brasil e presidente da instituição retornou afirmando que há um projeto para que isso aconteça.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Por meio dos conteúdos compilados na tabela 3, durante o primeiro jogo do campeonato, é possível notar que a estreia do Brasil contou com Galvão Bueno, profissional regularmente escolhido para narrar partidas da Seleção Brasileira

(masculina) nas mais diversas competições. Junto dele estavam Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro nos comentários, Paulo César na análise da arbitragem e Carol Barcellos como repórter de campo, a única a realizar a cobertura *in loco*, tendo em vista que foi explicitado o fato dos demais estarem em um estúdio. Com isso, é possível observar que, embora exista a presença feminina na reportagem e nos comentários, no que diz respeito à equipe que participou efetivamente (no sentido de ter sua imagem/voz presente, desconsiderando funções dos bastidores, como produtores) da transmissão, temos uma maioria masculina na cobertura do jogo: três homens e duas mulheres.

Alguns momentos recorrentes no quesito “conteúdos destacados” foram as comparações ou referências ao futebol masculino, o que aconteceu para ilustrar ou explicar situações, para o resgate de fatos históricos, comparações, entre outros. No intervalo da partida, boa parte do período foi destinada à Copa América, competição masculina que aconteceria quase ao mesmo tempo que a Copa do Mundo (14 de junho a 7 de julho) e teve o Brasil como sede. Além disso, a observação de Caio Ribeiro sobre a beleza da jogadora Andressa também foi incluída como um material a ser destacado pelo fato de a menção à questão estética feminina exigir uma análise mais aprofundada, assim como a referência a questão da maternidade da jogadora Tamires.

A observação sobre a confusão das histórias pessoais das jogadoras se deu quando Ana Thaís, na entrada da atacante Ludmila, citou que a atleta possuía uma “história de vida incrível” que havia sido contada no Esporte Espetacular, programa de esportes da Globo, naquela manhã. Alguns instantes depois, o narrador Galvão Bueno disse, como curiosidade, que a atleta possuía 22 anos irmãos. No entanto, foi corrigido pela repórter Carol Barcellos, que ressaltou que quem tinha tantos irmãos era a zagueira Daiane. Ademais, a troca de nomes das atletas por parte do narrador quando descrevia os lances foi comum durante a partida.

No primeiro jogo do torneio exibido pela Globo na história, eram constantes as exaltações tanto do campeonato quanto de Marta, jogadora símbolo do time. O “momento vivido pelo futebol feminino” também era lembrado pelo narrador e pelos comentaristas, referindo-se ao crescimento da competição e ao desenvolvimento da modalidade no país. O narrador, inclusive, cobrou a CBF durante a transmissão sobre a formação de atletas brasileiras no contexto nacional, e o presidente da confederação entrou em contato com Galvão Bueno, que leu sua resposta sobre “um grande projeto de desenvolvimento do futebol feminino: pela primeira vez, duas divisões nacionais no principal e campeonato brasileiro de base”.

Tabela 5 - Jogo 2

Fase da competição e data	Fase de grupos (quinta-feira, 13 de junho de 2019)
Confronto	Austrália 3x2 Brasil
Formação da equipe na cobertura	Cléber Machado (narração); Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro (comentários); Carol Barcellos (repórter de campo); Sandro Meira Ricci (comentarista de arbitragem).
Conteúdos destacados	Referências ao futebol masculino (Osmar Santos/Letícia Santos, “no futebol, “o zagueiro” e “o goleiro”); comentário sobre a Fifa ter muita confiança na árbitra do jogo, uma vez que ela já apitou uma competição sub-17 masculina, apontamento de marca comum entre time feminino e masculino, já que ambas as equipes participaram de todas as edições de Copas); uso pontual de diminutivo (“sumidinha”); troca do gênero na narração do primeiro gol (“primeiro jogo da Marta na Copa do Mundo, fora do primeiro machucado, voltou, pegou a braçadeira de capitão”); nova citação ao fato da jogadora Tamires ser a única mãe da equipe.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A tabela 4 reuniu informações a respeito do segundo jogo da Seleção Brasileira na competição, oportunidade na qual o time perdeu, de virada, depois de abrir 2 a 0, para a Austrália. Nesse cenário, podemos perceber que a atuação de um segundo narrador, Cléber Machado, e de outro comentarista de arbitragem, Sandro Meira Ricci. Ana Thaís, Caio e Carol Barcellos seguiram na cobertura, assim como no primeiro confronto da equipe. Outra semelhança com o jogo de estreia foi a referência ao futebol masculino em oportunidades diversas, como quando o comentário positivo sobre a atuação da árbitra foi a respeito da confiança da Fifa em seu trabalho, fato supostamente comprovado porque a profissional já havia apitado Mundial Sub-17 masculino.

Durante a cobertura, houve, novamente, a alusão à maternidade da jogadora Tamires e o uso de um termo no diminutivo para se referir a uma das atletas. Além disso, um momento marcante da transmissão foi quando, no primeiro gol do Brasil, assinado por Marta, o narrador usou termos flexionados para o masculino: “primeiro jogo da Marta na Copa do Mundo, fora do primeiro *machucado*, voltou, pegou a braçadeira de *capitão*”. O momento foi considerado marcante pelo fato de que Marta se isolou ainda mais na artilharia das Copas femininas com 16 gols. As segundas colocadas nesse quesito eram as jogadoras a alemã Birgit Prinz e a americana Abby Wambach, com 14 gols, mas ambas já estavam aposentadas. Além disso, com o feito, ela igualava a marca também no futebol masculino do alemão Miroslav Klose, passando o brasileiro Ronaldo com 15. Dessa forma, o lance foi noticiado pela imprensa mundial em decorrência de sua relevância.

Tabela 6 - Jogo 3

Fase da competição e data	Fase de grupos (terça-feira, 18 de junho de 2019)
Confronto	Itália 0x1 Brasil
Formação da equipe na cobertura	Luís Roberto (narração); Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro (comentários); Carol Barcellos (repórter de campo); Sandro Meira Ricci (comentarista de arbitragem).
Conteúdos destacados	Exclamações de torcida e apoio do narrador (após lance errado “é isso aí”; durante a jogada “é isso, ‘simbora’ Brasil”; antes de cobrança de falta “para cima delas, Brasil”; “capricha, Cristiane, vai, Ludmilla”; “vamos, Marta”; “Vai Andressinha, foco, Andressinha”; elogio à jogada ensaiada que não deu certo; comentário histórico exclusivo do âmbito feminino; rapidez na identificação dos nomes por parte do narrador, tanto do Brasil quanto das adversárias; comentários técnicos e históricos; comentário de Sandro sobre seleção de “árbitros experientes para o vídeo, só homens, porque não houve tempo para treinar mulheres”; narrador: “Goleiro sempre demora um pouco mais, isso aí não tem gênero, no masculino, no feminino...”; diversas chamadas para o jogo masculino daquele dia; “Essa bola bateu na mão. Tudo bem, uma ‘vezinha’ só”; destaque do fato da Marta, naquele período, possuir mais prêmios de Melhor do Mundo do que Messi e Cristiano Ronaldo; exaltação de Marta; narrador afirmou que “questão física grita muito nos jogos femininos, na parte final dos jogos”; exclamação: “A Globo ao lado das mulheres do Brasil”; no intervalo, notícias da Seleção Masculina e recado dos jogadores para as jogadoras; também no intervalo, Caio ressalta que, nessa Copa do Mundo, é positivo “o espaço e o carinho que os brasileiros têm com as meninas” (deu como exemplo as empresas encerrando o expediente mais cedo por causa dos jogos e mensagens da audiência); Ana Thaís citou a questão da representatividade; uso de diminutivo “a gauchinha”, “mineirinha”, “deu uma pisadinha”; logo após a fala da comentarista, o narrador ressaltou: “Ana Thaís Matos é comentarista do Grupo Globo”; durante o jogo, narrador disse sobre Tamires: “Aí a mãe do Bernardo, que ficou muito emocionada com o recado do filhão no show do intervalo”.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Por meio dos dados organizados na tabela 5, foi possível notar que o terceiro jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo foi narrado por um terceiro locutor, fato incomum em grandes torneios como é o caso do mundial, em que os profissionais costumam acompanhar a campanha das seleções. Os narradores, primeiro Galvão Bueno e depois Cléber Machado, foram deslocados para as partidas das seleções masculinas na Copa América. O restante da equipe se manteve igual à da partida anterior contra a Austrália.

No jogo contra a Itália, foram observados diversos usos de diminutivo novamente, bem como a referência à maternidade da jogadora Tamires e o reforço da “apresentação” da comentarista Ana Thaís ao público. Outra questão que se repete é a menção ao futebol masculino, como no momento de referência a Messi e Cristiano Ronaldo ou quando, para indicar a “normalidade” da situação criada pela goleira, a justificativa era que se tratava de algo comum tanto no futebol masculino quanto no feminino.

Além disso, o narrador comentou que o aspecto físico era uma questão em jogos femininos, especificando a questão de gênero em um comentário – ou crítica – que poderia apenas se referir à preparação física das atletas.

Outro ponto interessante é a observação do comentarista de arbitragem Sandro Meira Ricci sobre VAR (Video Assistant Referee) ou árbitro de vídeo. Isso porque, em 2019, foi a primeira vez em que o recurso foi utilizado em uma Copa do Mundo de mulheres. Com isso, foram 26 árbitras escaladas pela Fifa para o campo, e 15 árbitros para as telas. Sandro, por sua vez, comentou a ausência de mulheres à frente da nova tecnologia e trouxe a justificativa da federação de que não houve tempo de treinar as mulheres, uma vez que desejavam pessoas experientes para implementar a novidade no torneio.

Foi nesta partida que Marta marcou seu 17º gol em torneios mundiais, o que lhe rendeu o posto de maior artilheira de todas as Copas, fato narrado como “histórico” por Luís Roberto.

Tabela 7 - Jogo 4

Fase da competição e data	Oitavas de final (domingo, 23 de junho de 2019)
Confronto	França 2x1 Brasil
Formação da equipe na cobertura	Luís Roberto (narração); Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro (comentários); Carol Barcellos (repórter de campo); Sálvio Spínola (comentarista de arbitragem).
Conteúdos destacados	Esportistas e artistas brasileiros mandam mensagens de apoio para a Seleção; equipe reforça a importância do jogo e como essa Copa representa um “divisor de águas”; uso de termos masculinos, como “rapaziada”; referência às experiências com a Seleção masculina com a Copa do Mundo jogada em casa; narrador retoma a explicação do motivo pelo qual os árbitros de vídeo são homens; narrador afirma que a treinadora da França é uma figura emblemática, foi a primeira mulher a treinar uma equipe masculina na França e jogou Copa do Mundo como atleta; narrador ressalta que jogadora francesa, Reanard, tem um dos três maiores salários do futebol feminino mundial; referências ao futebol masculino (por exemplo, ao comentar sobre jogadoras francesas nascidas africanas, o narrador coloca como algo comum, citando Zidane);

marcação rigorosa de falta em chegadas por trás depois do que aconteceu com Neymar em 2014); exclamações de torcida e apoio do narrador (por exemplo, “capricha aí, Marta”; Ressalta que “as medidas do futebol feminino são as mesmas do masculino”; narrador cita que a França tenta alcançar o feito se ser campeã mundial, consecutivamente, no masculino e no feminino, um feito inédito, além de destacar que a numeração da camisa da goleira é um referência a um outro atleta; pontuam, durante a transmissão, a força da Seleção francesa por conta do desenvolvimento do futebol francês, apontando para a supremacia do Lyon na Europa e a presença de diversas jogadoras do clube na equipe nacional; quando a jogadora Tamires apareceu na tela: “Aí a Tamires, mãe do Bernardo”; Ressaltar pontos positivos em momentos de erros ou falhas (“Foi falta Debinha, mas que Copa faz a Debinha”, “Olha o toque de cabeça da Cristiane. Ela é impressionante. Não saiu forte, mas ela tem o movimento, o cabeceio é todo perfeito”; ‘Caiu no pé da Marta, ela até tentou, pensou a jogada, já tinha que ter abordado, mas está certo, gênios pensam rápido); Caio: “Olha como as mulheres fazem a linha de impedimento alta”; diminutivo e reforço de qualidade (“Canhotinha boa de bola, viu”); exaltação do momento: “Essa é uma ação de profissionais. O futebol feminino atingiu esse nível. É a Copa transformadora, jamais o futebol feminino será o mesmo”; a comentarista Ana Thaís Mattos levanta a questão da estrutura do futebol feminino, chamando atenção para o fato que existem bons times no Campeonato Brasileiro, que é a tendência é melhorar com os investimentos e imposições da Fifa, criticando o fruto do tempo que o Brasil não teve investimento, pois foi pioneiro no esporte, participou de todas as Copas, e mesmo assim entra com medo de seleções mais fracas, como a Itália; Luís Roberto retoma o que Nelson Rodrigues chama de “complexo do vira-lata”; Luís Roberto diz que um “patrimônio do futebol feminino” é ter as mesmas regras e medidas do masculino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

As informações organizadas durante o último jogo do Brasil, em que a seleção nacional foi eliminada pela França na prorrogação, estão organizadas na tabela 6. Nos conteúdos destacados, é possível observar que a referência ao futebol masculino se repete da mesma forma que em todos os jogos anteriores, especialmente pelo narrador e pelo comentarista Caio Ribeiro. Um dos momentos que exemplifica tal quadro é que, como a equipe adversária do time brasileiro era a francesa, que estava jogando em casa, isto é, em seu país, a comparação da experiência foi com a seleção masculina jogando a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Quando o comentário era sobre jogadoras francesas nascidas africanas, o narrador coloca como algo comum citando Zidane, ou seja, um jogador homem. Ou ainda quando o assunto se tornou entradas por trás, há a explicação sobre uma marcação mais rigorosa desse tipo de lance por parte da arbitragem depois do

que aconteceu com Neymar em 2014. Com isso, é possível perceber a busca de referências no futebol masculino, e não no feminino.

Em mais um comentário com especificador de gênero envolvendo uma questão de campo, dessa vez tática, Caio Ribeiro observa “como as mulheres fazem a linha de impedimento alta”. Logo, é possível notar que, quando há a identificação de algum aspecto distinto do futebol masculino, os profissionais da imprensa o colocam como uma característica “das mulheres” ou “do futebol feminino”.

Além disso, a referência a maternidade da jogadora Tamires, o uso de diminutivos, os elogios em momentos de revés e a exaltação do campeonato e do momento do futebol feminino foram aspectos verificados nos jogos anteriores que se repetiram neste.

10.1 Aspectos destacados para análise qualitativa

Por meio das tabelas, elaboradas a fim de organizar os dados coletados durante a transmissão das partidas, foi possível identificar alguns temas e práticas recorrentes e outros pontuais que serão foco desta análise, as quais serão listadas a seguir:

Tabela 8 – Categorias organizadas para análise qualitativa da transmissão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2019

Temas observados durante a transmissão destacados para análise qualitativa
Referência ou comparação do futebol feminino com o masculino em todas as transmissões
Menção à maternidade da jogadora Tamires nos quatro jogos
Referência à beleza feminina na partida de abertura
Demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores
Validação da presença da comentarista Ana Thaís pelos colegas homens
Cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil e a demarcação da importância da competição por parte de narradores e comentaristas

Elaborado pela autora, 2020.

Dessa forma, cada um desses eixos será analisado de forma mais aprofundada.

10.1.1 Referência ou comparação do futebol feminino com o masculino

O primeiro ponto, em que foi observada a referência ou comparação do futebol feminino com o masculino, pode ser percebido durante todas as transmissões e em diversos momentos, os quais acontecem quando os narradores utilizam exemplos históricos do futebol masculino para demonstrar algo que aconteceu na partida feminina (como quando Galvão Bueno fala da lesão de Pelé em uma Copa do Mundo para ilustrar a lesão de Marta naquela ocasião), quando o futebol jogado por homens é parâmetro de discursos ou comportamentos (como quando Galvão Bueno diz que Cristiane cabeceou a

bola com perfeição porque foi daquela forma que Pelé descreveu o cabeceio ideal, ou quando a goleira demorou para repor a bola, e o narrador, para apontar que se trata de uma atitude comum, afirmou que os goleiros demoram mesmo, tanto no feminino quanto no masculino), quando os artigos foram flexionados, em gênero, no masculino, mesmo se tratando de situações que envolvem apenas mulheres (como destacado durante a narração do gol de Marta no jogo contra a Itália) ou a comparação em si com a modalidade jogada por homens (como no momento em que falavam sobre os feitos da carreira de Marta, a referência de ter seis bolas de ouro foi “possuir mais do que Messi e Cristiano Ronaldo” naquela época, ou quando Galvão Bueno sugeriu que a comemoração de Cristiane após o seu gol era inspirada em Cristiano Ronaldo).

Esses elementos podem ser entendidos, principalmente, por três eixos: a familiaridade dos profissionais da imprensa com o futebol masculino (o que geraria um grande repertório com relação aos homens e um menor no que diz respeito às mulheres); a suposta necessidade de recorrer ao futebol jogado pelos homens para melhor compreensão do público em um determinado assunto por conta do repertório dos telespectadores; e a regra histórica, cultural e social que associa o futebol aos homens, dessa forma, as características, comportamentos, costumes e recursos do esporte masculino se tornam parâmetros em análises femininas – como se, por si só, não fosse suficiente fazer uma análise que leve em conta apenas a circunstância ou história do futebol jogado por mulheres.

10.1.2 Menção à maternidade da jogadora Tamires nos quatro jogos

O segundo ponto, que diz respeito à menção da maternidade da jogadora Tamires nos quatro jogos, foi destacado por dois fatores: em transmissões de esportes masculinos, a paternidade é pouco ou não é citada, além do tema maternidade ser culturalmente ligado ao feminino, mesmo em discussões em que tal elemento não se configura como um elemento integrante ou importante. Além disso, durante as transmissões, o fato da lateral da Seleção Brasileira ser a única mãe entre 23 jogadoras foi citado com pouca profundidade. A comentarista Ana Thaís Matos afirmou que ter o filho quase a fez desistir do futebol, mas sem levantar, por exemplo, os motivos para que isso acontecesse, como os contratos de trabalho de jogadoras com clubes tratam essa questão ou como uma atleta, cujo corpo funciona como uma espécie de instrumento de trabalho, é vista após a transformação física e psicológica da gestação. Tais questões, se trabalhadas de maneira a informar o telespectador, poderiam render pautas interessantes para trazer o público

para a realidade das mulheres no universo esportivo. Com isso, é possível ponderar que o tema maternidade, constantemente citado, foi apresentado de forma vazia e superficial.

10.1.3 Referência à beleza feminina na partida de abertura

O terceiro ponto traz à tona o momento em que, em tom de humor ou brincadeira, o comentarista Caio Ribeiro, quando questionado pelo narrador se ele (um ex-jogador) batia bonito daquele jeito na bola, respondeu: “Não, ela é muito mais bonita que eu. Batendo na bola também”. Em primeira instância, temos a comparação ou paralelo estabelecido com a atuação do comentarista em seu período como atleta. Porém, pode-se interpretar que a pergunta apenas deu ao profissional a oportunidade de utilizar sua experiência para comentar o lance. Já a suposta piada ou brincadeira carrega consigo um discurso repleto de sentido e de estereótipos: uma tendência patriarcal de envolver a beleza feminina nos cenários mais diversos e perpetuar a ideia que liga o feminino à estética ou ao corporal, conforme foi possível observar em capítulos anteriores que exemplificaram diversos discursos midiáticos de objetificação da mulher, foco na beleza feminina e de feminilização de jogadoras de futebol. Conforme pontua Lipovetsky (2000, p. 190), a valorização da beleza feminina no contexto profissional atua como uma ferramenta de discriminação sexual. Essa discriminação pode ser pensada, em primeiro lugar, por se tratar de uma transmissão de um jogo de futebol componente do principal campeonato da modalidade, na primeira vez em que a emissora exibiu o torneio em televisão aberta. O comentarista, convidado pela pergunta a analisar um lance, deixou de lado os fatores técnicos e optou por uma “brincadeira” carregada de significados históricos que o futebol feminino possui com relação à imprensa esportiva e, de forma mais ampla, de significados históricos das mulheres em sociedades patriarcais.

10.1.4 Demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores

As demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores podem ser evidenciadas pelo uso de diminutivos em algumas situações ou, em uma análise mais subjetiva, quando o narrador opta por elogiar em demasia as jogadoras mesmo em circunstâncias de erros e falhas. Ou ainda quando se nota a ausência ou pequena quantidade de críticas, tanto à comissão técnica quanto às atletas. Podemos perceber um caso, por exemplo, quando Marta errou um chute e a narração de Luís Roberto foi: “Caiu no pé da Marta, ela até tentou, pensou a jogada, mas está certo, gênios pensam rápido”.

Com isso, pode-se interpretar que, mesmo diante da derrota ou do equívoco, os aspectos positivos ou acertos são ressaltados, como se o básico ou a mera participação na competição fosse o suficiente para a equipe feminina. Isto é, a falta de crítica ou de cobranças pode ser relacionada a uma falta de competitividade.

Se retomarmos o que formula Tubino (1993) sobre as manifestações do esporte, observamos que o âmbito do esporte- performance, que privilegia o alto rendimento, o alto nível e a alta competição, o que se dá especialmente por meio da valorização dos resultados, é visto de forma distinta no discurso midiático sobre o futebol feminino. Com isso, não pretendemos estabelecer uma regra de modelos de discursos midiáticos, como se aspectos circunstanciais ou primordiais, como a estrutura do futebol de mulheres no país e o fato de se tratar de uma modalidade em desenvolvimento, não devessem ser levados em conta nas análises. No entanto, tratando-se das situações destacadas durante a transmissão, é possível interpretar que a utilização de tais recursos – como o elogio às jogadoras em lances errados ou a pouca criticidade perante aspectos técnicos e táticos – tem como consequência uma mensagem de menor competitividade.

10.1.5 Validação da presença da comentarista Ana Thaís pelos colegas homens

A necessidade de validações, por parte dos homens, da presença da comentarista Ana Thaís Matos pode ser percebida, por exemplo, quando Galvão Bueno diz à profissional que ela não estava ali por se tratar de uma partida de futebol feminino, uma vez que ela já participava de outras transmissões e “manjava de futebol”, como se o narrador oficial das seleções brasileiras precisasse justificar a presença desse novo elemento (uma figura feminina como comentarista), validando-a com uma opinião positiva.

A presença feminina no posto de comentarista, especialmente durante as transmissões de jogos em televisão aberta, é um fenômeno recente, e a atuação dessas mulheres é minoritária. Para Barbeiro e Rangel (2006), mais do que qualquer outro membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre o qual fala. Trata-se de uma posição em que as observações pessoais ganham espaço, assim como a opinião e o olhar analítico. Com isso, os ocupantes desses postos devem possuir autoridade e legitimidade para transmitir confiabilidade ao público. Em um cenário televisivo em que a maioria das transmissões é de jogos do futebol masculino, as mulheres pouco participam desse contexto, majoritariamente ocupado por ex-jogadores de futebol – a exemplo do próprio Caio Ribeiro.

10.1.6 Cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil e a demarcação da importância da competição por parte de narradores e comentaristas

A elaboração de cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil pôde ser observada em diversos momentos, o que pode ser positivo para a modalidade no país, tendo em vista que essa demanda foi apresentada ao público pela imprensa e recaiu em entidades responsáveis, como a Confederação Brasileira de Futebol. O exemplo da fala de Galvão Bueno, no primeiro jogo contra a Austrália, é um exemplo porque o narrador fez uma crítica ao cenário nacional de formação de jogadoras, e o presidente da CBF retornou à emissora informando sobre ações da entidade como a realização do campeonato brasileiro em duas divisões e um torneio de base. Além de obter uma resposta da confederação, uma das principais responsáveis pelo futebol feminino no Brasil, criou-se uma oportunidade para informar sobre o contexto da modalidade no país, o que poderia ser desconhecido para parte do público da emissora, pouco ativa nesse universo – já que não transmite, por exemplo, o torneio nacional da série A existente desde 2013.

Já a demarcação da importância da Copa do Mundo de 2019 pode ser lida como um recurso para reforçar a entrada da Globo nesse contexto e valorizar a transmissão enquanto produto da emissora, mas também serviu para ressaltar a relevância da competição e os fatores que contribuem para um momento de crescimento da modalidade.

Ademais, é importante ressaltar que, ao contrário da Copa do Mundo masculina, que aconteceu na Rússia em 2018 e contou com 197 profissionais¹⁰⁴ da Globo no país, a equipe de narradores e comentaristas da emissora trabalhou do estúdio – apenas os repórteres realizaram a cobertura *in loco* –, o que demonstra um menor investimento na transmissão feminina.

¹⁰⁴ O número foi divulgado pelo GloboEsporte.com (Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/globo-sportv-e-globoesportecom-iniciam-cobertura-integrada-direto-da-russia.ghtml>). Acesso em 6 de janeiro de 2020.

11 Considerações finais

Esta pesquisa teve como propósito analisar e refletir sobre as relações de poder presentes num fenômeno comunicacional específico – a cobertura jornalística da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 –, buscando colocar em evidência a trajetória das mulheres nesse esporte, situando-as no contexto histórico e no debate sobre a questão de gênero na contemporaneidade.

Nesse sentido, uma das perguntas desta pesquisa investigou a forma como o jornalismo esportivo da televisão aberta brasileira retratou o futebol feminino, mais especificamente a Rede Globo em sua primeira transmissão dos jogos de uma Copa do Mundo feminina no ano de 2019 e no seu tradicional programa Globo Esporte, em sua edição para o Estado de São Paulo, no ar no canal há mais de quatro décadas.

Para isso, recorreremos, em um primeiro momento, à construção de um cenário histórico que situou o surgimento do futebol feminino no mundo e no Brasil, o que possibilitou o entendimento sobre quais foram as origens dessa prática que encontrou diversos obstáculos e acumulou momentos que marcaram a associação feminina com o esporte. A partir de então, retomamos todas as edições da Copa do Mundo de mulheres, este torneio que surgiu em 1991 oficialmente e, ao lado dos Jogos Olímpicos, é o principal da modalidade.

Além disso, elaboramos um panorama histórico e teórico sobre as relações entre o jornalismo e o esporte no recorrer do tempo, além de destacarmos a questão de gênero que atua no futebol enquanto um fenômeno midiático. Nesse sentido, em uma abordagem histórico-contextual, fizemos um levantamento sobre como a imprensa esportiva tratou a pauta do futebol feminino desde as primeiras notícias sobre a prática no país. Depois de examinarmos o passado, buscamos compreender o cenário do futebol de mulheres no mundo contemporâneo, momento no qual nos deparamos com fatores como a falta de profissionalização e a luta por estrutura, legitimidade e visibilidade.

Com a apresentação dos nossos objetos de pesquisa – que são o Globo Esporte-SP e as transmissões ao vivo dos jogos da seleção feminina brasileira na Globo –, nos voltamos a uma discussão sobre o uso do gênero como uma categoria útil de análise no estudo sobre mulheres no esporte e na sua representação jornalística. Assim, chamamos atenção para o fato de que o gênero é um marcador da desigualdade no esporte – não o único –, tendo em vista que os tratamentos, as oportunidades e as experiências de homens e mulheres, no futebol, foram e ainda são desiguais, tanto em aspectos econômicos quanto

mediáticos, estruturais e simbólicos. Por isso, consideramos que desconstruir a ideia de que há um destino biológico que afasta as mulheres do esporte enquanto um espaço social é um esforço necessário às pesquisas que envolvem gênero e esporte.

Logo, diante dessa base contextual e teórica, foi possível realizar as análises propostas e chegar a algumas considerações finais.

Com o levantamento dos dados sobre o Globo Esporte São Paulo que contemplaram o mês em que a Copa do Mundo foi disputada na França, entre 7 de junho e 7 de julho de 2019, e por meio da análise quantitativa realizada, identificamos que, embora o futebol de mulheres tenha aparecido em 23 das 25 edições que foram ao ar, o que aponta para uma alta frequência, essa presença é minoritária quando levamos em conta o tempo, fator determinante no jornalismo televisivo. O total dos materiais analisados é de oito horas, 10 minutos e dois segundos, e a soma dos conteúdos que trataram do futebol feminino foi de uma hora 24 minutos 46 segundos, o que representa 17%.

A centralidade da seleção brasileira e o impacto do período singular que é a participação em uma Copa do Mundo – tendo em vista que a competição acontece de quatro em quatro anos durante um mês – foram fatores analisados no que diz respeito ao programa. Assim, concluímos que, embora seja possível afirmar que há uma tendência ao protagonismo da seleção brasileira por se tratar do time que representa o país, e já que, sozinha, foi a equipe que somou mais reportagens, temos uma parcela marcante de produções sobre outras seleções, com um crescimento notável após a eliminação do Brasil no campeonato, momento a partir do qual os confrontos decisivos da Copa do Mundo ganharam mais espaço – todas as reportagens a partir da décima sexta edição tratam de outras seleções que não a brasileira.

Nesse sentido, quando questionamos se as partidas da seleção brasileira tiveram impacto no espaço dedicado ao futebol de mulheres, quando comparadas com edições em que a eminência das disputas não era tão marcante, constatamos que a participação da equipe nacional no mundial rendeu mais tempo para a modalidade no programa. Assim, tais fatos são capazes de demonstrar a relevância do esporte em sua relação com a competição e com os resultados. Isso porque, quando a seleção brasileira estava no campeonato e as pautas falavam dos confrontos, havia mais tempo. Com a eliminação, aquelas equipes em que a competição ainda era a realidade tomaram esse espaço. Logo, há uma ausência de assuntos relacionados ao time nacional em nove das 25 edições analisadas do Globo Esporte.

Os aspectos quantitativos da nossa análise nos permitiram concluir que o futebol feminino, mesmo em um momento marcante de sua relação com a emissora e a televisão aberta, por se tratar da primeira Copa do Mundo transmitida pela Globo, ainda é uma pauta minoritária no Globo Esporte, um dos principais programas de jornalismo esportivo da emissora.

Na análise qualitativa das edições analisadas do GE, chegamos a três pontos marcantes. O primeiro foi a identificação de uma regra masculina na cobertura do programa, o que concluímos, basicamente, porque, ao mesmo tempo que há a demonstração de um novo olhar com relação ao futebol feminino, com conteúdos que afirmam a qualidade do Copa do Mundo e enaltecem o futebol de mulheres no evento, temos manutenção de padrões históricos estabelecidos no jornalismo esportivo brasileiro, com escolhas como a dedicação de um tempo minoritário para as pautas e a não cobertura de competições nacionais. No período estudado, não houve uma pauta sequer sobre o cenário nacional de futebol feminino, mesmo com Corinthians, Santos, Audax, Ferroviária, São José e Ponte Preta disputando a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2019, e Palmeiras, São Paulo, Portuguesa e Taubaté na série A2 – todos representantes do Estado de São Paulo.

Quando não há espaço para os clubes ou se os campeonatos nacionais femininos não possuem legitimidade no GE, a visibilidade da modalidade fica restrita a períodos curtos e ocasionais como a Copa do Mundo.

O segundo ponto é o da dualidade e das questões residuais, fatores que verificamos quando observamos alguns conteúdos que chamaram a atenção para a desigualdade de gênero no futebol e outros que justamente demonstraram e reforçaram essa mesma desigualdade de gênero no tratamento das pautas sobre o futebol de mulheres. O GE deu espaço para uma entrevista da jogadora Marta sobre a desigualdade salarial com base no gênero no futebol, mas também comparou as práticas feminina e masculina, sexualizou mulheres e reforçou padrões de feminilidade em suas narrativas.

No terceiro e último ponto, trouxemos algumas considerações sobre gêneros, formatos jornalísticos, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Identificamos que as entradas ao vivo de curta duração, cerca de 30 segundos, foram uma forma recorrente de apresentar informações sobre o futebol feminino no GE – foram 16 nas 25 edições do *corpus*. Assim, entendemos que as passagens dos repórteres foram escolhas que tiveram como objetivo “colocar” o público no local onde o evento estava acontecendo, isto é, mostrar a presença do ou da jornalista *in loco* para reforçar a credibilidade da notícia por

meio de um profissional que presenciou os fatos e apurou as informações. Na maioria das vezes, as entradas dos repórteres no GE aconteciam ao vivo, sem cortes, mas não eram em tempo real, ou seja, não eram simultâneas aos acontecimentos.

Além do propósito de conferir atualidade, credibilidade e confiabilidade às informações, compreendemos que esse formato, que tem como uma de suas características a brevidade, é um indicativo da forma como as pautas sobre o futebol feminino foram tratadas no GE. Concluímos que a constância das entradas ao vivo é um indicativo de uma tendência de superficialidade nas temáticas que retratam o futebol de mulheres. Logo, o declarado apoio e a valorização sustentadas pelo GE com relação à modalidade feminina podem ser considerados restritos e superficiais.

As reportagens foram o formato de conteúdo mais frequente. Nelas, há a predominância de assuntos que concernem à seleção brasileira, além de todas as pautas serem relacionadas à Copa do Mundo, seja tratando-se dos jogos e resultados propriamente ditos ou encaminhamentos que tinham a competição como pano de fundo. Sendo assim, consideramos que a seleção nacional acessa o sentido de identificação e de proximidade com relação ao público do país. Já o mundial traz à tona o fator atualidade, porque o torneio seria capaz de gerar notícias diariamente no período em que foi disputado, e ainda há a questão da raridade, que potencializa a relevância do megaevento organizado apenas a cada quatro anos.

Nas reportagens, ainda analisamos os critérios de noticiabilidade no retrato de seleções estrangeiras. Nesses casos, verificamos que a curiosidade – o inesperado, o excêntrico – e a emoção na tristeza pela derrota são os valores-notícia hegemônicos. Como no período estudado, além da Copa do Mundo ainda tivemos a Copa América disputada pela seleção brasileira masculina, foi possível traçar um paralelo no que dizia respeito às pautas sobre equipes internacionais. Observamos que, quando o assunto era um time como o da Argentina, sobre os homens, falava-se sobre escalação, jogos, resultados e havia encaminhamentos além das quatro linhas, como aspectos históricos. Já o time feminino, foi possível perceber que a sua trajetória por si só na Copa do Mundo (atuação das jogadoras, história, gols, resultados, torcida, entre outros) não foi considerada noticiável para o GE até a sua eliminação, marcada por aspectos curiosos, inusitados e com ganchos feitos com a seleção masculina.

Diante de tais constatações, atribuímos essa assimetria na construção dos conteúdos noticiosos à trajetória histórica do futebol feminino em sua associação com a imprensa esportiva. Entendemos que a falta de legitimidade (decorrente de um arranjo de fatores

sociais, políticos, históricos e econômicos) dos assuntos referentes à modalidade praticada por mulheres na televisão aberta brasileira, no jornalismo esportivo e na emissora em questão é um fator que impacta no processo de produção das notícias, que se mostraram ocasionais, mais superficiais e breves.

Diante das constatações evidenciadas nas análises quantitativas e qualitativas, consideramos válido refletir sobre a contribuição da identificação de fatores que apontam para a falta de legitimidade do futebol feminino enquanto uma pauta jornalística. Isso porque, se nossa proposta foi analisar esse novo momento de aproximação da televisão aberta com a modalidade praticada por mulheres, entendemos que se trata de um período que há a sensação de que avanços foram alcançados pela presença do assunto na emissora e no programa, pelas declarações de apoio e pelo conteúdo capaz de informar sobre a prática e a sobre a Copa do Mundo. No entanto, essa sensação é marcada por aspectos que estão historicamente presentes na relação da imprensa esportiva com as mulheres que jogam futebol, aspectos estes que não foram superados. Entender que a forma desigual como os conteúdos são construídos é baseada no gênero e que advém de um passado de deslegitimação e falta de visibilidade é essencial para que o jornalismo esportivo possa “virar a página” e deixar para trás abordagens baseadas em sexualização, objetificação, feminilização, misoginia e comparação.

Em suma, no que se refere ao Globo Esporte São Paulo, percebemos que se trata de um programa tradicional, que obedece à regra da dominação masculina tanto no futebol quanto em outras modalidades, embora faça parte de um cenário midiático em que o futebol feminino como pauta avança lentamente rumo a uma posição legitimada.

No que diz respeito às transmissões ao vivo dos jogos da seleção brasileira, organizamos cada partida com base nas categorias “fase da competição e data”, “confronto”, “formação da equipe na cobertura” e “conteúdos destacados”. A partir dessa categorização, chegamos a seis temas que foram observados durante a transmissão e destacados para análise qualitativa. São eles: referência ou comparação do futebol feminino com o masculino; menção à maternidade da jogadora Tamires nos quatro jogos; referência à beleza feminina na partida de abertura; demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores; validação da presença da comentarista Ana Thaís pelos colegas homens; cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil e a demarcação da importância da competição por parte de narradores e comentaristas.

Primeiro, temos presente em todos os jogos referências ou comentários que comparam o futebol feminino com o masculino em uma transmissão que transpareceu ser a primeira da história da emissora por percebermos a falta de familiaridade dos profissionais da imprensa, especialmente o comentarista e os narradores, com o tema trabalhado naquele momento. O repertório pessoal e profissional da equipe fez que com que, em momentos de análise, exemplificação ou retomada de episódios históricos, eles recorressem ao futebol masculino. Essa suposta necessidade de acessar a prática dos homens também pode ser pensada a partir da perspectiva da amplitude do público da televisão aberta brasileira, tendo em vista que a massa de espectadores da Globo poderia compreender melhor determinado assunto por conta do maior contato com o futebol masculino.

Ademais, a regra histórica, cultural e social da dominação masculina na modalidade pode explicar as razões pelas quais as características, os comportamentos, os costumes e os recursos do esporte masculino se tornaram parâmetros em análises femininas, como se, por si só, não fosse suficiente fazer uma avaliação ou referência que leve em conta apenas a circunstância ou a história do futebol jogado por mulheres. Nesse sentido, trata-se de um ponto em comum entre as transmissões ao vivo e o conteúdo veiculado pelo Globo Esporte, indicando um padrão adotado pela emissora não só em programa de jornalismo esportivo como na cobertura e na transmissão ao vivo dos jogos.

O comentário constante em todas as partidas sobre a jogadora Tamires ser mãe poderia se tratar de oportunidade para tratar de um assunto relevante, que é o impacto da maternidade na carreira de uma atleta, especialmente em um cenário, como o nacional, em que as jogadoras não têm vínculos profissionais e direitos trabalhistas assegurados. Mas, na forma como foi colocado, ou seja, apenas com a menção ao fato, mais uma vez temos a superficialidade na abordagem da informação.

A maternidade também é um assunto simbólico no que se refere ao seu papel na construção da feminilidade, na designação de expectativas de gênero e na crença sobre o destino biológico das mulheres, que é a função reprodutiva que elas têm na sociedade. Por se tratar de um tema complexo no que diz respeito à questão de gênero, os momentos em que foi citado na transmissão não serviram a um propósito informativo, mas trouxeram o reforço da associação da imagem da mulher, em um contexto esportivo e profissional, ao papel de mãe.

A referência à beleza feminina é mais um elemento presente tanto na transmissão quanto no Globo Esporte, o que aconteceu, inclusive, em circunstâncias similares. O

comentarista Caio Ribeiro, ao ser convidado a analisar uma questão técnica do jogo, já induzido pelo narrador Galvão Bueno a comparar o toque da jogadora Andressa na bola à maneira como o próprio Caio fazia quando era atleta, afirmou que ela era mais bonita que ele, e batendo na bola também. Já o apresentador Felipe Andreoli afirmou que as jogadoras presentes no estúdio do GE eram mais bonitas em uma ocasião em que as comparou com jogadores homens. Ou seja, em uma reafirmação da masculinidade heterossexual, os profissionais homens acessaram o discurso da beleza feminina quando foram colocados em um contexto de comparação de mulheres com homens – mesmo que a comparação fosse, do ponto de vista do futebol, técnica.

O uso frequente de diminutivos e os elogios até mesmo em momentos de erros nos levaram a afirmar que há demonstrações de infantilização das mulheres e sinais de visão de menor competitividade do futebol feminino por parte de comentaristas ou narradores. A infantilização faz parte da lista de manifestações de comportamentos misóginos proposta por Manne (2018, p. 68). Sendo assim, trata-se de mais uma questão residual que se mantém no presente e que tem origem nas relações históricas da mídia esportiva com o futebol feminino.

Em seguida, discorreremos sobre a validação de Ana Thaís pelos colegas homens em comentários que justificaram a presença da comentarista naquele espaço reservadamente masculino. Assim, levando em conta a questão de gênero presente nesse contexto, também observamos que a profissional mulher foi designada, ao lado de um homem, para os comentários da partida. No âmbito opinativo, na televisão aberta, até então, não havia uma jornalista mulher presente nas transmissões das partidas de futebol masculino – que são exibidas durante o ano todo na emissora. Com isso, vemos novamente como o parâmetro masculino se faz presente e se mostra relevante na avaliação do futebol feminino: assim como o padrão de comportamentos e características do esporte praticado por homens para sob a prática feminina, a opinião masculina também – sendo que a opinião feminina se revela insuficiente, mas não descartada ou negada.

Por fim, as cobranças com relação ao incentivo do futebol feminino no Brasil e a demarcação da importância da competição por parte de narradores e comentaristas foram encaradas como estratégias midiáticas de valorização do futebol feminino enquanto um produto da emissora. No entanto, também consideramos um importante avanço no sentido de que as críticas à falta de condições da modalidade foram levadas à massa de telespectadores, e a demanda por estruturação foi colocada como uma responsabilidade dos órgãos competentes, como a CBF.

Diante de todas essas situações investigadas, chegamos a uma conclusão sobre as estratégias de midiaticização utilizadas pela Globo para retratar o futebol feminino na televisão aberta. Rocha e Castro (2009, p. 51) explicam que, quando falamos no público consumidor dos produtos televisivos, não temos indivíduos docilizados que se encaixam em modelos absolutos, justamente o que faz com que a televisão ofereça uma “multiplicidade controlada de modelos e perfis”.

Com isso, constatamos e identificamos exatamente esta estratégia no modelo colocado no ar pela Globo tanto nas transmissões quanto no Globo Esporte: ao mesmo tempo em que a emissora inovou ao transmitir, pela primeira vez, todos os jogos do time feminino do Brasil na rede aberta, não deixou de “colocar em campo” sua equipe principal de narradores nos tradicionais jogos masculinos da Copa América – que aconteceu quase no mesmo período, 14 de junho a 7 de julho, e exibiu jogos de diversas seleções, não apenas do Brasil. Se abriu o precedente de escalar uma jornalista mulher para comentar os jogos e optou pela reportagem feminina, não dispensou sua formação consagrada de narradores e comentaristas homens. Assim como, juntamente com os comentários sobre a importância do apoio ao futebol feminino, as manifestações de apoio e as cobranças a entidades a respeito da valorização e do investimento da modalidade no país, foram observadas diversas questões residuais demonstrativas da desigualdade de gênero, como comentários a respeito da beleza feminina, da maternidade e a constante comparação e referência ao futebol masculino.

Sendo assim, concluímos que o jornalismo da Rede Globo na televisão aberta busca preservar uma audiência fidelizada, habituada com as estratégias tradicionais do canal, e conquistar novos públicos, que buscam pautas novas e conteúdos capazes de trazer para os televisores as mulheres que ousaram desafiar as expectativas patriarcais e ocupar espaços no futebol.

Neste estudo, também destacamos a importância da televisão aberta, que atinge, no Brasil, uma massa de telespectadores. Embora a televisão e os conteúdos audiovisuais em diversas plataformas tenham adquirido uma potencialidade enorme em decorrência das novas tecnologias, o alcance e o papel da TV aberta tradicional (nos aparelhos televisores) se mantém. Dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirmam que 96,3% dos domicílios brasileiros possuem um aparelho televisor¹⁰⁵. Por estar presente nos lares da maioria dos brasileiros, a televisão aberta se revela um meio

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em 9 de julho de 2021.

com grande potencial de alcance e acessível para o público. Isto posto, consideramos fundamental não apenas a presença do futebol feminino neste espaço midiático, como também os avanços na abordagem dessa pauta.

Finalmente, apontamos para o fato de que ainda há muito o que conquistar no que diz respeito às relações de gênero no universo do futebol e na representação deste esporte no jornalismo. E há precedente para essas conquistas, tendo em vista que muitas lutas foram vitoriosas desde os tempos nos quais o futebol feminino era proibido no Brasil ou desde a primeira convocação da seleção brasileira para uma Copa do Mundo. Portanto, o papel do jornalismo esportivo continua sendo marcante e significativo para o desenvolvimento do esporte feminino e, em última instância, para a luta pela desconstrução dos papéis sociais marcados pelo conceito de gênero e as desigualdades neles contidas.

Referências bibliográficas

ABREU, Karen Cristina Kraemer; SILVA, Rodolfo Sgorla da. **História e tecnologias da televisão**. Artigo Científico, Universidade Federal de Santa Maria, Campus de Westphalen, RS, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

ALCOBA, Antonio. **Enciclopedia del Deporte**. Madrid: Librerías Deportivas Esteban Sanz, S. L., 2001.

ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. **Orígenes de la prensa diária deportiva**. El Mundo Deportivo. Universidad Carlos III de Madrid. Materiales para La Historia del Desporte, N° 11. Madrid, Espanha: 2013.

ARANTES, Antônio A. **Hipóteses para uma antropologia do tempo livre**. Cadernos IFCHIUNICAMP, Campinas, n. 27, p. 1, 1993.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**. 5.ed., Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BALARDIN, Geórgia Fernandes. **O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte**. Porto Alegre, 2016.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9a. edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1993.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo II: A Experiência Vivida**. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1967, 2ª edição.

BETTI, M. **A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física**. Campinas: Papyrus, 1998.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019, Dissertação - Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 136-153, 1983.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Os sentidos do rádio**. In: BARBOSA Filho, André, Org. Rádio Sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.

Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da Unesco. Disponível em: <<https://www.mpap.mp.br/menu-legislacao?view=article&id=6825:carta-educacao-fisicaesporte&catid=16>>. Acesso em 16 de julho de 2020.

CESTARI, Priscila Eugenia Trevisan e ROCCO JR, Ary José. **As transmissões esportivas e o papel da TV pública no país: uma análise a partir dos casos da TV Cultura e da TV Brasil**. Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v.21, n. 36, 2016, p. 66-47. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/25645/15341>>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

Centro Esportivo Virtual - Deliberação Nº 7 – 1965. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4 ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

COGO, Denise e BRIGNOL, Liliane Dutra. **Recepção midiática e cidadania das migrações transnacionais em Barcelona e Porto Alegre**. Signo pensam. Bogotá, v. 29, n. 56, p. 244-258, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232010000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 de outubro de 2019.

COSTA, Leda Maria. **O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980**. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 13, 2017, p. 493-507. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/02/AGCRJ_revista_180201-1-167-181.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

_____. **Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016**. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém - PA. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>. Acesso em: 27 de março de 2020.

_____. **Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women’s soccer in press discourse**. Soccer and Society, 15(1), pp. 81-92, 2014.

CUNHA, Teresa Cristina de Paiva Montes. O início do futebol feminino no Brasil. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. 2015. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2016.

DAMO, Arlei Sander. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amadorismo do futebol feminino. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/das-ameacas-a-atletas-a-verba-da-cbf-retida-pandemia-escancara-amadorismo-do-futebol-feminino.ghtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNMORE, Tom e MURRAY, Scott. **Futebol para leigos**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2014.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. **As relações entre os sexos no esporte**. Revista Estudos Feministas, v. 5, n. 2, 1997. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS/UFRJ.

ECO, Umberto. **A falação esportiva**. In: Viagem na irrealidade cotidiana. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.220-226.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ELSEY, Brenda e NADEL, Joshua H. **Futebolera: a history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.

Estatutos de la Fifa – Edición abril de 2016. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-in-force-as-of-27-april-2016-2782907-2782908.pdf?cloudid=holroshjtvutd4dhxdmk>>. Acesso em 21 de junho de 2020.

FECHINE, Yvana. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria Lília (orgs.). **Televisão: entre a academia e o mercado**. Porto Alegre, Sulina, 2006.

FERRARETTO, L.A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação**. In: Encontro da Compós, 2010, Rio de Janeiro. Anais, Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. **A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Movimento, vol. 19, núm. 3, 2013, pp. 103-124. Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115328026002>>. Acesso em 30 de maio de 2020.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis: comprender los nuevos medios**. Buenos Aires: Granica, 1998.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **'Sou atleta, sou mulher': a representação feminina sob análise das modalidades mais noticiadas nas olimpíadas de Londres 2012**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho?"**: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 de novembro de 2020.

GENEROSO, Natane Heloisa Pereira. **Mulheres, mídia, educação e futebol: a (des) construção do esporte no Brasil**. Monografia, Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Global Broadcast and Audience Report. Disponível em: <<https://img.fifa.com/image/upload/rvgxekduqpeo1ptbgcng.pdf>>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Globo Esporte - Evolução. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/evolucao/>>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

Globo, SporTV e GloboEsporte.com iniciam cobertura integrada direto da Rússia. <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/globo-sportv-e-globoesportecom-iniciam-cobertura-integrada-direto-da-russia.ghtml>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia**. In: III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004.

_____. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. In: Revista brasileira de Educação Física Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GOMES, Paula Botelho. **Mulheres e desporto: qual a agenda pedagógica do século XXI?**. In: III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004.

GRANT, B., & STOTHART, B. (2000). Education and sport: The struggle for legitimation. In: C. Collins (Ed.), **Sport in New Zealand society** (pp. 257-271). Palmerston North: The Dunmore Press.

GREGORY, Beatriz Helena Matté. **Esporte e lazer: direitos de meninas e mulheres de todas as idades**. In: Revista do Observatório Brasil da igualdade de gênero. 2014, ano IV, n. 6. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres.

GEHRINGER, Max. **A grande história dos mundiais**. 1986, 1990, 1994. Editora e-galáxia, 2014.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil** - Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HAMILTON, Aidan. **Um jogo inteiramente diferente - Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Ano XII, n. 20, jul./dez.2018. A661a Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2018.

HERNÁNDEZ ALONSO, Néstor. **El lenguaje de las crónicas deportivas**. Madrid: Cátedra, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n.16, p. 193-210, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição e CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. **Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos**. Revista Eptic, vol. 18, 2016.

JENSEN, Klaus Bruhn e ROSENGREN, Karl Erik. **Cinco tradiciones en busca del público**. In: DAYAN, Daniel (comp.). En busca del público. Barcelona: Gedida, 1997.

JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza e REIS, Heloisa Helena Baldy dos. O Canto das Sereias: o futebol como atividade “profissional” no Estado de São Paulo. In: KESSLER,

Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KESSLER, Cláudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo Esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessantes em desenvolver carreira política**. Revista Diálogos Possíveis, v. 4, n. 1, 2005.

Legislação Informatizada - DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941 - Publicação Original. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MACEDO, Anabela Semanas. **O papel do jornalismo desportivo na hegemonia do futebol**: Observações e reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo. Braga. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Minho, Braga, 2008 Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9515>>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. **Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense**. Recorde: Revista de História de Esporte volume 1, número 2, 2008. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/291827_recordeV1N2_2008_13.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2020.

MANNE, Kate. **Down girl: the logic of misogyny**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

MARIN, Elizara Carolina. **O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 75-89, set. 2008.

MARQUES, José Carlos. **O Mito Construído, Destruído e Restituído – O Caso Cíclico de Ronaldo Fenômeno**. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

MIRAGAYA, A. **A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão**. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em http://www.sportsinbrazil.com.br/artigos_papers/a_mulher_olimpica_1.pdf>.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, p. 99–105, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634466>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, Eriberto José Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Unicamp, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila e MOUREL, Marcia. **As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

Museu do Futebol. **CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol – Ficha técnica**. Disponível em: <<http://contraataque.museudofutebol.org.br/ficha-tecnica/>>. Acesso em 20 de novembro de 2019

MÜHLEN, Johanna Coelho Von e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **França 1938, III Copa do Mundo: o rádio brasileiro estava lá**. Universidade de São Paulo, ECA, 2000.

PISANI, Mariane da Silva. **Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo**. Ponto Urbe [Online], 14 | 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1621> >. Acesso em 23 de outubro de 2020.

PISANI, M. S.; ALMEIDA, C. S. **Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil**. Labrys, études féministes/ estudos feministas, v. 28, p. 1, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. Disponível em: <<https://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em 26 de abril de 2021.

RIAL, Carmen. **El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil**. Nueva Sociedad, n. 248, p. 114, 2013.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro?** (Novos contextos da tecnociência). 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88843>>. Acesso em 30 de maio de 2020.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisele G.S. **Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno.** In: Revista Logos & Universidade: Tecnologia de comunicação e Subjetividade. Ano 16, n. 30. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

RODRIGUES, Carla. Ser e devir: Butler leitora de Beauvoir. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 56, e195605, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200305&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de abril de 2021. Epub Feb 03, 2020. <https://doi.org/10.1590/18094449201900560005>.

SALVINI, Leila e JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista Placar na década de 1990.** Sociologias Plurais – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, v.1, n.1, 2013.

SANJURJO, Juan Antonio Simón. **Conquistando a las masas: el impacto del deporte en la prensa española, 1900-1936.** Recorde: Revista de História do Esporte, v.5, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/260518_recordeV5N1_2012_17.pdf>. Acesso em 8 de agosto de 2020.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro.** In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 16, 2014, João Pessoa – PB. Anais eletrônicos.

SANTOS, Joyce Alves. **Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3jiGDj4>>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

SANTOS, Doiara Silva dos e MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. **O futebol feminino no discurso televisivo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/4013/401338560013.pdf>>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem do espetáculo.** Verso e Reverso, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo. 2015.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Volume II - 1º semestre de 2005.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: A formação da quarta onda**. Recife – Independently published, 2019.

SILVA, Marcos Paulo. A significância social como dimensão da noticiabilidade. In: **Críticos de Noticiabilidade: Problemas Conceituais e Aplicações**. Org.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario Luiz. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Wesley Ferreira. **Reprodução ou Subversão da Heterossexualidade? Uma Articulação Teórica Entre Pierre Bourdieu E Judith Butler**. Revista Café com Sociologia, Vol. 2, n. 3, Outubro de 2013.

SILVEIRA, Nathalia Ely. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. 2009. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22683>>. Acesso em 27 de julho de 2020.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira e REIS, Heloisa Helena Baldy. **Dick Kerr Ladies: uma história de mulheres, futebol, violência simbólica e resistência**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7536>>. Acesso em 5 de dezembro de 2019.

THEIVAM, Kieran e KASSOUF, Jeff. **The Making of the Women's World Cup: Defining stories from a sport's coming of age**. Londres: Little, Brown Book Group, 2019.

TOALDO, Mariângela e JACKS, Nilda. **Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção**. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013, Salvador, BA. Anais, Salvador: UFBA, 2013

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

VÁSQUEZ, Alexis. **Prensa y deporte**. *Comunicación y Medios*, 7-8, 1989, 103-111. Disponível em: <<http://www.comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/viewFile/14097/14401>>. Acesso em 8 de agosto de 2020.

Veja quanto dinheiro a Globo ganha com o Brasileiro. Disponível em: <<https://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2016/03/07/veja-quanto-dinheiro-a-globo-ganha-com-o-brasileiro/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

VIEIRA, Gabriel de Moraes. **A Objetificação da Mulher no Jornalismo Esportivo**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2016

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

WIRTH, Linda. **Breaking through the glass ceiling: Women in management**. Geneva, International Labour Office, 2001.

Women's football - Member Associations Survey Report 2019. Disponível em: <<https://img.fifa.com/image/upload/nq3ensohyxpuxovcovj0.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2020.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.